

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**  
**FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**DEPARTAMENTO DE LETRAS MODERNAS**

**MARIA PAULA GURGEL RIBEIRO**

**TRADUÇÃO DE *ÁGUAS-FORTES PORTENHAS*,**  
**DE ROBERTO ARLT**

Dissertação de Mestrado, apresentada ao  
Departamento de Letras Modernas da  
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências  
Humanas da Universidade de São Paulo —  
Área de Língua Espanhola e Literaturas  
Espanhola e Hispano-Americana.

**Orientadora:**

**PROF.<sup>a</sup> DR.<sup>a</sup> TERESA CRISTÓFANI BARRETO**

**São Paulo**

**-2001-**

## RESUMO

Esta dissertação consiste na tradução, não anotada, do volume de crônicas *Aguafuertes porteñas*, do escritor argentino Roberto Arlt (1900-1942), nas quais o autor tece ácidas considerações sobre a sociedade portenha das décadas de 1920-30. Precedem a tradução: algumas informações biográficas sobre autor e sua obra, um estudo sobre as “Águas-fortes portenhas” bem como sobre a linguagem arltiana e sua especificidade no processo de tradução, seguido de uma análise dos principais problemas encontrados e as soluções adotadas. Compõe também este trabalho um glossário, com termos específicos das crônicas, que poderá servir de material de consulta para futuras traduções. Por fim, as “Águas-fortes portenhas” traduzidas.

## RESUMEN

Este trabajo consiste en la traducción, sin nota al pie, del volumen de crónicas *Aguafuertes porteñas*, del escritor argentino Roberto Arlt (1900-1942), en las que el autor teje ácidas consideraciones acerca de la sociedad porteña de las décadas de 1920-30. Preceden la traducción: algunas informaciones biográficas acerca del autor y su obra, un estudio sobre las “Aguafuertes porteñas” así como acerca del lenguaje arltiano y su particularidad en el proceso de traducción, seguido de un análisis de los principales problemas encontrados y las soluciones adoptadas. Hace parte también de este trabajo un glosario, con términos específicos de las crónicas, que podrá servir como material de consulta para futuras traducciones. Por fin, las “Aguafuertes porteñas” traducidas.

## Agradeço

Ao CNPq, pela bolsa concedida.

À Teresa, minha orientadora, por bancar alguém de fora do circuito acadêmico das letras e por tudo o que tem me ensinado sobre tradução.

À minha mãe, Maria de Lourdes, por toda força que tem me dado desde sempre.

Ao Felipe, meu filho, pela sua paciência, principalmente nestes últimos meses.

À Paola, amiga de todas as horas e que leu este trabalho com toda a atenção.

Ao Nelson, pelas preciosas sugestões.

Ao Wilson, pela paciência com que leu várias “Águas-fortes”.

À Paula, pela ajuda nos trâmites de informática.

À Zulma, pelas muitas conversas arltianas.

À Magali, pelos constantes diálogos sobre as questões concernentes à prática da tradução.

À Ana Cecília, pelas primeiras considerações que me fez a respeito do mundo arltiano e pelas várias consultorias sobre o universo portenho.

Ao Jose Luis, pelas inúmeras conversas literárias e musicais.

Ao Samuel, por ter me apresentado a Roberto Arlt e por seu inestimável apoio.

## ÍNDICE

CAPÍTULO 1 - ARLT E AS “ÁGUAS-FORTES PORTENHAS” .....	3
Roberto Arlt .....	3
As “Águas-fortes portenhas” .....	10
 CAPÍTULO 2 - A LINGUAGEM ARLTIANA E SUA TRADUÇÃO .....	 25
I. QUESTÕES MORFOSSINTÁTICAS .....	35
1. Os pronomes de tratamento: o caso <i>Usted</i> .....	35
2. Período iniciado por pronome oblíquo .....	36
3. Dativo de interesse .....	37
4. Pronomes possessivos .....	38
5. Pronome demonstrativo .....	39
6. Alteração do tempo verbal .....	40
7. Terceira pessoa do plural no espanhol e voz passiva no português.....	42
8. Verbos ser e estar .....	43
9. Formas nominais .....	43
10. Conjugação verbal “a la espanhola” .....	43
11. Leísmo.....	45
12. Segunda pessoa do singular em vez da terceira.....	45
13. Silepses .....	46
14. Preposições “pra” e “pro”:.....	47
15. Sinais gráficos .....	48
15.1 Aspas.....	49
15.2 Dois pontos .....	51
15.3 Emprego das iniciais maiúsculas .....	52
15.3.1 Topônimos .....	52
15.3.2 Pontos cardeais .....	53
II. QUESTÕES LEXICAIS .....	54
1. Adaptação cultural .....	54
2. Registro coloquial e culto.....	59
3. O lunfardo .....	64
4. Vesre .....	66
5. Os estrangeirismos .....	70
5.1 Os italianismos.....	71
5.2 Termos deixados no original.....	76
6. Efeitos arcaizantes .....	80
7. Diferenças entre as edições.....	81
8. Glossário .....	85
 GLOSSÁRIO.....	 86

AS “ÁGUAS FORTES PORTENHAS” TRADUZIDAS .....	130
BIBLIOGRAFIA.....	334

## INTRODUÇÃO

A primeira questão que se impõe a um mestrado de tradução de uma obra é: fazer uma tradução anotada e comentada ou não? Desde o início a resposta estava clara para mim: fazer uma tradução sem notas, para não quebrar o ritmo da leitura e reservar, para o corpo da dissertação, os comentários sobre todas as especificidades do texto traduzido.

Para situar o leitor não familiarizado com o universo arltiano, iniciei o trabalho por uma breve biografia, inserindo Arlt no contexto literário da época (1920-30). Em seguida, fiz uma explanação sobre o que foram as “Águas-fortes portenhas”, os principais temas abordados nessas crônicas e a sua importância para se entender a obra de Roberto Arlt, uma vez que esses textos serviam, muitas vezes, como balões de ensaio para seus contos, romances e peças teatrais. As “Águas-fortes” são também fundamentais no que diz respeito à linguagem arltiana. Nelas, o autor constantemente discute e defende o uso da linguagem coloquial e do lunfardo, a gíria portenha. Sempre com muita ironia e mordacidade, contesta os gramáticos e os puristas da língua, que diziam que ele escrevia mal.

As especificidades da linguagem arltiana foram tratadas em outro capítulo, juntamente com os comentários sobre o processo de tradução de *Águas-fortes portenhas*. Isso se justifica pois essas especificidades foram o eixo desta tradução, procurando sempre provocar o mesmo efeito do texto no leitor brasileiro.

Ao longo do processo de tradução destas crônicas elaborei um glossário com os termos recorrentes no texto arltiano, fossem eles gíria ou não. Decidi incluí-lo nesta dissertação para disponibilizá-lo como material de consulta para outras traduções, do mesmo modo como vários glossários foram fundamentais para a realização desta tradução.

Justamente por ser a linguagem um tema importante é que acrescentei ao *corpus* de *Águas-fortes portenhas* mais quatro crônicas, de uma recompilação mais recente; nelas Arlt expõe sua opinião sobre os grupos literários da época, sobre a sua atividade de cronista bem como sobre a sua maneira de escrever.

## CAPÍTULO 1

### ARLT E AS “ÁGUAS-FORTES PORTENHAS”

Roberto Arlt

Roberto Godofredo Christophersen Arlt nasceu no bairro portenho de Flores, “sob a conjunção dos planetas Mercúrio e Saturno”<sup>1</sup>, no dia 26 de abril de 1900 (segundo sua certidão de nascimento, e no dia 2 ou 7 do mesmo mês, segundo algumas de suas autobiografias) e faleceu na mesma Buenos Aires, na manhã de 26 de julho de 1942.

Filho de Carlos Arlt, de Posen, na atual Polônia, um desertor do exército prussiano, e de Catalina Iobstraibitzer, de Trieste, Roberto Arlt teve uma infância pobre, no mesmo bairro em que nasceu, onde conviviam pequenos comerciantes, operários, funcionários públicos, tanto imigrantes quanto argentinos.

Roberto Arlt dizia ter cursado a escola somente até o terceiro ano primário, criando uma auto-imagem de semi-analfabeto. Na verdade, ele chegou a terminar o 5º ano, que corresponde ao penúltimo ano do primário no sistema escolar argentino e, a partir daí, decidiu não mais frequentar o ensino regular. Em contrapartida, começou a trabalhar e teve as mais variadas atividades: balconista de livraria, aprendiz de relojoeiro, mecânico, inventor, entre outras. Ao mesmo tempo, já iniciava sua atividade de escritor, por volta de 1912/15, em pequenas colaborações nos jornais do bairro onde vivia.

Depois que largou a escola, Arlt tornou-se autodidata. Leu desde folhetins, manuais de invenções, livros de aventuras até Cervantes, Proust, Baudelaire, Dostoiévski, Nietzsche. Essas leituras eram motivo de cotidianas conversas com seu

---

<sup>1</sup> ARLT, Roberto – “Autobiografía humorística” in *El resorte secreto y otras páginas*. Prólogo de Guillermo García. Recompilação e edição de Gastón Gallo. Buenos Aires, Simurg, 1996, p.133. Tradução minha. Quando não houver referência ao tradutor, a tradução terá sido minha.



amigo Conrado Nalé Roxlo, que conheceu nas tertúlias literárias que se realizavam numa das livrarias do bairro, e que seria seu grande amigo por toda a vida. Em seu livro de memórias, Nalé Roxlo lembra que Arlt escrevia muito e “com uma celeridade extraordinária. Muitas manhãs ele chegava na minha casa e, sem me acordar, sentava-se à minha mesa, de frente para uma janela e escrevia páginas e mais páginas de afrita escritura que, quando eu acordava, lia para mim, enquanto tomávamos o café da manhã que a minha mãe nos servia.”<sup>2</sup> Nessa época, afirma Nalé Roxlo, Roberto Arlt “fazia versos. (...) Eu só me lembro que eram versos livres, de ritmo solto, luxuosos, cobertos de palavras estranhas e paisagens exóticas, do mesmo jeito que a sua prosa daquela época.”<sup>3</sup> Infelizmente estes poemas se perderam ou então foram queimados pelo próprio Arlt, como ele costumava fazer sempre que considerava que os textos não eram bons.

Como se pode notar, a imagem de um escritor semi-analfabeto, fomentada pelo próprio Arlt, de maneira alguma corresponde à realidade; basta prestarmos atenção às várias referências literárias que há tanto nas *Águas-fortes portenhas* quanto em seus romances e, principalmente, na maneira como Arlt constrói os seus relatos. Talvez essa fosse uma forma de compensar, ao revés, o fato de não ter tradição familiar, um nome, um passado. Referências a essas leituras estão presentes em seus romances e em muitas das *Águas-fortes portenhas*, seja numa frase, seja citando ou parodiando autores; com a diferença de que nas crônicas Arlt cita também autores argentinos, como Fray Mocho, Raúl Scalabrini Ortiz, Elías Castelnuevo, Leónodas Barletta, Leopoldo Lugones...<sup>4</sup>

Autor de romances, contos, crônicas e peças de teatro, desde muito cedo Arlt dedicou-se ao jornalismo para ganhar a vida. Inicialmente trabalhou como repórter policial do jornal *Crítica*. Seu primeiro romance, *El juguete rabioso* (1926), foi escrito na redação deste jornal pois, segundo ele próprio, “quando se tem algo a

<sup>2</sup> Roxlo, Conrado Nalé. *Borrador de memorias*. Buenos Aires, Plus Ultra, 1978, p.142.

<sup>3</sup> idem, ibidem.

<sup>4</sup> Sobre as referências literárias de Roberto Arlt há o excelente ensaio de Daniel Scroggins (*Las Aguafuertes porteñas de Roberto Arlt*. Buenos Aires, Ediciones Culturales Argentinas, 1981), que traz também várias “Águas-fortes portenhas” nunca compiladas até então.

dizer, escreve-se em qualquer lugar. Sobre uma bobina de papel ou num quarto infernal. Deus ou o Diabo estão junto da gente ditando inefáveis palavras.”<sup>5</sup>. Arlt andava com os manuscritos debaixo do braço e os lia para quem estivesse disposto a escutá-lo. Levou o romance a várias editoras e todas o recusaram. Finalmente, Ricardo Güiraldes —de quem Arlt foi secretário por um breve período—, que costumava incentivar os projetos literários de novos autores, sugeriu-lhe apresentar o romance no concurso literário para escritores inéditos sul-americanos promovido pela editora Latina, de Rodolfo Rosso, cujo prêmio seria a publicação do livro. O romance de Arlt foi premiado e, sua primeira edição, publicada em novembro de 1926. Também foi Güiraldes quem batizou a obra, inicialmente intitulada *La vida puerca*. Em agradecimento, Arlt dedica o romance ao padrinho literário:

A Ricardo Güiraldes:

Todo aquele que possa estar junto do senhor sentirá a imperiosa necessidade de amá-lo.

E acolherão o senhor e, na falta de algo mais encantador lhe oferecerão palavras, por isso que eu lhe dedico este livro.<sup>6</sup>

Uma das poucas declarações de Borges sobre Roberto Arlt diz respeito exatamente a *El juguete rabioso* e à relação do seu autor com Güiraldes:

—O que opina sobre Roberto Arlt?

—Roberto Arlt escreveu um romance admirável, *El juguete rabioso*. Nos outros livros dele me parece que vai decaindo, os personagens parecem menos reais, e entramos num mundo no qual os personagens são um pouco simbólicos.

<sup>5</sup> Prólogo a *Os Lança-chamas* in *Os sete loucos & Os lança-chamas*. Trad. Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo, Iluminuras, 2000, p.193.

<sup>6</sup> A partir da segunda edição e durante muitos anos, essa dedicatória foi omitida nas reedições de *El juguete rabioso*, sendo reincorporada somente em 1995, pela editora Altamira. Os motivos, nunca revelados, poderiam estar “na desconfiança com que os escritores de esquerda lêem a literatura de Güiraldes. Em *Claridad*, por exemplo, critica-se duramente a publicação de *Don Segundo Sombra*”. (cf. SAÍTTA, Sylvia *El escritor en el bosque de ladrillos. Una biografía de Roberto Arlt*. Buenos Aires, Sudamericana, 2000, p.38.

—*Estranho, o senhor exige realidade a Arlt.*

—*El juguete rabioso* me parece, não sei, muito mais vivo que os outros livros dele. Agora, pessoalmente, relacionei-me com ele... não era uma pessoa muito agradável, sabe? Era uma pessoa ressentida, a verdade é que não fui muito amigo dele. Fomos companheiros na revista *Proa*, foi secretário de Güiraldes. Güiraldes o fez seu secretário para ajudá-lo e Arlt, que era muito orgulhoso, percebeu a intenção... Güiraldes ditava uma frase qualquer e Arlt lhe dizia, com esse seu sotaque especial: *Mas se isso que você disse é uma burraaaada, Ricardo*. E Ricardo insistia em defender sua frase. Em seguida enredavam-se numa discussão literária e o trabalho não seguia adiante; com semelhante secretário, que reprova assiduamente tudo o que o autor dita...

—*Secretário muito especial, Arlt.*

—Ao mesmo tempo, Arlt fazia isso por orgulho. Percebia que Güiraldes queria protegê-lo e nenhuma pessoa gosta que a protejam. De modo que, como secretário, não foi muito útil.<sup>7</sup>

Anos depois, com o conto “O indigno”<sup>8</sup>, Borges prestou uma homenagem a Arlt ao tratar de um tema muito presente em sua obra: a traição. Além disso, um dos personagens, um policial, é “um tal de Eald ou Alt”, numa clara alusão a Arlt e à brincadeira que ele próprio fazia com o seu nome, “uma vogal e três consoantes”<sup>9</sup> e à dificuldade das pessoas em pronunciá-lo.

Sempre ligado ao jornalismo, Arlt passou a escrever no *El Mundo*, de 1928 a 1942, onde manteve a coluna de crônicas “Águas-fortes portenhas”.

Em 1929 escreveu *Os sete loucos* onde, em nota de pé de página, à moda dos folhetins que tanto lera, anuncia na figura de um comentador: “A ação dos

<sup>7</sup> BRACELI, Rodolfo. *Borges-Bioy. Confesiones, confesiones*. Buenos Aires, Sudamericana, 1997, pp.80-81.

<sup>8</sup> BORGES, Jorge Luis. “O indigno”, Trad. Hermildo Borba Filho, in *Obras completas, vol II.*. São Paulo, Globo, 2000, pp.431-436.

<sup>9</sup> Arlt, Roberto. “Eu não tenho culpa”, in *Águas-fortes portenhas*, que a partir de agora serão identificadas como AP, seguido do título da crônica.

personagens deste romance continuará em outro volume intitulado *Os Lançachamas*".<sup>10</sup>

Ao terminar de escrever seu último romance, *El amor brujo* (1932), Arlt passou a se dedicar ao teatro, sem no entanto deixar de publicar contos em revistas nem tampouco sua coluna de crônicas no jornal *El Mundo*. A maioria de suas peças foi encenada no Teatro del Pueblo, fundado em 1930 e dirigido pelo escritor Leónidas Barletta.

Situado no centro de Buenos Aires, o Teatro del Pueblo buscava —assim como várias outras companhias independentes— a formação de um teatro não subordinado a meros interesses econômicos, que tivesse um compromisso social e que “educasse o povo”. Em seus palcos eram encenados clássicos gregos, Pirandello, O’Neill e, principalmente, obras dos novos autores nacionais, fossem eles ligados diretamente ao texto teatral ou à narrativa.

A convite de Leónidas Barletta, Arlt assistiu a uma sessão do Teatro del Pueblo. Sua impressão não foi das melhores, e relatou isso em algumas de suas “Águas-fortes”. Mesmo assim, Barletta decidiu encenar “O humilhado”, parte do primeiro capítulo de *Os sete loucos*. Arlt compareceu à sessão e “ao ver viver seus personagens se deslumbra diante das possibilidades do gênero recém descoberto que passa a valorizar e, a pedido de Barletta, põe-se a escrever sua primeira peça teatral (...), *300 milhões*”<sup>11</sup>, inspirada numa matéria que cobriu na época em que era repórter policial do jornal *Crítica*, em que uma empregada espanhola recém chegada a Argentina se joga debaixo das rodas de um bonde. Arlt escreveu um total de treze peças<sup>12</sup>, a maioria delas encenada no Teatro del Pueblo<sup>13</sup>.

<sup>10</sup> ARLT, Roberto, op. cit., p.189.

<sup>11</sup> ORDAZ, Luis. Prólogo a *Arlt-Barletta. El teatro independiente*. Buenos Aires, Centro Editor de América Latina, p.VI.

<sup>12</sup> *El humillado* (fragmento de *Los siete locos*), *300 millones*, *El fabricante de fantasmas*, *Saverio el cruel*, *La isla desierta*, *Africa*, *La fiesta del hierro*, *Prueba de amor*, *El desierto entra a la ciudad*, *La juerga de las polichinelas*, *Un hombre sensible*, *Separación feroz*, *La cabeza separada del tronco*.

<sup>13</sup> Segundo Osvaldo Pelletieri “desde o princípio as relações entre Arlt e Barletta foram conflitivas. O otimismo social de Barletta, sua fé em que poderia mudar o mundo, ou pelo menos o país, por meio do teatro, sua crença no progresso e seu determinismo histórico contrastavam com o relativismo e o irracionalismo de Arlt, com seu pessimismo, sua desesperança e as contradições e dificuldades de seus personagens para

Devido à extraordinária popularidade de suas crônicas, a editora Victoria insistiu para que Roberto Arlt selecionasse as melhores, que foram então publicadas em 1933, no volume intitulado *Águas-fortes portenhas*. Das mil e quinhentas crônicas que ele havia escrito até então, somente sessenta e nove fazem parte do livro.

Em consonância com o desencontro de informações que o próprio Arlt criou em torno de si, muito se falou sobre sua morte, em julho de 1942: que teria sofrido um ataque cardíaco durante um ensaio; que sofrera tal ataque na estréia de uma peça. Na realidade, de acordo com sua segunda esposa, Elisabeth Shine, eles estavam na pensão onde moravam — ela, na época, grávida de seis meses—, tomando café da manhã, quando sobreveio o ataque fulminante:

Nesse domingo, acordamos às nove e começamos a conversar. Falamos do filho que ele esperava com tanto afã. Ele preferia que fosse mulher, queria chamá-la Gema (pronunciava Yema), um nome de que eu não gostava. A empregada trouxe o café da manhã. Eu estava de costas para ele, olhando para a parede. Perguntei-lhe as horas e ele me respondeu “não sei”. Foi a última coisa que disse. Depois ouvi um ronquido, era o ataque. Corri para chamar o médico. As pessoas da pensão tiveram medo por causa da criança e não me deixaram subir até que, dez minutos depois, veio o doutor Muller. Subi com ele, mas Roberto já tinha morrido. Morreu às dez da manhã.<sup>14</sup>

Seguindo o desejo do autor, seu corpo foi cremado e as cinzas, espalhadas na região do Tigre, delta do rio Paraná. Três meses depois, nasceria Roberto, seu segundo filho.

---

conhecer-se e conhecer” (“El Teatro del Pueblo y sus puestas de los textos de Roberto Arlt”, in *Roberto Arlt: dramaturgia y teatro independiente*, Osvaldo Pellettieri (org). Buenos Aires, Galerna, 2000, p.44).

<sup>14</sup> SHINE, Elisabeth – “Mil días con Roberto Arlt”. Entrevista concedida a Alvaro Abós, publicada no caderno “Cultura” do jornal *La Nación*, em 16/5/1999, p.2

Sempre criticado por seu estilo —abusava das gírias e de personagens como delatores, prostitutas, rufiões, homossexuais—, Arlt, depois de sua morte, foi esquecido pela elite cultural portenha; os leitores, no entanto, jamais o abandonaram. Somente em 1950, quando Raúl Larra escreveu *Roberto Arlt, el torturado*, sua primeira biografia, é que se deu início à redescoberta da obra arltiana.

Em 1954 a revista *Contorno* dedicou-lhe um número especial; anos depois, Oscar Masotta escreveu *Sexo y traición en Roberto Arlt* (1965); Ricardo Piglia dedicou-lhe um relato, *Nome falso -Homenagem a Roberto Arlt* (1975)<sup>15</sup> e, desde então, Arlt é tema de ensaios, conferências, seminários, teses. Algumas de suas obras chegaram, inclusive, a ser adaptadas para o cinema: *Noche terrible* (1967), baseado no conto de mesmo nome, uma co-produção argentino-brasileira, realizado por Eduardo Coutinho e Rodolfo Kuhn; *Los siete locos* (1973), dirigido por Leopoldo Torre Nilson; *Saverio el cruel* (1973), dirigido por Ricardo Willicher e *El juguete rabioso* (1984), com direção de José María Paolantonio.

Pode-se dizer que nos anos 90 ocorreu, na Argentina, um *boom* em relação à vida e obra deste escritor portenho: publicaram-se ensaios<sup>16</sup>, compilaram-se inúmeras crônicas e contos esquecidos, adaptaram-se obras suas para o teatro: *Los fracasados del mal*, de Vivi Tellas e *El pecado no se puede nombrar* —setembro de 1998— de Ricardo Bartís, a partir de textos de *Os sete loucos* e de *Los lanzallamas*. Esta última foi apresentada em setembro de 1999 no 53º Festival de Teatro de Avignon. Em abril de 2000, em comemoração ao centenário de nascimento do autor, mais duas biografias foram editadas: *Roberto Arlt: su vida y su obra*, de Omar Borré e *El escritor en el bosque de ladrillos. Una biografía de Roberto Arlt*, de Sylvia Saítta. É preciso dizer que esse *boom* de publicações coincidiu com a data em que a obra de Arlt caiu no domínio público. Há dois anos, porém, houve uma alteração na lei argentina de direitos autorais e o prazo, que era de cinquenta anos, passou a ser

<sup>15</sup> Editado no Brasil pela Iluminuras em 1988, com tradução de Heloísa Jahn.

<sup>16</sup> Como *Arlt –política y locura*, de Horacio González (Buenos Aires, Colihue, 1996) e *Arlt y la crítica. 1926-1990*, de Omar Borré (Buenos Aires, América Libre, 1996), só para citar dois exemplos.

de setenta anos após a morte do autor. Por isso, agora, os textos inéditos têm que ter a autorização da família para ser publicados.

Além de escritor, Arlt era inventor —como muitos de seus personagens—, sempre procurando enriquecer para poder seguir tranqüilo com a literatura. Chegou a patentear uma meia feminina indestrutível. Um fragmento dessa meia está exposto no Museo de la Sociedad de los Escritores de Buenos Aires.

Seus inventos jamais funcionaram.

As “Águas-fortes portenhas”

A Argentina, a partir de 1880, passou por uma série de mudanças econômicas e sociais: transformou-se num país exportador de produtos agrícolas e de gado, tendo o porto de Buenos Aires como principal saída. Pelo mesmo porto, chegavam enormes contingentes de imigrantes europeus, fato que decuplicou a população da cidade, “passando de 286.000 habitantes em 1880 a 2.254.000 em 1930”<sup>17</sup>. Em um desses grupos de imigrantes é que chegaram os pais de Roberto Arlt, para tentar a sorte em terras argentinas.

O intenso movimento mercantil e populacional acelerou o processo de urbanização e de industrialização da cidade de Buenos Aires: surgiram bondes elétricos, o metrô, cinemas, rádios. Novos bairros foram abertos, provocando o aparecimento de novas linhas de ônibus para ligá-los ao centro. Os cortiços multiplicavam-se.

A alfabetização massiva promovida pelo governo, através da criação de uma ampla rede de escolas públicas e gratuitas, foi outra mudança importante. Como consequência, formou-se um público leitor potencial, tanto nas camadas médias quanto nos setores populares, pronto para receber os inúmeros jornais e revistas que surgiriam a partir de 1920. Para esse público é que se voltaria o mercado editorial.

---

<sup>17</sup> FONTANELLA DE WEIMBERG, María Beatriz. *El español bonaerense. Cuatro siglos de evolución lingüística (1580-1980)*. Buenos Aires, Hachette, 1987, p.131.

Dentre as muitas publicações que circulavam na época estavam revistas de entretenimento como *El Hogar*, *Mundo Argentino* e *Don Goyo*, da editora Haynes, fundada pelo inglês Alberto Haynes —um empregado das estradas de ferro britânicas que chegou à Argentina em 1887. Foi, precisamente em *Don Goyo*, dirigida por seu amigo de adolescência, Conrado Nalé Roxlo, que Arlt começou a publicar seus relatos. Ao todo foram 22 contos, entregues quinzenalmente, de janeiro de 1926 a fevereiro do ano seguinte.<sup>18</sup>

Em 1928, a editora Haynes criou o jornal *El Mundo* —dirigido e escrito por profissionais—, com o qual pretendia diferenciar-se de jornais como *La Nación* e *La Prensa*, escritos e lidos pela elite política e cultural portenha. Ao mesmo tempo, procurava distanciar-se de jornais sensacionalistas como *Crítica* e *Última hora*.

Alberto Gerchunoff, diretor do novo periódico, convidou jornalistas profissionais e jovens escritores para trabalhar em *El Mundo*; entre eles estava Roberto Arlt, já bem conhecido por seu primeiro romance, *El juguete rabioso* (1926). Arlt abandonou então a crônica policial do jornal *Crítica* e, até sua morte, passou a escrever no *El Mundo*, bem como nas demais publicações da editora Haynes. A maioria de seus contos foi publicada nas revistas *Mundo Argentino* e *El Hogar*.

*El Mundo*, que oficialmente começou a girar suas rotativas em 14 de maio de 1928, depois de um mês de testes, tiragens secretas e misteriosas, inaugurou o formato tablóide na cidade. Por apresentar fotos, notícias breves, temas bem variados (seções dedicadas ao esporte, ao cinema, à mulher, à vida cotidiana) e escritos de forma ágil, podia ser lido no bonde, no metrô, no café.

De tom ameno, era um jornal para ser lido tanto pela dona de casa quanto pelo pequeno comerciante, pela secretária, pelo universitário rechaçando, por isso mesmo, o uso de expressões excessivamente coloquiais. Portanto, não é de se estranhar que Arlt muitas vezes tivesse problemas com a direção do jornal, já que

---

<sup>18</sup> Esses contos estão reunidos em *El resorte secreto y otras páginas*. Buenos Aires, Simurg, 1996.



constantemente empregava o lunfardo, além de ser extremamente irônico com o leitor. Sua linguagem, de moderada, não tinha nada.

Com “O insolente corcundinha” Arlt inaugurou a seção “El cuento de hoy” no primeiro número do jornal. Alguns dias depois, em 23 de maio de 1928, foi publicado outro conto seu, “Pequenos proprietários”.

Ao mesmo tempo em que tinha seus textos divulgados, Arlt ganhou uma coluna diária, inicialmente sem assinatura e sem título. Algumas dessas primeiras crônicas, como “Origem divertida da palavra ‘squenun’” (7/7/1928), “Apontamentos filosóficos sobre o homem que se faz de morto” (11/7/1929) e “O espírito da Corrientes não mudará com o alargamento” (25/7/1928), foram incluídas por Arlt no volume *Águas-fortes portenhas*. Não há registro dos critérios desta seleção. Acredito, porém, que se deva ao fato de as duas primeiras tratarem do lunfardo (tema recorrente em vários desses textos) e, a última, da rua portenha mais amada por Arlt.

As crônicas foram muito bem recebidas pelos leitores e Muzio Sáenz Peña, o novo diretor do jornal, batizou a coluna de “Aguafuertes porteñas”, inspirando-se na técnica de gravura na qual se utiliza a ação corrosiva do ácido nítrico sobre uma placa metálica. Sobre a relação desta técnica com a escritura de Roberto Arlt, diz Horacio González:

Sistema adequado para implicar o que Arlt faz com a escritura: burilada coloquialidade, expressão irada das opiniões, desprezo impetuoso e definitivo pela estupidez, robusta localização da linguagem num arrebatado aqui e agora urbano, captação sobrepujante, zombadora, faiscante de tipos existenciais muito filigranados. Ácidas vinhetas e baixos-relevos, aptos para calibrar o juízo pessoal e colocá-lo como carranca preciosamente adornada de um artigo jornalístico.<sup>19</sup>

---

<sup>19</sup> GONZALEZ, Horacio – *Arlt. Política y locura*. Buenos Aires, Colihue, 1996, p.63.

Sob esse título então é que foi publicada “A tragédia do homem que procura emprego” (5/8/1928), também selecionada por Arlt para a recompilação de suas crônicas. Além disso, Sáenz Peña proporcionou a Arlt a possibilidade de assinar o texto –a única seção assinada, durante os primeiros anos de *El Mundo*, fato que lhe deu fama imediata. Assim, no dia 14 de agosto de 1928, veio a público “O ‘affaire’ da casa de governo” com as iniciais R.A e, no dia seguinte, “O homem que ocupa a vitrine do café” com o nome completo do autor, Roberto Godofredo Arlt<sup>20</sup>. Com o tempo, o cronista passaria a assinar R. Arlt ou Roberto Arlt.

Durante os dois primeiros anos do jornal *El Mundo*, as “Águas-fortes” eram publicadas na página 4 do jornal, ao lado do editorial. A partir de 1930 e até 1942, passaram para a página 6, sempre acompanhadas por ilustrações do chargista Bello, cujos traços lembram o do brasileiro Belmonte (1897-1947), criador do personagem Juca Pato. Durante alguns anos, também compunha a página 6, na sua parte inferior, uma tirinha do gato Félix, “um gato com preocupações políticas”<sup>21</sup>, nas palavras de Arlt.

Para redigir essas crônicas ou notas, como gostava de chamá-las, Arlt saía pela cidade de Buenos Aires e, como um *flâneur*, caminhava pelas ruas onde havia casas sem terminar que lhe suscitavam sensação de “mistério e catástrofe inesperada”<sup>22</sup>. Conversava com pessoas, entrava nos cafés “de quinta”, tomava o bonde, ouvia o que se falava. Depois, já na redação, escrevia sobre essas histórias que havia escutado, criava outras, relatava as transformações pelas quais a cidade passava, traçava o perfil de seus habitantes, mais especificamente, a pequena burguesia. Esta foi o alvo preferido de suas observações corrosivas: Arlt criticava duramente os valores pequeno-burgueses —a ânsia pela ascensão social, a valorização do casamento, o dinheiro como fonte de felicidade— não só nas “Águas-fortes”, como em toda sua obra. No entanto, nas crônicas ele é muito mais

<sup>20</sup> Nenhuma delas foi recompilada em livro até o momento.

<sup>21</sup> ARLT, Roberto “Elogio al gato Félix” (*El Mundo*, 8/1/1931) in SCROGGINS, Daniel C. - op. cit. pp.233-235.

<sup>22</sup> AP, “Casas sem terminar”.

mordaz; chega mesmo a ridicularizar essa pequena-burguesia. Arlt se indigna profundamente com a hipocrisia da sociedade, as barbaridades que são cometidas atrás da fachada de um bom pai de família que, na verdade, “é um desses homens que castigam o filho com uma correia”,<sup>23</sup> de pequenos proprietários sovinas; pessoas que, de tão mãos-de-vaca, mandam bonecas velhas para consertar, ao invés de jogá-las fora. Considera comerciantes uns sujeitos egoístas, de má fé e, inúmeras vezes, denomina-os “traficantes”.

Arlt reuniu toda uma galeria de tipos portenhos, como o sinistro olheiro, o irmãozinho propinheiro, o parasita jovial, o comerciante que tem “inveja a prazo fixo, inveja espreitadora que passa o dia todo meditando nas promissórias do vizinho”<sup>24</sup>, o turco que joga, sonha, e “agüenta e avança, pensando num número, num número que lhe permita voltar rico para essa Turquia”<sup>25</sup>, o doente profissional, “homem que trabalha durante dois meses no ano, e o resto passa em casa”<sup>26</sup>, entre outros. Eles raramente têm nome; são identificados por suas atividades ou ações e, principalmente, pelos traços caricaturais que Arlt lhes imprime.

As mulheres, sempre tratadas nos romances e contos arltianos como megeras, interesseiras e calculistas, recebem nas “Águas-fortes portenhas”, em alguns momentos, um olhar de compaixão. Arlt se entenece principalmente com as moças que trabalham desde crianças, primeiro tomando conta do irmão, depois passando e costurando para fora. Nem quando se casam essas moças diminuem o ritmo de trabalho, pois “no mesmo ano há um garoto no berço, e essa moça já está enrugada e cética, e agora tem que trabalhar para o filho, para o marido, para a casa...”<sup>27</sup>

A cidade de Buenos Aires também é personagem dessas crônicas, através de suas ruas com espírito, como Esmeralda, Talcahuano, Rivadavia, “Alsina, a rua mais lúgubre de Buenos Aires... Corrientes, a rua mais linda do mundo. Linda e brava rua.

<sup>23</sup> AP, “Pais negreiros”.

<sup>24</sup> AP, “A amarga alegria do mentiroso”.

<sup>25</sup> AP, “O turco que joga e sonha”.

<sup>26</sup> AP, “O doente profissional”.

<sup>27</sup> AP, “A moça da trouxa”.

Rua portenha de todo coração.” Ruas com veias em que “as artérias subjacentes são desabafos e moradias”. É curioso notar que nas crônicas em que apenas a cidade é mencionada (“Moinhos de vento em Flores”, “Gruas abandonadas na Ilha Maciel”, “O espírito da Corrientes não mudará com o alargamento”), há um tom ameno e até melancólico no texto arltiano, ao contrário de quando se refere à “fauna” portenha que a habita. E, diferentemente da Buenos Aires apresentada por Borges em *Luna de enfrente* e *Fervor de Buenos Aires*, a cidade que Arlt nos mostra tem outro cenário. Trata-se dos cafés imundos, teatros de quinta categoria, pensões baratas, cortiços; lugares habitados e freqüentados por ladrões, rufiões, prostitutas, comerciantes inescrupulosos. Para Arlt as ruas são o lugar perfeito para se conhecer a cidade, pois ela é “um palco grotesco e espantoso onde, como nas gravuras de Goya, os endemoniados, os enforcados, os enfeitiçados, os enlouquecidos dançam sua sarabanda infernal.”<sup>28</sup>

Como em toda sua narrativa, circulam nas “Águas-fortes portenhas” imigrantes de várias nações (turcos, italianos, galegos, portugueses) e trabalhadores que exercem as mais variadas profissões, como relojoeiros, vendedores, sapateiros, prostitutas, ladrões. Ao descrevê-los em suas atividades, Arlt, sempre de maneira cáustica, revela ao leitor a mesquinhez e a cobiça que marcam esses indivíduos. Os advogados, por exemplo (“Fauna tribunalesca”), têm como único objetivo despojar o pouco que restou a uma viúva que os procura para resolver problemas de herança; os comerciantes só querem assistir à falência do concorrente, apenas para citar dois exemplos. Os pais que querem ver seus filhos como médicos e advogados, só pelo prestígio de ter na porta da casa uma “placa de doutor”, são duramente ridicularizados.

As *Águas-fortes portenhas* são também um testemunho da crise social que afeta o mundo ocidental, com a explosão demográfica nos grandes centros urbanos e as camadas mais pobres sendo empurradas para as periferias das cidades. Com o *crack* da bolsa de Nova Iorque o número de investimentos caiu, a circulação de

---

<sup>28</sup> AP, “O prazer de vagabundear”.

dinheiro diminuiu, assim como o número de empregos. Não é à toa que os desempregados aparecem com frequência nesses relatos. Ora são enfocados sob o lado dramático do tema, ora sarcasticamente; como o sujeito que sai em busca de trabalho e se depara com uma multidão na mesma situação, ou aquele que acaba se acomodando na profissão de eterno homem em busca de emprego. Por outro lado, Arlt denuncia a amoralidade de uma sociedade onde as pessoas que trabalham são tidas como tolas. Daí a insistência na figura do indivíduo que “se faz de morto”, do “squenun”, pessoas que, conscientemente, deixam que os outros trabalhem por eles. Os funcionários públicos trabalham apenas de olho na aposentadoria, aspiração máxima: “Ninguém se preocupa se o tal parasita fará ou não fortuna. O que lhes preocupa é isto: que se aposente. Daí o prestígio que têm, nas famílias, os chamados funcionários públicos.”<sup>29</sup>

Curiosamente, não estão na compilação das “Aguafuertes portenhas” as crônicas especificamente sobre política. E Arlt escreveu várias nos anos de 1930-31, principalmente sobre a revolução militar de 1930<sup>30</sup>, encabeçada pelo general Urriburu, que implantou uma ditadura no país, impondo o estado de sítio, a censura à imprensa e a dissolução do Parlamento. A única exceção é “Você quer ser deputado?”, crônica na qual Arlt demonstra o seu profundo desprezo pela classe política ao dizer para o leitor que, qualquer um que queira ser deputado deveria, para ter êxito, exclamar por todos os lugares: “Sou um ladrão, roubei... roubei tudo o que pude e sempre.” Mesmo quando não trata diretamente de temas políticos, eles acabam surgindo de forma indireta, como a propina, disseminada nos vários níveis da sociedade; a ânsia das pessoas em arrumar uma boa colocação na vida, de “se dar bem” de alguma maneira.

Pelo que foi exposto até aqui, não há como concordar com a afirmação do escritor Juan Carlos Onetti de que “as ‘Águas-fortes portenhas’ são, em sua maioria,

---

<sup>29</sup> AP, “Aristocracia de bairro”.

<sup>30</sup> Parte dessas crônicas políticas está compilada em *Nuevas Aguafuertes porteñas* (Buenos Aires, Hachette, 1960) e em *Aguafuertes porteñas: cultura y política* (Buenos Aires, Losada, 1994).

perfeitamente desdenháveis”.<sup>31</sup> Elas são importantes não só para se entender a narrativa de Arlt como são também um valioso registro dos debates que se travavam na época: idioma dos argentinos e lunfardo, Boedo e Florida, a modernidade e suas conseqüências. Além, é claro, da crítica social pontual e mordaz, o que nos deixa um completo retrato da Buenos Aires de então.

O sucesso da coluna foi enorme. Os leitores reconheciam-se na figura do pequeno comerciante, do tipo que faz corpo mole na hora do trabalho, da moça à procura de um marido, daquele que tem como trabalho o trabalho de procurar emprego. Chegou-se a criar um lenda a respeito, provavelmente criada por Onetti, num equívoco de memória, de que o jornal dobrava sua tiragem no dia da publicação das crônicas. Na realidade, as “Águas-fortes” eram publicadas diariamente. O fato de as crônicas deixarem, eventualmente, de sair ou estarem em outra página devia-se, na verdade, a questões de distribuição interna do jornal e não a estratégias de marketing.

Muitas vezes, as “Águas-fortes portenhas” eram reproduzidas por outros jornais, tanto das Províncias argentinas —que publicavam as principais matérias dos jornais nacionais—, quanto de outros países latino-americanos, numa prática comum de convênio entre os diversos periódicos. Arlt não estava alheio a esse fato: “Jornais uruguaios, *El Plata*, por exemplo, reproduziram minhas notas com farta freqüência. Sei também que jornais chilenos publicam minhas águas-fortes; nas nossas províncias, acontece algo parecido.”<sup>32</sup> Por ser um assalariado de *El Mundo*, Arlt provavelmente não era remunerado por essas republicações.

Em todos esses anos houve um único período em que a coluna deixou de ser escrita: foi em 1929, quando Arlt tirou uma licença de dois meses —de 11 de setembro a 15 de novembro— para tratar de uma forte conjuntivite<sup>33</sup> e também para

<sup>31</sup> ONETTI, Juan Carlos. “Roberto Arlt”, prefácio a *El juguete rabioso*. Madri, Bruguhera Alfaguara, 1979, p.15.

<sup>32</sup> ARLT, Roberto. “A crônica nº 231” in *Aguafuertes porteñas: cultura y política*, que a partir de agora serão identificadas como *AP: C. P.*

<sup>33</sup> Tema este mencionado em “O tímido chamado”: “Indubitavelmente, estou obcecado pela Oftalmologia. (...). Apesar de estar transitoriamente vesgo (não sei se me deixarão definitivamente, meus três amigos, os

terminar de escrever seu segundo romance, *Os sete loucos*<sup>34</sup>. Foi então substituído por Raúl Scalabrini Ortiz (1898-1956), com uma coluna intitulada “Apuntes porteños” que, de acordo com Omar Borré, “eram os primeiros rascunhos ou o melhor antecedente do seu livro *El hombre que está solo y espera*”<sup>35</sup>, cuja primeira edição apareceu em 15 de outubro de 1931. Ao reassumir seu posto, Arlt escreveu, em “A volta ao batente”:

O nanico Scalabrini Ortiz veio me ver e me disse:

—Ei, Arlt, até quando você está pensando em se fazer de morto?

Contemplei por um instante o inefável nanico e disse:

—Bom, vai, diga ao diretor que no dia 15 irei trabalhar.

E eis-me aqui de volta ao batente. Entre os companheiros; minha mesa de costume. Falando com vocês, meus colossais e anônimos amigos. Novamente de volta ao batente! Depois de ter vagabundado conscienciosamente durante dois meses; dois meses em que todos os dias, às sete da noite, eu dizia:

—A esta hora o nanico Scalabrini está no batente enquanto eu vagueio.<sup>36</sup>

Ao longo de todo o período de sua publicação, as “Águas-fortes” aproximaram-se de vários gêneros: costumbristas as primeiras, relatos ficcionais, pequenos ensaios sobre a linguagem, cartas, denúncias —há uma série em que Arlt relata as péssimas condições de hospitais municipais— e relatos de viagens. Em todos eles, Arlt está sempre muito próximo do leitor, tornando-o seu cúmplice ao inserir expressões como “veja você”, “pense, caro leitor” ou, ainda, “experimente, é infalível”.

---

oftalmologistas), com o único olho em disponibilidade ando pela rua vendo tudo o que me importa, e o que não me importa também.”

<sup>34</sup> “Tinha estado muito doente da vista. Além disso, sentia-me cansado; tinha que terminar um romance, *Os sete loucos* e, acima de tudo, experimentava uma imperiosa necessidade de vagabundear, de não fazer nada, de me fazer brutalmente de morto: moleza maravilhosa que amolece os ossos da gente e faz com que a gente se largue num catre e olhe horas e horas o forro do quarto que se enche de fantasmas de sonho.” ARLT, Roberto. “La vuelta al pago” in *Aguafuertes porteñas: política y cultura*, p.35.

<sup>35</sup> BORRÉ, Omar. *Roberto Arlt. Su vida y su obra*. Buenos Aires, Planeta, 2000, p.154.

<sup>36</sup> “La vuelta al pago” in Op. cit., p.34.

Arlt atua como uma testemunha dos fatos que presencia pela cidade e narra suas observações para o leitor. Na maioria das “Águas-fortes portenhas” o narrador inicia o texto descrevendo as circunstâncias em que escutou uma história ou presenciou uma cena que considera digna de ser contada: “Caminhava hoje pela rua Rivadavia, na altura da Membrillar, quando vi numa esquina (...)”, “Hoje, enquanto viajava no trem, observava uma jovencinha (...)”, “Uma manhã dessas assisti a uma cena edificante”. São sempre impressões instantâneas, do momento; o máximo de passado refere-se a um fato ocorrido “há alguns dias atrás.” Não há uma história a ser lembrada, como ocorre, aliás, em toda a obra de Arlt. Tampouco há um futuro a ser alcançado. Os fatos são constatados e não há nenhuma alusão a uma possível melhora, o que dá o tom desconcertante às crônicas, revelando o pessimismo e a descrença do autor, que nos mostra que “o pequeno-burguês portenho vive irremediavelmente estancado nos limites da sua própria cegueira”<sup>37</sup>.

Curiosamente, próximo ao período em que começaria a escrever suas primeiras peças, os diálogos se intensificam nas “Águas-fortes”, o que confirma que essas crônicas funcionavam, muitas vezes, como balões de ensaio para seus outros textos. Isso é flagrante em “Diálogo de leiteria” (1931), “A senhora do médico” (1931) e “Entre comerciantes” (1930), que apresentam, inclusive, marcações cênicas:

*Ela (ameaçadora).* — Agora o quê?...

*O Sujeito (tranqüilamente).* — Agora não te amo como antes.

*Ela.* — E de que jeito me ama, então?

*O Sujeito (com muita doçura).* — Quero ... te ver longe ...

*Ela.* — Nunca conheci um descarado feito você. [“Diálogo de leiteria”]

---

<sup>37</sup> SCARI, Robert M. “Tradición y renovación en las Aguafuertes porteñas de Roberto Arlt” in *Anales de literatura hispanoamericana* n°5, 1976, p.197.



*O lojista (com um sorriso falso de segurança)* — Se esse aí vier para comprar meu bar, dou de presente. Os tempos estão bicudos.

*O sinistro olheiro:* — Não tenho certeza de que seja uma loja. Ouvi dizer... mas que importância isso pode ter pro senhor. É velho no bairro e as pessoas não deixam o conhecido pelo desconhecido... [“Entre comerciantes”]

Na Buenos Aires dos anos vinte, a sede dos jornais funcionava como ponto de encontro entre jornalistas e leitores, que tanto estavam ali para pedir emprego quanto para fazer alguma denúncia em relação a algum desrespeito às leis trabalhistas ou ao desvio de verbas públicas. Havia também uma seção de cartas dos leitores onde eles enviavam sugestões, opinavam sobre as matérias, participavam de enquetes elaboradas pelo jornal.

Não era estranho então que Arlt recebesse muitas cartas, fosse elogiando seu trabalho, fosse sugerindo temas a serem abordados. A resposta sempre vinha em forma de “água-forte”, carregada de ironia e cinismo. Arlt não tinha o menor prurido em pronunciar certas expressões, em caracterizar pessoas, em informar que vai plagiar as idéias do leitor:

Tenho um montão de cartas aqui na escrivania. São de leitores que têm a gentileza de me escrever dizendo que gostam dos meus artigos, pelo que me alegro; também me escrevem dizendo que não gostam dos meus artigos, pelo que me alegro; também me escrevem mandando temas para “águas-fortes”.

Assim, um senhor Jorge Saldiva me manda uma carta sobre o quebra-molas, que quase é uma nota e que verei se plagio um dia desses; outro, um cavalheiro Juan Arago, e que pelo visto tem muita imaginação, me dá argumento para quatro notas, que são:

O homem que conversa com o vigilante; a mulher que joga na loteria; o chefe-cachorro, que é mansinho com sua Sesebuta, e o homem que chega de fora para se radicar na cidade.

Nem é preciso dizer que agradeço a estes senhores que, ao contrário de outros, perceberam que o tipo portenho existe, e com características que talvez variem muito das dos homens de outros países.<sup>38</sup>

Extremamente cínico, Arlt refere-se à sua atividade como algo a exigir muito “esforço” e agradece a “ajuda espiritual” do leitor:

Eu recebi cartas curiosas. Em algumas me formulam casos terríveis de consciência, atitudes para assumir diante da vida, destinos a cortar ou reatar. Em outras cartas só recebi uma mostra desinteressada e belíssima de simpatia. São as que mais me comoveram. Gente que não tinha nada de especial para me dizer, a não ser a cordialidade com que seguiam meu esforço cotidiano. Alguém poderá me dizer por que isto me preocupa. Mas assim como não posso deixar de escrever sobre um livro encantador, tampouco posso deixar de falar de gente distante que não conheço e que, com caneta ágil às vezes, ou mão torpe outras, senta-se para escrever para me mandar sua ajuda espiritual.<sup>39</sup>

Algumas vezes os leitores valiam-se das cartas para reclamar da linguagem utilizada por Arlt, e ele, sempre cínico, justifica o uso desses termos citando uma enciclopédia:

O curioso é que a semana toda têm estado chegando cartas com opiniões divergentes, e novamente me pergunto: de que modo devo me dirigir a meus leitores? Sério, não acreditava que dessem tanta importância a essas notas. Eu as escrevo assim mesmo, isto é, converso assim com vocês, que é a forma mais cômoda de se dirigir às pessoas. E tão cômoda que alguns até me recriminam, embora gentilmente, o emprego de certas palavras. Alguém me escreve: “Por que usa a palavra ‘bufo’ que estaria bem colocada se

<sup>38</sup> AP “A mulher que joga na loteria” (9/11/1928).

<sup>39</sup> AP “Sobre a simpatia humana” (31/1/1930).

a tivesse usado um açougueiro?” Mas eu pego o volume dezesseis da Enciclopédia Universal Ilustrada e encontro na página 1042: “Bufo, m. Americanismo Petardo”.<sup>40</sup>

Apesar de ser muito lido, para Arlt, “ganhar a vida escrevendo é penoso e duro”<sup>41</sup>. Ele queixava-se permanentemente do ritmo jornalístico —“Não é uma piada isso de ter que soltar uma matéria em vinte e cinco minutos contados no relógio? Nem mais nem menos”<sup>42</sup>—, da dificuldade que era inventar temas quase todos os dias e do pouco tempo de que dispunha para escrever seus romances.

Por outro lado, é no mundo jornalístico onde “consolida um público e saboreia a certeza de interessar às pessoas, de saber-se lido por milhares de leitores, de ‘ser’ através da literatura (e não do crime). A escrita e um nome próprio, reconhecido e popular, são as chaves para sair do anonimato a que o condenava sua origem social, e o diferenciam dos também anônimos leitores que lhe enviam cartas para a redação”.<sup>43</sup> Além disso, Arlt tinha sempre garantida a divulgação dos seus romances, contos e estréias teatrais. Assim foi que no dia 3/11/1931, por exemplo, no pé da mesma página 6, o jornal *El Mundo* noticia o lançamento de *Os lança-chamas*:

Roberto Arlt acaba de publicar seu último romance

OS LANÇA-CHAMAS

Em edição popular de 260 páginas, 60 centavos. À venda em todas as bancas de jornais. Peça esta obra onde compra “El Mundo”.

Editora CLARIDAD

San José nº1641. Buenos Aires.

Como uma espécie de prêmio pelo seu desempenho, a direção do jornal convidou Arlt para viajar como seu correspondente. Ao contrário dos escritores da

<sup>40</sup> ARLT, Roberto. “Como querem que escreva a vocês?”. V. *AP: C. P.*

<sup>41</sup> ARLT, Roberto. *Os sete loucos & Os lança-chamas*, p.193.

<sup>42</sup> *AP*: “Uma escusa: o homem do trombone”.

<sup>43</sup> SAÍTTA, Sylvia, op. cit. p.59.

elite portenha, que viajavam por puro lazer ou para entrar em contato com os movimentos artísticos europeus, para depois, então, relatar a experiência, Arlt viaja a trabalho. Este é que lhe dá a possibilidade de conhecer outras culturas. Ele é um escritor assalariado, um operário “que tem o ofício de escrever, como outro de fabricar casas. Nada mais.”<sup>44</sup>

Sua primeira viagem internacional foi ao Uruguai, em março de 1930<sup>45</sup>, com uma passagem pelo Brasil –onde permaneceu de abril a maio, no Rio de Janeiro. Produziu, em terras brasileiras, quarenta e duas crônicas, intituladas “Nota de bordo”, “Notas de viagem” ou, simplesmente, “De Roberto Arlt”. Com exceção de “Este é Soiza Reilly” (31/5/1930), “Para quê?” (9/4/1930), “Me esperem, que chegarei de aeroplano” (21/5/1930), publicadas em *Nuevas aguafuertes porteñas*<sup>46</sup> e de “¡Pobre Brasileirinha!” (4/5/1930)<sup>47</sup>, as demais permanecem inéditas até o momento<sup>48</sup>.

Dias antes de embarcar, Arlt escreve:

Ir embora... eu ainda não sei o que é ir embora. Dizem que as viagens modificam as pessoas, que uma viagem faz bem à inteligência... pode ser... mas já perdi a confiança nos lugares comuns que se costuma ter nos transe da vida. A única coisa que eu sei é que vou trabalhar, esteja onde estiver. A única válvula de escape que tenho na vida é isso: escrever.<sup>49</sup>

Além do Rio de Janeiro, Roberto Arlt pretendia visitar outras cidades do Brasil. No entanto, teve que voltar às pressas para Buenos Aires pois *Os sete loucos*

<sup>44</sup> AP. “A inutilidade dos livros”.

<sup>45</sup> As crônicas que escreveu durante a viagem estão em *Aguafuertes uruguayas y otras páginas*. Compilação e prólogo de Omar Borré. Montevideu, Ediciones de la Banda Oriental, 1996.

<sup>46</sup> ARLT, Roberto. *Nuevas Aguafuertes porteñas*. Op. cit. pp.221-224; pp.235-238; pp.239-242, respectivamente.

<sup>47</sup> Recompilada em BORRÉ, Omar, op. cit., pp.73-75.

<sup>48</sup> Em pesquisa na Hemeroteca da Biblioteca Nacional Argentina copieei a maior parte delas. Futuramente essas crônicas serão apresentadas num volume dedicado às notas de viagem de Roberto Arlt.

<sup>49</sup> “Au revoir”, in *El Mundo*, 10/03/1930, p.6.

havia ganho o terceiro lugar no Prêmio Municipal de Literatura, instituído pela Sociedade Argentina de Escritores.

Arlt viajou também para a Espanha, Chile e África, o que lhe proporcionou farto material para suas crônicas, que passavam a se chamar *Aguafuertes españolas*, *Aguafuertes uruguayas*, *Aguafuertes gallegas*, *Aguafuertes madrileñas* ou, simplesmente, *Notas de viaje*.

Na Espanha, permaneceu de fevereiro de 1935 a maio de 1936, percorrendo as terras da Andaluzia, da Galícia, as ruas de Madri. Retornou pouco antes de estourar a Guerra Civil. Além de enviar as “Águas-fortes” para o jornal, Arlt organizou-as no volume *Aguafuertes españolas*, publicado pela editora Rosso, em 1936. Estava previsto um segundo volume que, como vários outros projetos e livros anunciados, jamais veio a público. Esse período também incluiu uma passagem pelo Marrocos, e dela é fruto a peça *África* (1938) e a série de contos africanos *O criador de gorilas* (1941). Recentemente, surgiram compilações elaboradas por estudiosos da obra arltiana (*Aguafuertes gallegas*, *Aguafuertes gallegas y asturianas* e *Aguafuertes madrileñas*).

Mesmo longe, Buenos Aires era sempre o ponto de referência tanto para Arlt como para seus leitores: ele costumava comparar a cidade em que se encontrava com a cidade que sempre foi personagem seu. Por ocasião dessas viagens, muitas vezes as ilustrações de Bello eram substituídas por fotos tiradas pelo próprio cronista. Em sua passagem pelo Brasil, Arlt fotografou o Pão de Açúcar, a praia de Copacabana e alguns pescadores.

A última “Água-forte portenha” foi publicada em 27 de julho de 1942, um dia depois de sua morte, sob o título de “A paisagem das nuvens”.

## CAPÍTULO 2

### A linguagem arltiana e sua tradução

A escrita de Roberto Arlt é uma mescla da linguagem das ruas dos subúrbios e *bas-fonds* portenhos com a de suas leituras de folhetins, de manuais de invenções, de traduções espanholas de Dostoiévski, de Tolstoi, em edições populares —da editora Tor— a que tinha acesso nas bibliotecas de bairro e de palavras estrangeiras —introduzidas na fala portenha através da imigração. Arlt, pode-se dizer, escrevia como lia e afirmava que “o idioma das nossas ruas, o idioma em que você e eu conversamos no café, no escritório, em nosso trato íntimo é o verdadeiro”<sup>50</sup> e que é perfeitamente possível tratar de temas sérios utilizando essa linguagem. O que lhe importava era escrever de maneira direta e livros que contivessem a “violência de um *cross* na mandíbula”.<sup>51</sup>

O fato de utilizar uma linguagem coloquial não significa, no entanto, que Arlt reproduza a fala. Muito pelo contrário; a partir da linguagem cotidiana ele reinventa uma língua literária, áspera, irônica, crua. Ele “percebe que a língua nacional é um conglomerado”<sup>52</sup> e constrói seu estilo com os diferentes registros e tons desse idioma, sem se ater aos cânones gramaticais da época.

Ao contrário do que muitas vezes se tem afirmado, essa insubordinação de Roberto Arlt aos cânones literários não significa que ele não se interessasse pela linguagem. Ao contrário. Ele constantemente comenta nas “Águas-fortes portenhas” o surgimento de novas palavras, escreve sobre a etimologia de termos do lunfardo e os incorpora em seus relatos. Muitas vezes estes comentários são acompanhados, num extremo sarcasmo arltiano, de citações de dicionários e enciclopédias:

Do dicionário italiano-espanhol e espanhol-italiano:

Furbo: enganador, pícaro.

Furbetto, Furbicello: picarozinho.

<sup>50</sup> ARLT, Roberto “Como querem que escreva a vocês?” V. AP: C. P.

<sup>51</sup> Prólogo a *Os lança-chamas*, op. cit. p.194.

<sup>52</sup> PIGLIA, Ricardo. *Respiração artificial*. Trad. Heloisa Jahn. São Paulo, Iluminuras, 1987, p.125.

Furberia: trapaça, engano.

O autor destas crônicas, quando iniciou seus estudos de filologia “lunfarda”, foi vítima de várias acusações, entre as quais, as mais graves, lhe delatavam como um solene “contador de lorotas”. [O “Furbo”]

Sério, não acreditava que dessem tanta importância a estas notas. Eu as escrevo assim mesmo, isto é, converso assim com vocês, que é a forma mais cômoda de se dirigir às pessoas. E tão cômoda que alguns até me recriminam, embora gentilmente, o emprego de certas palavras. Alguém me escreve: “Por que usa a palavra ‘bufo’ que estaria bem colocada se a tivesse usado um açougueiro?” Mas eu pego o volume dezesseis da Enciclopédia Universal Ilustrada e encontro na página 1042: “Bufo, m. Americanismo Petardo”. [“Como querem que escreva a vocês?” (V. AP: C. P.)]

Nessas crônicas Arlt desafia a academia e as regras do bem escrever não só quanto ao questionamento que faz da língua oficial como também quanto ao lugar de discussão, que “se desloca dos recintos exclusivos das elites para a popularidade da redação de um jornal”<sup>53</sup>. Arlt transforma o tema em algo do cotidiano, no mesmo nível dos seus comentários sobre os costumes portenhos, as profissões desempenhadas pela pequeno-burguesia e as transformações pelas quais passava Buenos Aires. Ou seja, ele traz para o centro da discussão temas considerados marginais.

Muitos dos contemporâneos de Arlt diziam que ele escrevia mal, justamente por utilizar uma linguagem coloquial, o lunfardo e também por cometer alguns erros gramaticais e ortográficos. Como resposta Arlt escreve no prólogo a *Os lanças-chamas*:

---

<sup>53</sup> RODRIGUEZ PERSICO, Adriana. “Arlt: sacar palabras de todos los ángulos” in *Cuadernos Hispanoamericanos*. Los complementarios 11. Roberto Arlt. Madri, julho de 1993, p.8.

Dizem que escrevo mal. É possível. De qualquer maneira, não teria dificuldade em citar numerosas pessoas que escrevem bem e que são lidas unicamente por corretos membros de suas famílias.<sup>54</sup>

Ou ainda, em “A crônica nº 231”:

Escrevo num “idioma” que não é o castelhano, e sim, o portenho. Sigo toda uma tradição: Fray Mocho, Félix Lima, Last Reason... (...). Este léxico, que eu chamo de idioma, primará em nossa literatura apesar da indignação dos puristas, a quem ninguém lerá.

55

No que se refere aos erros gramaticais, notei alguns problemas de concordância verbal apenas nas *Águas-fortes portenhas*, não em seus romances. O que me leva a concordar plenamente com Arlt quando ele afirma que eles eram fruto da pressa própria da atividade jornalística, como demonstrarei no item referente às silepses. Pode-se também pensar que, em alguns casos, fossem uma mera provocação aos rigores gramaticais pregados pelos puristas da época, que defendiam a limpeza do idioma contra as expressões populares e os neologismos. Em “O idioma dos argentinos”, de 17/1/1930, Arlt escreve: “(...) o absurdo que é engessar, numa gramática canônica, as idéias sempre em mutação e novas dos povos.”<sup>56</sup> Borges, num texto de mesmo nome, escrito em 1926, resgata a gauchesca para justamente firmar a identidade literária nacional, contra o lunfardo e o “arrabalero”, a gíria da periferia. Afirma que “não há um dialeto geral de nossas classes pobres”<sup>57</sup>. Considera esses dialetos como um exagero e uma deformação: define o lunfardo como uma “gíria de ocultação dos ladrões. O lunfardo é um vocabulário gremial

<sup>54</sup> ARLT, Roberto. Op.cit., p.193.

<sup>55</sup> V. AP: C.P.

<sup>56</sup> AP “O idioma dos argentinos”.

<sup>57</sup> BORGES, Jorge Luis. “El idioma de los argentinos” in *El lenguaje de Buenos Aires*. Buenos Aires, Emecé, 1996, p.14.



como tantos outros (...)”<sup>58</sup>; o “arrabalero” é definido como apenas uma “decantação e divulgação do lunfardo”<sup>59</sup>. Borges questiona o idioma espanhol buscando a afirmação do idioma argentino na oralidade, mas uma oralidade presente no cotidiano das famílias tradicionais daqueles que têm uma tradição; Arlt, por outro lado, questiona o fato de o espanhol “oficial” não abarcar todas as variantes lingüísticas. Sem uma tradição à qual recorrer, Arlt insere em seus textos a fala dos grupos periféricos da cidade, sejam eles pequenos comerciantes, imigrantes ou ladrões.

A preocupação de Arlt com o idioma era uma constante nas “Águas-fortes portenhas”. Em resposta ao lingüista Américo Castro, que rechaçava o uso do lunfardo e dialetos, Arlt escreve:

Onde iremos parar? Ora, na formação de um idioma sonoro, flexível, flamante, compreensível para todos, vivo, nervoso, colorido por matizes estranhos e que substituirá um rígido idioma que não se ajusta à nossa psicologia.

Porque eu acredito que a linguagem é como uma roupa. Há raças às quais fica bem um determinado idioma; outras, em compensação, têm que modificá-lo, rasurá-lo, aumentá-lo, poli-lo, desglosar estruturas, inventar substantivos.<sup>60</sup>

Sempre muito irônico, por diversas vezes Arlt comenta nas “Águas-fortes” que não vai se expressar em lunfardo para, em seguida, no mesmo parágrafo, lançar mão de uma gíria:

Agora, se alguém me perguntar em que consiste um lar bem constituído, de acordo com o critério estritamente burguês (estou me comportando bem, não uso termos em lunfardo nem dou uma mancada), direi que o lar bem constituído seria aquele onde a

<sup>58</sup> Idem, *ibidem*, p.15.

<sup>59</sup> Idem, *ibidem*, p.14.

<sup>60</sup> AP: C.P., “Como querem que escreva a vocês?”. .

seleção de trouxas (já me bandeei!) se faz com perfeito critério científico.

(...)

Em muitas casas prudentes, para evitar que as meninas se entretendam elaborando pensamentos inconvenientes, conchavam com as mais velhas, enquanto as mais jovens e palatáveis ficam em casa para agarrar o otário (já me escapou outro termo reles!).  
[“Persianas metálicas e placas de doutor”]

Em outros momentos, Arlt responde, no mesmo tom irônico, àqueles que duvidam do seu conhecimento do lunfardo:

E provarei ampla e rotundamente, de tal modo que não restará dúvida alguma a respeito dos meus profundos conhecimentos de filologia lunfarda. [“Origem de algumas palavras do nosso léxico popular”]

O autor destas crônicas, quando iniciou seus estudos de filologia “lunfarda”, foi vítima de várias acusações, entre as quais as mais graves o delatavam como um solene “contador de lorotas”. [“O ‘furbo’ ”]

Eu, cronista meditabundo e entediado, dedicarei todas as minhas energias para fazer o elogio do “fiacún”, para estabelecer a origem da “fiaca”, e para deixar determinados de modo matemático e preciso os alcances do termo. Os futuros acadêmicos argentinos me agradecerão, e eu terei tido o prazer de ter morrido sabendo que trezentos e sessenta e um anos depois me erguerão uma estátua. [“A origem de algumas palavras do nosso léxico popular”]

É verdade que outros escritores argentinos como Fray Mocho, Last Reason e Félix Lima também empregaram o lunfardo e a linguagem coloquial em seus textos, principalmente crônicas de costumes. Sem falar nas letras de tango –cabe lembrar

aqui que o tango era tido, nos anos 20, como uma atividade de marginais e a música ouvida pela classe média era o fox-trote–, nos sainetes e na gauchesca, cujo registro permitia o emprego de recursos de ordem oral. Mas a diferença é, que nestes espaços, o seu uso era tolerado, tendo quase um caráter de exotismo. Arlt inovou a literatura argentina ao estender esse uso aos romances e às crônicas, sem imprimir tal conotação exótica. E as “Águas-fortes portenhas” significaram, nesse sentido, a introdução da linguagem popular e dos subúrbios no universo da classe média. Arlt reconhece os seus precursores e comenta:

Last Reason, Félix Lima, Fray Mocho e outros influíram muito mais sobre nosso idioma do que todas as bobagens filológicas e gramaticais de um senhor Cejador e Frauca, Benot e todo o bando empoeirado e mal-humorado de ratos de biblioteca, que a única coisa que fazem é remexer arquivos e escrever memórias que nem vocês mesmos, gramáticos insignes, se incomodam em ler, de tão chatas que são. [“O idioma dos argentinos”]

As discussões em torno do idioma argentino e de propostas estéticas também estava presente em dois grupos literários da década de 1920: Boedo e Florida. Arlt não estava alheio à importância destes dois grupos e faz menção a eles em “Penhas de artistas em Boedo”:

Boedo, queira-se ou não, tem uma importância extraordinária no desenvolvimento intelectual da nossa cidade. Tanta importância que há anos originou um cisma entre os literatos: ou se é de Boedo ou se é de Florida. Ou se está com os trabalhadores ou com os meninos de família. O dilema é simples, claro, e todos o entendem.<sup>61</sup>

Jorge Schwartz define assim os dois grupos:

---

<sup>61</sup> AP:C.P.

Grosso modo, “Boedo” representa o setor urbano vinculado à periferia e ao proletariado, e agrupa os escritores com preocupações literárias socializantes. A este grupo só interessa a obra de arte pelo seu conteúdo, ignorando qualquer preocupação de ordem formal. Em contraposição, “Florida”, a via central mais importante de Buenos Aires, está localizada na região elegante e comercial da cidade. Os escritores de Florida, de acentuado cosmopolitismo, têm como preocupação maior a incorporação ao panorama cultural argentino de novos valores estéticos da vanguarda européia, tanto na literatura como nas artes plásticas, na música e na arquitetura.<sup>62</sup>

Fazem parte do Florida: Lugones, Borges, Larreta, Güiraldes. A voz do grupo é a revista *Martín Fierro* e o gênero literário preferido, a poesia. Os principais integrantes de Boedo são Mariani, Barletta, Castelnuovo, González Tuñón. A revista *Los Pensadores*, substituída depois por *Claridad*, é seu porta-voz e a narrativa, o gênero preferido.

Roberto Arlt, como bem notou Jorge Schwartz, é “impossível de ser enquadrado numa das duas escolas”<sup>63</sup>; apesar disso, seus escritos saem tanto nas revistas de Florida —como é o caso de dois capítulos de *El juguete rabioso*, publicado em *Proa*, em 1925— quanto nas de Boedo — caso de *Os lança-chamas*, que sai por *Claridad*, em 1931.

Em “Epístola aos gênios portenhos”, artigo publicado na revista *Don Goyo* (23/2/1926), Arlt critica e ironiza acidamente tanto Florida quanto Boedo:

Falo com você, irmão murmurador, em Boedo e Florida.

(...)

---

<sup>62</sup> SCHWARTZ, Jorge – *Vanguardas Latino-Americanas. Polêmicas, manifestos e textos críticos*. São Paulo, Iluminuras/Edusp/Fapesp, 1995, p.505.

<sup>63</sup> Idem, *ibidem*, p. 507.

Se você passeia por Florida, me comunica com aterrador luxo de detalhes as razões de porquê Dostoiévski era um degenerado e Tolstói um molenga; se você democratiza por Boedo, me diz horrores desse “burguês” de Flaubert e desse outro aristocrata de D’Annunzio. E você, em Florida, varredor e dogmático como sumo pontífice das letras, esquarteja Dostoiévski e reduz Tolstói às dimensões de uma lentilha, enquanto você, em Boedo, me explica como Flaubert escrevia seus romances e a facilidade que seria para você, naturalmente, se você quisesse, ser um literato superior a Flaubert. Mas eu entendo: sua genialidade, sua democracia não lhe permitem descer tanto.<sup>64</sup>

Roberto Arlt critica os integrantes de Florida por se interessarem somente pelo aspecto estilístico, preferindo “as frases, as rimas de azul de metileno com as durezas do tungstênio e outras combinações do gênero que, com um pouco de dificuldade e outro tanto de engenho, constitui qualquer estudante avantajado”<sup>65</sup>.

Muitos críticos viram na temática da obra de Arlt e até mesmo na sua origem de filho de imigrantes pobres uma identificação com o grupo Boedo. É verdade que em alguns momentos ele se aproxima mais deste grupo, mas a crença dos boedistas no potencial que a literatura teria para transformar a sociedade acabou por afastar o cético Arlt do grupo. Segundo Ricardo Piglia, Arlt era “excêntrico demais para os esquemas do realismo social e realista demais para os cânones do esteticismo”.<sup>66</sup>

Roberto Arlt acaba sendo, na verdade, um estrangeiro na própria língua ao utilizá-la de maneira não convencional, criando um certo estranhamento. Este estranhamento está no emprego de palavras de uso mais freqüente na Espanha, em concomitância com o emprego de seus equivalentes argentinos, como é o caso de *acera* (calçada, na Espanha) em convivência com *vereda* (calçada, na região rio-platense). O mesmo se pode dizer a respeito dos tempos verbais; em algumas

<sup>64</sup> ARLT, Roberto. *El resorto secreto y otras páginas*. Op. cit. pp. 69-70.

<sup>65</sup> AP: C.P., “O cortiço da nossa literatura”

<sup>66</sup> “Sobre Roberto Arlt” in revista CULT ano III, n°33, 2000, p.49. Trad. Maria Paula Gurgel Ribeiro. Esta entrevista foi originalmente publicada em *Crítica y ficción*. Buenos Aires, Siglo Veinte, 1990, p.32.

“Águas-fortes” isso está presente de forma muito clara, como comentarei no item dedicado ao tema. Muitas vezes Arlt emprega também termos do espanhol arcaico como *fabla*, aqui traduzido por *fabulare*.

Arlt faz uso também de palavras do argot, dos dialetos italianos toscanos, lombardos e genoveses, principalmente, e da constante repetição de palavras —às vezes num mesmo parágrafo— e de uma intensa proliferação de significantes para um mesmo significado. Mas o estranhamento que o texto arltiano produz está presente também no uso do hipérbato, que o cronista resgata da literatura espanhola do século de ouro.

As especificidades da linguagem arltiana foram o eixo desta tradução, a fim de provocar a mesma *foné*<sup>67</sup> do texto original no leitor brasileiro. Assim, foram mantidas a coloquialidade, o uso de italianismos, as frases invertidas. Em algumas crônicas Arlt menciona figuras contemporâneas, conhecidas do leitor portenho da época em que os textos foram escritos; procurei, de alguma forma naturalizar esse efeito no leitor contemporâneo brasileiro, com a inserção de alguns apostos, como se poderá verificar no item dedicado ao tema das adaptações culturais.

Uma das maiores dificuldades no trabalho de tornar o mais naturais possíveis certas referências pontuais realizadas por Arlt foi, justamente, a falta de material de consulta. Nos casos das outras obras de Arlt, pude contar com traduções ao italiano, francês e inglês como fonte de informação. Nas *Águas-fortes portenhas*, porém, por estar realizando sua primeira tradução a idioma estrangeiro, tive que contar, além dos dicionários e glossários, com informantes, tanto do universo portenho quanto do paulistano italianizado e de décadas passadas.

Ao refletir sobre o processo tradutório, tomei também como base a idéia da tradução como “uma reescritura, noutra língua, de uma leitura do texto”<sup>68</sup>. É a leitura que vai determinar como o texto de partida vai ser transformado na língua de

---

<sup>67</sup> Tomo o termo emprestado de Severo Sarduy, ao definir os efeitos que o texto de Lezama Lima provoca no leitor. Cf. *Ensayos generales sobre el barroco. México, Fondo de Cultura Económica, 1987.*

<sup>68</sup> LARANJEIRA, Mário. *Poética da tradução*. São Paulo, EDUSP/FAPESP, 1993, p.31.

chegada. E por ser um “ato em si mesmo inexaurível”<sup>69</sup>, a leitura possibilita a produção de versões diferentes do mesmo texto. Assim, um texto nunca é definitivo, pois, segundo Borges, “o conceito de *texto definitivo* não corresponde senão à religião ou ao cansaço.”<sup>70</sup>

A tradução, diz Octavio Paz, “é sempre uma operação literária”<sup>71</sup> que exige que seu agente lance mão de uma série de conhecimentos lingüísticos para realizar sua tarefa. Ainda segundo Paz, “todos os textos são originais porque cada tradução é diferente. Cada tradução é, até certo ponto, uma invenção e assim constitui um texto único”.<sup>72</sup> E trata-se de um texto único uma vez que o tradutor é um sujeito inserido num determinado contexto social e cultural, numa determinada época, que faz uma leitura própria e carrega suas marcas para sua recriação, a sua visão do autor e do texto a ser traduzido.

Devido à equivalência social, lingüística fruto da mesma imigração italiana, de grandes centros urbanos, Buenos Aires e São Paulo, optei pela marca paulistana. Nesse sentido, o escritor paulista Ant3nio de Alc3ntara Machado (1901-1935) foi uma forte refer3ncia, uma vez que ele registrou em seus textos a fala paulistana repleta de interfer3ncias do italiano trazido pelos imigrantes, fundamentalmente em *Br3s, Bexiga e Barra Funda* (1927). Procurei tamb3m utilizar termos n3o muito atuais para n3o descaracterizar o relato; claro que por n3o ter acesso aos termos mais “antigos”, da 3poca, busquei uma solu33o intermedi3ria. H3 casos, como exemplificarei posteriormente, em que uma express3o atual produz o mesmo efeito de sentido que o original.

Diferentemente das edi33es publicadas at3 o momento, esta tradu33o apresenta as datas em que as “3guas-fortes portenhas” foram publicadas. Compiladas originalmente por Roberto Arlt, as cr3nicas n3o seguem uma ordem

<sup>69</sup> Paul de Man, in BARBOSA, Jo3o Alexandre *A met3fora cr3tica*. S3o Paulo, Perspectiva, 1974, p.5.

<sup>70</sup> BORGES, Jorge Luis. “Las versiones hom3ricas” in *Jorge Luis Borges- Obras Completas*, vol.I. Barcelona, Emec3, 1989, p.239.

<sup>71</sup> PAZ, Octavio. *Traducci3n: literatura y literalidad*. Barcelona, Tusquets, 1990, p.13.

<sup>72</sup> Idem, *ibidem*.

cronológica, uma vez que o mesmo tema era tratado, muitas vezes, durante uma semana ou mais.

Com o intuito de deixar fluente a leitura do texto traduzido, optei por não inserir notas. Acredito que o leitor deva desfrutar da leitura o mais plenamente possível, sem interrupções. Da mesma forma, acredito que a quebra da leitura acabaria suspendendo os efeitos do texto sobre o leitor. Por isso, reservei todas as explicações sobre o processo da tradução e o porquê da escolha dessa ou daquela palavra para este capítulo.

Os temas que suscitaram uma reflexão no ato tradutório foram de duas ordens: questões morfosintáticas e questões lexicais. Cada um destes blocos contém uma série de itens sobre os problemas específicos encontrados na tradução das *Águas-fortes portenhas* e as soluções adotadas, que passarão a ser explanados a partir de agora.

## I. QUESTÕES MORFOSSINTÁTICAS

### 1. Os pronomes de tratamento: o caso *Usted*

No jornalismo argentino das décadas de 1920-30, sempre que se interpelava o leitor, utilizava-se o pronome **Usted**, uma forma respeitosa e cortês, equivalente ao **senhor**, no português. Segundo a pesquisadora Sylvia Saítta isso ocorria “tanto no jornal *El Mundo*, onde Arlt trabalhava, como em outros jornais populares, como *Crítica*, por exemplo.” Já na literatura o uso do **vos** passou a ser utilizado somente a partir da década de quarenta. No entanto, ao traduzir, pareceu-me que a utilização do pronome de tratamento **senhor** deixaria o texto muito pesado; ao mesmo tempo, se traduzisse **usted** por **você** haveria uma excessiva coloquialidade. Recorri então a Machado de Assis que, em seus romances, costumava usar a expressão “caro leitor” ou, simplesmente “o leitor”:



*“Cuando estas muchachas cumplieron ocho o nueve años, tuvieron que cargar un hermanito en los brazos. Usted, como yo, debe haber visto en el arrabal estas mocosas que cargan un pebetito en el brazo y que se pasean por la vereda rabiando contra el mocoso, y vigiladas por la madre que salpicaba agua en la batea.”* [“La muchacha del atado”, pp.47-48]<sup>73</sup>

*“Quando estas moças fizeram oito ou nove anos, tiveram que carregar um irmãozinho nos braços. O leitor, como eu, deve ter visto no subúrbio estas remelentas que carregam um molequinho no braço e que passeiam pela calçada esbravejando contra o remelento, e vigiadas pela mãe, que salpicava água na batéia.”* [“A moça da trouxa”]

*Usted hubiera abierto los ojos como platos, aunque fuera indiscreto, ¿no? Pues yo hice lo mismo.* [“Motivos de la gimnasia sueca”, p.67]

**O caro leitor** teria aberto os olhos como dois ovos fritos, embora fosse indiscreto, não? Pois eu fiz o mesmo. [“Motivos da ginástica sueca”]

*Estos tipos hablan apresuradamente de los pañales y de la cuna de oro en que no se criaron. Fíjese: si usted tiene algún conocido que estille esta frase, estúdielo.* [“ ‘Cuna de oro’ y ‘pañales de seda’ ” p.100]

Estes tipos falam apressadamente das fraldas e do berço de ouro em que não foram criados. Preste atenção: se **o leitor** tem algum conhecido que destile esta frase, estude-o. [“Berço de ouro e fraldas de seda”]

---

<sup>73</sup> Todos trechos originais aqui transcritos foram retirados da 7ª edição da Losada.

## 2. Período iniciado por pronome oblíquo

Em relação a esta colocação do pronome oblíquo *vali-me* não só do argumento de Roberto Arlt, de aproximar a escrita da fala, como também dos modernistas brasileiros, que defendiam sua colocação em próclise, em oposição à sintaxe lusitana, que ensina colocá-los em ênclise. Isso vale tanto para os diálogos – onde soa mesmo mais natural- como no texto corrido. Assim, transcrevo apenas alguns trechos, a título de ilustração:

—*Sabe?... **Me han dicho** que N quiere instalarse por aquí. (N es un ex dependiente del patrón y lo ha difamado en todos los sentidos...)* [“El Siniestro Mirón”, p.54]

— Sabe?... **Me disseram** que N quer se instalar por aqui. (N é um ex-empregado do patrão e o difamou em todos os sentidos...). [“O Sinistro Olheiro”]

***Me han contado** que en Estados Unidos las muchachas y los muchachos costean sus gastos a medias. Esta es una hermosa costumbre, sobre todo para el Juan Tenorio porteño, y especialmente a fin de mes.* [“Don Juan Tenorio y los diez centavos”, p.26]

**Me contaram** que nos Estados Unidos as moças e os rapazes dividem os gastos. Este é um costume encantador, sobretudo para o Don Juan portenho e, especialmente, no fim do mês. [“Don Juan e os dez centavos”]

*A la noche, cuando fuí a cenar, compareció Chaplin. **Me miró**, movió su cola a modo de “buen provecho”, y luego se escurrió para no ser inoportuno.* [“Ni los perros son iguales”]

À noite, quando fui jantar, Chaplin compareceu. **Me olhou**, mexeu sua cauda com jeito de “bom proveito” e em seguida escapuliu para não ser inoportuno. [“Nem os cachorros são iguais”]

### 3. Dativo de interesse

De uso até freqüente no espanhol peninsular, o dativo de interesse aparece, na linguagem de Arlt, intensificado pela influência italiana, exatamente como se observa em certos grupos paulistanos. Por isso, sua manutenção acabou criando, no português, o mesmo efeito do original:

*Y la damnificada afloja la mosca, afloja las chiroalitas, pensando:  
— Si acierto le compro unos botines al pibe. O **me compro** un par de medias.* [“La mujer que juega a la quiniela”, p.175]

E a coitada solta a gaita, solta os cobres, pensando:  
—Se acertar, compro um par de botinas pro garoto. Ou **me compro** um par de meias. [“A mulher que joga na loteria”]

*Y cada día merma el stock de giles. Cada día desaparece un zongo de la circulación. Parece mentira, pero así no más es. “**Te adivino** el pensamiento, percalera. Es éste: “Puede venir otro mejor”... [“¡Atenti, nena, que el tiempo pasa!”, p.95]*

E a cada dia míngua o stock de bobos. A cada dia desaparece um sonso de circulação. Parece mentira, mas é assim mesmo. “**Te adivinho** o pensamento, costureirinha. É este: “Pode aparecer outro melhor”... [“Atenti, meu bem, que o tempo passa!”]

### 4. Pronomes possessivos

Em alguns momentos os pronomes possessivos foram mantidos como no original e, em outros, eliminados. Eles foram eliminados sempre que se referiam a

parte do próprio corpo, um uso obrigatório no espanhol que não funciona no português. Em outras situações, foi a oralidade quem determinou a exclusão:

*La bomba estalló a destiempo, y ese hombre, con las piernas destrozadas, fue llevado hasta la horca, buscando con **sus ojos** empañados de angustia a la madre y al pequeño Andreiev, que más tarde contaría esa despedida enorme en Los siete ahorcados. [“La madre en la vida y en la novela”, p.148]*

A bomba explodiu fora do tempo e, esse homem, com as pernas destroçadas, foi levado à forca, procurando com **os olhos** encharcados de angústia à mãe e o pequeno Andreiev, que mais tarde contaria essa despedida brutal em *Os sete enforcados*. [“A mãe na vida e no romance”]

*Otras veces lo inesperado es una señora dándose de cachetadas **con su vecina** mientras un coro de mocosos se prende de las polleras de las furias y el zapatero de la mitad de cuadra asoma la cabeza a la puerta de su covacha para no perder el plato. [“El placer de vagabundear”, p.93]*

Outras vezes o inesperado é uma senhora se esbofeteando **com a vizinha**, enquanto um coro de remelentos se agarra às saias das fúrias e o sapateiro da metade da quadra coloca a cabeça na porta da sua biboca para não perder o prato do dia. [“O prazer de vagabundear”]

## 5. Pronome demonstrativo

Algumas vezes Arlt emprega de forma correta os pronomes demonstrativos **esse** e **este**, em outras de forma errônea. O mesmo procedimento foi mantido na tradução:

*Qué es uno de esos multimillonarios norteamericanos, ayer vendedores de diarios, más tarde carboneros, luego dueños de circo, y sucesivamente periodistas, vendedores de automóviles, hasta que un golpe de fortuna los sitúa en el lugar en que inevitablemente debía estar?*

**Esos hombres** se convirtieron en multimillonarios porque querían ser eso. [“La terrible sinceridad”, pp.140-141]

Que é um desses multimilionários americanos, ontem vendedores de jornais, mais tarde carvoeiros, depois donos de circo, e sucessivamente jornalistas, vendedores de automóveis, até que um golpe de sorte os coloca no lugar em que inevitavelmente devia estar?

**Esses homens** se transformaram em multimilionários porque queriam ser isso. [“A terrível sinceridade”]

*Lo formidable del caso es que siempre y siempre que usted se encuentra en presencia de un sujeto que recurre a tales expresiones pudibundas, es un bandolero redondo, un hipócrita monumental, en síntesis: cualquier tipo de obra maestra dentro del género de los desgraciados.*

**Estos tipos** hablan apresuradamente de los pañales y de la cuna de oro en que no se criaron. [“ ‘Cuna de oro’ y ‘pañales de seda’ ”, p.100]

O formidável do caso é que sempre e sempre que você se encontra na presença de um sujeito que recorre a tais expressões pudibundas, é um bandido de marca maior, um hipócrita monumental, em síntese: qualquer tipo de obra-prima dentro do gênero dos desgraçados.

**Estes tipos** falam apressadamente das fraldas e do berço de ouro em que não foram criados. Preste atenção: se o leitor tem algum conhecido que destile [“ ‘Berço de ouro’ e fraldas de seda ’ ”]

## 6. Alteração do tempo verbal

A alteração do tempo verbal foi feita tendo em vista o uso coloquial equivalente:

*Yo me jugaría la cabeza que usted, en su vida cotidiana, no dice: “llevó a su boca un emparedado de jamón”, sino que, como todos diría: “se comió un sandwich”. [“El idioma de los argentinos”, p.143]*

**Eu corto** a minha cabeça como o senhor, na sua vida cotidiana, não diz: “levou à boca um pão fatiado com presunto”, mas que, como todos, diria: “comeu um sandwich”. [“O idioma dos argentinos”]

*Porque yo no conozco sujeto más peligroso que ese individuo, **que**, cuando viene a **hablaros** de su asunto, **os dice**:*

(...)

*Bueno, cuando malandra de esta o de cualquier otra categoría **os diga** que “su buen nombre y honor no quedan afectados por el proceso”, pónganse las manos en los bolsillos y abran bien los ojos, porque si no les ha de pesar más tarde. [“El hombre Corcho”, p.97]*

Porque eu não conheço sujeito mais perigoso que esse indivíduo que quando vem **vos falar** de seu assunto, **vos diz**:

(...)

Bom, quando um malandro desta ou de qualquer outra categoria **vos disser** que “seu bom nome e honra não ficam afetados pelo processo”, ponham as mãos nos bolsos e abram bem os olhos, porque senão vai lhes custar mais tarde. [“O homem Rolha”]

Algumas vezes foi necessário fazer a tradução do presente do subjuntivo por futuro do subjuntivo, já que é a forma corrente no português:

*Más aceitoso que una biela, se corre de un punto a otro con tal eficacia de elasticidad, que allí donde **haya** alguien a quien festejar o adular, allí tropezaréis con su sonrisa amplia, ojos encandilados y sonrientes, y manos beatíficamente cruzadas sobre el pecho. [“El que siempre da la razón”, p.86]*

Mais oleoso que uma biela, corre de um ponto a outro com tal elasticidade que, ali onde **houver** alguém a quem festejar ou adular, ali tropeçareis em seu amplo sorriso, olhos deslumbrados e sorridentes, e mãos beatificamente cruzadas sobre o peito. [“O que sempre dá razão”]

Em outros momentos, houve a substituição do presente por gerúndio, forma mais usual em português:

— *Perdone señor. Necesito diez centavos. Tengo que verla a mi novia que me **espera** en un teatro. Son diez centavos que me faltan para pagar la entrada. [“Don Juan Tenorio y los diez centavos, p.27]*

—Desculpe senhor. Preciso de dez centavos. Tenho que ver minha namorada que **está me esperando** num teatro. São dez centavos que me faltam pra pagar a entrada. [“Don Juan e os dez centavos”]

### **7.Terceira pessoa do plural no espanhol e voz passiva no português**

O verbo na terceira pessoa do plural no espanhol, bem como a passiva reflexa, foram transformadas em voz passiva desenvolvida no português pois, em ambos os idiomas esses são os usos mais freqüentes e equivalentes:

*En la bella península itálica, la frase “squena dritta” **la utilizan los padres** de familia cuando se dirigen a sus párvulos, en quienes*

*descubren una incipiente tendencia a la vagancia. Es decir, la palabra se aplica a menores de edad que oscilan entre los catorce y diecisiete años. [“Divertido origen de la palabra ‘squenun’ ”, p.43]*

Na bela península itálica, a frase “squena dritta” **é utilizada pelos pais** de família quando se dirigem a seus párvulos, nos quais descobrem uma incipiente tendência à vagabundagem. Isto é, a palavra se aplica a menores de idade que oscilam entre os quatorze e os dezesseis anos. [“Origem divertida da palavra ‘squenun’ ”]

*En cambio, esos individuos que **podrían tomarse** por solemnes vagos, y que puede ser que lo sean, a la sombra de los árboles empollaban su haraganería y florecían en meditaciones de manera envidiable. [“Tomadores de sol en el Botánico”, p.59]*

Em compensação, esses indivíduos que **poderiam ser tidos** como solenes vagabundos, e até pode ser que o sejam, à sombra das árvores chocavam sua folga e floresciaam em meditações de maneira invejável. [“Tomadores de sol no Botânico”]

## 8. Verbos ser e estar

O uso dos verbos ser e estar é distinto em espanhol e em português. Em espanhol se diz, por exemplo, **estar casado** e em português, **ser casado**. Cito apenas um exemplo de como isso foi observado na tradução:

*Yo **estoy contra** la uniformidad. A mí, dame variación. Dame la poesía de la noche y la melancolía del crepúsculo y un escolazo a las tres de la mañana y una auténtica parrillada criolla a las cuatro horas. [“ ‘Laburo’ nocturno”, p.117]*



Eu **sou contra** a uniformidade. Me dê variação. Me dê a poesia da noite e a melancolia do crepúsculo e uma jogatina às três da matina e uma churrascada autêntica às quatro horas. [“ ‘Batente’ noturno”]

## 9. Formas nominais

As formas desenvolvidas no espanhol foram transformadas em infinitivo no português, a forma mais corrente aqui:

*Pero el tiempo pasa, a pesar de que Spencer **decía** que no existía, y Einstein **afirme** que es una realidad de la geometría euclidiana que no tiene minga que ver con las otras geometrías. [“¡Atenti, nena, que el tiempo pasa!”, p.95]*

Mas o tempo passa, apesar de Spencer **dizer** que não existia, e de Einstein **afirmar** que é uma realidade da geometria euclidiana que não tem nem um pinga a ver com as outras geometrias... [“Atenti, meu bem, que o tempo passa!”]

## 10. Conjugação verbal “a la espanhola”

A presença do espanhol da Espanha é muito forte na Buenos Aires do início do século. Muitos livros vinham de lá e Arlt, ávido leitor (seus autores prediletos eram Cervantes, Quevedo e Valle Inclán), acaba incorporando algumas conjugações “a la espanhola” nos seus textos, bem como uma série de palavras que não eram comuns na fala rio-platense. Isso fica bem claro na utilização do pronome **vosotros**, que não é utilizado na América. Aliás, ele utiliza um **vosotros** arcaico, que serve para o singular; isso já nem na Espanha se usava na época.

Para manter a equivalência, utilizei o pronome **vós**, “normal como tratamento de cerimônia em português antigo e clássico [empregado] ainda, vez por outra, em linguagem literária de tom arcaizante, para expressar distância, apreço social”<sup>74</sup>, ou

---

<sup>74</sup> CUNHA, Celso, CINTRA, Lindsey- *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985, p.278.

o verbo conjugado na segunda pessoa do plural ou mesmo o pronome átono equivalente. Encontrei as seguintes ocorrências:

*Le **veréis** frente a la máquina de escribir, grave el gesto, taciturna la expresión, borrascosa la frente. [“Apuntes filosóficos sobre el hombre que ‘se tira a muerto’ ”, p.61]*

Lhe **vereis** diante da máquina de escrever, o gesto grave, a expressão taciturna, a testa borrascosa. [“Apontamentos filosóficos sobre o homem que ‘se tira a muerto’ ”]

*En resumen, el ‘furbo’ es el hombre que quebranta todas las leyes, sin peligro de que éstas se vuelvan contra él, el furbo es el jovial vividor que después de **haberos** metido en un lío, saqueado las escarcelas, **os** da unos palmetazos amistosos en la espalda y **os** invita a comer un ‘risotto’, todo entre carcajadas bonachonas y falsas promesas de amistad.” [“El ‘furbo’ ”, p.39]*

Em resumo, o ‘furbo’ é um homem que viola todas as leis, sem perigo de que estas se voltem contra ele; o furbo é o jovial espertalhão que depois de **vos** haver metido numa confusão, saqueado as escarcelas, **vos** dá umas palmadinhas amistosas nas costas e **vos** convida para comer um ‘risotto’, tudo entre gargalhadas bonachonas e falsas promessas de amizade. [“O ‘furbo’ ”]

*Hasta es capaz de abrir su bolsillo, de sentarse a su mesa, de **prestaros** un favor. [“La amarga alegría del mentiroso”, p.170]*

É até capaz de abrir seu bolso, de se sentar a sua mesa, de **vos** prestar um favor. [“A amarga alegría do mentiroso”]

Também poderíamos aventar a hipótese de que o emprego de um elemento do espanhol castiço fosse uma forma extremamente irônica de Arlt responder aos gramáticos e a todos aqueles que constantemente criticavam seu modo de escrever, coloquial demais para os padrões da época. De qualquer modo, seja um uso intencional ou não por parte do autor, procurei preservar o recurso na tradução.

### 11. Leísmo

O leísmo, emprego do pronome átono específico do objeto indireto no lugar do **lo** ou **la**, objetos diretos, tem seu uso equivalente no **lhe** deslocado do português, igualmente em substituição a **o** ou **a**.

*(...) y en la actualidad el fenómeno sigue intrigando únicamente a los parientes, que cuando se encuentran con el vago **le** espentan a boca de jarro, como yo he tenido oportunidad de escuchar (...)*  
[“ ‘Laburo’ nocturno”, p.115]

(...) e, atualmente, o fenômeno continua intrigando unicamente os parentes que, quando se encontram com o estroina **lhe** cutucam assim, sem mais nem menos, como eu mesmo já tive a oportunidade de escutar (...). [“ ‘Batente’ noturno”]

### 12. Segunda pessoa do singular em vez da terceira

Em certos casos o pronome átono de a terceira pessoa do singular foi substituído pelo de segunda pessoa, já que coloquialmente **te** é muito mais utilizado do que **o/a**:

*Haga esta prueba con alguno que **lo** seca dándose cortes idiotas. Le aseguro que la receta es buena.* [“ ‘Cuna de oro’ y ‘pañales de seda’ ”, p.102]

Faça este teste com alguma pessoa que **te** torra, botando uma panca idiota. Asseguro que a receita é boa. [“ ‘Berço de ouro’ e ‘fraldas de seda’ ”]

A silepse que se produz na tradução é proposital, já que é freqüente no registro oral popular paulistano.

### 13. Silepses

Processo sintático de concordância irregular, a silepse, originalmente, referia-se somente à concordância de número e, posteriormente, passou a ser aplicada também a “certas anomalias formais na concordância de gênero e pessoa e, hoje, abarca principalmente todo o campo da CONCORDÂNCIA IDEOLÓGICA.”<sup>75</sup>

Fruto da pressa própria do ofício de jornalista ou mera provocação aos rigores gramaticais pregados pelos puristas da época, o fato é que pude constatar algumas ocorrências de silepses nessas crônicas. Transcrevo aqui alguns dos casos encontrados:

*Y lo probaré amplia y rotundamente, de tal modo que **no quedará duda** alguna respecto a mis profundos conocimientos de filología lunfarda.*

***Y no quedarán**, porque esta palabra es auténticamente genovesa, es decir, una expresión corriente en el dialecto de la ciudad que tanto detestó el señor Dante Alighieri. [“El origen de algunas palabras de nuestro léxico popular”, p.40]*

E o provarei ampla e rotundamente, de tal modo que **não restará dúvida** alguma a respeito dos meus profundos conhecimentos de filologia lunfarda.

E **não restarão**, porque esta palavra é autenticamente genovesa, isto é, uma expressão corrente no dialeto da cidade que o senhor

---

<sup>75</sup> idem, ibidem, p.614.

Dante Alighieri tanto detestou. [“A origem de algumas palavras do nosso léxico popular”]

*Nosotros, es decir el pueblo, ha asimilado la clasificación, pero encontrándola excesivamente larga, la redujo a la clara, resonante y breve palabra de “squenun”. [“Divertido origem de la palabra ‘squenun’ ”, p.43]*

**Nós**, ou seja **o povo**, **assimilou** a classificação, mas achando-a excessivamente longa, **reduziu-a** à clara, ressonante e breve palavra “squenun”. [“Divertida origem da palavra ‘squenun’ ”]

*Sin embargo, en casi todas las casas con superabundancia de damas, nunca falta un par de pantalones. Los pantalones es frecuentemente un hermano a quien la colectividad femenina hace estudiar de “doctor”. [“Persianas metálicas y chapas de doctor”, p.113]*

No entanto, em quase todas as casas com superabundância de damas, nunca falta um par de calças. **As calças** é frequentemente um irmão a quem a coletividade feminina faz estudar para “doutor”. [“Persianas metálicas e placas de doutor”]

#### 14. Preposições “pra” e “pro”:

Valendo-me da coloquialidade defendida por Arlt, decidi empregar as formas reduzidas **pra** e **pro**, em vez de **para a** e **para o**. Embora Arlt não utilize a contração **p’a** me pareceu que, pelo menos nos diálogos, este recurso daria maior fluência ao texto. Cito apenas três exemplos, dentre tantos outros:

—Tomá, Josesito... andá... divertite...tomá **para** vos... —y el novio palma... [“El hermanito coimero”, p.134]

<sup>3</sup>/<sub>4</sub>Pega, Josezito... anda... vai se divertir... pega **pra** você... —e o namorado bate palmas... [“O irmãozinho propineiro”]

— *Perdone señor. Necesito diez centavos. Tengo que verla a mi novia que me espera en un teatro. Son diez centavos que me faltan **para** pagar la entrada.* [“Don Juan Tenorio y los diez centavos”, p.27]

— Desculpe senhor. Preciso de dez centavos. Tenho que ver minha namorada que está me esperando num teatro. São dez centavos que me faltam **pra** pagar a entrada. [“Don Juan e os dez centavos”]

*Y mi deseo es que le caiga na parte bien en la cabeza, a una de esas parejas que los trescientos sessenta y cinco días del año comentan con palabra modesta:*

— *Si tuviéramos mil pesos podríamos casarnos. Trescientos **para el** juego de comedor, trescientos **para el** dormitorio.* [“Candidatos a millonarios”, p.157]

E meu desejo é que lhes caia uma parte bem na cabeça, num desses casais que nos trezentos e sessenta e cinco dias do ano comentam com palavra modesta:

— Se tivéssemos mil pesos poderíamos casar. Trezentos **pro** jogo de sala de jantar, trezentos **pro** dormitorio. [“Candidatos a milionários”]

## 15. Sinais gráficos

A busca de um equivalente da língua de partida na língua de chegada, por parte do tradutor, envolve não só a questão lexical e morfossintática, mas também a forma como estes elementos se apresentam no texto ou, mais especificamente, aos sinais gráficos. Em se tratando de textos de Roberto Arlt isso não é mero preciosismo de tradutor; ele, realmente, muitas vezes, desvia-se da norma.

Nas *Águas-fortes portenhas* esses desvios estão relacionados ao uso dos dois pontos, à grafia dos topônimos e dos pontos cardeais, bem como à utilização da letra

maiúscula. Decidi tratar também neste item do emprego das aspas pois, apesar de, neste caso, Arlt não se desviar da norma, ele as utiliza de forma muito peculiar.

### 15.1 Aspas

Uma das características marcantes na escritura de Roberto Arlt é o uso de aspas em algumas palavras ou expressões. Às vezes, elas aparecem junto ao lunfardo, às vezes não; no mesmo texto, a mesma palavra ora está entre aspas, ora não. Discute-se muito a respeito disso, se seria um erro do autor ou dos editores, na tentativa de “corrigir” o texto —fato freqüente, aliás; daí a importância de se fazer um cotejo entre as várias edições. Paul Verdevoye<sup>76</sup> destaca que a descontinuidade na colocação das aspas talvez se devesse ao “acaso da inspiração, à vontade de chamar a atenção em alguns casos e em outros não, à confusão entre palavras empregadas por todos na linguagem comum e outras de uso raro.” Noemí Ulla afirma que, em sua pesquisa, encontrou “lunfardismos, portenhismos ou palavras que se queriam destacar, entre aspas, de forma descontínua, nas revistas da época.”<sup>77</sup>. Acredito ser muito mais uma atitude deliberada de Arlt para enfatizar o caráter irônico que quer dar a determinada palavra ou expressão ou para salientar sentido especial no seu uso, e não meramente para destacar que se trata de gíria ou de vocábulo estrangeiro. Mesmo porque, como já foi dito, não há uniformidade na colocação das aspas. E, como foi mencionado no item sobre os estrangeirismos, Arlt tampouco utiliza o itálico. Uma vez mais, mantive o mesmo procedimento.

No caso de “ ‘Cuna de oro’ y ‘pañales de seda’ ” o próprio título denuncia o tom irônico que o autor quis empregar, percebendo-se claramente a falta de intenção em salientar que se trata de expressão popular. Se assim fosse, a expressão deveria estar entre aspas no texto todo e não é o que acontece. Ao longo do relato toma-se conhecimento de que um sujeito pobretão quer se fazer passar por bem nascido, por

---

<sup>76</sup> VERDEVOYE, Paul, “Aproximación al lenguaje porteño de Roberto Arlt”, in *Seminario sobre Roberto Arlt*. Poitiers, 1980, p.144.

<sup>77</sup> ULLA, Noemí – *Identidad rioplatense, 1930. La escritura coloquial (Borges, Arlt, Hernández, Onetti)*. Buenos Aires, Torres Agüero Editor, 1990, p.91.

alguém “de berço”. O mesmo vale para a expressão “bien nacidos”/bem nascidos (14º e 17º parágrafos) e “se maman en los pañales”/aprender de pequeno (11º e 17º parágrafos).

A descontinuidade no emprego das aspas não se limita ao lunfardo. Está presente também nos estrangeirismos. O mesmo termo ora é grafado sem aspas, ora com aspas:

*Me acordé del sueño de Makar, pensando que alguien **in mente** diría que no conocía yo los defectos de la gente que vive siempre en la penuria y en la pena. [“La muchacha del atado”, p.50]*

Me lembrei do sonho de Makar, pensando que alguém *in mente* diria que não conhecia eu os defeitos das pessoas que vivem sempre na penúria e aflitas. [“A moça da trouxa”]

Nos italianismos também há essa irregularidade:

*Y cuando el gaita mórtorman arrancó, él, como quien saluda a una princesa, se quitó el **capelo** mientras que ella digitaleaba en el espacio como si se alejara en un “**piccolo navio**”. [“¡Atenti, nena, que el tiempo pasa!”, p.96]*

E quando o motorneiro galego arrancou, ele, como quem cumprimenta uma princesa, tirou o **capelo** enquanto ela dedilhava no espaço como se se afastasse num “**piccolo navio**”. [“Atenti, meu bem, que o tempo passa!”]

## 15.2 Dois pontos

A regra, tanto na gramática espanhola quanto na portuguesa, determina que depois dos dois pontos a palavra deve ser grafada em letra minúscula. A não ser que se trate de uma citação:



*Y es que, en realidad, no hay “cosa” más horrible que el dinero, mejor dicho: **la** falta de dinero.* [“Don Juan Tenorio y los diez centavos”, pp.26-27]

É que na verdade, não há “coisa” mais horrível que o dinheiro, ou melhor: **a** falta de dinheiro. [“Don Juan e os dez centavos”]

No entanto, Arlt algumas vezes subverte essa regra, colocando a primeira letra em maiúscula. Em todas as edições das *Aguafuertes porteñas* que consultei (Losada —3ª e 7ª edições—, Carlos Lohlé, Losada com a obra completa de Arlt —denominada a partir de agora de Losada R.A— e a da Biblioteca Página 12, publicada pelo jornal de mesmo nome) as palavras estão grafadas da mesma maneira.

Por se tratar de um desvio da regra gramatical, decidi, ao traduzir, manter a mesma grafia do original:

*En el puro idioma de Dante, cuando se dice “squena dritta” se expresa lo **siguiente: Espalda** derecha o recta, es decir, que a la persona a quien se hace el homenaje de esta poética frase se le dice que tiene la espalda derecha; (...).* [“Divertido origen de la palabra ‘squenun’ ”, p.42]

No puro idioma de Dante, quando se diz “squena dritta” se expressa o **siguiente: Costas** endireitadas ou retas, isto é, diz-se da pessoa a quem se faz a homenagem desta poética frase que tem as costas retas; (...). [“Origem divertida da palavra ‘squenun’ ”]

*En cuanto a llamarme así, **insisto: Yo** no tengo la culpa.* [“Yo no tengo la culpa”, p.17]

Quanto a me chamar assim, **insisto: Eu** não tenho culpa. [“Eu não tenho culpa”]

*Por ejemplo: Un tipo compró un caballo; va a pagar la comisión, cuando, de pronto los pebetes gritan:*

— ¡Mirá lo que tiene el tongo ese en la pata! [“Visita al ‘tattersal’ reo”, p.79]

**Por exemplo: Um sujeito** comprou um cavalo; vai pagar a comissão, quando, de repente, os moleques gritam:

— Olha só o que esse pangaré aí tem na pata! [“Visita ao ‘tattersal’ de quinta”]

### 15.3 Emprego das iniciais maiúsculas

No processo de leitura e tradução das *Aguafuertes porteñas* foi possível notar que Roberto Arlt desvia-se da norma ao empregar a letra maiúscula inicial no que se refere aos topônimos e aos pontos cardeais. Trata-se de apenas uma situação em cada um dos casos, mas no entanto, me pareceu relevante mencioná-las, uma vez que foi motivo de reflexão no momento de grafar os termos na tradução.

#### 15.3.1 Topônimos

A regra ortográfica, tanto em espanhol quanto em português, diz que os topônimos devem ser grafados em letra maiúscula. Uma vez mais, Arlt não segue a norma, fazendo uso das minúsculas:

*En la bella **península itálica**, la frase ‘squena dritta’ la utilizan los padres de familia cuando se dirigen a sus párvulos, en quienes descubren una incipiente tendencia a la vagancia. Es decir, la palabra se aplica a menores de edad que oscilan entre los catorce y diecisiete años. [“Divertido origem de la palabra ‘squenun’ ”, p.43]*

Na bela **península itálica**, a frase “squena dritta” é utilizada pelos pais de família quando se dirigem a seus párvulos, nas quais descobrem uma incipiente tendência à vagabundagem. Isto é, a palavra se aplica a menores de idade que oscilam entre os quatorze e os dezessete anos. [“Origem divertida da palavra ‘squenun’ ”]

### 15.3.2 Pontos cardeais

De acordo com Celso Luft<sup>78</sup>, a norma da ortografia portuguesa determina que, ao designar região, o nome dos pontos cardeais deve vir grafado em letra maiúscula: povos do **Oriente**; a guerra do **Ocidente**; o falar do **Norte** é diferente do falar do **Sul**, etc. Já quando se refere a direção ou limite geográfico, deve-se escrever com minúscula: Percorri o país de **norte a sul** e de **leste a oeste**. Exatamente o mesmo determina a Real Academia de la Lengua Española<sup>79</sup>.

Em “Amor no Parque Rivadavia” Arlt novamente desvia-se da regra:

*De pronto, en una alameda que corre de **Este a Oeste**, y llena de bancos en los que los focos revelaban frescas manchas de agua, vi parejas compuestas de seres humanos de distinto sexo, conversando (esto de conversar es una metáfora) muy liadas.*  
[p.28]

De repente, numa alameda que corre de **Leste a Oeste**, e cheia de bancos em que os refletores revelavam frescas manchas d’água, vi casais compostos de seres humanos de diferente sexo, conversando (isso de conversar é uma metáfora) muito unidos.

<sup>78</sup> LUFT, Celso Pedro - *Grande Manual de ortografia Globo*. São Paulo, Globo, 1983, p.260-261.

<sup>79</sup> REAL ACADEMIA ESPAÑOLA- *Ortografía de la lengua española*. Madri, Real Academia Española, 2000, p.35.

## II. QUESTÕES LEXICAIS

### 1. Adaptação cultural

Em alguns momentos foi preciso fazer uma adaptação cultural, principalmente em relação a determinadas expressões e nomes próprios. Cito uma ocorrência em “La vida contemplativa”/ “A vida contemplativa”, em que o termo **sábalo** —peixe de carne pouco apreciável e que é pescado facilmente no Rio da Prata— refere-se às pessoas de baixo estrato social. Ao traduzir, busquei um equivalente mais próximo do brasileiro, o **lambari**:

—*Otro vago a la pileta. ¡Qué barrio de sábalo, éste!* [p.152]

—Outro vadio liso. Que bairro de **lambaris**, este aqui!

Já em “A tristeza do sábado inglês” a adaptação foi necessária por não haver, no português, um referencial. Trata-se de **Tata Dios**. **Tata** tem sua origem no quechua e é empregado como um tratamento de respeito. Como não há essa referência indígena, nesse mesmo sentido, no Brasil, utilizei a forma mais consagrada aqui:

*Tata Dios descansó en día domingo, porque estaba cansado de haber hecho esta cosa tan complicada que se llama mundo.* [p.45]

**Deus Pai** descansou no domingo, porque estava cansado de ter feito esta coisa tão complicada que se chama mundo.

Em “Filosofía del hombre que necesita ladrillos”/“Filosofia do homem que precisa de tijolos” ao nome de um ladrão foi acrescentado o de um famoso ladrão que atuava em São Paulo nos anos de 1920-30, entrando nas casas pelo telhado:

*Hay un tipo de ladrón que no es ladrón, según nuestro modo de ver, y que legalmente es más ratero que el mismo **Saccomano**.*  
[p.30]

Há um tipo de ladrão que não é ladrão, segundo nosso modo de ver, e que legalmente é mais gatuno que o próprio Saccomano **ou mesmo um Meneghetti**.

Em outra crônica, ao nome de uma famosa atriz de teatro da época um complemento foi acrescentado para que os leitores brasileiros possam saber que se trata de uma atriz importante:

*El punto de mira es el farsante que una vez se denomina curandero, otra profesor de cine o profesor de declamación o de cualquier otra pavada.*

*“Él me va a curar”. Él me va a mandar a “Jolibud”. Él hará que yo supere a **Berta Singerman**”. [“La señora del médico”, p. 89]*

O alvo é o farsante que uma vez se denomina curandeiro; outra, professor de cinema ou professor de declamação ou de qualquer outra bobagem.

“Ele vai me curar”. “Ele vai me mandar para ‘Jolibud’”. “Ele vai fazer com que eu supere **Berta Singerman ou até mesmo uma Sarah Bernhardt**”. [“A senhora do médico”]

Na crônica “Don Juan Tenorio y los diez centavos”/“Don Juan e os dez centavos” foi preciso fazer a adaptação já no título, porque em nossa cultura, Don Juan é conhecidíssimo mas Don Juan Tenorio não; se a tradução mantivesse o nome Tenório criaria no texto um ruído desnecessário:

*Porque es menester reconocer que **don Juan Tenorio** sería en nuestros días un “pato”. No trabajaba, se dedicaba exclusivamente al amor y, salvo que fuera rentista, andaría toda su vida con las falquitreras vacías de cuartos y ochavos.* [p.25]

Porque é mister reconhecer que **don Juan** seria em nossos dias um “duro”. Não trabalhava, se dedicava exclusivamente ao amor e, salvo se vivesse de rendas, andaria toda sua vida com as algibeiras sem um tostão furado.

Em “Persianas metálicas y chapas de doctor”/“Persianas metálicas e placas de doutor” ao nome de uma família argentina foi acrescentado o aposto indicando que se trata de uma família tradicional, apenas para situar melhor o leitor brasileiro:

*Quando la familia tiene retintines semiaristocráticos, el hombre en vez de seguir de doctor, sigue la carrera militar. Entonces (¡hay que ver lo que son las parroquias!), eso de que “fulana es hermana del teniente primero X” suena como si dijeran **es una Álzaga Unzué** o cualquier otra cosa.” [p.113]*

Quando a família tem ares semi-aristocráticos, o homem, em vez de ser doutor, segue a carreira militar. Então (só vendo o que são as vizinhanças), isso de que “fulana é irmã do primeiro-tenente X” soa como se dissessem é uma **Álzaga Unzué ou qualquer outra família tradicional.**

Em alguns momentos, como em “El hombre del apuro”/“O homem da pressa” e “La mujer que juega a la quiniela”/“A mulher que joga na loteria” o nome de uma mulher é Sisebuta; na tentativa de aclarar um pouco mais o seu sentido, traduzi as duas primeiras sílabas, que acredito estejam em espanhol e mantive as últimas, por acreditar ser do italiano, *buttare*: botar, colocar, atirar:

*Todo fiaca umbralero, le es fiel a su cónjuge. Él no trabajará, él se tirará a muerto, él mangará a su **Sisebuta** para los cigarrillos y la ginebra en la esquina; él le tirará un cascotazo a los perros, cuando joroban mucho en el barrio; él irá al boliche a jugar su partida de truco o de siete y medio; él irá nocturnamente a cumplir*

*a los velorios y a decir el sacramental “lo acompaño en el sentimiento”.* {“El hombre del apuro”, p.127]

Todo preguiçoso que vive no umbral, é fiel a seu cônjuge. Ele pode não trabalhar, se fará de morto, ele pedirá uns mangos para sua **Sesebuta** para os cigarros e a genebra na esquina; ele dará uma pedrada nos cachorros, quando enchem muito no bairro; ele irá ao boteco jogar sua partida de truco ou de sete e meio; ele irá noturnamente cumprir seus velórios e dizer o sacramental “acompanho-o no sentimento”. [“O homem da pressa”]

Em “Los chicos que nacieron viejos”/“Os garotos que nasceram velhos”, “El hombre del apuro”/“O homem da pressa” e “Del que no se casa”/“Daquele não se casa” Arlt faz menção ao Chacarita, cemitério de Buenos Aires, que também é sinônimo de todo e qualquer cemitério, não só na capital portenha como em várias localidades da Argentina. No entanto, por se tratar de crônicas sobre o universo portenho, não fiz a substituição do nome próprio pelo substantivo; acrescentei a palavra cemitério ao nome próprio para que os leitores brasileiros saibam de que lugar se trata:

*(...) chicos que del Nacional van a la Universidad, y de la Universidad al estudio, y del Estudio a los Tribunales, y de los Tribunales a un hogar congelado con esposa honesta, y del hogar con esposa honesta y un hijo bandido que hace versos, a la **Chacarita**...* [“Los chicos que nacieron viejos”, p.9]

(...) garotos que do Nacional vão para a Universidade, e da Universidade para o Gabinete, e do Gabinete para os Tribunais, e dos Tribunais para um lar congelado com esposa honesta, e do lar com esposa honesta e um filho bandido que faz versos, para o **cemitério Chacarita**... [“Os garotos que nasceram velhos”]

*Uno se explica cómo ocurren los crímenes. Una palabra apareja otra, la otra trae a cuevas una tercera y cuando se acordaron, uno de los actores del suceso está vía a la **Chacarita** y otro a los **Tribunales**. [“El hombre del apuro”, p.127]*

Sabe como acontecem os crimes. Uma palavra puxa a outra, a outra traz a reboque uma terceira e quando se lembraram, um dos atores do acontecimento está a caminho do **cemitério Chacarita** e outro dos Tribunais.

Nas três crônicas em que Arlt menciona o cemitério Chacarita apenas em “Del que no se casa”/“Aquele que não se casa” é que substituí o nome próprio pelo substantivo, pois pareceu-me que, neste caso, a leitura seria mais fluente:

*Dijo algo entre dientes que me sonó a esto: “Le llevaré flores”.  
Me imagino que su antojo de llevarme flores no llegaría hasta la **Chacarita**. [“Del que no se casa”, p.130]*

Disse algo entredentes que me soou a isto: “Eu te levarei flores”.  
Imagino que seu desejo de me levar flores não chegaria até o **cemitério**. [“Aquele que não se casa”]

A Avenida Corrientes, no centro de Buenos Aires, é citada por Arlt como calle Corrientes pois exatamente naquela época estava ocorrendo o alargamento da rua. Arlt se indigna um pouco com o fato mas afirma que isso não ia, de forma alguma, mudar o espírito da rua e cita, inclusive, o famoso tango *Corrientes 348*. Justamente por causa deste tango é que a avenida em questão é mais conhecida simplesmente como Corrientes. Por isso, na tradução, não inseri o substantivo **rua**, que traria um ruído desnecessário ao leitor brasileiro:

***La verdadera calle Corrientes** comienza para nosotros en Callao y termina en Esmeralda. Es el cogollo porteño, el corazón de la*



*urbe. La verdadera calle. La calle en la que sueñan los porteños que se encuentran en provincias. La calle que arranca un suspiro en los desterrados de la ciudad. La calle que se quiere, que se quiere de verdad. La calle que es linda de recorrer de punta a punta porque es calle de vagancia, de atorrantismo, de olvido, de alegría, de placer. La calle que con su nombre hace lindo el comienzo de ese tango:*

*Corrientes... tres, cuatro, ocho.*

[“La calle Corrientes no cambiará con el ensanche”, p.150]

A verdadeira Corrientes começa para nós em Callao e termina em Esmeralda. É o miolo portenho, o coração da urbe. A verdadeira rua. A rua com a qual sonham os portenhos que estão nas províncias. A rua que arranca um suspiro dos desterrados da cidade. A rua que se ama, que se ama de verdade. A rua que é linda de percorrer de ponta a ponta porque é rua de vadiagem, de malandragem, de esquecimento, de alegria, de prazer. A rua que com seu nome torna lindo o começo desse tango:

*Corrientes... tres, cuatro, ocho.*

[“A Corrientes não mudará com o alargamento”]

## 2. Registro coloquial e culto

Uma das característica marcantes na escritura de Roberto Arlt é a mescla do registro coloquial com o registro culto, o uso de gírias, além de uma proliferação de significantes.

Tomemos como exemplo a crônica “ ‘Berço de ouro’ e ‘fraldas de seda’ ”. O tom coloquial é dado por expressões como: **Mal rayo lo parta! / Raios o partam!** (7º parágrafo); **de primera intención/de cara** (9º parágrafo); **bandolero**

**redondo/bandido de marca maior** (12º parágrafo); **largárselas de bien nacidos/dar uma de bem nascidos** (14º parágrafo).

A já mencionada proliferação de significantes é bem nítida no 5º parágrafo deste relato, onde encontramos:

“sinvergüenza”/sem-vergonha

“malandrín”/ malandro

“estafador”/vigarista

“pillete”/pilantra

“vivillo”/espertalhão

“tahir”/trapaceiro.

O termo **imbécil** aparece aqui seguido de **matriculado** e depois, no 13º parágrafo, como **imbécil de primera agua**; termos estes que foram traduzidos por **imbecil de carteirinha** e **imbecil de primeira** respectivamente, respeitando o registro e a alteração do significante. A expressão **imbecil de carteirinha** é o típico exemplo de uma expressão atual que recupera satisfatoriamente o sentido do original.

A palavra **bronca** (5º parágrafo do original) pode causar certa confusão, uma vez que existe também em português, podendo significar raiva ou reprimenda. Aqui neste texto o significado é de raiva. Mas em espanhol existe a palavra **rabia** e Arlt faz uso dela algumas vezes, como na frase:

(...) la sirvienta que se va de la casa por una discusión que ha tenido y desahoga su **rabia** a plumerazos en el cráneo de loza engrudada de la muñeca. [“Taller de compostura de muñecas”, p.12]

Outras vezes Arlt escolhe usar, deliberadamente, **bronca**, que venho então traduzindo por **gana**, como em “Entre comerciantes...”:

*Competidor que va antecedido de una comparsa de mirones  
siniestros que la gozan formidablemente con el volcán de  
**bronca** que se ha despertado en el viejo comerciante, al que  
se le aparece del día a la noche, en el barrio, un nuevo rival.  
[p.120]*

Concorrente que vai antecedido de um bando de olheiros  
sinistros que gozam formidavelmente com o vulcão de **gana** que  
foi despertado no velho comerciante a quem aparece, da noite para  
o dia, no bairro, um novo rival.

No entanto, em “‘Cuna de oro’ y ‘pañales de seda’ ” pareceu-me que para a frase “Da bronca, en verdad.” o melhor equivalente seria “É irritante, na verdade.” É mais próprio num diálogo desse tipo, em português.

A interjeição **che** (19º parágrafo) é utilizada corriqueiramente pelos portenhos sempre que haja uma relação de certa intimidade entre os interlocutores. Ao traduzir, optei por **meu chapa**. Uma outra possibilidade, seria o uso de **ô meu** ou **cara**; no entanto, estes termos soariam, a meu ver, atuais demais, fugindo da proposta desta tradução de trazer, sempre que possível, ecos de uma linguagem não contemporânea:

*¾ **Che**, usted por qué es tan inconsciente? [p.102]*

— Por que o senhor é tão inconsciente, **meu chapa**?

No entanto, na “Água-forte portenha” “La muchacha del atado”/“A moça da trouxa”, essa expressão refere-se a uma mulher e, por isso, neste caso, optei pela interjeição “ei”:

— **Che**, *Angelita: apurate a plancharme la camisa, que tengo que salir*. [p.48]

— **Ei**, *Angelita: passa logo a camisa, que tenho que sair*.

Ainda em “ ‘Cuna de oro’ y ‘pañales de seda/“ ‘Berço de ouro’ e ‘fraldas de seda’ ” o registro culto se faz presente em palavras como **ínfulas de soltera/soberba de solteira** (5º parágrafo); **expresiones pudibundas/ expressões pudibundas** (12º parágrafo); **jeta adulona/ fuça adúladora** (4º parágrafo). Este último caso é típico da escritura arltiana: colocar lado a lado uma palavra do registro popular — **jeta/fuça-** com uma do registro culto — **adulona/adúladora**. E, no parágrafo seguinte, **adulona/adúladora** passa a ser **olfa/lambe-botas**, que é sua variante no registro popular:

*Cuando con tu estatura, tu jeta adulona, tus ojos grasientos (...)*  
[p.99]

Quando com tua estatura, **tua fuça adúladora**, teus olhos gordurentos (...).

*Da bronca, en verdad. No he conocido sinvergüenza, malandrín, estafador, pillete, mediocre, imbécil matriculado, ladrón, vivillo, olfa de los jefes, holgazán ni tahúr (...)*. [p.100]

É irritante, na verdade. Não conheci sem-vergonha, malandro, vigarista, pilantra, medíocre, imbecil de carteirinha, ladrão, espertalhão, **lambe-botas dos chefes**, folgado nem trapaceiro (...).

Em alguns momentos, o uso de um termo do registro culto denuncia uma profunda ironia do autor. É o caso de **ósculos**, em “Diálogo de lechería”/“Diálogo de leiteria”, que narra a conversa de um casal de namorados:

Ella. —*Unos besos? Si fueron algo como cuarenta.*

El Tipo. —*No... Estás mal, o tengo que suponer que vos no entendés de matemáticas. Pongamos que son diez besos... y estaremos en la cuenta. Y tampoco llegan a diez. Además no valen porque son **ósculos** paternales... Y ahora, después de enojarte que te haya besado, te enojás porque no quiero seguir besándote. ¿Quién entiende a ustedes las mujeres?* [p.77]

Ela. — Uns beijos? Pois se foram algo em torno de quarenta.

O Sujeito. — Não... Você está mal ou tenho que supor que você não entende nada de matemática. Digamos que são dez beijos... e estaremos na conta. E tampouco chegam a dez. Além do mais, não valem porque são **ósculos** paternais... E agora, depois de ficar chateada de que tenha te beijado, fica chateada porque não quero continuar te beijando. Quem entende as mulheres?

Ao mesmo tempo em que usa uma enorme quantidade de sinônimos, freqüentemente Arlt repete frases e/ou palavras, dando à prosa um ritmo que lembra a língua falada. Em “Amor em el Parque Rivadavia”/“Amor no Parque Rivadavia”, por exemplo, encontramos:

*La otra noche vuelvo a pasar por el Parque Rivadavia. Hecho un santito, con las manos sumergidas en el bolsillo del perramus y los ojos atentos. No llovía, pero había, en cambio, una **humedad** de mil demonios, si mil demonios pueden ser húmedos. Tanta **humedad**, que la **humedad** se distinguía flotando en el aire bajo la forma de neblina.* [p.29]

Na outra noite, volto a passar pelo parque Rivadavia. Como um santinho, com as mãos submersas no bolso da capa de gabardina e os olhos atentos. Não estava chovendo, mas, em compensação, havia uma **umidade** dos diabos, se é que diabo pode ser úmido.

Tanta **umidade**, que a **umidade** se distinguia flutuando no ar sob a forma de neblina.

Já em “La decadencia de la receta médica”/“A decadência da receita médica” é o radical que se repete:

*Ayer, quiero decir hace veinte años, llegaba de España un farruco, trabajaba de **lavapisos** cinco años en una farmacia, al cabo de los cinco años, y después de haber dado hartas muestras de fidelidad y honradez a su amo, éste lo ascendía a **lavabotellas** y aydante en el laboratorio, y el sujeto entraba a manipular los ácidos, y a preparar recetas aplicando, en ausencia de su amo, inyecciones escasas, y opinando ya sobre las dolencias, que en tren de consulta venían a exteriorizar las **lavanderas** de la vecindad.*  
[p.131]

Ontem, quero dizer há vinte anos, chegava da Espanha um galego, trabalhava como **lavador de chão** cinco anos numa farmácia; ao cabo dos cinco anos e depois de ter dado fartas mostras de fidelidade e honradez a seu patrão, este o promovia a **lavador de garrafas** e ajudante de laboratório, e o sujeito passava a manipular os ácidos e a preparar receitas aplicando, na ausência de seu patrão, injeções escassas, e ora opinando sobre as doenças, que em ritmo de consulta vinham exteriorizar as **lavadeiras** da vizinhança.

Claro que se poderia pensar em substituir alguns desses termos por outros; no entanto, não podemos nos esquecer de que a escritura de Arlt, justamente, não segue o discurso erudito canônico. E a repetição é uma das formas de transgredir esse cânone. A tentação de “corrigir” o texto deve ser vencida pois a repetição é algo recorrente em toda a obra arltiana. Tendo em vista este dado é que o tradutor deve, portanto, vencer seus eventuais pruridos e ater-se ao texto original.

### 3. O lunfardo

Gíria rio-platense, o lunfardo “contabiliza mais de cem anos de existência, pois há consenso em admitir que sua aparição manifestou-se a partir da metade final do século passado.”<sup>80</sup> Sua origem está vinculada aos ladrões, vagabundos e grupos marginais (*lunfa* significa ladrão), que o utilizavam como uma espécie de código. Estava presente nos bairros miseráveis, habitados por malandros, meretrizes, rufiões e imigrantes espanhóis, poloneses, turcos, italianos e franceses. Estava presente também nas conversas dos prostíbulos. Ora, os prostíbulos não eram freqüentados somente pelos delinqüentes mas também por trabalhadores, por imigrantes. E, “para pedir e obter o que queriam, os clientes e *habitués* precisavam se adequar ao linguajar local, incorporando —de fato— um estilo dialetal que, mais tarde, levariam e disseminariam pelo resto da cidade.”<sup>81</sup> Dessa forma, o lunfardo foi gradualmente sendo incorporado à fala popular e cotidiana, deixando de ter um caráter marcadamente delitivo e de grupo. Por isso mesmo que em seu dicionário de lunfardo Jose Gobello inclui léxicos da linguagem geral —como ele denomina— do uso corrente, léxicos delitivos, lunfardo. Por lunfardo ele entende ser “o conjunto de termos trazidos pela imigração, que às vezes podem ser *delitivos*, como *punga* ou *escruche* e, muitíssimas vezes não sê-lo, como *pelandrún*, *mufa*, *farabute* ou *acamalar*.”<sup>82</sup>

As *Águas-fortes portenhas*, mais do qualquer outra obra de Roberto Arlt, estão repletas de lunfardo. Ao fazer a tradução busquei equivalentes na gíria e na linguagem coloquial paulistana. Algumas delas, inclusive, são comuns aos dois universos como, por exemplo, tira, descuidista, alcagüetar, engrupir, cana:

---

<sup>80</sup> CESAROTTO, Oscar Angel. *Gira, gira. O lunfardo como língua paterna dos argentinos*. Tese de doutorado. São Paulo, PUC-SP, 1998, p.83.

<sup>81</sup> idem, ibidem, pp.88-89.

<sup>82</sup> GOBELLO, Jose. *Nuevo Diccionario Lunfardo*. Buenos Aires, Corregidor, 1998, p.10.

*Empezaron de purretes a darse con mayores. Con mayores asesinos, ladrones, escruchantes y lanceros. Con **descuidistas** y furqueros, con mozos “atrevidos” y “manos largas”. [“Mala junta”, p.158]*

Começaram de pirralhos a se dar com adultos. Com adultos assassinos, ladrões, escrunchantes e lanceiros. Com **descuidistas** e furqueiros, com moços “atrevidos” e “mãos leves”! [“Gangue”]

*En el respiro de las fatigas soportadas durante el día, es la trampa donde muchos quieren caer; silla **engrupidora**, atrapadora, sirena de nuestros barrios. [“Silla en la vereda”, p.66]*

No respiro das fadigas suportadas durante o dia, é a armadilha onde muitos querem cair; cadeira **engrupidora**, cadeira encantadora, sereia de nossos bairros. [“Cadeira na calçada”]

Procurei, ao longo de toda esta tradução e, principalmente no que diz respeito às gírias, utilizar termos não muito atuais, na tentativa de criar ecos de uma linguagem não contemporânea. Para esta tarefa foi fundamental a consulta a dicionários e glossários de lunfardo, argot, italianismos, gíria brasileira —tanto a coloquial quanto a delitiva.

#### 4. Vesre

A utilização do *vesre* nos textos arltianos é um problema para o tradutor. Modalidade do lunfardo, o *vesre* é um modo peculiar de falar do portenho que consiste em inverter todas ou algumas sílabas das palavras. Na língua portuguesa este artifício não é de uso corrente; certamente uma tradução francesa não teria maiores problemas neste campo, uma vez que pode contar com o “verlan”.

A princípio, a solução encontrada foi a utilização da “língua do P” numa versão um pouco mais elaborada do que a praticada pelas crianças de São Paulo: consistia em juntar à letra p a vogal de cada sílaba subsequente. Assim, **feca**



(“‘Batente’ noturno”, 8º e 10º parágrafos), que é o vesre de **café**, passaria a ser na tradução, **pacapefé** e **orre** (12º parágrafo) verse de *reo*, **pibilpetre; zabeca** (“Atenti, meu bem, que o tempo passa!”), **pacapebepaça**. Entretanto, a solução foi descartada, pois tornou a leitura difícil, comprometendo a compreensão dos termos, bem como o jogo presente no original.

O passo seguinte foi tentar fazer a inversão também na tradução. Para tal, fundamentei-me em alguns verbetes encontrados no *Dicionário dos Marginais*<sup>83</sup>, a saber:

maca – cama

rogaci – cigarro

Assim, o termo **jovie** seria traduzido por **lhove**, **zabeca** por **çabeca**, **feca** por **feca**, **tegobito** por **digobinho**, **trompa** por **trãopa** :

*Caminaba hoy por la calle Rivadavia, a la altura de Membrillar, cuando vi en una esquina a un muchacho con cara de “jovie”.*

[“Los chicos que nacieron viejos, p.7]

Caminhava hoje pela rua Rivadavia, na altura da Membrillar, quando vi na esquina um rapaz com cara de “**lhove**”. [“Os garotos que nasceram velhos”]

*Y para ahorrarse saliva movía la “zabeca” como mula noriega.*

[“¡Atenti, nena, que el tiempo pasa!”, p.94]

E para economizar saliva movia a “**çabeca**” como uma besta de carga. [“Atenti, meu bem, que o tempo passa!”]

---

<sup>83</sup> TACLA, Ariel. *Dicionário dos Marginais*. Prefácio de Carlos Lacerda. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1981, p.65 e p.79, respectivamente.

*Trabajo —me dice el amigo— de nueve a dos de la madrugada. Es decir, a la hora en que todo el mundo entra al “feca” o apoliya. [“ ‘Laburo’ nocturno”, p.116]*

Trabalho —me disse o amigo— das nove às duas da madrugada. Quer dizer, na hora em que todo mundo vai pro “feca” ou ferra no sono. [“ ‘Batente’ noturno”]

*Cierto es que tu novio tiene cara de zanahoria, con esa nariz fuera de ordenanza y los “tegotitos” como los de una foca. [“¡Atenti, nena que el tiempo pasa!”, p.95]*

É verdade que teu namorado tem cara de banana, com esse naso fora do normal e os “digobinhos” como os de uma foca.

*Como el trompa está de espalda, usted puede limpiarle la caja... [“Conversaciones de ladrones”, p.138]*

Como o traõpa está de costas, o senhor pode limpar o caixa... [“Conversas de ladrões”]

O resultado, no entanto, não foi o esperado. A inversão causou um estranhamento desnecessário, quebrando o ritmo do texto. Descartadas todas estas possibilidades, decidi adotar a mesma solução empregada na tradução da *Obra completa*, de Borges<sup>84</sup> ou seja, traduzir os termos:

*Y para ahorrarse saliva movía la “zabeca” como mula noriega. [“¡Atenti, nena, que el tiempo pasa!”, p.94]*

E para economizar saliva movia a **cabeça** como uma besta de carga. [“¡Atenti, meu bem, que o tempo passa!”]

<sup>84</sup> Sobre essa escolha, esclarece Jorge Schwartz: “a frase *con un feca con leche* foi traduzida por *com um café com leite*, ou *pingado*.” In “Traduzir Borges”. Revista CULT, ano III, ago/1999, p.47.

*Cierto es que tu novio tiene cara de zanahoria, con esa nariz fuera de ordenanza y los “**tegobitos**” como los de una foca. [“Atenti, nena, que el tiempo pasa!”, p.95]*

É verdade que teu namorado tem cara de banana, com esse naso fora do normal e os **bigodinhos** como os de uma foca. [“Atenti, meu bem, que o tempo passa!”]

*Como el **trompa** está de espalda, usted puede limpiarle la caja...*  
[“Conversaciones de ladrones”, p.138]

Como o **patrão** está de costas, o senhor pode limpar o caixa...  
[“Conversas de ladrões”]

A perda do efeito do *vesre* foi recuperada, em alguns casos, com o uso de expressões coloquiais ou com a inserção de italianismos na frase, para manter certo ar de corrupção à norma:

*Caminaba hoy por la calle Rivadavia, a la altura de Membrillar, cuando vi en una esquina a un muchacho con cara de “**jovie**”.*  
[“Los chicos que nacieron viejos”, p.7]

Caminhava hoje pela rua Rivadavia, na altura da Membrillar, quando vi na esquina um rapaz com cara de **Matusalém**. [“Os garotos que nasceram velhos”]

—**Trabajo** —me dice el amigo— de nueve a dos de la madrugada. Es decir, a la hora em que todo el mundo entra al “*feca*” o *apoliya*. [“‘Laburo’ nocturno”, p.116]

—**Pego no batente** —me disse o amigo— das nove da manhã às duas da madrugada. Quer dizer, na hora em que todo mundo vai pro café ou ferra no sono. [“‘Batente’ noturno”]

Por não se tratar de gíria, na tradução, eliminei as aspas presentes no original. A única exceção diz respeito a **velho**, que em algumas “Águas-fortes” é mencionado no sentido de **pai**; nesses casos, mantive entre aspas, já que no português também é empregado nesse mesmo sentido:

*Y junto a una puerta, una silla. Silla donde reposa la vieja, silla donde reposa el “jovie”.* [“Silla en la vereda”, p.66]

E junto de uma porta, uma cadeira. Cadeira onde repousa a velha, cadeira onde repousa o “**velho**”. [“Cadeira na calçada”]

*Es la época en que en los hogares más pobrecitos llega el “jovie”, y secándose con una sábana el sudor de la bocha, exclama: — ¡Ah! ¡Si ganamos la grande!* [“Candidatos a millonarios”, p.156]

É a época em que nos lares mais pobrezinhos chega o “**velho**” e, secando com um lençol o suor da cachola, exclama: — Ah! Se tiramos a sorte grande! [“Candidatos a milionários”]

## 5. Os estrangeirismos

Organismo vivo, o idioma está em constante transformação, seja em virtude de mudanças nos costumes, de inovações tecnológicas e científicas, seja devido a contatos com outras nações e culturas. E é principalmente este último aspecto que nos interessa aqui.

Na definição de Evanildo Bechara, estrangeirismo “é o emprego de palavras, expressões e construções alheias ao idioma e que a ele chegam por empréstimos de outra língua”<sup>85</sup>. Nas *Águas-fortes portenhas* sua ocorrência diz respeito ao léxico e tanto se verifica em palavras com a roupagem estrangeira como “garage”, “camouflage”, “bungalow”, “savoir faire”, “stock”, quanto naquelas já incorporadas

---

<sup>85</sup> BECHARA, Ivanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro, Lucerna, 2000, p.599.

ao idioma, principalmente no que se refere aos italianismos, como “manjados” e “matina”, que serão analisados a seguir, em item específico.

Há momentos, por exemplo, em que o equivalente em português do termo original em espanhol é que é uma palavra estrangeira. É o caso de *bulín*, apartamento de solteiro, muitas vezes destinado a encontros amorosos, que na língua de chegada passou a ser *garçonnière*:

*En cambio, con este “veintecillo” tibio, pronóstico de próximos calores, los sobretodos saltan, y no sólo los sobretodos quedan amurados en un rincón del ropero o del **bulín**, sino que también la fiaca que llevamos infiltrada entre los músculos se despereza y nos hace pensar que de no conseguir... [“El hombre del apuro”, p.126]*

Em compensação, com este “ventinho” morno, prognóstico de próximos calores, os sobretodos caem fora, e não só os sobretodos ficam pendurados num canto do guarda-roupa ou da **garçonnière**, mas também a moleza que levamos infiltrada nos músculos se espreguiça e nos faz pensar que se não conseguirmos... [“O homem da pressa”]

Dita a norma gramatical que tais estrangeirismos devem ser grafados em itálico. No entanto, Roberto Arlt grafa-os entre aspas. A fim de preservar o estilo do autor, o mesmo procedimento foi seguido nesta tradução.

Na tentativa de trazer para a tradução ecos de uma linguagem não contemporânea é que não aportuguesei esses termos —os de roupagem estrangeira—, embora, muitos deles —senão todos—, já tenham sido incorporados ao nosso idioma.

### 5.1 Os italianismos

Arlt insere também palavras italianas em seus textos. Às vezes elas estão com a grafia original —e as mantive assim, como **risotto** em “El ‘furbo’ ”/“O ‘furbo’ ” —

e, às vezes, modificadas pelo autor, como **botiglierías**, que não está dicionarizada. Há **botillería**, que significa botequim e também adegas.

Esses italianismos não ofereceram grandes problemas no processo tradutório pois em São Paulo, devido à forte imigração, muitos vocábulos já foram incorporados à fala corrente.

Em “Laburo nocturno”/“Batente noturno”, encontramos alguns casos de vocábulos italianos incorporados à fala paulistana:

*(...) ... y debido a qué razones su caso escapa a la frenopatía, a la enajenación y penetra en el mundo de los casos racionales y perfectamente “**manyados**” por la casi totalidad de ciudadanos de este país. [p.116]*

(...) ... e devido a que razões seu caso foge à frenopatia, à alienação e penetra no mundo dos casos racionais e perfeitamente “**manjados**” pela quase totalidade dos cidadãos deste país.

*Dame la poesía de la noche y la melancolía del crepúsculo y un escolazo a las tres de la **matina** y una auténtica parrillada criolla a las cuatro horas. [p.117]*

Me dê a poesia da noite e a melancolia do crepúsculo e uma jogatina às três da **matina** e uma churrascada autêntica às quatro horas.

*Mirá: vos lo que tenés que hacer es explicar la psicología de un “orre” en la soledad nocturna, gozando el silencio, laburando solito, amarrocando sus mangos para fin de **setimana**...Eso es lo que tenés que hacer, vos... [p.117]*

Veja: o que você tem que fazer é explicar a psicologia de um biltre na solidão noturna, gozando o silêncio, pegando no batente

sozinho, juntando seus mangos pro fim da **setimana**... Isso é o que você tem que fazer...

**Manyados** foi traduzido por **manjados**, com a mesma conotação de “conhecidos”. O mesmo se deu com **matina**; no mesmo trecho, a colocação pronominal “incorreta”, no início da frase, justifica-se pela prática paulistana, por interferência do italiano. Já com relação ao vocábulo **setimana**, as razões que me levaram a reproduzi-lo tal qual no original foram distintas: “setimana” não é lunfardo nem estrangeirismo corrente na variante rio-platense. Arlt fez uma apropriação do italiano **settimana** alterando a grafia. Ao traduzir, mantive a mesma forma para não descaracterizar esse procedimento tão marcante na sua obra.

Em outros momentos, como em “Entre comerciantes...”, Arlt mescla o italiano com o espanhol, também alterando a grafia da palavra. Assim, **desgraciado** passa a ser **disgraciado**. Novamente, foi mantido o mesmo procedimento na tradução:

*El tendero — Pero Cristo, si tiene una cara de “disgraciado”...*

[p.123]

O lojista — Mas Cristo, se tem uma cara de “disgraçado”...

O mesmo ocorre em “La vida contemplativa”/ “A vida contemplativa”, em que Arlt introduz o termo **farnientesco**, mescla de italianismo com espanhol, derivado da expressão italiana **dolce far niente**:

*Al día siguiente repitió el programa “farnientesco”. [p.152]*

No dia seguinte, repetiu o programa “farnientesco”.

Mantive também como no original a interjeição **atenti**, da “Água-forte” “¡Atenti, nena, que el tiempo pasa!”/ “Atenti, meu bem, que o tempo passa!” pois

me pareceu que esta forma dá mais força à expressão do que a tradução “**Atenção**, meu bem, que o tempo passa”, recuperando assim, o efeito do original:

*¡Atenti, nena, que el tiempo pasa! [p.94]*

**Atenti**, meu bem, que o tempo passa!

Já a palavra italiana **baffi** —presente “Silla en la vereda”/“Cadeira na calçada”— foi traduzida para tornar o texto compreensível, já que a reação mais imediata é pensar em **bafo**, no português, o que absolutamente não corresponde ao real significado do termo. No lunfardo também há o mesmo termo utilizado por Arlt, mas é grafado com apenas uma letra “f”: bafi. O efeito foi recuperado na mesma frase, com a introdução de termo italiano um pouco mais conhecido do leitor brasileiro:

*Y don Pascual sonríe y se atusa los “baffi”, que bien sabe por qué el mocito le pregunta cómo le va. [p.65]*

E don Pascual sorri e alisa os bigodes, que bem sabe por que o “**ragazzino**” lhe pergunta como vai.

O mesmo procedimento foi utilizado em “El enfermo profesional”/“O doente profissional”, com a diferença de que o termo italiano original foi traduzido não devido à sua incompreensão mas para que o texto tivesse melhor fluência:

*Cuerpo largo, endeble, cabeza pequeña, ojos hundidos, la tez amarilla y la **parla** fatigosa como de hombre que regresa de un largo viaje. [p.171]*



Corpo comprido, franzino, cabeça pequena, olhos afundados, uma **faccia** amarela e a fala fatigosa como do homem que regressa de uma longa viagem.

A inserção do termo **faccia** na tradução justifica-se também pelo fato de que em “El hombre de la camiseta calada”/“O homem da camisa de fundo” há o termo **facha**, igualmente traduzido por **faccia**.

*Luego una escalerita de mármol sucio, y en el último peldaño, solitario, en mangas de camiseta calada, erguidos los mostachos, cetrina la **facha**, renegrída la melena, agria la pupila, calzando alpargatas, está sentado el guardián del umbral, el legítimo esposo de la planchadora. [p.18]*

Depois, uma escadinha de mármore sujo e, no último degrau, solitário, em mangas de camisa de fundo, erguidos os bigodes, citrina a **faccia**, enegrecida a melena, azeda a pupila, calçando alpargatas, está sentado o guardião do umbral, o legítimo esposo da passadeira.

O mesmo termo **faccia** foi introduzido apesar de não constar no texto original, a fim de manter a *foné*, na língua de chegada, tão característica do texto arltiano:

*Los dos vagos intercambian palabras fiacosas. Lentas. Palabras que son así: “¿Te dije que estuve en lo de Pedro?” Y al rato, nuevamente: “¿Te dije? Lo vi a Pedro”. Y a los quince minutos: “Pedro está bien, ¿sabés?” Y a los otros cinco minutos: “Y qué es lo que te dijo Pedro”. Diálogo fiacoso, con las **jetas arrugadas**, la nariz como oliendo la proximidad de la fiera: trabajo; los ojos rebotados bajo los párpados en la distancia de los árboles verdes*

*que decoran la callejuela del barrio sábalo.* [“La vida contemplativa”, pp.153-154]

Os dois vadios intercambiam palavras preguiçosas. Lentas. Palavras que são assim: “Te disse que estive na casa do Pedro?” E pouco depois, novamente: “Te disse? Vi o Pedro”. E depois de quinze minutos: “O Pedro está bem, sabe?” E depois de outros cinco minutos: “E o que é que o Pedro te disse.” Diálogo preguiçoso, com as **faccias amarfanhadas**, o nariz como que farejando a proximidade da fera: trabalho; os olhos rebotados sob as pálpebras na distância das árvores verdes que decoram a viela do bairro-lambari. [“A vida contemplativa”]

Como se pode notar, vários foram os critérios adotados na tradução dos estrangeirismos, pois nem sempre se consegue, seguindo uma única orientação, recriar o mesmo efeito do original na língua de chegada.

## 5.2 Termos deixados no original

Uma vez que estas crônicas são, especificamente, sobre a cidade de Buenos Aires, oferecem vários termos que são tipicamente portenhos, como **compadrito**, por exemplo, usado para designar o sujeito vulgar, briguento, fanfarrão. Haveria, talvez, a possibilidade de traduzi-lo por **malandro**, que não revela toda a riqueza do **compadrito**. Além do mais, os portenhos têm também a figura do **malandrín**. O mesmo ocorre com **criollo**. Por não termos um equivalente satisfatório em português, optei por deixá-los no original, em itálico, assim como suas variantes, como **criollaza** e **compadrón**. Como fundamentação desta posição, cito o professor Jorge Schwartz, em artigo a respeito da tradução da *Obra completa*, de Jorge Luis Borges:

Das pouquíssimas palavras que decidimos manter no original, para não prejudicar justamente o valor contextual, uma delas foi

*compadrito*: típico termo argentino usualmente aplicado ao indivíduo vulgar, fanfarrão, briguento, valentão; também ao rufião, ao sujeito ruim. Então, não que não existam equivalências, mas nenhuma delas chegaria à riqueza da proposta pela vibração argentinizante do *compadrito*.<sup>86</sup>

O mesmo se deu com **pasodoble**, **puchero** e **chinchulines**. Por serem tipicamente rio-platenses, deixei-os no original, em itálico. Cabe salientar que não há o perigo de esses termos serem confundidos com alguns escritos originalmente por Arlt, uma vez que ele raramente utiliza o itálico nas “Águas-fortes portenhas”, aparecendo, preponderantemente em títulos de obras mencionadas pelo cronista.

*Una campana, el bombo, la Marcha Real Española, el Himno Nacional, y un **pasodoble**, le hacen el tren al salón casi vacío de concurrencia.* [“Engañando al aburrimiento”, p.111]

Um sino, um bumbo, a Marcha Real Espanhola, o Hino Nacional e um **pasodoble**, dão o tom no salão quase vazio. [“Enganando o tédio”]

*Luego el término trascendió por su musicalidad. La frasecita halagaba los oídos hechos al bronco amargor del acordeón; y un vendedor de **pucheros** podridos y de **chinchulines** pasados, le puso como título a su almacén: “El Garrón”.* [“El parásito jovial”, p.108]

Logo o termo transcendeu por sua musicalidade. A frasezinha afagava os ouvidos formados pelo tosco amargor do acordeão; e um vendedor de **pucheros** podres e de **chinchulines** passados, colocou-o como título do seu armazém: “El Garrón”. [“O parasita jovial”]

No entanto, em certas ocorrências preferi traduzir esses mesmos termos, por fazerem parte de expressões com equivalentes em português:

---

<sup>86</sup> SCHWARTZ, Jorge. “Traduzir Borges” in revista CULT n°25, ano III, p. 45.

El siniestro mirón (*gozándolo al tendero*). —*Yo también tengo el pálpito que ése se funde.*

El tendero. —*Quiere que le enseñe los libros de contabilidad? El balance? Cristo! Si hoy uno ni saca para el puchero.* [“Entre comerciantes...”, p.121]

*O sinistro olheiro* (gozando do lojista) — Eu também tenho o palpite que esse aí vai falir.

*O lojista* — Quer que lhe mostre os livros de contabilidade? O balanço? Cristo! **Se hoje a gente não tira nem pro bonde.** [“Entre comerciantes”]

*A mí, dame variación. Dame la poesía de la noche y la melancolía del crepúsculo y un escolazo a las tres de la matina y una auténtica parrillada criolla a las cuatro horas.* [“ ‘Laburo’ nocturno”, p.117]

Me dê variação. Me dê a poesia da noite e a melancolia do crepúsculo e uma jogatina às três da matina e uma **churrascada autêntica** às quatro horas. [“ ‘Batente’ noturno”]

Em algumas crônicas Arlt explica o significado e origem de determinadas palavras do lunfardo. Dado esse caráter “didático”, optei por deixar tais termos no original. É o caso de “Origem divertida da palavra ‘squenun’ ”, O ‘furbo’ ”, “A origem de algumas palavras do nosso léxico popular”, “Apontamentos sobre o homem que ‘se tira a muerto’ ” e “A vida contemplativa”. Cito apenas dois fragmentos, a título de ilustração:

*En nuestro país, en nuestra ciudad mejor dicho, la palabra “squenun” se aplica a los poltrones mayores de edad, pero sin tendencia a ser compadritos, es decir, tiene su exacta aplicación cuando se refiere a un filósofo de azotea, a uno de esos perdularios grandotes, estoicos, que arrastran las alpargatas para ir al almacén a comprar un atado de cigarrillos, y vuelven luego a*

*su casa para subir a la azotea donde se quedarán tomando banõs de sol hasta la hora de almorzar, indiferentes a los rezongos del “viejo”, un viejo que siempre está podando la viña casera y que gasta sombrero negro, grasiento como el eje de un carro. [“Divertido origen divertida de la palabra ‘squenun’ ”, p.43]*

Em nosso país, em nossa cidade, melhor dizendo, a palavra **“squenun”** se aplica aos poltrões maiores de idade, mas sem tendência a ser *compadritos*, isto é, tem sua exata aplicação quando se refere a um filósofo de botequim, a um desses perdulários grandalhões, estóicos, que arrastam as alpargatas para ir ao armazém comprar um maço de cigarros, e em seguida voltam para casa para subir ao terraço onde ficarão tomando banho de sol até a hora de almoçar, indiferentes aos resmungos do “velho”, um velho que sempre está podando a vinha caseira e que usa chapéu preto, graxento como o eixo de um carro. [“Origem divertida da palavra ‘squenun’ ”]

*La “fiaca” en el dialecto genovés expresa esto: “Desgano físico originado por la falta de alimentación momentánea.” Deseo de no hacer nada. Languidez. Sopor. Ganas de acostarse en una hamaca paraguaya durante un siglo. Deseos de dormir como los durmientes de Éfeso durante ciento e pico de años. [“El origen de algunas palabras de nuestro léxico popular”, p.40]*

A **“fiaca”** no dialeto genovês expressa isto: “Desânimo físico originado pela falta de alimentação momentânea”. Desejo de não fazer nada. Languidez. Torpor. Vontade de deitar numa rede durante um século. Desejos de dormir como os dormentes de Éfeso durante uns cento e tantos anos. [“Divertida origem de algumas palavras do nosso léxico popular”]

Nas crônicas seguintes, onde estes termos reaparecem, optei pela tradução, com exceção de **squenun**, que no próprio lunfardo tem significado obscuro, mas explicado no texto. Cito mais dois casos, a título de ilustração:

*Parece mentira; el noventa y nueve por ciento de los casos de mirones que he estudiado, presentaba la particularidad psicológica de una **fiaca** sumada a la economía de una rentita atorranta. [“El siniestro Mirón”, p.53]*

Parece mentira; noventa e nove por cento dos casos de olheiros que estudei apresentava a particularidade psicológica de uma **moleza** somada à economia de uma rendinha mixuruca. [“O sinistro Olheiro”]

*Frecuentemente el hermanito coimero es un **furbo**. Sabe que lo mandan a vigilar a la hermana y encuentra un secreto placer en arruinarle el estofado a los enamorados. [“El hermanito coimero”, p.134]*

Freqüentemente, o irmãozinho propineiro é um **safado**. Sabe que o mandam vigiar a irmã e encontra um prazer secreto em acabar com a festa dos apaixonados. [“O irmãozinho propineiro”]

## 6. Efeitos arcaizantes

Uma vez que as “Águas-fortes portenhas” são crônicas sobre a cidade de Buenos Aires dos anos 1920-30, procurei, como já foi dito, trazer para a tradução ecos de uma linguagem não tão atual. Um exemplo dessa tentativa está em “‘Laburo’ nocturno”/“ ‘Batente’ noturno”, em que a palavra **mango** existe nos dois idiomas, com o mesmo significado. Se eu optasse por **grana**, por exemplo, soaria muito atual. O mesmo caso aparece em “El hombre del apuro”/“O homem da pressa”, apenas com um outro termo:

*¾ Nena, dame quince **guitas** para un paquete de cigarrillos.*

[p.126]

— Princesa, me dá quinze **pratas** para um maço de cigarros.

E, em “Molinos de viento en Flores”/“Moinhos de vento em Flores”, temos a palavra **cinematógrafo**, ao invés de **cine**, que Arlt utiliza em outras ocasiões. Neste caso, houve completa correspondência na tradução, uma vez que também encontramos **cinematógrafo** no português:

*El primer **cinematógrafo** se llamaba “El Palacio de la Alegría”.*

[p.13]

O primeiro **cinematógrafo** se chamava “O Palácio da Alegria”.

A palavra **vitrola**, presente na crônica “La tragédia de un hombre honrado”/ “A tragédia de um homem honrado” pode ser considerada antiga, na medida em que tal aparelho é hoje denominado simplesmente como **som**:

*Bueno: este hombre honrado tiene una esposa honrada. A esta esposa honrada la há colocado a cuidar la **victrola**. Dicho procedimiento le ahorra los ochenta pesos mensuales que tendría que pagarle a un victrolista. [p.55]*

Bom: este homem honrado tem uma esposa honrada. Colocou esta esposa honrada para cuidar da **vitrola**. Tal procedimento lhe poupa os oitenta pesos mensais que teria que pagar a um vitrolista.

## 7. Diferenças entre as edições

Ao longo de toda a obra de Roberto Arlt é comum notar diferenças significativas entre as várias edições: seja porque, devido à fama de que escrevia mal, os editores resolviam “corrigir” seu texto, seja por falha editorial mesmo. Às

vezes é só uma palavra que muda, às vezes um parágrafo inteiro desaparece em determinada edição e reaparece em outra.

Dentre as cinco edições já mencionadas que serviram de fonte para esta tradução, notei alguns erros tipográficos, que passarei a descrever.

Em “El hombre de la camiseta calada”/“O homem da camisa de fundo”, por exemplo, há a ocorrência de troca de letras, comprometendo o sentido da frase. Justamente por ter me parecido estranho é que recorri ao cotejo:

—Hay que resignarse, señora. La vida es así. Tome ejemplo de mí.  
Yo no me aflijo por nada. —**Había** poco y sesudamente. [**Losada**  
(3ª e 7ª ed): p.20]

—Hay que resignarse, señora. La vida es así. Tome ejemplo de mí.  
Yo no me aflijo por nada. **Habla** poco y sesudamente. [**Losada**  
**R.A:** p.47]

—Hay que resignarse, señora. La vida es así. Tome ejemplo de mí.  
Yo no me aflijo por nada. —**Habla** poco y sesudamente. [**Carlos**  
**Lohlé:** p.53]

Neste caso, fica evidente que não se poderia utilizar **había/havia**, pois não faria sentido. Note-se ainda que, no segundo fragmento, apesar de a palavra estar grafada da forma correta, dando sentido ao texto, faltou o travessão indicativo da fala do narrador. Na tradução, o trecho figurou da seguinte forma:

—É preciso se resignar, senhora. A vida é assim. Siga meu  
exemplo. Eu não me aflijo com nada. <sup>3</sup>/<sub>4</sub>**Fala** pouco e sisudamente.

O mesmo tipo de ocorrência verifiquei em “El próximo adoquinado”/“O próximo calçamento”:



Este tipo de propietario limita con preferencia con el rematador **aficionado**, mientras que el otro, que no es progresista sino misho, constituye un espécimen digno de un estudio de Last Reason o Félix Lima. [Losada (3ª e 7ª ed.): p.80]

Este tipo de propietario limita con preferencia con el rematador **aficionado**, mientras que el otro, que no es progresista sino misho, constituye un espécimen digno de un estudio de Last Reason o Félix Lima. [Losada R.A: p.103; Carlos Lohlé: p.103 ]

Para traduzir, tomei como fonte o segundo fragmento:

Este tipo de propietario limita de preferência com o rematador **aficionado**, enquanto o outro, que não é progressista e sim mixo, constitui um espécime digno de um estudo de Last Reason ou Félix Lima. [“O próximo calçamento”]

Em “¡Atenti, nena, que el tiempo pasa!”/“Atenti, meu bem, que o tempo passa!” o problema foi outro: a inversão da posição de uma letra: **atimada/taimada**

Pensá que a los hombres no les gustan las novias silenciosas, porque barruntan que bajo el silencio se esconde una mala pécora y una tía **atimada**, zorrina y broncosa. [Losada: p.97; Carlos Lohlé: p.116; Biblioteca Página 12: p.46]

Pensá que a los hombres no les gustan las novias silenciosas, porque barruntan que bajo el silencio se esconde una mala pécora y una tía **taimada**, zorrina y broncosa. [Losada R.A: p.119]

Depois de procurar em vários dicionários a palavra **atimada**, sem sucesso, me dei conta de que realmente se tratava de um erro tipográfico e que deveria considerar, em espanhol, o termo **taimada**, aqui traduzido por **matreira**:

Pense que os homens não gostam das namoradas silenciosas, porque desconfiam que sob o silêncio se esconde uma boa bisca e uma tipa **matreira**, astuta e raivosa.

Em “Candidatos a millonarios”/“Candidatos a milionários”, sem fazer um cotejo, pode-se cair na falsa idéia de que Arlt incorreu em uma silepse. Vejamos:

Y usted puede observar que el aficionado no espera sacar una fortuna, sino que limita sus más extraordinarias ambiciones a ganarse unos doscientos pesos, **convencidos** de que nunca saldrá de ese riel de mishadura en la que lo colocó su destino arruinado. [Losada (3ª e 7ª ed.): p. 155]

Y usted puede observar que el aficionado no espera sacar una fortuna, sino que limita sus más extraordinarias ambiciones a ganarse unos doscientos pesos, **convencido** de que nunca saldrá de ese riel de mishadura en la que lo colocó su destino arruinado. [Losada R.A: p.175; Carlos Lohlé: p.165; Biblioteca Página 12: p.77]

O mesmo ocorre em “Conversaciones de ladrones”/“Conversas de ladrões”:

—Lo que es ahora el oficio está arruinado. **Se han llenado** de mocosos batidores. Cualquier gil quiere ser ladrón. [Losada (3ª e 7ª ed.): p.137; Biblioteca Página 12: p.65; Carlos Lohlé: p.150]

—Lo que es ahora el oficio está arruinado. **Se ha llenado** de mocosos batidores. Cualquier gil quiere ser ladrón. [Losada R.A: p. 158]

Em relação às duas últimas “Aguafuertes” citadas, o que me levou a deduzir que se tratava de um erro tipográfico e não de Arlt foi, justamente, a diferença entre as edições, pois as silepses propriamente ditas —tratadas em item anterior— foram reproduzidas tal e qual encontrei nas cinco edições consultadas. Assim, os respectivos fragmentos foram traduzidos da seguinte forma:

E você pode observar que o aficionado não espera tirar uma fortuna, e sim que limita suas mais extraordinárias ambições a ganhar uns duzentos pesos, **convencido** de que nunca sairá desse trilho de mixaria em que seu destino arruinado o colocou. [“Candidatos a milionários”]

— Do jeito que está agora o ofício, está arruinado. **Se encheu** de remelentos que dão com a língua nos dentes. Qualquer tonto quer ser ladrão. [“Conversas de ladrões”]

## 8. Glossário

Ao longo do processo de tradução das *Águas-fortes portenhas* fiz um levantamento lexicográfico dos termos recorrentes nesta obra, fossem eles lunfardismos ou não, e organizei-os sob a forma de glossário, que poderá servir de material de consulta para futuras traduções.

Os seguintes critérios foram adotados: traduzir os termos lunfardos por termos da gíria brasileira (paulistana); depois, inserir o parágrafo em que tal termo se encontra e a crônica a que se refere, seguido da tradução. A primeira acepção que consta neste glossário é a que foi escolhida para esta tradução; em alguns casos, inseri outras possíveis opções, a título de ilustração. Alguns termos admitiram, nesta tradução, duas acepções; nestes casos, elas foram enumeradas, dentro do próprio verbete. Em alguns casos, embora a segunda acepção não esteja presente nas “Águas-fortes portenhas” pareceu-me interessante mencioná-la, ao menos.

A inserção, tanto do original quanto da tradução de trechos às vezes um tanto extensos, é fruto do vício tradutório de contextualizar os termos, pois é exatamente o contexto que vai determinar o significado a ser utilizado. Com exceção apenas de alguns parágrafos realmente muito extensos, a maioria apresenta-se na íntegra. Em alguns verbetes, incluí ainda sua etimologia, recolhida entre dicionários de lunfardo, argot e glossários relativos à obra de Roberto Arlt, ao tango e aos italianismos.

## **GLOSSÁRIO**

### **Abreviaturas utilizadas, em ordem alfabética**

*Adj.* = adjetivo

*Exp.* = expressão

*Interj.* = interjeição

*It.* = italiano

*Ling. geral* = linguagem geral

*Lunf.* = lunfardo

*Pop.* = popular

*S.* = substantivo

*V.* = verbo

**ACOMODARSE** *V. Lunf.* Ajeitar-se, dar-se bem, ter vida mansa: (...) *si yo fuera consejal de un partido, de ningún modo escribiría notas, sino que me dedicaría a dormir truculentas siestas y a “acomodarme” con todos los que tuvieran necesidad de un voto para hacer aprobar una ordenanza que les diera millones.* < “Yo no tengo la culpa” >, (...) se eu fosse conselheiro de algum partido, de nenhum modo escreveria notas e, sim, me dedicaria a dormir truculentas sestras e a me “ajeitar” com todos os que tivessem necessidade de um voto para fazer aprovar um regulamento que lhes desse milhões.

**AFLOJAR** *V. Lunf.* Soltar, dar, ceder: *Y la damnificada afloja la mosca, afloja las chirolitas, pensando: — Si acierto le compro unos botines al pibe. O me compro un par de medias.* < “La mujer que juega a la quiniela” >, E a coitada solta a gaita, solta os cobres, pensando: —Se acertar, compro um par de botinas pro garoto. Ou me compro um par de meias.

**ALACRANERÍA** *S.Pop.* Fuxico, bisbilhotice, mexerico, fofoca: *Y esa habilidad extraordinaria la han desarrollado hasta lo maravilloso por su ilimitado amor a la alacranería* < “¿No se lo decía yo?” >, E essa habilidade extraordinária a desenvolveram que é uma maravilha, por seu ilimitado amor ao fuxico.

**ALCAHUCILEAR** *V. Pop.* Dedurar, alcagüetar, denunciar: (...) *la chapa en la puerta, bate prepotencia de desahogo económico, alcahucilea vida tranquila mientras que los enfermos auténticos pasan de largo y miran con desconfianza perfectamente visible el cuento de “se atiende de hora tal a cual.* < “Persianas metálicas y chapas de doctor” >, (...)a placa, na porta, delata ares de desafogo econômico, dedura vida tranqüila, enquanto os autênticos doentes passam rapidamente e olham com desconfiança perfeitamente visível o conto de “atende-se de tal a tal hora”.

**ALMACÉN S.** Armazém, empório, mercearia, venda. *Bueno, esos grandotes que no hacían nada, que siempre cruzaban la calle mordiendo un pan y con gesto huido, estos “largos” que se pasaban la mañana sentados en una esquina o en el umbral del despacho de bebidas de un almacén, fueron los primitivos “fiacunes”.* < “El origen de algunas palabras de nuestro léxico popular” >, Bom, esses grandalhões que não faziam nada, que sempre atravessavam a rua mordendo um pão e com gesto fugidio, estes “pirulões” que passavam a manhã sentados numa esquina ou no umbral do bar de um armazém, foram os primitivos “fiacunes”.

**ALLANAMIENTO S.** Batida policial: *En los allanamientos de timbas baratas, la policía suele detener frecuentemente a jugadores turquescos que se pierden la mercería en un problemático juego de azar, (...).* < “El turco que juega y sueña” >, Nas batidas em casa baratas de carteadado, a polícia costuma deter frequentemente jogadores com cara de turco que perdem a mercadoria num problemático jogo de azar (...).

**AMARROCADOR DE VENTO S.** *Lunf.* Unha-de-fome, pão-duro, mão-de-vaca: *Los propietarios o amarrocadores de viento se pueden dividir en dos categorías: progresistas y mishos.* < “El próximo adoquinado” >, Os proprietários ou unhas-de-fome podem ser divididos em duas categorias: progressistas e mixos.

**AMARROCAR V.** *Lunf.* Juntar, reunir: *Mirá: vos lo que tenés que hacer es explicar la psicología de un “orre” en la soledad nocturna, gozando el silencio, laburando solito, amarrocando sus mangos para fin de semana...* < “ ‘Laburo’ nocturno” >, Olha: o que você tem que fazer é explicar a psicologia de um biltre na solidão noturna, gozando o silêncio, pegando no batente sozinho, juntando seus mangos para o fim da semana...

**APOLIYAR V.** *Lunf.* Ferrar no sono: *Luego volvió la cabeza para el muro; se tapó la porra con la sábana y apoliyó hasta las tres de la tarde.* < “La vida contemplativa” >, Em seguida virou a cabeça para a parede; cobriu a juba com o lençol e ferrou no sono até as três da tarde.

**ARRUINAR EL ESTOFADO** *gíria* : Acabar com a festa de alguém, acabar com a alegria de alguém: *Frecuentemente el hermanito coimero es un furbo. Sabe que lo mandan a vigilar a la hermana y encuentra un secreto placer en arruinarle el estofado a los enamorados.* < “El hermanito coimero” > Freqüentemente, o irmãozinho propineiro é um safado. Sabe que o mandam vigiar a irmã e encontra um prazer secreto em acabar com a festa dos apaixonados.

**ATENTI** [Do it. **Attento** ] *Interj. Lunf.* Atenção, cuidado: *¡Atenti, piba, que los siglos corren!* < “¡Atenti, nena, que el tiempo pasa!” >, *Atenti, garota, que os séculos correm!*

**ATORRANTA** *Adj. Lunf.* Vagabunda, de quinta categoria: (...) *estos barrios porteños, largos, todos cortados con la misma tijera, todos semejantes con sus casitas atorrantas, sus jardines con la palmera al centro y unos yuyos semiflorecidos que aroman como si la noche reventara por ellos el apasionamiento que encierran las almas de la ciudad; (...).* < “Silla en la vereda” >, (...) estes bairros portenhos, compridos, cortados com a mesma tesoura, todos parecidos com suas casinhas vagabundas, seus jardins com a palmeira ao centro e um mato semiflorido que perfuma como se a noite arrebentasse por eles a paixão que encerram as almas da cidade; (...).

**ATORRANTE** *Adj. Lunf.* Designava a pessoa que, sem ter onde morar, pernoitava nos canos de concreto da marca inglesa A Tarrant. Por isso, passou a significar vagabundo, pessoa sem trabalho, que vive de esmolas. **1.** Vagabundo: *Vemos en él simbolizadas las virtudes de esa raza de vagos y atorrantes (...)* < “El ‘furbo’ ”>, *Vemos simbolizadas nele as virtudes dessa raça de desocupados e vagabundos (...);* **2.** De quinta [categoria]: *Cuando con tu estatura, tu jeta adulona, tus ojos grasientos y el bigodito atorrante que has echado, se tiene la audacia de decir que se ha nacido en cuna de oro, es indiscutible que la tal cuna ha sido como un tacho de basura.* < “ ‘Cuna de oro’ y ‘pañales de seda’ ”>, *Quando com tua estatura, tua fuça adulatora, teus olhos gordurentos e o bigodinho de quinta que deixou crescer,*



se tem a audácia de dizer que nasceu em berço de ouro, é indiscutível que o tal berço foi algo como um cesto de lixo.

**ATORRANTEAR** *V. Lunf.* Vagabundear: *Quiero andar atorranteando tranquilamente solo, sin una tía a la cola que me cuenta historias pueriles y manidas...* < “Diálogo de lechería” >, Quero andar vagabundeando tranquilamente sozinho, sem uma tipa no pé que me conte histórias pueris e chochas...

**ATORRANTISMO** Malandragem, vagabundagem: *La calle que es linda de recorrer de punta a punta porque es calle de vagancia, de atorrantismo, de olvido, de alegría, de placer.* < “La calle Corrientes no cambiará con el ensanche” >, A que é linda de percorrer de ponta a ponta porque é rua de vadiagem, de malandragem, de esquecimento, de alegria, de prazer.

**AUTOENGRUPIDA** *Adj. Lunf.* Convencida, presunçosa: *Juro que la autoengrupida no pronunció media docena de palabras durante todo el viaje (...).* < “¡Atenti, nena, que el tiempo pasa!” >, Juro que a convencida não pronunciou meia dúzia de palavras durante toda a viagem (...).

**BADULAQUE** *S.* Traste: *Yo no sé a “quién” sale tan serio. Al padre, no puede ser, porque el padre es un badulaque de marca mayor.* < “Los chicos que nacieron viejos” >, — Eu não sei de “quem” ele puxou tanta seriedade. Do pai, não pode ser, porque o pai é um traste de marca maior.

**BAFFI** [**em it.**] *S.* Bigodes. Arlt mantém a palavra “baffi” em italiano. Em lunfardo, **bafi** tem o mesmo significado mas é escrito com uma só letra *f*: *Y don Pascual sonríe y se atusa los “baffi”, que bien sabe por qué el mocito le pregunta cómo le va.* < “Silla en la vereda” >, E don Pascual sorri e alisa os bigodes, que bem sabe por que o “ragazzino” lhe pergunta como vai.

**BAR AUTOMÁTICO** *S.* Muito comum em Buenos Aires nas décadas de 1920/30, tratava-se de uma vitrine com sanduíches; bastava inserir uma moeda e retirar o sanduíche: *Frente a las vidrieras de las agencias de automóviles, hay detenidos, a toda hora, zaparrastrosos inverosímiles, que relojean una máquina de diez mil para arriba y piensan si ésa es la marca que les conviene comprar,*

*mientras estrujan en el bolsillo la única monedita que les servirá para almorzar y cenar en un bar automático.* < “Candidatos a millonarios” >, Diante das vitrines das agências de automóveis, há, parados, a toda hora, maltrapilhos inverossímeis, que ficam espiando uma máquina de dez mil para cima e pensam se essa é a marca que lhes convém comprar, enquanto espremem no bolso a única moedinha que lhes servirá para almoçar e jantar num bar automático.

**BARATIERI** [ em it.] *Adj. Lunf.* Baratieri, barato, de má qualidade: *Encanto mafioso, dulzura mistonga, ilusión baratieri, ¡qué sé yo qué tienen estos barrios!* < “Silla en la vereda” >, Encanto mafioso, doçura rastaqüera, ilusão baratieri, sei lá eu o que todos estes bairros têm!

**BARRA** *S. Lunf.* Turma: *Una barra de pebetes, a mis espaldas, en las graderías, hace crítica objetiva sobre los pencos.* < “Visita al ‘tattersal’ reo” >, Uma turma de moleques, às minhas costas, nas escadarias, tece crítica objetiva sobre os pangarés.

**BATACLANA** *S. Lunf.* De Ba-Ta-Clan, nome de um teatro frívolo de Paris (do fr. **bataclan**: barafunda, algazarra) [in GOBELLO, Jose. *Nuevo diccionario lunfardo*, p.32]. **Ling. geral:** Corista, vedete, bailarina de revista: *Para que lo contemplen todas las aprendizas de bataclanas, para que su metal y su espíritu se impregnen del perfume de las hetairas que pasan (...)* < “No era ése el sitio, no...” >, Para que o contemplem todas as aprendizas de coristas, para que seu metal e seu espírito se impregnem do perfume das cortesãs que passam (...)

**BATIR** *V. Lunf.* **1.** Dar com a língua nos dentes, delatar, desembuchar.: —*Lo que es ahora el ofício está arruinado. Se han llenado de mocosos batidores. Cualquiera gil quiere ser ladrón.* < “Conversaciones de ladrones” >, — Do jeito que está agora o ofício, está arruinado. Encheu-se de remelentos que dão com a língua nos dentes. Qualquer tonto quer ser ladrão. **2.** Dizer na cara: *Cierto es que año tras año cualquiera de los propietarios de las covachas le bate a usted esperando: “Progresamos. Hoy la Municipalidad dispuso que se adoquinara la calle El Asalto”.* < “El próximo adoquinado” >, É verdade que, ano após ano, qualquer dos

proprietários das bibocas diz na sua cara, esperançoso: “Progredimos. Hoje a Prefeitura determinou que se colocasse paralelepípedos na rua O Assalto”.

**BELLACO S.** Velhaco, tratante: *Siempre fue así, bellaco y tramposo, y simulador como él solo.* < “El hombre corcho” >, Sempre foi assim, velhaco e trapaceiro e simulador como ele só.

**BERGANTE S.** Patife: *Un buen día el bergante desaparece, y todas las comadres, recordando la predicción de la condenada vieja, exclaman: —Pero, ¿había visto? ¡Qué olfato tiene doña María!* < “¿No se lo decía yo?” >, Um belo dia, o patife desaparece, e todas as comadres, recordando a premonição da condenada velha, exclamam: — Já viu isso? Que faro a dona Maria tem!

**BIÓGRAFO S.** Lunf. Cinema, cinematógrafo: *Qué harían con el dinero? No trabajar, aburrirse, adquirir vicios estúpidos, mirar las fachadas de las casas, ir a una sección de biógrafo, y eso es todo.* < “Candidatos a millonarios” >, Que fariam com o dinheiro? Não trabalhar, se entediar, adquirir vícios estúpidos, olhar as fachadas das casas, pegar uma sessão, e isso é tudo.

**BOCHA S.** Lunf. Cachola, cuca, coco, cabeça: *Es la época en que en los hogares más pobrecitos llega el “jovie”, y secándose con una sábana el sudor de la bocha, exclama: — ¡Ah! ¡Si ganamos la grande!* < “Candidatos a millonarios” >, É a época em que nos lares mais pobrezinhos chega o “velho” e, secando com um lençol o suor da cachola, exclama: — Ah! Se tiramos a sorte grande!

**BOLA S.** Boato: *Pero no; la bola no era grupo, el laburo tampoco era ataque de enajenación, y los vecinos, después de carpetear durante una semana el caso, se llamaron a sosiego (...).* < “ ‘Laburo’ nocturno” >, Mas não; o boato não era brincadeira, o batente tampouco era ataque de alienação, e os habitantes, depois de especular sobre o caso durante uma semana, sossegaram (...).

**BOTIGLIERÍA S.** Mescla de italiano e espanhol. (Esp. botillería: botequim): *Sí... hubiera sonreído al amanecer, cuando el sol alumbra las cornisas de los rascanubes y la calle, repleta de sombras azules y cajones de basuras, ostenta mozos que con delantal de carpintero barren los zaguanes y friegan los mármoles*

de las “botiglierías”. < “No era ése el sitio, no...” >, É... teria sorrido ao amanhecer, quando o sol ilumina as cornijas dos arranha-nuvens e a rua, repleta de sombras azuis e latas de lixo, ostenta garçons que com avental de carpinteiro varrem os saguãos e esfregam os mármore das “adegas”.

**BRONCA S.** Gana, raiva: *Competidor que va antecedido de una comparsa de mirones siniestros que la gozan formidablemente con el volcán de bronca que se ha despertado en el viejo comerciante al que se le aparece del día a la noche, en el barrio, un nuevo rival.* < “Entre comerciantes” >, Concorrente que vai antecedido de um bando de olheiros sinistros que gozam formidavelmente com o vulcão de gana que foi despertado no velho comerciante a quem aparece, da noite para o dia, no bairro, um novo rival.

**BRNCOSO Adj.** Lunf. Cheio de gana; zangado, furioso: *Quería mirarme, pero no demostrarme su deseo de que me observaba, y como quien no quiere la cosa dio un rodeo frente a mi hamaca, mientras con el rabo del ojo me soslayaba broncoso.* < “Ni los perros son iguales” >, Queria me olhar, mas não me demonstrar seu desejo de que me observava e, como quem não quer nada, deu uma volta diante da minha rede, enquanto com o rabo do olho me espreitava cheio de gana.

**BULÍN S.** Lunf. [Do argot **boulin**] Garçonnière, apartamento para encontros amorosos: *En cambio, con este “veintecillo” tibio, pronóstico de próximos calores, los sobretodos saltan, y no sólo los sobretodos quedan amurados en un rincón del ropero o del bulín, sino que también la fiaca que llevamos infiltrada entre los músculos se despereza y nos hace pensar que de no conseguir...* < “El hombre del apuro” >, Em compensação, com este “ventinho” morno, prognóstico de próximos calores, os sobretudos pulam, e não só os sobretudos ficam pendurados num canto do guarda-roupa ou da garçonnière, mas também a moleza que levamos infiltrada nos músculos se espreguiça e nos faz pensar que se não conseguirmos...

**BUSCAR LA VIDA V.** Lunf. virar-se para ganhar a vida: *Entre todos de la familia que se buscan la vida de mil maneras él es el único indiferente a la riqueza, al ahorro, al porvenir.* < “Divertido origen de la palabra ‘squenun’ ” >, Entre todos da

família que são ativos e que se viram de mil maneiras, ele é o único indiferente à riqueza, à poupança, ao porvir.

**CACHETADA** *S.* Tapa, bofetada. *Otras veces lo inesperado es una señora dándose de cachetadas con su vecina mientras un coro de mocosos se prende de las polleras de las furias y el zapatero de la mitad de cuadra asoma la cabeza a la puerta de su covacha para no perder el plato.* < “El placer de vagabundear” >, Outras vezes o inesperado é uma senhora se esbofeteando com a vizinha, enquanto um coro de remelentos se agarra às saias das fúrias e o sapateiro da metade da quadra coloca a cabeça na porta da sua biboca para não perder o prato do dia.

**CAFETÍN** *S.* Botequim, bar, café: *Es después del café, de las rondas por los cafetines turbios.* < “Ventanas iluminadas”>, É depois do café, das rondas pelos botequins turvos.

**CALAÑA** *S.* Laia. *Un excelente individuo, jurídicamente hablando. ¿Y qué más se le puede pedir a un sinvergüenza de esta calaña?* < “El hombre corcho” >, Um excelente indivíduo, juridicamente falando. E o que mais se pode pedir a um sem-vergonha desta laia?

**CALÓ** *S.* Gíria, jargão, particularmente dos ladrões: *Lo que hoy es caló, mañana se convierte en idioma oficializado. Además, hay algo más importante que el idioma, y son las cosas que se dicen.* < “¿Cómo quieren que les escriba?” >, O que hoje é gíria, amanhã se transforma em idioma oficializado. Além disso, há algo mais importante que o idioma, e são as coisas que se dizem.

**CAMBALACHE** *S.* *Lunf.* **1.** Bricabraque (loja que vende objetos usados): *Son recibimientos que parecen cambalaches.* < “Taller de composturas de muñecas” >, São salas de visita que parecem bricabraques. **2.** Trambique.

**CANILLITA (ou caniyita)** *S.* *Lunf.* Menino vendedor de jornais. “Termo difundido a partir da estréia de *Canillita*, sainete de Florencio Sánchez (Rosario, 1º de outubro de 1902; Buenos Aires, 4 de janeiro de 1904) cujo protagonista, um menino vendedor de jornais, é apelidado de Canillita, sem dúvida porque tem as pernas desnudas” [GOBELLO, José, op. cit. p.55], numa época em que os meninos usavam

calças curtas: *Tendría la compañía de sus hermanos los canillitas, los canillitas de la calle Corrientes, que cuando ofrecen una revista a una bataclana lo hacen con el mismo gesto que si le regalaran un ramo de flores.* < “No era ése el sitio, no...” >, Teria a companhia de seus irmãos, os meninos que vendem jornais na Corrientes, que quando oferecem uma revista a uma corista o fazem com o mesmo gesto como se lhe dessem um ramo de flores.

**CARGAR CON EL MUERTO** V. Lunf. Pagar o pato: (...) *el buen muchacho era el que convencía al maestro de que él era un ejemplo vivo de aplicación, y en los castigos colectivos, en las aventuras en las cuales toda la clase cargaba con el muerto, él se libraba en obsequio a su conducta ejemplar; (...);* < “El hombre corcho” >, (...) o bom rapaz era o que convencia o professor de que ele era um exemplo vivo de aplicação, e nos castigos coletivos, nas aventuras nas quais toda a classe pagava o pato, ele se livrava em obséquio de sua conduta exemplar; (...).

**CARPETEAR** V. Lunf. Espiar, observar: *Hoy, mientras venía en el tranvía, carpeteaba a una jovencuela que, acompañada por el novio, ponía cara de hacerle un favor a éste permitiéndole que estuviera al lado.* < “¡Atenti, nena, que el tiempo pasa!” >, Hoje, enquanto vinha no bonde, espiava uma jovenzinha que, acompanhada do namorado, punha uma cara de estar fazendo um favor a este, permitindo que estivesse ao seu lado.

**CARRERO** S. Lunf. Puxador, ladrão de carro: *Pero la fuerza de la costumbre lo hizo correr, y en pocos años el “fiacún” dejó de ser el muchacho grandote que termina por trabajar de carrero, para entrar como calificativo de la situación de todo individuo que se siente con pereza.* < “El origen de algunas palabras de nuestro léxico popular” >, Mas a força do costume o fez correr e, em poucos anos, o “fiacún” deixou de ser o rapaz parrudo que acaba trabalhando como puxador, para entrar como qualificativo da situação de todo indivíduo que se sente com preguiça.

**CARTERISTA** S. Lunf. Batedor de carteira: *O también aquella otra que un carterista le arrojó a la cara de un asaltado: — ¿Qué protestás, atorrante? Si sos más seco que un ladrillo.* < “Mala junta” >, Ou também aquela outra de um batedor

de carteira que jogou na cara de um assaltado: — Do que está reclamando, infeliz? Se você é mais duro que uma pedra.

**CHAMUYAR** V. *Lunf.* Papear, conversar: *Tan esgunfiados están, que a pesar de ser fiacas podrían tener novia en el barrio, y no la tienen; que es mucho laburo eso de ir chamuyar en una puerta y darle la lata al viejo; tan esgunfiados están, que a lo único que aspiran es a una tarde eterna, con una remota puesta de sol, una mesita bajo un árbol y una jarra de agua para la sed.* < “La vida contemplativa”>, Estão tão cheios que, apesar de ser uns molengas, poderiam ter uma namorada no bairro, e não têm; é que é muita peleja isso de ir papear na porta e ficar de conversa fiada com o velho; estão tão cheios que a única coisa a que aspiram é uma tarde eterna, com um remoto pôr-do-sol, uma mesinha sob uma árvore e uma jarra de água para a sede.

**CHANCHULLO** S. Tramóia, negócio sujo, negociata, cambalacho: *Donde más ostensibles son las virtudes del ciudadano Corcho es en las “litis” comerciales, en las trapisondas de las reuniones de acreedores, en los conatos de quiebras, en los concordatos, verificaciones de créditos, tomas de razón, y todos esos chanchullos donde los damnificados creen perder la razón, y si no la pierden, pierden la plata, que para ellos es casi lo mismo o peor.* < “El hombre corcho” >, Onde as virtudes do cidadão Rolha são mais ostensivas é nas “litis” comerciais, na bagunça das reuniões de credores, nos conatos de quebras, nas concordatas, verificações de crédito, conferência do livro-caixa, e todas essas tramóias onde os prejudicados acreditam perder a razão e, se não a perdem, perdem o dinheiro, que para eles é quase o mesmo ou pior.

**CHAPAR** V. *Lunf.* Pegar, tomar (meio de transporte): *Mientras que las nenas se ganan la vida en el taller; mientras que las señoritas más viejas yugan trasijándose en el subte y y el ómnibus, y a media digestión para chapar el bondi y llegar a hora al trabajo (...).* < “Persianas metálicas y chapas de doctor” >, Enquanto as mocinhas ganham a vida na oficina; enquanto as senhoritas mais velhas dão duro se esfalfando

no metrô e no ônibus, e sem tempo para a digestão, para pegar o bonde e chegar na hora no trabalho, (...).

**CHICAR** *V. Lunf.* Pitar, fumar: *Fresca y sonora en los labios negros de “chicar” toscanos, de los robustos inmigrantes que se establecerían en la Boca y en Barracas.* < “El ‘furbo’ ” >, Fresca e sonora nos lábios negros de “pitar” charutos toscanos, dos robustos imigrantes que se estabeleceriam na Boca e em Barracas.

**CHIROLA** *S. Lunf.* Cobres, tutu, caraminguás, moeda de pouco valor: *Y la damnificada afloja la mosca, afloja las chirolitas (...).* < “La mujer que juega a la quiniela” >, E a coitada solta a gaita, soltas os cobres (...).

**CLAVO** *Adj. Lunf.* Fajuto: —*Se acuerda de Z, que le encajó ese stock de mercadería clavo?* < “El Siniestro Mirón” >, — Lembra de Z, que lhe passou esse stock de mercadoria fajuta?

**COMADRONA** *S.* Parteira: *Y me detuve a contemplarla, porque allí, situada tras del vidrio, y colgada de esa mala manera, parecía la muestra de algún ladrón de niños o de una comadrona.* < “Taller de composturas de muñecas” >, E me detive para contemplá-la, porque ali, situada atrás do vidro e pendurada desse mau jeito, parecia o sinal de algum ladrão de criança ou de uma parteira.

**COMPADRITO** *S. Lunf.* Compadrito. Por não haver um correspondente satisfatório em português, optei por manter o termo no original. Trata-se do sujeito vulgar, briguento, valentão: *En nuestro país, en nuestra ciudad, mejor dicho, la palabra “squenun” se aplica a los poltrones mayores de edad, pero sin tendencia a ser compadritos, es decir, tiene su exacta aplicación cuando se refiere a un filósofo de azotea (...)* < “Divertido origen de la palabra ‘squenun’ ” >, Em nosso país, em nossa cidade, melhor dizendo, a palavra “squenun” se aplica aos poltrões maiores de idade, mas sem tendência a ser *compadritos*, isto é, tem sua exata aplicação quando se refere a um filósofo de botequim, (...).

**CONVENTILLO** *S.* Cortiço: *La ventana triste de las tres de la madrugada, es la ventana del pobre, la ventana de esos conventillos de tres pisos, y que, de pronto, al iluminarse bruscamente, lanza su resplandor en la noche como un quejido de*



*angustia, un llamado de socorro.* < “Ventanas iluminadas” >, A janela triste das três da madrugada é a janela do pobre, a janela desses cortiços de três andares e que, de repente, ao se iluminar bruscamente, lança seu resplendor na noite como um queixume de angústia, um pedido de socorro.

**CORTINA METÁLICA** *S.* Porta de aço: *Frente a la cortina metálica, y ocupando la vereda y parte de la calle, hay un racimo de gente.* < “La tragedia del hombre que busca empleo” >, Diante da porta de aço e ocupando a calçada e parte da rua, há um punhado de gente.

**CROSTA** *S. Lunf.* **1.** Pé-rapado, miserável: *Entre el “crosta” de botines destartalados, pelambre mugrientosa y envidia con más grasa que un carro de matarife, y el vagabundo bien vestido, soñador y escéptico, hay más distancia que entre la Luna y la Tierra.* < “El placer de vagabundear” >, Entre o “pé-rapado” de botinas mal-ajambradas, cabeleira ensebada e adiposidade com mais gordura que um carro de magarefe, e o vagabundo bem vestido, sonhador e cético, há mais distância que entre a Lua e a Terra. **2.** Chinfrim, ordinário, reles: *Repudia de plano los barrios crostas, las quince cuadras que hay de la casa de chapa de zinc a la estación y se siente llamado a un futuro más encomiable, y con el único y levantado propósito de comprarse un terreno o chalet en la avenida Alvear, se pasea por ella.* < “Candidatos a millionarios” >, Repudia de cara os bairros chinfrins, as quinze quadras que há da casa de chapas de zinco até a estação e se sente chamado a um futuro mais encomiável e, com o único e firme propósito de comprar um terreno ou um sobrado na Avenida Alvear, passeia por ela.

**CUARTO Y OCHAVO** *S.* Tostão: *No trabajaba, se dedicaba exclusivamente al amor y, salvo que fuera rentista, andaría toda su vida con las faltriqueras vacías de cuartos y ochavos.* < “Don Juan Tenorio y los diez centavos” >, Não trabalhava, se dedicava exclusivamente ao amor e, salvo que vivesse de rendas, andaria toda sua vida com as algibeiras sem um tostão furado.

**CURDA** *Lunf.* Bebedeira. **Exp. estar en curda:** estar de cara cheia: *El hijo se desgarró. Ahora es un borrachín. A veces, cuando está en curda, asoma la cabeza*

*entre los colchones y le grita al padre, que está cardando lana; (...). < “Padres negreros” >, O filho se largou. Agora é um beberrão. Às vezes, quando está de cara cheia, coloca a cabeça entre os colchões e grita para o pai, que está cardando lã: (...).*

**DE MALA MUERTE** exp. **1.** De fome, miserável: *Si sirviera para algo no se pasaría veinticinco años esperando un sueldo de mala muerte, sino que hubiera hecho fortuna por su cuenta, e independientemente de los poderes oficiales.* < “Aristocracia de barrio” >, Se servisse para alguma coisa não passaria vinte e cinco anos esperando um salário de fome, mas teria feito fortuna por sua própria conta e independentemente dos poderes oficiais. **2.** De quinta [categoria]: *El teatracho de mala muerte se caracteriza en nuestra ciudad por estar situado en el centro de la misma, o en una de sus arterias principales* < “Engañando al aburrimiento” >, O teatrinho de quinta se caracteriza em nossa cidade por estar situado no centro da mesma ou numa de suas artérias principais.

**DESCUIDISTA** S. Lunf. Descuidista, ladrão que rouba pelo descuido da vítima: *Empezaron de purretes a darse con mayores. Con mayores asesinos, ladrones, escruchantes y lanceros. Con descuidistas y furqueros, con mozos “atrevidos” y “manos largas”.* < “Mala junta” >, Começaram de pirralhos a se dar com adultos. Com adultos assassinos, ladrões, escrunchantes e lanceiros. Com descuidistas e furqueiros, com moços “atrevidos” e “mãos leves”.

**EMBODEGAR** V. Lunf. Engolir, tragar, encarar (um prato de comida), comer: *Eran las ocho de la noche, hora en que los ciudadanos virtuosos se dirigen a sus casas para embodegar un plato de sopa bien caliente.* < “Amor en el Parque Rivadavia” >, Eram oito da noite, hora em que os cidadãos virtuosos se dirigem às suas casas para engolir um prato de sopa bem quente.

**EMPACADOR DE VENTO** S. Lunf. Pão-duro, munheca, seguro: *Después que un novio no vale por la cara, sino por otras cosas. Por el sueldo, por lo empacador de viento que sea, por lo cuidadoso del laburo... por los ascensos que puede tener... en fin... por muchas cosas.* < “¡Atenti, nena, que el tiempo pasa!” >, Depois, um namorado não vale pela cara, mas por outras coisas. Pelo salário, por pão-duro que

seja, por cioso do seu trabalho... pelas promoções que pode ter, enfim... por muitas coisas.

**EMPERIFOLLADO** *Adj. Lunf.* Emperiquitado, enfeitado em excesso: *En su cuerpo de bronce penetraría el calor de tanta mirada de mujer emperifollada y perfumada, tanta sonrisa amable de milongueras y malandrines despertaría su sonrisa.* < “No era ése el sitio, no...” >, Em seu corpo de bronze penetraria o calor de tanto olhar de mulher emperiquitada e perfumada, tanto sorriso amável de milongueiras e malandros despertaria seu sorriso.

**ENCANAR** *V. Lunf.* Meter em cana, prender: *Los encanaron una vez; después se juntaron con malandrines mayorcitos, y en una barrida cayeron al cuadro quinto.* < “Mala junta” >, Foram em cana uma vez; depois se juntaram com malandros maiorzinhos e, numa batida, caíram na delegacia.

**ENGRUPIR** *V. Lunf.* Engrupir, enganar, passar a perna, tapear: *En el respiro de las fatigas soportadas durante el día, es la trampa donde muchos quieren caer; silla engrupidora, atrapadora, sirena de nuestros barrios.* < “Silla en la vereda” >, No respiro das fadigas suportadas durante o dia, é a armadilha onde muitos querem cair; cadeira engrupidora, encantadora, sereia de nossos bairros.

**ENGRUPIDO** *Adj. Lunf.* Metido, pancudo, presunçoso, aquele que se sobreestima: *Estos caballeros forman una colección pavorosa de “engrupidos” —¿me permite la palabreja?— que cuando se dejan retratar, para aparecer en un diario, tienen el buen cuidado de colocarse al lado de una pila de libros, para que se compruebe de visu que los libros que escribieron suman una altura mayor de la que miden sus cuerpos.* < “El idioma de los argentinos” >, Estes cavalheiros formam uma coleção pavorosa de “metidos”—me permite a palavreca?—que quando se deixam retratar, para aparecer num jornal, têm o cuidado de se colocar ao lado de uma pilha de livros, para que se comprove de cara que os livros que escreveram somam uma altura maior do que a que medem seus corpos.

**ESCOLAZADOR** *S. Lunf.* Jogador, apostador: *Los que no son propietarios, ni tienen la maldita esperanza de serlo, ignoran una de las felicidades del género*

*humano de los propietarios; género que es distinto al de los otros géneros, como ser el género pato, el género escolazador, el género furbante, etc., etc.* , < “El próximo adoquinado” >, Os que não são proprietários nem têm a maldita esperança de sê-lo, desconhecem uma das felicidades do gênero humano dos proprietários; gênero que é diferente de outros gêneros, como o gênero trouxa, o gênero jogador, o gênero safado, etc. etc.

**ESCOLAZO** *S. Lunf.* Jogatina: *Yo estoy contra la uniformidad. A mí, dame variación. Dame la poesía de la noche y la melancolía del crepúsculo y un escolazo a las tres de la mañana y una auténtica parrillada criolla a las cuatro horas.* < “ ‘Laburo’ nocturno” >, Eu sou contra a uniformidade. Me dê variação. Me dê a poesia da noite e a melancolia do crepúsculo e uma jogatina às três da manhã e uma churrascada autêntica às quatro horas.

**ESCRUCHANTE** *S. Lunf.* Escrunchante, ladrão especializado em arrombamento: *Un ex ladrón se dedica a fabricar llaves yales en tres minutos, y al mostrador le suelen arrimar insignes escruchantes en busca de llaves para sus oficios y negocios; (...)* < “Engañando al aburrimiento” >, Um ex-ladrão se dedica a fabricar chaves yale em três minutos, e no balcão costumam encostar insignes escrunchantes em busca de chaves para seus ofícios e negócios; (...).

**ESGUNFIADO** *Lunf.* **1.** Cacete, chato, tedioso: *Fijándose un poco en los susodichos nenes, se observa que carecen de alegría como si los padres, cuando los encargaron a París, hubieran estado pensando en cosas amargas y aburridas. De otra forma no se explica esa vida esgunfiada que los chicos almacenan como un veneno echado a perder.* < “Los chicos que nacieron viejos” >, Prestando um pouco mais de atenção nos já supracitados menininhos, se observa que carecem de alegria como se os pais, quando os encomendaram em Paris, teriam estado pensando em coisas amargas e enfadonhas. De outra forma não se explica essa vida cacete que os garotos armazenam como um veneno sem efeito. **2.** Esgunfiar, estar pelas tampas, estar “stufo”, cheio, farto: *A las tres, se levantó, se puso el traje dominguero, y con paso tardo entró al café de la esquina. Y los amigos, al verlo, le preguntaron: —No*

*fuiste a laburar? —No; me esgunfié.* < “La vida contemplativa” >, Às três, se levantou, vestiu a fatiota de ver Deus e, com passo vagaroso, entrou no café da esquina. E os amigos, ao vê-lo, lhe perguntaram: — Não foi pegar no batente? — Não, me esgunfié.

**ESPETAR exp. espetar a boca de jarro:** Cutucar assim, sem mais nem menos: (...) *y en la actualidad el fenómeno sigue intrigando únicamente a los parientes, que cuando se encuentran con el vago le espetan a boca de jarro, como yo he tenido oportunidad de escuchar (...)* < “ ‘Laburo’ nocturno” >, (...) e, atualmente, o fenômeno continua intrigando unicamente os parentes que, quando se encontram com o estroina lhe cutucam assim, sem mais nem menos, como eu mesmo já tive a oportunidade de escutar (...).

**ESPIANTAR V. Lunf.** Dar o pira, se mandar, dar o pinote, espiantar, fugir: *En cuanto me los encuentre y me pregunten, como pienso comprar doscientos ejemplares de El Mundo, les entrego la hoja recortada y pianto.* < “ ‘Laburo’ nocturno” >, Tão pronto eu os encontre e me perguntem, como penso em comprar duzentos exemplares de *El Mundo*, lhes entrego a folha recortada e dou o pira”.

**FACHA [do it. faccia] S. Lunf** Faccia, rosto, cara: *Luego una escalerita de mármol sucio, y en el último peldaño, solitario, en mangas de camiseta calada, erguidos los mostachos, cetrina la facha, renegrada la melena, agria la pupila, calzando alpargatas, está sentado el guardián del umbral, el legítimo esposo de la planchadora.* < “El hombre de la camiseta calada” >, Depois, uma escadinha de mármore sujo e, no último degrau, solitário, em mangas de camisa de fundo, erguidos os bigodes, citrina a faccia, enegrecida a melena, azeda a pupila, calçando alpargatas, está sentado o guardião do umbral, o legítimo esposo da passadeira.

**FARNIENTESCO Adj.** Mescla de italianismo com espanhol, fruto de **dolce far niente**: farnientesco: *Al día siguiente repitió el programa “farnientesco”.* < “La vida contemplativa” >, No dia seguinte, repetiu o programa “farnientesco”.

**FARRUCO S. Lunf.** Galego: *Ayer, quiero decir hace veinte años, llegaba de España un farruco, trabajaba de lavapisos cinco años en una farmacia (...).* < “La

decadencia de la receta médica” >, Ontem, quero dizer, faz vinte anos, chegava da Espanha um galego, trabalhava como lavador de chão cinco anos numa farmácia (...).

**FIACA** *S. Lunf.* Fiaca, moleza, preguiça: *Parece mentira; el noventa por ciento de los casos de mirones que he estudiado, presentaba la particularidad psicológica de una fiaca sumada a la economía de una rentita atorranta.* < “ El Siniestro Mirón” >, Parece mentira; noventa e nove por cento dos casos de olheiros que estudei, apresentava a particularidade psicológica de uma fiaca somada à economia de uma rendinha mixuruca.

**FIACÚN** *Adj. Lunf.* Como todas as palavras do lunfardo com sufixo **un**, esta vem do genovês e tem um caráter aumentativo [GUARNIERI, Juan Carlos. *El lenguaje rioplatense*. Montevideo. Ediciones de la Banda Oriental, 1978]. Fiacún, molengão, preguiçoso: *Yo, cronista meditabundo y aburrido, dedicaré todas mis energías a hacer el elogio del “fiacun”, a establecer el origen de la “fiaca”, y a dejar determinados de modo matemático y preciso los alcances del término.* < “El origen de algunas palabras de nuestro léxico popular” >, Eu, cronista meditabundo e entediado, dedicarei todas as minhas energias para fazer o elogio do “fiacún”, para estabelecer a origem da “fiaca”, e para deixar determinados de modo matemático e preciso os alcances do termo.

**FRESCA VIRUTA** *Lunf.* Boa-vida, vida ociosa e prazerosa: *Usted estaba sentado gozando de la fresca viruta.* < “Psicología simple del latero” >, Você estava sentado gozando a boa-vida.

**FRIOLERA** *Adj.* Matreira, sabida, astuta: *Pasa, de intento, tres veces frente a la casa, para notar de qué modo visten las mujeres, para verles la cara, y luego, prudente, friolera, se recoge. Ha formado opinión.* < “¿No se lo decía yo?” >, Passa, de propósito, três vezes na frente da casa, para notar de que modo as mulheres vestem, para ver suas caras e, em seguida, prudente, matreira, se recolhe. Formou opinião.

**FUELLE** *S. Lunf.* 1. Fole, bandoneon: *Y qué decir de sus “orquestas típicas”, orquestas malandrines que hacen ruidos endiablados en los “fuelles”, y de sus restaurantes, con congrios al hielo y pulpos vivos en las vitrinas y lebratos para enloquecer a los hambrientos, y sus cafés, cafés donde siempre los pesquisas detiene a alguien, “alguien” que según el mozo, es” persona muy bien de familia”.*

< “El espíritu de la calle Corrientes no cambiará con el ensanche” >, E o que dizer de suas “orquestras típicas”, orquestras vagabundas que fazem ruídos endiabrados nos “foles”, e de seus restaurantes, com congros ao gelo e polvos vivos nas vitrines e lebrachos para enlouquecer os famintos, e seus cafés, cafés onde os meganhas sempre detêm alguém, “alguém” que, segundo o garçom, é “pessoa de boa família”.

**FURBO** *S. Lunf.* Safado, velhaco, espertalhão: *Frecuentemente el hermanito coimero es un furbo. Sabe que lo mandan a vigilar a la hermana y encuentra un secreto placer en arruinarle el estofado a los enamorados.* < “El hermanito coimero” >, Frequentemente, o irmãozinho propineiro é um safado. Sabe que o mandam vigiar a irmã e você encontra um prazer secreto em acabar com a festa dos apaixonados.

**FURQUERO** *S. Lunf.* Furqueiro. É o batedor de carteira que, como o lanceiro, usa os dedos indicador e médio unidos no furto: *Empezaron de purretes a darse con mayores. Con mayores asesinos, ladrones, escruchantes y lanceros. Con descuidistas y furqueros, con mozos “atrevidos” y “manos largas”.* < “Mala junta” >, Começaram de pirralhos a se dar com adultos. Com adultos assassinos, ladrões, escrunchantes e lanceiros. Com descuidistas e furqueiros, com moços “atrevidos” e “mãos leves”!

**GAITA** *S. Lunf.* Galego: *Y cuando el gaita mótorman arrancó, él, como quien saluda a una princesa, se quitó el capelo mientras que ella digitaleaba en el espacio como si se alejara en un “piccolo navío”.* , < “¡Atenti, nena, que el tiempo pasa!” >, E quando o motorneiro galego arrancou, ele, como quem cumprimenta uma princesa, tirou o capelo enquanto ela dedilhava no espaço como se se afastasse num “piccolo navio”.

**GAMBETEAR** V. Lunf. Driblar, escapar pela tangente: *Algunos purretes que pelotean en el centro de la calle; media docena de vagos en la esquina; una vieja Cabrera en una puerta; una menor que soslaya la esquina, donde está la media docena de vagos; tres propietarios que gambeteam cifras en diálogo estadístico, frente al boliche de la esquina; (...)* < “Silla en la vereda” >, Alguns pirralhos que jogam bola no meio da rua; meia dúzia de desocupados na esquina; uma velha cabreira numa porta; uma menor que espreita a esquina, onde está a meia dúzia de desocupados; três proprietários que driblam cifras em diálogo estatístico diante do botequim da esquina; (...).

**GANCHUDO** S. Lunf. Caxias, cedeeffe, aluno queridinho da professora: *Esos pebetes... esos viejos pebetes que en la escuela llamábamos “ganchudos” —¿por qué nacerán chicos que desde los cinco años demuestran una pavorosa seriedad de ancianos?— y que concurren a la clase con los cuadernos perfectamente forrados y el libro sin dobladuras en las páginas.* < “Los chicos que nacieron viejos” >, Esses fedelhos... esses velhos fedelhos que na escola chamávamos “caxias” <sup>3</sup>/<sub>4</sub> por que será que nascem garotos que desde os cinco anos demonstram uma pavorosa seriedade de anciãos?— e que comparecem às aulas com os cadernos perfeitamente encapados e o livro sem orelhas nos cantos.

**GANDUL** S. Folgado, vadio: *Tata Dios descansó en día domingo, porque estaba cansado de haber hecho esta cosa tan complicada que se llama mundo. Pero ¿qué han hecho, durante los seis días, todos esos gandules que por ahí andan, para descansar el domingo? Además, nadie tenía derecho a imponernos un día más de holganza.* < “La tristeza del sábado inglés” >, Deus Pai descansou no domingo, porque estava cansado de ter feito esta coisa tão complicada que se chama mundo. Mas o que fizeram, durante os seis dias, todos esses folgados que andam por aí, para descansar no domingo? Além disso, ninguém tinha direito de nos impor mais um dia de folga.

**GANGA** S. Baba, moleza: —*Cuando yo era chico, nunca me faltaba plata. Tenía varias hermanas, todas de novia, y como además cambiaban frecuentemente de*



*novio, era una ganga.* < “El hermanito coimero” >, — Quando eu era garoto, nunca me faltava dinheiro. Tinha várias irmãs, todas com namorado e como, além disso, trocavam freqüentemente de namorado, era uma baba.

**GARROTAZO** *S. Lunf.* Certa forma de roubar, em que o ladrão passa os braços em volta do pescoço da vítima, impossibilitando-a de reagir: gravata: *Primero fue un robito insignificante: dos garrotazos a un turco que vendía medias y puntillas; después vendieron diarios tres días y se dieron cuenta que vender diarios no era soplar y hacer botellas.* < “Mala junta” >, Primeiro foi um roubinho insignificante: duas gravatas num turco que vendia meias e rendas; depois venderam jornais por três dias e se deram conta que vender jornais não era sopa.

**GIL** *S. Lunf.* Pato, bobo, otário, tonto: *El gil que la acompañaba ensayaba todo arte de conversación, pero al ñudo; porque la nena se hacia la interesante y miraba al espacio como si buscara algo que fuera menos zanahoria que el acompañante.* < “¡ Atenti, nena, que el tiempo pasa!” >, O pato que a acompanhava ensaiava toda arte de conversa, mas à toa; porque a moça se fazia de difícil e olhava para o espaço como se procurasse alguma coisa que fosse menos banana que o acompanhante.

**GILASTRÓN** *S. Lunf.* Bobalhão. Vem de gil: *Si rotundamente no es malandra, entonces puede afirmar que se encuentra en presencia de un imbécil de primera agua, de un gilastrón de dieciocho quilates.* < “ ‘Cuna de oro’ y ‘pañales de seda’ ” >, Se rotundamente não é malandro, então pode afirmar que está na presença de um imbecil de primeira, de um bobalhão de dezoito quilates.

**GORREAR** *V.* Filar, viver às custas de alguém: *Trabajo lo indispensable para vivir, sin tener que gorrear a nadie, y soy pacífico, tímido y solitario.* < “Soliloquio del solterón” >, Trabalho o indispensável para viver, sem ter que viver filando de ninguém, e sou pacífico, tímido e solitário.

**GRANUJA** *S.* Malandro, moleque: *Granujas que merecerían una estatua por buscavidas. Asaltantes que meditan sus trapacerías detrás del cristal turbio, siempre turbio, de una lechería.* < “El placer de vagabundear” >, Malandros que

mereceriam uma estátua por cavadores. Assaltantes que meditam suas trapaças detrás da vidraça turva, sempre turva, de uma leiteria.

**GRELA** *S. Lunf.* Dona, mulher: (...) *regocijado de oír a las tres de la tarde, en la vereda, el taconeo de las grelas que van a comprar yerba para cebarle mate a sus señores de horca, palo y leña; (...).* < “No era ése el sitio, no...” >, (...) regozijado de ouvir às três da tarde, na calçada, o sapateado das donas que vão comprar erva para cevar o mate para seu amo e senhor; (...).

**GRUPO** *Lunf.* exp. sin grupo: fora de brincadeira: *Tengo un amigo, Silvio Spaventa, que, sin grupo, es un caso digno de observación frenopática.* < “ ‘Laburo’ nocturno” >, Tenho um amigo, Silvio Spaventa, que, fora de brincadeira, é um caso digno de observação frenopática.

**GUITA** *S. Lunf.* Prata, gaita, grana, dinheiro: —*Nena, dame quince guitas para un paquete de cigarrillos.* < “El hombre del apuro” >, — Princesa, me dá quinze pratas para um maço de cigarros.

**GUIARRITA** *S. Lunf.* Caça-níqueis: *La suerte, la suerte inesperada es lo que pone en ese hombre, en apariencia tan fatalista, un frenesí de fuego, que lo impulsa todas las semanas a jugarse en una guitarrita o una quiniela, las míseras economías.* < “El turco que juega y sueña” >, A sorte, a sorte inesperada é o que põe nesse homem, aparentemente tão fatalista, um frenesi de fogo, que o impulsiona todas as semanas a jogar num caça-níqueis, ou numa quina, as míseras economias.

**HACERSE INTERESANTE** *Lunf.* Fazer-se de difícil: *El gil que la acompañaba ensayaba todo arte de conversación, pero al ñudo; porque la nena se hacía la interesante y miraba al espacio como si buscara algo que fuera menos zanahoria que el acompañante.* < “¡Atenti, nena, que el tiempo pasa!” >, O pato que a acompanhava ensaiava toda arte de conversa, mas à toa; porque a moça se fazia de difícil e olhava para o espaço como se procurasse alguma coisa que fosse menos banana que o acompanhante.

**HACER LA RATA** *V. Lunf.* Matar aula: *No se hicieron la rata. ¡Nunca se hicieron la rata! Ni en el colegio ni en el Nacional.* < “Los chicos que nacieron viejos” >, Não mataram aula. Nunca mataram aula! Nem na escola nem no Colégio Nacional.

**HARAGÁN** *S.* Folgado; preguiçoso, boa-vida, que vive no ócio: *Es usted un haragán. Pues el tipo le dirá: — ¡ Qué macanudo “fiacun” es usted! Lo invidio, Jefe...* < “El que siempre da la razón” >, Você é um folgado. Pois o sujeito te dirá: — Que formidável “molengão” o senhor é! Eu o invejo, chefe...

**HARAGANERÍA** *Adj.* Folga, ociosidade: *En cambio, esos individuos que podrían tomarse por solemnes vagos, y que puede ser que lo sean, a la sombra de los árboles empollaban su haraganería y florecían en meditaciones de manera envidiable.* < “Tomadores de sol en el Botánico” >, Em compensação, esses indivíduos que poderiam ser tidos como solenes vagabundos, e até pode ser que o sejam, à sombra das árvores chocavam sua folga e florescia em meditações de maneira invejável.

**HETAIRA** *S.* Cortesã, prostituta: *Para que lo contemplen todas las aprendizas de bataclanas, para que su metal y su espíritu se impregnen del perfume de las hetairas que pasan, y para que lo observaran con amabilidad de viejos amigos las actrices que a la una de la madrugada van a tomar un chocolate en cualquiera de los mil cafés rantes que decoran la calle.* , < “No era ése el sitio, no...” >, Para que o contemplem todas as aprendizas de coristas, para que seu metal e seu espírito se impregnem do perfume das cortesãs que passam, e para que o observassem com a amabilidade de velhos amigos as atrizes que, à uma da madrugada, vão **tomar um** chocolate em qualquer um dos mil cafés de quinta que decoram a rua.

**IMBÉCIL DE PRIMERA AGUA** *Exp.* Imbecil de primeira: *Si rotundamente no es malandra, entonces puede afirmar que se encuentra en presencia de un imbécil de primera agua, de un gilastrón de dieciocho quilates.* < “ ‘Cuna de oro’ y ‘pañales de seda’ ” >, Se rotundamente não é malandro, então pode afirmar que está na presença de um imbecil de primeira, de um bobalhão de dezoito quilates.

**IMBÉCIL MATRICULADO** *Exp.* Imbecil de carteirinha: *No he conocido sinvergüenza, malandrín, estafador, pillete, mediocre, imbécil matriculado, ladrón, vivillo, olfa de los jefes, holgazán ni tahúr; (...).* < “ ‘Cuna de oro’ y ‘pañales de seda’ ” >, Não conheci sem-vergonha, malandro, vigarista, pilantra, medíocre, imbecil de carteirinha, ladrão, espertalhão, lambe-botas dos chefes, folgado nem trapaceiro; (...).

**JUGAR LA CABEZA** *V. Lunf.* Cortar a cabeça, arriscar: *Yo me jugaría la cabeza que usted, en su vida cotidiana, no dice: “llevó a su boca un emparedado de jamón”, sino que, como todos diría: “se comió un sandwich”.* < “El idioma de los argentinos” >, Eu corto a minha cabeça como o senhor, na sua vida cotidiana, não diz: “levou à boca um pão fatiado com presunto”, mas que, como todos, diria: “comeu um sandwich”.

**LABURAR** *V. Lunf.* Pegar no batente, labutar: *Yo no me he negado nunca a laburar, pero, eso sí, que me dieran trabajo a mi gusto.* < “ ‘Laburo’ nocturno” >, Eu não me neguei nunca a pegar no batente, mas, isso sim, que me dessem um trabalho do meu agrado.

**LAMPAR** *V. Lunf.* Bater carteira, roubar: *Largaron el periodismo para encanastarse decididamente en el “descuido” y comenzaron a lampar carteras en las ferias, a levantar burros en los boliches y después a vender frascos de agua de colonia que no era colonia ni siquiera agua sucia.* , < “Mala junta” >, Largaram o jornalismo para se meter decididamente no “descuido” e começaram a bater carteiras nas feiras, levar as burras nos botecos, e depois a vender frascos de água de colônia que não era nem colônia nem muito menos água suja.

**LANCERO** *S. Lunf.* Lanceiro, ladrão que rouba com os dedos “lanças”, punguista: *Oyeron frases como ésta, de un lancero, que le decía a un ciudadano que había encontrado la mano de un ratero en su bolsillo: — Déjelo, señor, que es aprendiz.* < “Mala junta” >, Ouviram frases como esta, de um lanceiro, que dizia a um cidadão que tinha encontrado a mão de um gatuno no seu bolso: — Deixa ele, senhor, que é aprendiz.

**LANZA S. Lunf.** Lança –“dedos indicador e médio ou indicador e polegar unidos no furto de carteiras, bolsos e bolsas” [in TACLA, Ariel, *Diccionario dos marginais*, p.62]: *Y un año de academia criminal en el Reformatorio, les sirvió para orientarse definitivamente, y cuando salieron o fugaron, y llegaron al barrio, ya los mayorcitos, aquellos que no habían ido todavía para Ushuaia, los emplearon de campanas, y salieron a correr la “lanza” en tranvías y ferrocarriles.* < “Mala junta” >, E um ano de academia criminal no Reformatório, lhes serviu para se orientar definitivamente, e quando saíram ou fugiram e chegaram ao bairro, já os maiorzinhos, aqueles que não tinham ido ainda para o presídio de Ushuaia, os empregaram como campanas e saíram para correr a “lança” em bondes e trens.

**LARGO S. Lunf.** Pirulão, pessoa alta: *Bueno, esos grandotes que no hacían nada, que siempre cruzaban la calle mordiendo un pan y con gesto huido, estos “largos” que se pasaban la mañana sentados en una esquina o en el umbral del despacho de bebidas de un almacén, fueron los primitivos “fiacunes”.* < “El origen de algunas palabras de nuestro léxico popular” >, Bom, esses grandalhões que não faziam nada, que sempre atravessavam a rua mordendo um pão e um gesto fugidio, estes “pirulões” que passavam a manhã sentados numa esquina ou no umbral do bar de um armazém, foram os primitivos “fiacunes”.

**LATA S. Lunf. exp. dar la lata:** ficar de conversa fiada com alguém, jogar conversa fora: *Tan esgunfiados están, que apesar de ser fiacas podrían tener novia en el barrio, y no la tienen; que es mucho laburo eso de ir a chamuyar en una puerta y darle la lata al viejo; tan esgunfiados están, que a lo único que aspiran es a una tarde eterna, con una remota puesta de sol, una mesita bajo un árbol, y una jarra de agua para la sed.* < “La vida contemplativa” >, Estão tão cheios que apesar de ser molengas, poderiam ter uma namorada no bairro, e não têm; é que é muita pelega isso de ir papear na porta e jogar conversa fora com o velho; estão tão cheios que a única coisa que aspiram é uma tarde eterna, com um remoto pôr-do-sol, uma mesinha sob uma árvore e uma jarra de água para a sede.

**LATERO** *S. Lunf.* Chato de galocha: *Pues bien, la única ventaja que sobre la tierra reconozco al latero, es haberme dado tema para escribir estas líneas, líneas sobre la personalidad del latero y su producto: la lata.* < “Psicología simple del latero” >, Pois bem, a única vantagem que sobre a terra reconheço no chato de galocha é ter me dado assunto para escrever estas linhas, linhas sobre a personalidade do chato de galocha e seu produto: a chatice.

**LATOSO** *Adj. Lunf.* Chato: *Después que me aparté del latoso relojero, me quedé pensando en este gremio misterioso y dueño del tiempo.* < “El relojero” >, Depois que me afastei do chato do relojoeiro, fiquei pensando neste grêmio misterioso e dono do tempo.

**LEONERA** *S. Lunf.* Xadrez, xilindró (esta última acepção é mais utilizada por policiais): *Tango demasiado lindo para ser tango; tango donde todavía persiste el olor de fiera y el tumulto broncoso de la “leonera”.* < “Mala junta” >, Tango lindo demais para ser tango; tango onde ainda persiste o cheiro de fera e o tumulto raivoso do “xadrez”.

**LEVANTAR** *V. Lunf.* **1.** Levantar, suspender: *Cuando un ladrón anuncia su propósito de vivir decentemente, lo primero que hace es solicitar que le “levanten la vigilancia”.* < “Conversaciones de ladrones” >, Quando um ladrão anuncia seu propósito de viver decentemente, a primeira coisa que faz é solicitar que lhe “levantem a vigilância”. **2.** Buscar ou receber apostas para corridas de cavalo ou loterias, apontar loteria: *Esos barrios improvisados, de pequeños propietarios, donde todos tienen un terreno adquirido en mensualidades, son mala parroquia para los levantadores de quiniela.* < “La mujer que juega a la quiniela” >, Esses bairros improvisados, de pequenos proprietários, onde todos têm um terreno adquirido a prestações, são má freguesia para os apontadores de loteria.

**LEVANTAR BURROS** *V. Lunf.* Levantar as burras, assaltar o caixa: *Largaron el periodismo para encanastarse decididamente en el “descuido” y comenzaron a lampar carteras en las ferias, a levantar burros en los boliches, y después a vender frascos de agua de colonia que no era colonia ni siquiera agua sucia.* < “Mala

junta” >, Largaram o jornalismo para se meter decididamente no “descuido” e começaram a bater carteiras nas feiras, a levantar as burras nos botecos, e depois a vender frascos de água de colônia que não era nem colônia nem muito menos água suja.

**LINUYA** *S. Pachorra; moleza: (...) silla donde la noche del verano se estanca en una voluptuosa “linuya”, en una charla agradable, mientras “estrilla la d’ enfrente” o murmura “la de la esquina”. < “Silla en la vereda” >, (...) cadeira onde a noite do verão estanca numa voluptuosa “pachorra”, em bate-papo agradável, enquanto “estrila a da frente” ou murmura “a da esquina”.*

**LONYI** *Adj. Lunf. Bocó; bobo; bobalhão: Pero mire: lo encuentra al Japonés un “lonyi”, y de sólo verlo, raja como si viera la muerte. < “Conversaciones de ladrones” >, Mas veja: um “bocó” encontra o Japonês e, só de vê-lo, se manda como se visse a morte.*

**MACANEADOR** *S. Lunf. Contador de lorotas, loroteiro, mentiroso: El autor de estas crónicas, cuando inició sus estudios de filología “lunfarda”, fue víctima de varias acusaciones entre las que las más graves le sindicaban como un solemne “macaneador”. < “El ‘furbo’ ” >, O autor destas crônicas, quando iniciou seus estudos de filologia “lunfarda”, foi vítima de várias acusações, entre as quais, as mais graves lhe delatavam como um solene “contador de lorotas”.*

**MACANEO** *S. Lunf. Lorota, mentira, enganação: El programa es una papa de internacionalismo fraternizado con la urgencia del hambre y del macaneo. < “Engañando al aburrimiento” >, O programa é uma maravilha de internacionalismo fraternizado com a urgência da fome e da lorota.*

**MALA JUNTA** *S. Lunf. Gangue: La madre lloraba de pena. Siempre decía: No es que yo no le haya enseñado el bien, no. Son la mala compañía. La mala junta. < “Mala junta” >, A mãe chorava de pena. Sempre dizia: Não é que eu não lhe tenha ensinado o bem, não. São a má companhia. A gangue.*

**MANGO** *S. Lunf. Mango, prata, grana, nota: Este hombre se encuentra ante un dilema hamletiano, ante el problema de la burra de Balaam, ante... ante el horrible*

*problema ahorrarse ochenta mangos mensuales!* < “La tragedia de un hombre honrado” >, Este homem se encontra diante de um dilema hamletiano, diante do problema da burra de Balaão, diante...diante do horrível problema de poupar oitenta mangos mensais!

**MANYAR** *V. Lunf.* **1.** Manjar, entender: *Yo comprendo, sin haber hablado una sola palabra con este hombre, el problema que está encarando su alma honrada. Lo comprendo, lo interpreto, lo “manyó”.* < “La tragedia de un hombre honrado” >, Eu compreendo, sem ter falado uma só palavra com este homem, o problema que sua alma honrada está encarando. Eu o compreendo, o interpreto, o “manjo”. **2.** Comer.

**MARRAS** *S. exp. de marras* O tal, aquele. Refere-se a algo ou alguém já mencionado: *A nadie le preocupa si el zángano de marras hará o no fortuna. Lo que le preocupa es esto: que se jubile.* < “Aristocracia de barrio” >, Ninguém se preocupa se o tal parasita fará ou não fortuna. O que lhe preocupa é isto: que se aposente.

**MATE** *S. Lunf* Cachola, coco, bestunto: *Problema brutal e inexplicable porque uno no puede saber qué diablos es lo que tendrá ese nene en el “mate”; (...).* < “Los chicos que nacieron viejos” >, Problema brutal e inexplicável, porque a gente não pode saber que diabos esse menininho terá na “cachola”; (...).

**MATINA** *S. Lunf.* Matina, do ital. mattina: *A mí, dame variación. Dame la poesía de la noche y la melancolía del crepúsculo y un escolazo a las tres de la matina y una auténtica parrillada criolla a las cuatro horas.* < “ ‘Laburo’ nocturno” >, Me dê variação. Me dê a poesia da noite e a melancolia do crepúsculo e uma jogatina às três da matina e uma churrascada autêntica às quatro horas.

**MEDIO** *Lunf. exp. ni medio:* de nada, nadica de nada, patavina: *Son tipos que unicamente gustan de las mujeres, del mismo modo que los cerdos de las trufas, y en sacándolos de eso no baten ni medio.* < “Los chicos que nacieron viejos” >, São tipos que gostam unicamente das mulheres, do mesmo modo que os porcos das trufas, e tirando isso, não são de nada.



**MERZA** [también **mersa**] *S. Lunf.* cambada, corja: *Porque yo creo que el lenguaje es como un traje. Hay razas a las que les queda bien un determinado idioma; otras, en cambio, tienen que modificarlo, raerlo, aumentarlo, pulirlo, desglosar giros, inventar sustantivos. Por ejemplo, en nuestro caló tenemos la frase: “la merza”. Qué palabra hay en castellano para designar a un grupo de sujetos de oscuros “modus vivendi”? Ninguna.* < “¿Cómo quieren que les escriba?” >, Porque eu acredito que a linguagem é como uma roupa. Há raças às quais fica bem um determinado idioma; outras, em compensação, têm que modificá-lo, rasurá-lo, aumentá-lo, poli-lo, desglosar estruturas, inventar substantivos. Por exemplo, na nossa gíria temos a frase: “a cambada”. Que palavra existe em castelhano para designar um grupo de sujeitos de obscuros “modus vivendi”? Nenhuma.

**MINGA** *Lunf.* Nem um pingo, nadica, nada: *Pero el tiempo pasa, a pesar de que Spencer decía que no existía, y Einstein afirme que es una realidad de la geometría euclidiana que no tiene minga que ver con las otras geometrías.* < “¡Atenti, nena, que el tiempo pasa!” >, Mas o tempo passa, apesar de Spencer dizer que não existia, e de Einstein afirmar que é uma realidade da geometria euclidiana que não tem nem um pingo a ver com as outras geometrias...

**MIRÓN** *S. Lunf.* Olheiro; aquele que toma conta ou “fica de olho”: *Parece mentira; el noventa y nueve por ciento de los casos de mirones que he estudiado, presentaba la particularidad psicológica de una fiaca sumada a la economía de una rentita atorranta.* < “El Siniestro Mirón” >, Parece mentira; noventa e nove por cento dos casos de olheiros que estudei, apresentava a particularidade psicológica de uma moleza somada à economia de uma rendinha mixuruca.

**MISHO** *Lunf.* Mixos, pobretões, pobres: *Lo notable es que han nacido tan bravamente mishos como la mayoría de nosotros, que nos ganamos el bullón.* < “ ‘Cuna de oro’ y ‘pañales de seda’ ” >, O notável é que nasceram tão bravamente mixos como a maioria de nós, que ganhamos o pão nosso de cada dia.

**MISTONGA** *Adj. Lunf.* Rastaqüera, mixuruca, humilde: *Encanto mafioso, dulzura mistonga, ilusión baratieri, ¡ qué sé yo qué tienen todos estos barrios!* < “Silla en la

vereda” >, Encanto mafioso, doçura mixuruca, ilusão baratieri, sei lá eu o que todos estes bairros têm!

**MORFAR** V. *Lunf.* [do argot: *morfiállier* e *morfiler*]: rangar, comer: *Que a una misma hora un millón de habitantes morfa, media hora después, ese millón, al trote y a los cañonazos, se embute en los tranvías y ómnibus para llegar a horario a la oficina...* < “ ‘Laburo’ nocturno” >, Que a uma mesma hora um milhão de habitantes ranga; meia hora depois, esse milhão, a galope e às cotoveladas, se espreme nos bondes e ônibus para chegar no horário no escritório...

**MORONDANGA** *Lunf.* exp. **de morondanga**: mixuruca, de pouca qualidade: (...) *y que porque me des un beso de morondanga me hacés más pleitos que si me hubieras prestado a interés compuesto los tesoros de Rotschild.* < “Diálogo de lechería” >, (...) e só por me dar um beijo mixuruco pleiteia mais que se tivesse me emprestado a juros compostos os tesouros de Rotschild.

**MOSCA** S. *Lunf.* Gaita, tutu, dinheiro: *Y la damnificada afloja la mosca (...).* < “La mujer que juega a la quiniela” >, E a coitada solta a gaita (...).

**MOTORMAN** S. Motorneiro, motorista de bonde: *Para amenizar este espectáculo y darle la importancia lírico-sinfónica que necesitaba, acompañaban los interlocutores su discusión de esas palabras que, con medida, llamamos gruesas, y que forman parte del lenguaje de los cocheros y los motormans irritados.* < “Aristocracia de barrio” >, Para amenizar este espetáculo e lhe dar a importância lírico-sinfônica que precisava, acompanhavam os interlocutores sua discussão com essas palavras que, com medida, chamamos de grosseiras, e que fazem parte da linguagem dos cocheiros e dos motorneiros irritados.

**ÑAUQUÍN** exp. en tiempos de Ñauquin: no tempo do Onça, há muito tempo: *Es la muñeca que le regalaron a una de las niñas de la casa. Se la regalaron en tiempos de prosperidad, en tiempos de Ñauquín.* < “Taller de composturas de muñecas” >, É a boneca que deram de presente para uma das meninas da casa. Deram de presente em tempos de prosperidade, no tempo do Onça.

**ÑUDO** *Lunf. exp. al ñudo:* à toa, em vão, inutilmente: *El gil que la acompañaba ensayaba todo el arte de la conversación, pero al ñudo; porque la nena se hacía la interesante y miraba el espacio como si buscara algo que fuera menos zanahoria que el acompañante.* < “¡Atenti, nena, que el tiempo pasa!” >, O pato que a acompanhava ensaiava toda arte de conversa, mas à toa; porque a moça se fazia de difícil e olhava o espaço como se procurasse alguma coisa que fosse menos banana que o acompanhante.

**NO CORTA NI PINCHA** *Exp.* Não fede nem cheira: *El sábado inglés es un día sin color y sin sabor; un día que “no corta ni pincha” en la rutina de las gentes.* < “La tristeza del sábado inglés” >, O sábado inglês é um dia sem cor e sem sabor; um dia que “não fede nem cheira” na rotina das pessoas.

**OLFA** *S. Lunf.* Lambe-botas, puxa-saco, bajulador: *No he conocido sinvergüenza, malandrín, estafador, pillete, mediocre, imbécil matriculado, ladrón, vivillo, olfa de los jefes, holgazán ni tahúr; no he conocido miserable pretencioso, arruinado con apellidos de aristócrata ordenanza con humos de patrón, y patrón con sustancia de ordenanza, que no proclamara al cuarto de conversar, con ínfulas de soltera cuando alguien duda de su doncellez: —Yo me crié en cuna de oro.* < “ ‘Cuna de oro’ y ‘pañales de seda’ ” >, Não conheci sem-vergonha, malandro, vigarista, pilantra, medíocre, imbecil de carteirinha, ladrão, espertalhão, lambe-botas dos chefes, folgado nem trapaceiro; não conheci miserável pretencioso, arruinado com sobrenomes de aristocrata, ordenança com panca de patrão e patrão com substância de ordenança, que não proclamasse em quinze minutos de conversa, com soberba de solteira quando alguém duvida de sua donzelice: — Eu me criei em berço de ouro.

**PANDILLA** *S. Lunf.* Bando, quadrilha, gangue: *Last Reason, Félix Lima, Fray Mocho y otros, han influido mucho más sobre nuestro idioma, que todos los macaneos filológicos y gramaticales de un señor Cejador y Frauca, Benot y toda pandilla polvorienta y malhumorada de ratones de biblioteca, que lo único que hacen es revolver archivos y escribir memorias, que ni ustedes mismos, gramáticos insignes, se molestan en leer, porque tan aburridas son.* < “El idioma de los

argentinos” >, Last Reason, Félix Lima, Fray Mocho e outros influíram muito mais sobre nosso idioma do que todas as bobagens filológicas e gramaticais de um senhor Cejador e Frauca, Benot e todo o bando empoeirado e mal-humorado de ratos de biblioteca, que a única coisa que fazem é remexer arquivos e escrever memórias que nem vocês mesmos, gramáticos insígnies, se incomodam em ler, de tão chatas que são.

**PAPA S.** *Lunf.* Baba, negócio fácil: *El programa es una papa de internacionalismo fraternizado con la urgencia del hombre y del macaneo.* < “Engañando al aburrimiento” >, O programa é uma baba de internacionalismo fraternizado com a urgência do homem e da lorota.

**PAPANATA S.** Palermo, pamonha: *Después de este papanatas, hay otro hombre del sábado, el hombre triste, el hombre que cada vez que lo veo me apena profundamente.* < “La tristeza del sábado inglés” >, Depois deste palerma, há outro homem do sábado, o homem triste, o homem que cada vez que vejo me penaliza profundamente.

**PARLERO** *Adj. Lunf.* Linguarudo, tagarela: *Mi madre le había comprado al turco un corte de felpa, y el turco, se allegaba cada siete días en compañía de su hijo, y le contaban a mi madre que hacían economías para poder volver a Turquía, y yo me imaginaba, escuchando al turco parlero, que Turquía era una ciudad redonda rodeada de agua azul y con iglesias doradas.* < “El turco que juega y sueña” >, Minha mãe tinha comprado do turco um corte de felpa, e o turco se achegava a cada sete dias em companhia do filho, e contavam à minha mãe que faziam economia para poder voltar para a Turquia, e eu imaginava, escutando o turco linguarudo, que a Turquia era uma cidade redonda rodeada de água azul e com igrejas douradas.

**PARROQUIA S. 1.** Freguesia, clientela: *Esos barrios improvisados, de pequeños propietarios, donde todos tienen un terreno adquirido en mensualidades, son mala parroquia para los levantadores de quiniela.* < “La mujer que juega a la quiniela” >, Esses bairros improvisados, de pequenos proprietários, onde todos têm um terreno adquirido em prestações, são má freguesia para os apontadores de loteria. **2.**

Paróquia (no sentido de vizinhança): *Félix Visillac y Julio Díaz Usandivaras eran los genios de la parroquia, para entonces.* < “Molinos de viento en Flores” >, Félix Visillac e Julio Díaz Usandivaras eram os gênios da paróquia, naquele tempo.

**PASTA** *S. Lunf.* **1.** Jeitão, pinta: *No; mi confitero no tiene pasta de marido extremadamente complaciente.* < “La tragedia de un hombre honrado” >, Não; meu confeitoiro não tem jeitão de marido extremamente complacente. **2.** Dinheiro.

**PATO** *S. Lunf.* **1.** Duro, liso, sem dinheiro: *Porque es menester reconocer que don Juan Tenorio sería en nuestros días un “pato”. No trabajaba, se dedicaba exclusivamente al amor y, salvo que fuera rentista, andaría toda su vida con las falquitreras vacías de cuartos y ochavos.* < “Don Juan Tenorio y los diez centavos” >, Porque é mister reconhecer que don Juan seria em nossos dias um “duro”. Não trabalhava, se dedicava exclusivamente ao amor e, salvo se vivesse de rendas, andaria toda sua vida com as algibeiras sem um tostão furado. **2.** Trouxa, bobo.

**PATOTA** *S. Lunf.* Curriola, bando: *Tan seguros que constituyeron cenáculos literarios y ni por broma se les ocurrió mirar a un costado. Y eso que ellos conocieron un Buenos Aires que debía ser espantoso, con sus barrios característicos, sus compadres y la canalla aristocrática que hacía patota.* < “El conventillo de nuestra literatura” >, Tão seguros que constituíram cenáculos literários e nem por brincadeira lhes ocorreu olhar para o lado. E olhe que eles conheceram uma Buenos Aires que devia ser espantosa, com seus bairros característicos, seus compadres e a canalha aristocrática que formava a curriola.

**PAVOTA** *Adj.* Boboca: *Una mujer duda del marido, del novio, del hermano y del padre, pero tropieza en su camino con un desvergonzado locuaz, pirotecnia pura, gestos melodramáticos, apostura estudiada, teatralidad estilo novela de esa pavota llamada Delly, y padre, hermano, novio o marido, quedan anulados por el charlatán.* < “La señora del médico” >, Uma mulher duvida do marido, do namorado, do irmão e do pai, mas tropeça no seu caminho com um sem-vergonha loquaz, pirotecnia pura, gestos melodramáticos, postura estudada, teatralidade estilo

romance dessa boboca chamada Delly, e pai, irmão, namorado ou marido ficam anulados pelo charlatão.

**PEBETE S.** Fedelho, pimpolho, moleque: *Esos pebetes... esos viejos pebetes que en la escuela llamábamos “ganchudos” —¿por qué nacerán chicos que desde los cinco años demuestran una pavorosa seriedad de ancianos? Y que concurren a la clase con los cuadernos perfectamente forrados y el libro sin dobladuras en las páginas.* < “Los chicos que nacieron viejos” >, Esses fedelhos... esses velhos fedelhos que na escola chamávamos “caxias” <sup>3</sup>/<sub>4</sub> por que será que nascem garotos que desde os cinco anos demonstram uma pavorosa seriedade de anciãos?— e, que comparecem às aulas com os cadernos perfeitamente encapados e o livro sem orelhas nos cantos.

**PELOTERA DE SAN QUINTÍN** *exp.* Bafafá, rolo, confusão, tumulto: *Como es natural, sobre si el referido miembro lo dijo o no lo dijo, se arma otra pelotera de San Quintín; pelotera que en modo alguno aclara el lío, sino que lo enturbia más, pues por efecto de los ánimos explosivos, viene a suscitar nuevos chismes, nuevas historias, nuevos coscorrones.* < “¿No se lo decía yo?” >, Como é natural, sobre se o referido membro disse ou não disse, arma-se outro bafafá; bafafá que de modo algum esclarece a confusão, mas a conturba ainda mais, pois por causa dos ânimos explosivos vem suscitar novas fofocas, novas histórias, novos cascudos.

**PEQUERO S.** *Lunf.* malandro de jogo, trapaceiro: *He sido detenido en averiguación de antecedentes como treinta veces; por portación de armas —que no llevaba— otras tantas, luego me regeneré y desempeñé la tarea de grupí, rematador falluto, corredor, pequero, extorsionista, encubridor, agente de investigaciones, ayudante de pequero porque me exoneraran de investigaciones (...).*

**PERCALERA S.** *Lunf.* Costureinha, mocinha pobre: *Y cada día merma el stock de giles. Cada día desaparece un zonzó de la circulación. Parece mentira, pero así no más es. “Te adivino el pensamiento, percalera. Es éste: “Puede venir otro mejor”...* < “¡Atenti, nena, que el tiempo pasa!” >, E a cada dia mingua o stock de bobos. A

cada dia desaparece um sonso de circulação. Parece mentira, mas é assim mesmo. “Te adivinho o pensamento, costureirinha. É este: “Pode aparecer outro melhor”...

**PERDER EL PLATO** *exp.* Perder o prato do dia: *Otras veces lo inesperado es una señora dándose de cachetadas con su vecina, mientras un coro de mocosos se prende de las polleras de las furias y el zapatero de la mitad de cuadra asoma la cabeza a la puerta de su covacha para no perder el plato.* < “El placer de vagabundear” >, Outras vezes o inesperado é uma senhora se esbofeteando com a vizinha, enquanto um coro de remelentos se agarra às saias das fúrias e o sapateiro da metade da quadra coloca a cabeça na porta da sua biboca para não perder o prato do dia.

**PERDONAVIDAS** *S.* Valentão: *Calle porteña de todo corazón (...) la recta donde es bonita la vagancia y donde hasta el más inofensivo infeliz se da aires de perdonavidas y de calavera jubilado.* < “El espíritu de la calle Corrientes no cambiará con el ensanche” >, Rua portenha de todo o coração (...) a reta onde a vadiagem é bonita e onde até o mais inofensivo infeliz se dá ares de valentão e de farrista aposentado.

**PERILLÁN** *S.* Malandro, espertalhão: *En el ruedo un perillán con camisa rosa y gorra aplastada trata de comunicarle a los potros dinamismos de pur-sang (...).*<, “Visita al ‘tattersal’ reo” >, Na arena, um malandro com camisa rosa e boné achatado trata de comunicar aos potros dinamismos de pur-sang (...).

**PERRO FALDERO** *S.* Cachorro de madame, lulu: *Vestieron a la muñeca de lujo, la encintaron como a una infanta, o como a un perro faldero, y la colocaron en el sillón, para admiración de las visitas.* < “Taller de composturas de muñecas” >, Vestiram a boneca com luxo, enfeitaram-na com fitas como uma infanta, ou como um cachorro de madame, e a colocaram na poltrona, para admiração das visitas.

**PERÚ** *exp. que vale un Perú:* que vale ouro: *Hay una frase de Goethe, respecto a este estado, que vale un Perú. Dice: “Tú que me has metido en este dédalo, tú me sacarás de él”.* < “La terrible sinceridad” >, Há uma frase de Goethe, a respeito

deste estado, que vale ouro. Diz: “Você que me meteu neste dédalo, você me tirará dele”.

**PESQUISA** *S. Lunf.* Meganha, informante, secreta, policial: *Un salón oscuro, donde la patota de pesquisas sugiere un cuadro de novela de Ponson de Terrail.* < “Engañando al aburrimiento” >, Um salão escuro, onde a curriola de meganhas sugere um quadro de romance de Ponson du Terrail.

**PIBA** *S. Lunf.* Garota: ¡Atenti, piba, que los siglos corren! < “¡Atenti, nena, que el tiempo pasa!” >, Atenti, garota, que os séculos correm!

**PILETA** *Lunf. exp. estar en la pileta.* Estar liso, duro, sem dinheiro: *Otro vago a la pileta. ¡Qué barrio de sábalos, éste!* < “La vida contemplativa” >, Outro vadio liso. Que bairro de lambaris, este aqui!

**PILLETE** *S. Pilantra: — Has sido un pillete. Has mentido. Te has emborrachado. Le has pegado a tu mujer.* < “La muchacha del atado” >, — Você foi um pilantra. Mentiu. Se embebedou. Bateu na tua mulher.

**PILLO** *S. 1. Malandro: Me gusta abrir la boca como un papanatas frente a un pillo que vende grasa de serpiente o cacerolas inoxidables.* < “Dialogo de lechería” >, Gosto de abrir a boca feito um palerma diante de um malandro que vende banha de serpente ou panelas inoxidáveis. **2. Patife: Y la mondonguera, que le debe unos centavos al quinielero, exclama: —Cierto, señora... este pillo hace un rato que me hablaba de usted... < “La mujer que juega a la quiniela” >, E a tripeira, que deve uns centavos ao lotérico, exclama: — Verdade, dona... este patife agorinha mesmo me falava da senhora...**

**PINTA** *S. Lunf.* Pinta, jeitão: *Y fijándome en la pinta de la dama, nuevamente reflexioné: — ¡Atenti, nena, que le tiempo raja!* < “¡Atenti, nena, que el tiempo pasa!” >, E me fixando na pinta da dama, novamente refleti: — Atenti, meu bem, que o tempo voa!

**PORRA** *S. Lunf.* Juba, cabeleira: *Luego volvió la cabeza para el muro; se tapó la porra con la sábana y apoliyó hasta las tres de la tarde.* < “La vida contemplativa”



>, Em seguida virou a cabeça para a parede; cobriu a juba com o lençol e ferrou no sono até as três da tarde.

**PURRETE** *S. Lunf.* Pirralho, fedelho, pimpolho: *Porque hay purretes que son alegres, joviales y burlones, y otros que ni por broma sonríen; chicos que parecen estar embutidos en la negrura de un traje curialesco, chicos que tienen algo de sótano de una carbonería complicado con la afectuosidad de un verdugo en decadencia.* < “Los chicos que nacieron viejos” >, Porque há pirralhos que são alegres, joviais e brincalhões, e outros que não sorriem nem de brincadeira; garotos que parecem estar metidos na negrura de um traje curialesco, garotos que têm algo de porão de uma carvoaria complicado com a afetividade de um carrasco em decadência.

**QUINIELA** *S.* loteria (uma espécie de loteria esportiva): *Realmente, la mujer que juega a la quiniela existe, mejor dicho, es característica de determinados barrios, no de todos; porque hay barrios donde la quiniela no prospera, mientras que en otros sí.* < “La mujer que juega a la quiniela” >, Realmente, a mulher que joga na loteria existe, quer dizer, é característica de determinados bairros, não de todos; porque há bairros onde a loteria não prospera enquanto em outros, sim.

**RABONERO** *S. Lunf.* Cabulador de aula: *Sentados en sus respectivas mesas, tres escolares, con marca de raboneros; (...).* < “Engañando al aburrimiento” >, Sentados em suas respectivas mesas, três colegiais com pinta de cabuladores de aula; (...).

**RAJAR** *V. Lunf.* Voar, chispar, se arrancar, sair, ir embora: *¡Atenti, nena, que el tiempo raja!* < “¡Atenti, nena, que el tiempo pasa!” >, Atenti, meu bem, que o tempo voa!

**RANA** *Adj. Lunf.* Escolado: *Cierto que en cada fosa nasal puede llevar contrabando, y que tiene la mirada pitañosa como sirviente sin sueldo o babión sin destino, cierto que hay muchachos más lindos, más simpáticos, más ranas, más prácticos para pulsar la vihuela de tu corazón y cualquier cosa que se le ocurra al que me lee.* < “¡Atenti, nena, que el tiempo pasa!” >, É verdade que em cada fossa

nasal pode levar contrabando, e que tem o olhar remelento como empregado sem salário ou bestalhão sem destino, verdade que existem rapazes mais lindos, mais simpáticos, mais escolados, mais práticos para dedilhar a viola do teu coração e qualquer coisa que possa ocorrer àquele que me lê.

**RANTE** *Lunf.* De quinta, de quinta categoria: (...) *y para que lo observaran con amabilidad de viejos amigos las actrices que a la una de la madrugada van a tomar un chocolate en cualquiera de los mil cafés rantes que decoran la calle.* < “No era ése el sitio, no...” >, (...) e para que o observassem com amabilidade de velhos amigos as atrizes que, a uma da madrugada, vão tomar um chocolate em qualquer um dos mil cafés de quinta que decoram a rua.

**RANTIFUSO** *Lunf.* Por cruzamento com **esquifuso**. Termo pesado, ofensivo. Crianças, por exemplo, não podiam usá-lo. Dada a interferência do italiano no português de São Paulo, houve o aportuguesamento do termo: esquifoso, nojento, asqueroso, repugnante: —*Nena, no te hablaré del tiempo, del concepto matemático del rantifuso tiempo que tenían Spencer, Poincaré, Einstein y Proust.* < “¡Atenti, nena, que el tiempo pasa!” >, — Meu bem, não vou te falar do tempo, do conceito matemático do esquifoso tempo que tinham Spencer, Poincaré, Einstein e Proust.

**RATERO** *S. Lunf.* Gatuno: *Hay un tipo de ladrón que no es ladrón, segun nuestro modo de ver, y que legalmente es más ratero que el mismo Saccomano.* < “Filosofía del hombre que necesita ladrillos” >, Há um tipo de ladrão que não é ladrão, segundo nosso modo de ver, e que legalmente é mais gatuno que o próprio Saccomano ou mesmo um Meneghetti.

**RAZZIA** *V. Lunf.* Rapa: *Y el ladrón, llamémoslo ladrón, aunque se trata de un honesto propietario, va en compañía de toda su prole a efectuar la “razzia” ladrilleril.* < “Filosofía del hombre que necesita ladrillos” >, E o ladrão, chamemos o dito de ladrão, embora se trate de um honesto proprietário, vai na companhia de toda a sua prole para efetuar o “rapa” tijolal.

**RELOJEAR** *V. Lunf.* Espiar, sapear, olhar de esquelha: *Frente a las vidrieras de las agencias de automóviles, hay detenidos, a toda hora, zaparrastrosos*

*inverosímiles, que relojean una máquina de diez mil para arriba y piensan si ésta es la marca que les conviene comprar, mientras estrujan en el bolsillo la única monedita que les servirá para almorzar y cenar en un bar automático.* < “Candidatos a millonarios” >, Diante das vitrines das agências de automóveis, há, parados, a toda hora, maltrapilhos inverossímeis, que ficam espiando uma máquina de dez mil para cima e pensam se esta é a marca que lhes convém comprar, enquanto espremem no bolso a única moedinha que lhes servirá para almoçar e jantar num bar automático.

**REO** Adj. Lunf: Chinfrim, reles, humilde: *Esto es el barrio porteño, barrio profundamente nuestro; barrio que todos, reos o inteligentes llevamos metido en el tuétano como una brujería de encanto que no muere, que no morirá jamás.* < “Silla en la vereda” > Isso é o bairro portenho, bairro profundamente nosso; bairro que todos, chinfrins ou inteligentes, levamos metido no tutano como uma bruxaria de encanto que não morre, que não morrerá jamais.

**SÁBALO** S. Pop. [“Por alusão ao *sábalo*, peixe de carne pouco apreciada e de fácil pesca no Río de La Plata” in Gobello, José, op. cit. p.227]. Lambari, pé-rapado, pessoa de baixa condição social.: *¡Qué barrio de sábalos, éste! (Explicación técnica de sabalaje: pez que abunda en las orillas de agua sucia)* < “La vida contemplativa” >, Que bairro de lambaris, este aqui! (Explicação técnica de lambarizada: peixes que abundam nas margens de água suja.)

**SECAR** V. Lunf. **1. exp. en seco:** engolir em seco: *El tipo al cual se le hace dos veces esta observación, se detiene en seco, no sabe si contestar mal o bien a su amable reflexión (...).* < “ ‘Cuna de oro’ y ‘pañales de seda’ ” >, O tipo a quem se faz duas vezes esta observação engole em seco, não sabe se responde bem ou mal à sua amável reflexão (...). **2. Torrar, encher:** *Haga esta prueba con alguno que lo seca dándose cortes idiotas. Le aseguro que la receta es buena.* < “ ‘Cuna de oro’ y ‘pañales de seda’ ” >, Faça este teste com alguma pessoa que te torra, botando uma panca idiota. Asseguro que a receita é boa.

**SECO** *S. Lunf.* Duro, liso, sem dinheiro: —*¿Qué protestás, atorrante? Si sos más seco que un ladrillo.* < “Mala junta” >, — Do que está reclamando, infeliz? Se você é mais duro que uma pedra.

**SOBRAR** *V. Pop.* Esnobar: *Y sobrándola, yo le decía “in mente”:* —*Nena, no te hablaré del tiempo, del concepto matemático del rantifuso tiempo que tenían Spencer, Poincaré, Einstein y Proust.* E esnobando-a, eu lhe dizia “in mente”: — Meu bem, não vou te falar do tempo, do conceito matemático do esquifoso tempo que tinham Spencer, Poincaré, Einstein e Proust.

**TAHÚR** *S.* Trapaceiro: *Adentro levanta la guardia media docena de agentes de investigaciones. Tienen caras de asesinos, de ladrones y de tahúres.* < “Engañando al aburrimiento” >, Lá dentro, meia dúzia de agentes de investigações monta guarda. Têm cara de assassinos, de ladrões e de trapaceiros.

**TACAÑO** *S.* Munheca, sovina, avaro: *Problema brutal e inexplicable, porque uno no puede saber qué diablos es lo que tendrá ese nene en el “mate”; ese nene que a los quince años va al primer año del colegio nacional enfundado en un sobretodo y que hasta mezquiño y tacaño de sonrisa resulta (...).* < “Los chicos que nacieron viejos” >, Problema brutal e inexplicável, porque não se pode saber que diabos esse menininho terá na “cachola”; esse menininho que, aos quinze anos, vai ao primeiro ano do Colégio Nacional metido num sobretudo e que acaba sendo mesquinho e munheca, até no sorriso (...).

**TANO** *Pop.* Napolitano, italiano em geral, mas de forma pejorativa: *carcamano: Está, después, la otra silla, silla conventillera, silla de “jovies”, tanos y galaicos (...).* < “Silla en la vereda” >, Depois, tem a outra cadeira, cadeira de cortiço, cadeira de “velhos”, carcamanos e galaicos (...).

**TENER UNA AGARRADA** *exp.* Ter um bate-boca: *Por ejemplo: que X ha pedido convocatoria de acreedores, que a N le han negado un crédito en el Banco, que a F la casa mayorista B se ha negado a renovarle un vencimiento, que H tuvo una agarrada con el corredor de XXXX y casi se dan de patadas....* < “El Siniestro Mirón” >, Por exemplo: que X pediu convocatória de credores, que N teve negado

um crédito no Banco, que a F a casa atacadista B se negou a renovar um vencimento, que H teve um bate-boca com o corretor de XXXX e quase saem aos pontapés...

**TIMBA** S. Lunf. Casa de carteadado: *En los allanamientos de timbas baratas, la policía suele detener frecuentemente a jugadores turquescos que se pierden la mercería en un problemático juego de azar (...).* < “El turco que juega y sueña” >, Nas batidas nas casas baratas de carteadado, a polícia costuma prender freqüentemente jogadores com jeito de turcos que perden a mercadoria num problemático jogo de azar (...).

**TÍA** S. Pop. Tipa, uma fulana qualquer: *A usted se le importa absolutamente nada la historia de la hermana del latero. Por el contrario; le parece muy natural que esa tía se haya casado con un maquinero, si así se le antojó.* < “Psicología simple del latero” >, Para você não interessa absolutamente nada a história da irmã do chato de galocha. Ao contrário; parece muito natural que essa tipa tenha se casado com um vendedor de máquinas, se assim desejou.

**TÍO** S. Pop. Sujeito, tipo: *Indudablemente aquélla era la casa de las bagatelas, y esos señores unos tíos raros, cuyo trabajo tenía más parecido con la brujería que con los menesteres de un oficio.* < “Taller de composturas de muñecas” >, Indubitavelmente, aquela era a casa das bagatelas, e esses senhores uns sujeitos estranhos, cujo trabalho tinha mais semelhança com a bruxaria do que com os afazeres de um ofício.

**TIRAR LA BRONCA** V. Lunf. Dar uma bronca: *Ahora que llego al final me pregunto, medio temeroso: ¿El Director no tirará la bronca con estos apurones míos?* < “Una excusa: el hombre del trombón” >, Agora que estou chegando ao final, me pergunto, meio temeroso: o Diretor não vai me dar uma bronca por estes meus apertos?

**TIRAR A LA BARTOLA** V. Lunf. Flautear, vadiar, ficar à toa: *Trabaja después de haberse tirado veintecinco años a la bartola.* < “ ‘Laburo’ nocturno” >, Trabalha depois de ter se dedicado vinte e cinco anos a flautear.

**TIRASE A MUERTO** V. Lunf. Fazer-se de morto, dar uma de João-sem-braço: *El “squenun” no trabaja. El “hombre que se tira a muerto” hace como que trabaja. El primero es el cínico de la holgazanería; el segundo, el hipócrita del dulce far niente.* < “Apuntes filosóficos acerca del hombre que se tira a muerto” >, O “squenun” não trabalha. O “homem que se faz de morto” faz que trabalha. O primeiro é o cínico da vadiagem; o segundo, o hipócrita do *dolce far niente*.

**TOSCANO** S. Lunf. Charuto toscano. É um tipo de charuto muito comum que, geralmente, se fuma cortado em duas partes. *Fresca y sonora en los labios negros de “chicar” toscanos, de los robustos inmigrantes que se establecerían en la Boca y en Barracas.* < “El ‘furbo’ ” >, Fresca e sonora nos lábios negros de “pitar” charutos toscanos, dos robustos imigrantes que se estabeleceriam na Boca e em Barracas.

**TORTA Y PAN PINTADO** exp. Fichinha, sem importância: *Hay personas que tienen cierta prevención contra los cojos. Los creen malos, incapaces de una buena acción. Sin embargo, hoy he descubierto que un cojo es torta y pan pintado junto a un bizco, sobre todo si se trata de un bizco que está enamorado.* < “El bizco enamorado” >, Há pessoas que têm certa prevenção contra os coxos. Acreditam que são maus, incapazes de uma boa ação. No entanto, hoje eu descobri que um coxo é fichinha perto de um vesgo, sobretudo se se trata de um vesgo que está apaixonado.

**TRABAJAR DE CONVERSACIÓN** V. Lunf. Cantar, seduzir na base da conversa: *El bizco robusto la trabajaba de conversación.* < “El bizco enamorado” >, O vesgo robusto cantava a moça.

**TRINCAR** V. Lunf. Agarrar, seduzir: *En muchas casas prudentes, para evitar que las niñas se entretengan elaborando pensamientos inconvenientes, conchaban a las más viejas, mientras que las más jóvenes y comestibles se quedan en la casa para trincar al otario (¡ya se me escapó outro término reo!).* < “Persianas metálicas y chapas de doctor” >, Em muitas casas prudentes, para evitar que as meninas se entretenham elaborando pensamentos inconvenientes, conchavam com as mais

velhas, enquanto as mais jovens e palatáveis ficam em casa para agarrar o otário (já me escapou outro termo bandido!).

**TRUANERÍA** *S. Trapaça: Yo recuerdo haberme extasiado numerosas veces con esos folletos de truhanerías farmacéuticas que comienzan con el sacramental “antes y después”.* < “La decadencia de la receta médica” >, Eu me lembro de ter me extasiado inúmeras vezes com esses folhetos de trapaças farmacêuticas que começam com o sacramental “antes e depois”.

**TURRO** *S. Lunf. Safado; idiota, imbecil: (...) y en el Reformatorio, en vez de reformarse, se hicieron amigos de turros pur-sang, de asesinos en embrión y assaltantes en flor (...).* < “Mala junta” >, (...) e no Reformatório, em vez de se reformar, ficaram amigos de safados pur-sang, de assassinos embrionários e assaltantes em flor (...).

**TURRO BANANERO** *S. Lunf. Safado de primeira: Si yo fuera un turro bananero, no trabajaría.* < “ ‘Laburo’ nocturno” >, Se eu fosse um safado de primeira, não trabalharia.

**VAGOS** *Adj. Vadios: Por qué las ciencias naturales poseen tanta aceptación entre sujetos que tienen catadura de vagos?* < “Los tomadores de sol en el Botánico” >, Por que as ciências naturais possuem tanta aceitação entre sujeitos que têm catadura de vadios?

**VENTO** *S. Lunf. Gaita, grana, bufunfa, tutu, vento: (...) los vivos trincaban a un “lonyi” para enseñarle a “lancear” entabliyándole los dedos durante veinticinco horas, aprendiendo así los procedimientos para esconder el vento (...)* < “Mala junta” >, (...) os vivaldinos agarravam um “bocó” para lhe ensinar a “lancear” colocando talas nos dedos durante vinte e cinco horas, aprendendo assim os procedimentos para esconder a gaita (...)

**VIVILLO** *Adj. Lunf. Boa-vida, espertalhão: No he conocido sinvergüenza, malandrín, estafador, pillete, mediocre, imbécil matriculado, ladrón, vivillo, olfa de los jefes, holgazán ni tahir; (...).* < “ ‘Cuna de oro’ y ‘pañales de seda’ ”>, Não

conheci sem-vergonha, malandro, vigarista, pilantra, medíocre, imbecil de carteirinha, ladrão, boa-vida, lambe-botas dos chefes, folgado nem trapaceiro; (...).

**VIVO** *Adj. Lunf.* Vivaldino, esperto: *Usted puede con la tabla pitagórica en la mano demostrarle, como dos y dos son cuatro, que el charlatán es un embaucador, un vivo y la fulana dirá que “sí”, y al final irá a lo del vivo, porque el vivo, le demostrará que dos más dos son cinco.* < “La señora del médico” >, Você pode, com a tábua pitagórica na mão, lhe demonstrar, como dois e dois são quatro, que o charlatão é um embusteiro, um vivaldino e a fulana dirá que “sim”, e no fim irá ao apartamento do vivaldino, porque o vivaldino lhe demonstrará que dois mais dois são cinco.

**YUGAR** *V. Lunf.* Dar duro: *Una fiebre sorda se ha apoderado de todos los que yugan en esta población. La esperanza de enriquecerse mediante uno de esos golpes de fortuna con que el azar le da en la cabeza a un desdichado, convirtiéndolo, de la mañana a la noche, de carbonero en el habitante perpetuo de un Rolls-Royce o de un Lincoln.* < “Candidatos a millionarios” >, Uma febre surda se apoderou de todos os que dão duro nesta população. A esperança de se enriquecer mediante um desses golpes de sorte com que o acaso cai na cabeça de um infeliz, transformando-o, da noite para a manhã, de carvoeiro no habitante perpétuo de um Rolls-Royce ou de um Lincoln.

**ZAMPATORTA** *S.* Glutão: *Porque, en realidad, qué fue Goya, sino un pintor de las calles de España? Goya, como pintor de tres aristócratas zampatortas, no interesa. Pero Goya, como animador de la canalla de Moncloa, de las brujas de Sierra Divieso, de los bigardos monstruosos, es un genio. Y un genio que da miedo.* < “El placer de vagabundear” >, Porque, na realidade, o que foi Goya, senão um pintor das ruas da Espanha? Goya, como pintor de três aristocratas glutões, não interessa. Mas Goya, como animador da canalha de Moncloa, das bruxas de Sierra Divieso, dos vadios monstruosos, é um gênio. E um gênio que dá medo.

**ZANAHORIA** *S. Lunf.* Banana, tonto, bobo: *El gil que la acompañaba ensayaba todo arte de conversación, pero al ñudo; porque la nena se hacía la interesante y*



*miraba al espacio como si buscara algo que fuera menos zanahoria que el acompañante.* < “¡Atenti, nena, que el tiempo pasa!” >, O bobo que a acompanhava ensaiava toda arte de conversa, mas à toa; porque a moça se fazia de difícil e olhava o espaço como se procurasse alguma coisa que fosse menos banana que o acompanhante.

***ÁGUAS-FORTES PORTENHAS,***

**DE ROBERTO ARLT**

**Tradução: Maria Paula Gurgel Ribeiro**

### OS GAROTOS QUE NASCERAM VELHOS

Caminhava hoje pela rua Rivadavia, na altura da Membrillar, quando vi na esquina um rapaz com cara de Matusalém; a ponta do forro do sobretudo encostando nos sapatos; as mãos sepultadas no bolso; o seu chapéu “fungi” amassado, e o pálido nariz grandalhão como que lhe chovendo sobre o queixo. Parecia um velho e, no entanto, não teria mais de vinte anos... Falo vinte anos e falaria cinqüenta, porque era isso o que aparentava com seu tédio de carranca chinesa e seus olhos embaçados como os de um antigo lavador de pratos. E me fez lembrar de uma porção de coisas, inclusive dos garotos que nasceram velhos, que já na escola...

Esses fedelhos... esses velhos fedelhos que na escola chamávamos “caxias” <sup>3</sup>/<sub>4</sub> por que será que nascem garotos que desde os cinco anos demonstram uma pavorosa seriedade de anciãos?— e que comparecem às aulas com os cadernos perfeitamente encapados e o livro sem orelhas nos cantos.

Poderia garantir, sem exagero, que se quisermos saber qual será o futuro de um garoto basta checar seu caderno, e isso nos servirá para profetizar seu destino.

Problema brutal e inexplicável, porque não se pode saber que diabos esse menininho terá na “cachola”; esse menininho que, aos quinze anos, vai ao primeiro ano do Colégio Nacional metido num sobretudo e que acaba sendo mesquinho e munheca até no sorriso, e depois, alguns anos mais tarde, o encontramos e sempre sério nos joga na cara que está estudando para escrivão ou advogado, e se forma, e continua sério, e está noivo e continua grave como um Digesto Municipal; e se casa,

e no dia em que se casa, qualquer um diria que assiste ao falecimento de um senhor que deixou de lhe pagar os honorários...

Não mataram aula. Nunca mataram aula! Nem na escola nem no Colégio Nacional. Nem é preciso dizer que nunca perderam uma tarde no café da esquina jogando bilhar. Não. Quando muito ou, no máximo, a diversão a que se permitiram foi acompanhar as irmãs ao cinema, não todos os dias, mas de vez em quando.

Mas o problema não é de saber se, quando adultos, jogaram ou não bilhar e sim por que nasceram sérios. Quem são os culpados? O pai ou a mãe? Porque há pirralhos que são alegres, joviais e brincalhões, e outros que não sorriem nem de brincadeira; meninos que parecem estar metidos na negrura de um traje curialesco, meninos que têm algo de porão de uma carvoaria complicado com a afetividade de um carrasco em decadência. A quem devemos interrogar? Aos pais ou às mães?

Prestando um pouco mais de atenção nos já supracitados menininhos, observa-se que carecem de alegria como se os pais, quando os encomendaram em Paris, teriam estado pensando em coisas amargas e enfadonhas. De outra forma não se explica essa vida cacete que os garotos armazenam como um veneno que perdeu o efeito.

E tanto perdeu o efeito que passam por entre as coisas mais bonitas da criação com cara amarrada. São tipos que gostam unicamente das mulheres, do mesmo modo que os porcos das trufas e, tirando isso, não são de nada.

No entanto, as teorias mais complicadas caem por terra quando se trata de explicar a psicologia destes pequenos. Há senhoras que dizem, se referindo a um filho sem graça:

— Eu não sei de “quem” ele puxou tanta seriedade. Do pai, não pode ser, porque o pai é um traste de marca maior. De mim? De mim muito menos.

Garotos pavorosos e tetricos. Garotos que nunca leram *O corsario negro*, nem *Sandokan*. Garotos que nunca se apaixonaram pela professora (tenho que escrever uma nota sobre os garotos que se apaixonam pela professora); garotos que têm uma prematura gravidade de escrivão idoso; garotos que não falam palavrão e

que fazem a lição com a ponta da língua entre os dentes; garotos que sempre entraram na escola com os sapatos perfeitamente engraxados e as unhas limpas e os dentes escovados; garotos que na festa de fim de ano são o orgulho das professoras que os exibem com o cabelo penteado para trás e com brilhantina; garotos que declamam com uma ênfase regulamentar e protocolar o verso *À minha bandeira*; garotos com boas notas; garotos que do Nacional vão para a Universidade, e da Universidade para o Gabinete, e do Gabinete para os Tribunais, e dos Tribunais para um lar congelado com esposa honesta, e do lar com esposa honesta e um filho bandido que faz versos, para o cemitério Chacarita ... Para que é que estes homens sérios terão nascido? Pode-se saber? Para que terão nascido estes menores graves, estes colegiais austeros?

Mistério. Mistério.

15/8/1930

### **OFICINA DE CONSERTO DE BONECAS**

Existem ofícios vagos, remotos, incompreensíveis. Trabalhos inconcebíveis e que, no entanto, existem e proporcionam honra e proveito àqueles que os exercem.

Uma destas atividades é a de consertador de bonecas.

Porque eu não sabia que as bonecas podiam ser consertadas. Achava que uma vez quebradas, eram jogadas fora ou dadas, mas jamais imaginei que houvesse cristãos que se dedicassem a tão elevada tarefa.

Esta manhã, passando pela rua Talcahuano, atrás do empoeirado vidro de uma janela, lúgubre e cor de sebo, vi pendurada num arame, pelo pulso, uma boneca. Tinha o cabelo de palha-de-milho, e olhos vesgos. Tão sinistra era a catadura da boneca, que me detive um instante para contemplá-la.

E me detive para contemplá-la porque ali, situada atrás do vidro e pendurada desse mau jeito, parecia o sinal de algum ladrão de criança ou de uma parteira. E a primeira coisa que me ocorreu foi que essa endiabrada boneca, empoeirada e desbotada, bem poderia servir de tema para um poema de Rega Molina ou para uma

fantasia capenga de Nicolás Olivari ou Raúl González Tuñón. Mas, mais detido ainda, pela atração que o ambíguo espantalho exercia sobre a minha imaginação, cheguei a levantar os olhos e, então, li na frente do janelão, este cartaz:

“Restaura-se bonecas. Preços módicos”

Estava na presença de um dos ofícios mais estranhos que se possa exercer na nossa cidade.

Por trás dos vidros se moviam uns homens empoeirados também, e com mais cara de fantasmas do que de seres humanos, e recheavam com serragem pernas de boneca ou estudavam obliquamente o vértice pupilar de um fantoche.

Indubitavelmente, aquela era a casa das bagatelas, e esses senhores uns sujeitos estranhos, cujo trabalho tinha mais semelhança com a bruxaria do que com os afazeres de um ofício.

Entre as cotoveladas das porteiras, que saíam às compras, e os empurrões dos transeuntes, me afastei, mas estava na cara que não devia perder o tema, porque ao chegar na rua Uruguay, noutra vitrine mais caindo aos pedaços ainda que a de Talcahuano, vi outro fantoche enforcado e, embaixo, o já conhecido cartaz: “Conserta-se bonecas”.

Fiquei como quem está tendo visões, e então cheguei a me dar conta de que o ofício de consertador de bonecas não era um mito, nem um pretexto para trabalhar mas, sim, que devia ser um ofício lucrativo, já que duas lojas semelhantes prosperavam a tão pouca distância uma da outra.

E então me pergunto: que pessoas será que levam bonecas para consertar, e por que, em vez de gastar no conserto, não comprar outras novas? Porque vocês hão de convir comigo que isso de mandar restaurar uma boneca não é coisa que ocorra a uma pessoa todos os dias. E, no entanto, existem; é, existem essas pessoas que mandam bonecas para consertar.

São aquelas que amargaram a infância dos pequenos. Os eternos conservadores.

Quem não se lembra de ter entrado numa sala, numa dessas salas das casas onde a miséria começa na sala de jantar?

São salas de visita que parecem bricabraques. Molduras douradas, retratos de toda uma geração, diplomas pelas paredes, quinquilharias sobre as mesinhas; nos medalhões, chumaços de cabelo de algum ser querido e finado; e, sentada numa poltrona, rodeada de fita para cabelo, a boneca, uma boneca grande como uma menininha de um ano, uma dessas bonecas que dizem *papai e mamãe* e que fecham os olhos, e que só falta andar para ser o perfeito homúnculo.

É a boneca que deram de presente para uma das meninas da casa. Deram de presente em tempos de prosperidade, no tempo do Onça.

E como a boneca era tão linda e custava uns bons pesos, a menininha nunca pôde brincar com ela.

Vestiram a boneca com luxo, enfeitaram-na com fitas como uma infanta, ou como um cachorro de madame, e a colocaram na poltrona, para a admiração das visitas.

E a menininha só podia brincar com a boneca no dia que havia visitas.

Então, sob o olhar severo das tias ou das parentes, a criancinha, com excesso de precauções, podia pegar a boneca entre seus braços e ver como fechava os olhos ou dizia *papai e mamãe*.

Naturalmente, enquanto as visitas estivessem lá.

Agora, passados os anos, o conserto de uma boneca corresponde a um sentimento de avareza ou de sentimentalismo.

Porque eu não concebo que se mande consertar uma boneca. Não há motivo. Se ela se quebra, joga-se fora e, se não, que cumpra suas funções de brinquedo até que aqueles que se divertem com ela um belo dia a joguem fora para regozijo dos gatos da casa.

No entanto, as pessoas não devem pensar assim, já que existem oficinas de consertos. O sentimentalismo me parece uma razão pobre.

No entanto, não sei por que, acho que as pessoas que levam bonecas para consertar devem ser antipáticas. E avarentas. Com essa avareza sentimental das solteironas, que decidem não jogar fora um objeto antigo por estas duas razões:

1º Porque custou “uns bons pesos”.

2º Porque lhes faz lembrar seus velhos tempos, quero dizer, seus tempos de juventude.

Agora, se o leitor me perguntar, “como, com tal luxo de precauções e de sentimento conservador, as bonecas se quebram?”, eu direi:

O único culpado é o gato. O gato que um dia se enche de ver o monstrengo intacto e, a patadas, tira-o do seu trono rococó. Ou a empregada: a empregada que vai embora da casa por causa de uma discussão e desafoga sua raiva a golpes de espanador no grudado crânio de louça da boneca.

E as lojas de restauração de bonecas, vivem destes dois sentimentos.

5/9/1928

### **MOINHOS DE VENTO EM FLORES**

Hoje, perambulando por Flores, entre dois sobrados de estilo colonial, atrás de uma cerca, num terreno profundo, erigido de cina-cinas, vi um moinho de vento desmochado. Um desses moinhos de vento antigos, de robusta armação de ferro profundamente oxidada. Algumas pás torcidas se dependuravam na negra engrenagem, lá em cima, como a cabeça de um decapitado; e fiquei pensando tristemente em que bonito deve ter sido tudo isso há alguns anos, quando a água de uso era tirada do poço. Quantos anos se passaram desde então!

Flores, Flores das chácaras, das enormes chácaras ensolaradas, vai desaparecendo dia após dia. As únicas cisternas que se vêem são de “camouflage”, e podem ser vistas no pátio de sobradinhos que ocupam o espaço de um lenço. Assim vivem as pessoas hoje em dia.

Que lindo, que espaçoso que era o bairro de Flores antes! Em todos os lugares se erguiam os moinhos de vento. As casas não eram casas, mas casarões. Ainda restam alguns pela rua Beltrán ou por Bacacay ou por Ramón Falcón. Poucos, muito poucos, mas ainda restam. Nas propriedades tinha cocheiras e, nos quintais, enormes quintais cobertos de glicínia, rangia a corrente do balde ao descer no poço. As grades eram de ferro maciço e os postes, de quebraço. Lembro da chácara dos Naón. Lembro do último Naón, um mocinho camarada e muito bom, que sempre estava a cavalo. O que foi feito do homem e do cavalo? E da chácara? É, da chácara eu me lembro perfeitamente. Era enorme, cheia de paraísos e, por um lado dava na rua Avellaneda e, pelo outro, na Méndez de Andes. Atualmente, ali todos são edifícios de apartamentos ou “casinhas ideais para noivos”.

E o quarteirão situado entre Yerbal, Bacacay, Bogotá e Beltrán?

Aquilo era um bosque de eucaliptos. Como certos lugares de Ramos Mejía; embora Ramos Mejía também esteja se infectando de modernismo.

A terra, então, não valia nada. E se valia, o dinheiro carecia de importância. As pessoas dispunham para seus cavalos do espaço que hoje uma companhia compra para fabricar um bairro de casas baratas. A prova está em Rivadavia, entre Caballito e Donato Álvarez. Ainda se vê enormes restos de chácaras. Casas que estão como que implorando em sua bela velhice que não as botem abaixo.

Em Rivadavia e Donato Álvarez, a uns vinte metros antes de chegar a esta última, existe ainda um seibo gigantesco. Contra seu tronco se apoiam as portas e contramarcos de um galpão de materiais usados. Na mesma esquina e, em frente, pode-se ver um grupo de casas antiquíssimas de tijolo, que cortam irregularmente a calçada. Em frente destas, há edifícios de três andares e, de um desses casarões, saem os gritos joviais de vários vascos leiteiros que jogam bola num campo de futebol.

Naquela época todo mundo se conhecia. As livrarias! É de dar risada! Em todas as vitrines se via os caderninhos de versos do gaúcho Hormiga Negra e dos irmãos Barrientos. As três livrarias importantes dessa época eram a dos irmãos



Pellerano, “A Lanterna” e a de don Ángel Pariente. O resto eram botecos ignominiosos, mistura de loja de brinquedos, engraxataria, sapataria, loja e sei lá eu quantas coisas mais.

O primeiro cinematógrafo se chamava “O Palácio da Alegria”. Ali me apaixonei pela primeira vez, aos nove anos de idade, e feito um louco, por Lidia Borelli. No terreno das cavaliças de Basualdo, se instalou então o primeiro circo que foi à Flores.

O único café freqüentado era “As Violetas”, de don Jorge Dufau. Félix Visillac e Julio Díaz Usandivaras eram os gênios da freguesia daquele tempo. As pessoas eram tão simples que acreditavam que os socialistas comiam criancinhas cruas e, ser poeta —“pueta” se dizia— era como ser hoje grande fidalgo de Afonso XIII ou algo do gênero.

As ruas tinham outros nomes. Ramón Falcón se chamava então Unión. Donato Álvarez, Bella Vista.

A dez quadras da Rivadavia começava o pampa.

As pessoas viviam outra vida mais interessante que a atual. Com isso quero dizer que eram menos egoístas, menos cínicas, menos implacáveis. Justo ou equivocado, se tinha da vida e de seus desdobramentos um critério mais ilusório, mais romântico. Se acreditava no amor. As moças choravam cantando *La loca del Bequeló*. A tuberculose era uma doença espantosa e quase desconhecida. Quando eu tinha sete anos, lembro que na minha casa se costumava falar de uma tuberculosa que morava a sete quadras dali, com o mesmo mistério e a mesma compaixão com que hoje se comentaria um extraordinário caso de doença interplanetária.

Acreditava-se na existência do amor. As moças usavam magníficas tranças, e nem em sonho teriam pintado os lábios. E tudo tinha então um sabor mais agreste, e mais nobre, mais inocente. Se acreditava que os suicidas iam para o inferno.

Restam poucas casas antigas pela Rivadavia, em Flores. Entre Lautaro e Membrillar se pode contar cinco edifícios. Pintados de vermelho, de azul-claro ou amarelo. Na Lautaro se distinguia, até há um ano atrás, um mirante de vidros

multicoloridos completamente quebrados. Ao lado estava um moinho vermelho, um sentimental moinho vermelho forrado de hera. Um pinheiro deixava sua cúpula balançar nos céus nos dias de vento.

Já não estão lá mais nem o moinho, nem o mirante, nem o pinheiro. Tudo foi levado pelo tempo. No lugar dessa elevação aí, se distingue a porta do chiqueiro onde ficava a empregada. O edifício tem três andares.

Também, as pessoas estão para romantismo? Ali, a vara de terra custa cem pesos. Antes custava cinco e se vivia mais feliz. Mas nos resta o orgulho de ter progredido, isso sim, mas a felicidade não existe. Foi levada pelo diabo.

10/9/1928

### **EU NÃO TENHO CULPA**

Sempre que eu me ocupo de cartas de leitores, costumo admitir que me fazem alguns elogios. Pois bem, hoje recebi uma carta que não me elogia. Sua autora, que deve ser uma respeitável anciã, me diz:

“O senhor era muito garoto quando eu conheci seus pais, e já sei quem é o senhor através de seu Arlt”.

Isto é, que supõe que eu não sou Roberto Arlt. Coisa que está me alarmando, ou me fazendo pensar na necessidade de procurar um pseudônimo, pois outro dia recebi uma carta de um leitor de Martínez, que me perguntava:

“Diga, o senhor não é o senhor Roberto Giusti, o conselheiro do partido Socialista Independente?”

Agora, com o devido respeito pelo conselheiro independente, manifesto que não; que eu não sou nem posso ser Roberto Giusti, quando muito sou seu xará e, mais ainda: se eu fosse conselheiro de um partido, de maneira alguma escreveria notas e sim, me dedicaria a dormir truculentas sextas e a “me ajeitar” com todos os que tivessem necessidade de um voto para fazer aprovar um regulamento que lhes desse milhões.

E outras pessoas também já me perguntaram: “Diga, esse Arlt não é pseudônimo?”

E vocês compreendem que não é coisa agradável andar demonstrando para as pessoas que uma vogal e três consoantes podem ser um sobrenome.

Eu não tenho culpa que um senhor ancestral, nascido vai se saber em que remota aldeia da Germânia ou da Prússia, se chamasse Arlt. Não, eu não tenho culpa.

Tampouco posso argüir que sou parente de Willian Hart, como me perguntava uma leitora era dada à fotogenia e seus astros; mas tampouco me agrada que coloquem sambenitos no meu sobrenome, e que andem procurando pêlo em ovo. Não é, por acaso, um sobrenome elegante, substancioso, digno de um conde ou de um barão? Não é um sobrenome digno de figurar em plaquinha de bronze numa locomotiva ou numa dessas máquinas estranhas, que ostentam o acréscimo de “Máquina polifacética de Arlt”?

Bem: me agradaria me chamar Ramón González ou Justo Pérez. Ninguém duvidaria, então, da minha origem humana. E não me perguntariam se sou Roberto Giusti, ou nenhuma leitora me escreveria, com mefistofélico sorriso de máquina de escrever: “Já sei quem é o senhor através de seu Arlt”.

Já na escola, onde para minha felicidade me expulsavam a cada momento, meu sobrenome começava a dar dor de cabeça às diretoras e professoras. Quando minha mãe me levava para me matricular, a diretora, torcendo o nariz, levantava a cabeça, e dizia:

— Como se escreve “isso”?

Minha mãe, sem se indignar, voltava a ditar meu sobrenome. Então a diretora, se humanizando, pois se encontrava diante de um enigma, exclamava:

— Que sobrenome mais estranho! De que país é?

— Alemão.

— Ah! Muito bem, muito bem. Eu sou grande admiradora do kaiser  
—acrescentava a senhorita. (Por que será que todas as diretoras são “senhoritas”?)

Na classe, começava novamente a via crucis. O professor, me examinando, de mau humor, ao chegar meu nome na lista, dizia:

— Ouça senhor, como se pronuncia “isso”? (“Isso” era meu sobrenome.)

Então, satisfeito de colocar o pedagogo em apuros, ditava-lhe:

— Arlt, carregando a voz no éle.

E meu sobrenome, uma vez aprendido, teve a virtude de ficar na memória de todos os que o pronunciaram, porque não acontecia uma barbaridade na classe sem que o professor dissesse imediatamente:

— Deve ser o Arlt.

Como vocês podem ver, tinha gostado do sobrenome e da sua musicalidade.

E em conseqüência da musicalidade e poesia do meu sobrenome, me expulsavam das classes com uma freqüência alarmante. E se minha mãe ia reclamar, antes de falar, o diretor lhe dizia:

— A senhora é a mãe do Arlt. Não; não senhora. Seu garoto é insuportável.

E eu não era insuportável. Juro. Insuportável era o sobrenome. E em conseqüência dele, meu progenitor me descadeirou inúmeras vezes.

Está escrito na Cabala: “Tanto é acima como abaixo”. E eu acho que os cabalistas tiveram razão. Tanto é antes como agora. E as confusões que suscitavam meu sobrenome, quando era uma criança angelical, se produzem agora que tenho barba e “vinte e oito setembros”, como diz aquela que sabe quem sou eu “através de seu Arlt”.

E isso me enche.

Enche porque tenho o mau gosto de estar encantadíssimo em ser Roberto Arlt. É verdade que preferiria me chamar Pierpont Morgan ou Henry Ford ou Edison ou qualquer outro “esse”, desses; mas na impossibilidade material de me transformar a meu gosto, opto por me acostumar ao meu sobrenome e cavilar, às vezes, em quem foi o primeiro Arlt de uma aldeia da Germania ou da Prússia, e me digo: Que barbaridade terá feito esse antepassado ancestral para que o chamassem de Arlt! Ou, quem foi o cidadão, burgomestre, prefeito ou porta-estandarte de uma corporação

burguesa, a quem ocorreu designar com estas inexpressivas quatro letras um senhor que devia usar barbas até a cintura e um rosto sulcado de rugas grossas como cobras?

Mas na impossibilidade de esclarecer estes mistérios, acabei por me resignar e aceitar que eu sou Arlt, daqui até morrer; coisa desagradável, mas irremediável. E sendo Arlt não posso ser Roberto Giusti, como me perguntava um leitor de Martínez, nem tampouco um ancião, como supõe a simpática leitora que aos vinte anos conheceu meus pais, quando eu “era muito garoto”. Isso me tenta a lhe dizer: “Deus lhe dê cem anos mais, minha senhora; mas eu não sou quem a senhora supõe”.

Quanto a me chamar assim, insisto: Eu não tenho culpa.

6/3/1929

### **O HOMEM DA CAMISA DE FUNDO**

Eu o chamaria de Guardiã do Umbral. É verdade que os que se dedicam às ciências ocultas entendem por Guardiã do Umbral um fantasma robusto e terribilíssimo que aparece no plano astral para o estudante que quer conhecer os mistérios do além. Mas meu guardião do umbral tem outra catadura, outros modos, outro “savoir faire”.

Quem já não o viu? Qual o cego mortal que já não tenha observado o guardião do umbral, o homem da camisa de fundo? Onde pernoita o cego mortal que ainda não notou o cidadão que passa o umbral, para que eu o mostre vivo e rebolando?

É um dos infinitos matizes ornamentais da nossa cidade; é o homem da camisa de fundo. Deus fez a passadeira e, assim que a passadeira saiu por entre suas mãos divinas com uma cesta sob o braço, Deus, diligente e sábio, fabricou, a seguir, o guardião do umbral, o homem da camisa de fundo.

Porque todos os legítimos esposos das passadeiras usam camisetas regatas. E não trabalham. É verdade que procuram trabalho, e que elas se acostumam a que ele

trabalhe no trabalho de procurar trabalho; mas o caso é este. Usam camisa de fundo e montam guarda no umbral.

Quem já não o viu passar?

Em geral, as passadeiras moram nessas casas que em vez de ter um jardim na frente, têm um muro, disfarce de tapume e tentativa de divisória, onde se lê: “Lava-se e passa-se”. Depois, uma escadinha de mármore sujo e, no último degrau, solitário, em mangas de camisa de fundo, erguidos os bigodes, citrina a faccia, enegrecida a melena, azeda a pupila, calçando alpargatas, está sentado o guardião do umbral, o legítimo esposo da passadeira.

Quando é que vai aparecer o Charles Louis Phillipe que descreva nosso arrabalde tal qual é! Quando é que vai aparecer o Quevedo dos nossos costumes, o Mateo Alemán da nossa picardia, o Hurtado de Mendoza da nossa vadiagem!

Enquanto isso, dá-lhe Underwood.

A passadeira se casou com o homem da camisa de fundo quando era jovem e linda. Que bonita e que linda era então! Lábios como flor de romã e trança abundante. Sob o braço, a cesta envolta em meio lençol.

Ele também era um bonito rapaz. Tocava o violão que era um primor. Moravam no cortiço. O rapaz pensou bem antes de se decidir: a mãe da moça tinha a oficina. Pensou tão bem que, depois de um namorico com violão e versinhos do extinto *Picaflor Porteño*, se casaram como Deus manda. Houve baile, cumprimentos, presentes de bazar, e a “velha” enxugou uma lágrima. É verdade que o rapaz não é mau, mas gosta tão pouco de trabalhar... E as velhas que faziam roda em torno da coitada, comentaram:

— O que se vai fazer, senhora! Os jovens de hoje são assim...

É, são tão assim que na semana em que se casou, o homem da camisa de fundo começou a alegar que os chefes tinham inveja dele e que por isso não parava em nenhum trabalho e, em seguida, cutucou a sogra assim: que o trabalho que queriam lhe dar não estava em consonância com sua “estirpe”; e a velha, que morria por causa dessa estória de estirpe, porque tinha sido cozinheira de um general das

campanhas do deserto, aceitou-o, resmungando a princípio e, assim, um dia e outro, o homem da camisa de fundo foi esquivando o corpo do trabalho, e quando mãe e filha perceberam, já era tarde; ele tinha se apoderado do umbral. Quem iria tirá-lo dali?

Havia tomado, jurídica e praticamente, posse do umbral. Tinha se convertido, automaticamente, em guardião do umbral.

Desde então, todas as manhãs de primavera e de verão se pode contemplá-lo sentado no degrau de mármore ou de cimento romano do cortiço, impassível, solitário; a aba do chapéu fazendo sombra na testa, o torso convenientemente ventilado pelos furinhos da sua camisa de fundo, a calça preta sustentada por um cinto, as alpargatas deformadas pelos calcanhares.

Manhã após manhã. Crepúsculo após crepúsculo. Que vida linda a deste cidadão! Se levanta de manhã cedinho e ceva um mate para a coitada, dizendo: “Você percebe que bom marido eu sou?” Depois de ter mateado à vontade, e quando o solzinho se levanta, vai ao armazém da esquina tomar uma caninha e dali, tonificado o corpo e fortalecida a alma, toma outros mates, pulula pela lavanderia para cumprimentar as “ajudantes” e, mais tarde, se planta no umbral.

À tarde, dorme sua sestinha, enquanto sua legítima esposa se descadeira na tábua de passar. E bem descansado, lustroso, se levanta às quatro, toma outros mates e volta ao umbral, para se sentar, olhar as pessoas passar e tomar esses intermináveis banhos de vagadiagem que o tornam cada vez mais silencioso e filosófico.

Porque o homem da camisa de fundo é filósofo. Bem diz sua mulher:

— Tem uma cabeça... mas... —Esse “mas” diz tudo. Nosso filosofante é o Sócrates do cortiço. Ele é que intervém quando se armam essas confusões descomunais; ele é que consola o marido enganado com duas frases de um Martín Fierro lendário; ele é que convence um calabrês a não cometer um homicídio complicado com a agravante do filicídio; ele é que, na presença de uma desgraça, exclama sempre pateticamente:

— É preciso se resignar, senhora. A vida é assim. Siga meu exemplo. Eu não me aflijo com nada. —Fala pouco e sisudamente. Tem a sabedoria da vida e a sapiência que concede a vadiagem contumaz e aleivosa, e por isso é, em todo cortiço, com sua camisa de fundo e sua guarda no umbral, o matiz mais pitoresco da nossa urbe.

3/9/1928

### **CAUSA E SEM-RAZÃO DOS CIÚMES**

Existem bons rapazinhos, com uma paixão cega de primeira, que amarguram a vida de suas respectivas namoradas promovendo tempestades de ciúmes, que são realmente tempestades em copo d'água, com chuvas de lágrimas e trovões de recriminações.

Geralmente as mulheres são menos ciumentas que os homens. E se são inteligentes, mesmo que sejam ciumentas, cuidam muito bem de desanuviar tal sentimento, porque sabem que a exposição de semelhante fraqueza as entrega de mãos e pés atados ao fulano que lhes sugou os miolos.

De qualquer maneira; o sentimento dos ciúmes é digno de estudo, não pelos desgostos que provoca mas pelo que revela em relação à psicologia individual.

Pode se estabelecer esta regra:

Quanto menos mulheres teve um indivíduo, mais ciumento ele é.

A novidade do sentimento amoroso conturba, quase assusta, e transtorna a vida de um indivíduo pouco acostumado a tais cargas e descargas de emoção. A mulher chega a constituir para este sujeito um fenômeno divino, exclusivo. Imagina que a soma de felicidade que ela suscita nele, pode proporcionar a outro homem; e então, o Fulano segura a cabeça, espantado ao pensar que toda “sua” felicidade está depositada nessa mulher, como num banco. Agora, em tempos de crise, vocês sabem perfeitamente que os senhores e as senhoras que têm depósitos em instituições bancárias se precipitam para retirar seus depósitos, possuídos pela loucura do pânico. Algo parecido acontece no ciumento. Com a diferença que ele pensa que se seu “banco” quebrar, já não poderá depositar sua felicidade em nenhum lugar.



Sempre acontece esta catástrofe mental com os pequenos financistas sem cancha e com os pequenos apaixonados sem experiência.

Freqüentemente, também, o homem tem ciúmes da mulher cujo mecanismo psicológico não conhece. Agora: para conhecer o mecanismo psicológico da mulher, é preciso ter muitas, e não escolher precisamente as ingênuas para se apaixonar mas as “vivas”, as astutas e as sem-vergonhas, porque elas são fonte de ensinamentos maravilhosos para um homem sem experiência, e lhe ensinam (involuntariamente, é claro), as mil molas e engrenagens de que a alma feminina “pode” ser composta. (Conste que digo “de que pode ser composta”, não de que se compõe).

Os pequenos apaixonados, como os pequenos financistas, têm em seu capital de amor uma sensibilidade tão prodigiosa, que há mulheres que se desesperam ao se encontrar diante de um homem de que gostam, mas que lhes atormenta a vida com suas estupidezes infundadas.

Os ciúmes constituem um sentimento inferior, baixo. O homem, quase sempre tem ciúmes da mulher que não conhece, que não estudou, e que quase sempre é intelectualmente superior a ele. Em síntese, o ciúme é a inveja do avesso.

O mais grave na demonstração dos ciúmes é que o indivíduo, involuntariamente, se coloca à mercê da mulher. A mulher, nesse caso, pode fazer dele o que lhe der na telha. Controla-o de acordo com sua vontade. O ciúme (medo de que ela o abandone ou prefira outro) evidencia a débil natureza do ciumento, sua paixão extrema, e sua falta de discernimento. E um homem inteligente, jamais demonstra ciúmes a uma mulher, nem quando é ciumento. Guarda prudentemente seus sentimentos; e esse ato de vontade repetido continuamente nas relações com o ser que ama, acaba por colocá-lo num plano superior ao dela, até que ao chegar a determinado ponto de controle interior, o indivíduo “chega a saber que pode prescindir dessa mulher no dia que ela não proceda com ele como é devido”.

Por sua vez, a mulher, que é sagaz e intuitiva, acaba percebendo que com uma natureza tão solidamente plantada não se pode brincar e, então, as relações

entre ambos sexos se desenvolvem com uma normalidade que raras vezes deixa algo a desejar, ou terminam, para melhor tranqüilidade de ambos.

Claro que para saber ocultar habilmente os sentimentos subterrâneos que nos sacodem, é preciso um longo treinamento, uma educação de prática da vontade. Esta educação “prática da vontade” é freqüentíssima entre as mulheres. Todos os dias nos deparamos com moças que educaram sua vontade e seus interesses de tal maneira que envelhecem à espera de marido, em celibato rigorosamente mantido. Dizem: “algum dia chegará”. E em alguns casos chega, efetivamente, o indivíduo que as levará contente e dançando para o Cartório, que devia se denominar “Cartório da Propriedade Feminina”.

Só as mulheres muito ignorantes e muito rudes são ciumentas. O resto, classe média, superior, excepcionalmente, abriga semelhante sentimento. Durante o namoro, muitas mulheres aparentam ser ciumentas; algumas também o são, efetivamente. Mas naquelas que aparentam ciúmes, descobrimos que o ciúme é um sentimento cuja finalidade é demonstrar amor intenso inexistente, para um boboca que só acredita no amor quando o amor vai acompanhado de ciúmes. Certamente, há indivíduos que não acreditam no afeto se o carinho não vai acompanhado por comediinhas vulgares, como são, na realidade, as que constituem os ciúmes, pois jamais resolvem nada sério.

As senhoras casadas, ao fim de meia dúzia de anos de matrimônio (algumas antes), perdem por completo os ciúmes. Algumas, quando suspeitam que os esposos têm aventurinhas de gênero duvidoso, dizem, nas rodas de amigas:

— Os homens são como crianças grandes. É preciso deixar que se distraiam. Também, você não vai querer ele o dia todo na barra da sua saia...

E as “crianças grandes” se divertem. Mais ainda, se esquecem de que um dia foram ciumentas...

Mas este é tema para outra oportunidade.

29/7/1931

## SOLILÓQUIO DO SOLTEIRÃO

Olho o dedão do meu pé, e gozo.

Gozo porque ninguém me incomoda. Como uma tartaruga, pela manhã, tiro a cabeça debaixo da couraça das minhas colchas e me digo, saborosamente, movendo o dedão do pé:

— Ninguém me incomoda. Vivo só, tranqüilo e gordo como um arcipreste glutão.

Minha caminha é honesta, de solteiro e obrigado. Poderia ser usada sem objeção alguma pelo Papa ou pelo arcebispo.

Às oito da manhã entra no meu quarto a patroa da pensão, uma senhora gorda, sossegada e maternal. Dá duas palmadinhas nas minhas costas e coloca ao lado do abajur a xícara de café com leite e pão com manteiga. Minha patroa me respeita e me considera. Minha patroa tem um louro que diz: “Curupaco! Já foi? Passe muito bem”, e o louro e a patroa me consolam de que a vida seja ingrata para outros, que têm mulher e, além de mulher, uma caterva de filhos.

Sou docemente egoísta e não me parece mal.

Trabalho o indispensável para viver, sem ter que viver filando de ninguém, e sou pacífico, tímido e solitário. Não acredito nos homens e menos nas mulheres, mas esta convicção não me impede de às vezes procurar a companhia delas, porque a experiência se afina no seu toque e, além disso, não há mulher, por pior que seja, que não nos faça indiretamente algum bem.

Gosto das mocinhas que ganham a vida. São as únicas mulheres que provocam em mim um respeito extraordinário, apesar de que nem sempre sejam um encanto. Mas gosto delas porque afirmam um sentimento de independência, que é o sentido interior que rege minha vida.

Gosto mais ainda das mulheres que não se pintam. As que lavam a cara e, com o cabelo úmido, saem para a rua, dando uma sensação de limpeza interior e exterior que faria com que uma pessoa, sem escrúpulos de nenhum tipo, lhe beijasse os pés, encantado.

Não gosto das crianças, a não ser excepcionalmente. Em toda criancinha, quase sempre aparecem fisionicomicamente os rastros das patifarias dos pais, de maneira que só me agradam à distância e quando penso artificialmente com o pensamento dos demais que coincidem em dizer: “que crianças, são um encanto!”, embora seja mentira.

Tomo banho todos os dias no inverno e no verão. Ter o corpo limpo me parece que é o começo da higiene mental.

Acredito no amor quando estou triste, quando estou contente olho para certas mulheres como se fossem minhas irmãs, e me agradaria ter o poder de fazê-las felizes, embora não seja segredo para mim que tal pensamento seja um disparate, pois se é impossível que um homem faça feliz uma só mulher, menos ainda todas.

Tive várias namoradas, e nelas só descobri o interesse de se casar, é verdade que disseram que me amavam, mas logo amaram também outros, o que demonstra que a natureza humana é extremamente instável, embora seus atos queiram se inspirar em sentimentos eternos. E por isso não me casei com nenhuma.

Pessoas que me conhecem pouco dizem que sou um cínico; na verdade, sou um homem tímido e tranquilo que, em vez de se ater às aparências, busca a verdade, porque a verdade pode ser o único guia do viver honrado.

Muitas pessoas tentaram me convencer a formar um lar; no fim descobri que eles seriam muito felizes se pudessem não ter um lar.

Sou serviçal na medida do possível e quando meu egoísmo não se ressentia muito, embora tenha percebido que a alma dos homens está constituída de tal maneira, que esquecem mais depressa o bem que lhes fizeram que o mal que não lhes causaram.

Como todos os seres humanos, localizei em mim muitas mesquinhas e mais me agradaria não ter nenhuma, mas no fim me convenci que um homem sem defeitos seria insuportável, porque jamais daria motivo aos seus próximos para falar mal dele, e a única coisa que não se perdoa a um homem, é sua perfeição.

Há dias em que acordo com um sentimento de doçura florescendo no meu coração. Então dou escrupulosamente o nó na gravata e saio para a rua, e olho amorosamente as curvas das mulheres. E dou graças a Deus por haver fabricado um bicho tão lindo, que só com sua presença nos entenece os sentidos e nos faz esquecer tudo o que aprendemos à custa da dor.

Se estou de bom humor, compro um jornal e me ponho a par do que está passando no mundo, e sempre me convenço de que é inútil que a ciência dos homens progrida se continuam mantendo duro e azedo seu coração como era o coração dos seres humanos há mil anos.

Ao anoitecer, volto ao meu quartinho de cenobita, e enquanto espero que a empregada —uma moça muito rude e muito irritadiça—ponha a mesa, “sotto voce” cantarolo *Una furtiva lágrima*, ou senão *Addio del passato* ou *Bei giorni ridenti...* E meu coração se aninha numa paz maravilhosa, e não me arrependo de haver nascido.

Não tenho parentes, e como respeito a beleza e detesto a decomposição, me inscrevi na sociedade de cremação para no dia em que eu morra o fogo me consuma e reste de mim, como único rastro do meu limpo passo sobre a terra, cinza pura.

8/7/1931

### **DON JUAN E OS DEZ CENTAVOS**

Muitos psicólogos estudaram a personalidade de don Juan, mas ninguém o fez do ponto de vista de dez centavos, ou seja, don Juan frente ao problema de não ter dez centavos para seguir uma dama que, depois de olhar para ele, sobe num bonde.

Porque é mister reconhecer que don Juan seria em nossos dias um “duro”. Não trabalhava, se dedicava exclusivamente ao amor e, salvo se vivesse de rendas, andaria toda sua vida com as algibeiras sem um tostão furado.

Naturalmente, este artigo me foi sugerido pela confissão de um amigo.

Caminhava pela rua e, de repente, uma moça se comprazeu em olhá-lo. Olhou-o recatadamente duas ou três vezes e, de repente, parou numa esquina para

tomar o bonde. E nosso homem também parou, mas pálido. Não tinha dez centavos. Nesse momento não tinha os dez centavos indispensáveis para pagar sua

passagem e seguir a amável desconhecida. Quando o carro chegou, ela subiu e, em seguida, ficou olhando para ele com estranheza de ver que ele permanecia como um poste na esquina, olhando-a desaparecer.

Nosso indivíduo deixou cair a cabeça sobre o peito, e permaneceu ali, aturdido, por vários minutos. Tinha perdido a possível felicidade por causa de dez centavos. Estava certo de que tinha perdido sua felicidade. Como seria o amor dessa moça que tinha olhado para ele tão profundamente?

— E passei vários dias amargurado —me contava—, amargurado pela certeza de que minha felicidade esteve suspensa por essa ninharia que são dez centavos. Percebem? Dez centavos! Nada mais que dez centavos. Porque se eu tivesse esses dez centavos a teria seguido, teria averiguado onde morava e talvez... talvez, como meu destino mudaria.

Que teria feito don Juan em nossos dias? Várias são as soluções que podem ser dadas a este conflito. Eu, de acordo com a personalidade do apaixonamento instantâneo, imagino que don Juan tomaria um táxi, embora não fosse dono nem de cinco centavos e, de automóvel, chegaria a seu destino. Em seguida, viraria para o chofer, dizendo:

— Veja amigo, eu sou don Juan. Não tenho dinheiro; se quiser faça fiado, se não, vamos pra delegacia.

É, assim imagino que procederia don Juan. Esta atitude se encaixava em seu temperamento. O amanhã não existia; o futuro tampouco. Homem absolutamente sensorial, vivia exclusivamente para o presente, e com tal frenesi, que tudo o que tendia para afastá-lo de seu fim o aticava ainda mais.

Me contaram que nos Estados Unidos as moças e os rapazes dividem os gastos. Este é um costume encantador, sobretudo para o Don Juan portenho e, especialmente, no fim do mês.

É que na verdade, não há “coisa” mais horrível que o dinheiro, ou melhor: a falta de dinheiro. É espantoso, principalmente quando se está na companhia de mulheres.

É um acidente que pode passar com qualquer um. Se encontra, por exemplo, com umas amigas ou conhecidas. Imprudentemente, o homem que nos serve de exemplo, dá a entender que não tem nada para fazer. E as amigas dizem, então, com seu tom mais deliciosamente encantador:

— Que sorte! Quer dizer então que está livre? Bom, então vai nos acompanhar até o centro.

E de repente, as catástrofes despencam sobre nosso homem. O coitado parece estar num banho turco. Sua em bicas. Ensaia um sorriso de lebre metafísica. Se inclina, empalidece, o céu se povoa de estrelinhas para seus olhos e, da quietude em que nadava seu espírito de homem sem dinheiro, passa aos infernos da dúvida, as vertiginosas cavilações, a esse instante terribilíssimo em que, como Hernán Cortés, o homem tem que queimar seus navios. E que navios!

Porque não se trata de dinheiro. Mas de moedas. Dez centavos. Sempre os dez centavos. Como confessar a carência de dez centavos? Como confessar que não se tem esses dez centavos, esses vulgaríssimos dez centavos que se dá de esmola ou que se deixa de gorjeta na mesa de um café? E isto é o trágico: a mesquinhez do assunto. Dez centavos. Nada mais que dez centavos.

Eu conheço um caso que não vacilo em considerar como uma possível atitude de don Juan, se este vivesse hoje.

Na última hora, um rapaz que tinha que ver sua namorada numa determinada platéia de um teatro, se viu na situação de que, ao retirar a entrada, lhe faltavam dez centavos. Dez centavos. Sem vacilar, deixou o resto do dinheiro com o bilheteiro prometendo voltar em poucos minutos e, depois, se lançou pelos cafés em busca de um conhecido. Nada. Passavam os terríveis minutos e tudo ia ser posto a perder. Então, se apresentou a ele tudo o que perderia numa noite assim e, sem vacilar,

tomou a derradeira resolução. Parou numa esquina e quando viu um homem de cara humanitária que se aproximava, chegou perto dele e lhe disse:

— Desculpe senhor. Preciso de dez centavos. Tenho que ver minha namorada que está me esperando num teatro. São dez centavos que me faltam pra pagar a entrada.

O outro os entregou. Insisto que só don Juan teria tido um gesto assim para proporcionar os dez fatídicos centavos.

1/9/1928

### **AMOR NO PARQUE RIVADAVIA**

Se me contassem, não acreditaria. Sério, não teria acreditado. Se eu não fosse Roberto Arlt e lesse esta nota, tampouco acreditaria. E, no entanto, é verdade.

Como começarei? Dizendo que outra tarde, “uma encantadora tarde”... Mas isso seria inexato porque uma “encantadora tarde” não pode ser aquela em que choveu. Tampouco era de tarde, e sim de noite, bem de noite, às oito.

Como estava contando, tinha chovido. Choveu um pouco, o suficiente para lavar os bancos, umedecer a terra e deixar os caminhos das praças em estado pastoso.

Mais ainda: choveu de tal maneira que se você se fixava nos bancos das praças, comprovava que conservavam frescas manchas d’água. Não tinha banco que não estivesse molhado.

Eram oito da noite e eu cruzava o Parque Rivadavia. Não ia triste nem alegre, mas tranqüilo e sereno como um cidadão virtuoso. Um casal ou outro cruzava meu caminho e eu aspirava o odor dos eucaliptos que pairava no ar embalsamando-o docemente, ou melhor dizendo, acremente, pois o odor dos eucaliptos deriva do alcatrão que contém, e o odor do alcatrão não é melado e sim amargo.

Como dizia, ia cruzando o parque, feito um santinho. As mãos submersas nos bolsos da capa de gabardina, e os olhos atentos.



E de repente... (Aqui chegamos e por isso me demoro em chegar.) De repente, numa alameda que corre de Leste a Oeste, e cheia de bancos em que os refletores revelavam frescas manchas d'água, vi casais compostos de seres humanos de sexo diferente, conversando (isso de conversar é uma metáfora) muito unidos. Vocês percebem? Não só não sentiam o fresco ambiente, como também eram até insensíveis à água sobre a qual estavam sentados.

Eu fazia o sinal da cruz, e me dizia: “Não, não é possível... Quem vai acreditar nisso? Não é possível”. E, como ingênuo, aproximava o nariz dos bancos, olhava-os e os via molhados, molhados a tal ponto que, com capa de gabardina e tudo, eu não me teria sentado ali. E os casais, como se tal coisa... Qualquer um teria dito que em vez de estarem se dizendo ternuras sobre uma dura madeira molhada, repousavam em almofadões da Pérsia recheados de plumas de grou rosado.

E não era um casal... casal que, se fosse um, poderia nos fazer exclamar: uma andorinha só não faz verão!

Não, não era um casal. Eram muitos, mas muitos casais mesmo, igualmente insensíveis à umidade e igualmente laboriosos nisso de demonstrar que se amavam.

Alguns permaneciam num silêncio comatoso, outros, quando eu me aproximava, se apressavam em gesticular como se discutissem temas de vital interesse. Em resumo, acabei de cruzar o parque, consternado e admirado, pois ignorava que o amor, como um hidrófugo qualquer, impermeabiliza as roupas dos que se sentavam em bancos molhados.

Na outra noite, volto a passar pelo parque Rivadavia. Como um santinho, com as mãos submersas no bolso da capa de gabardina e os olhos atentos. Não estava chovendo, mas, em compensação, havia uma umidade dos diabos, se é que diabo pode ser úmido. Tanta umidade, que a umidade se distinguia flutuando no ar sob a forma de neblina. Eram oito da noite, hora em que os cidadãos virtuosos se dirigem às suas casas para engolir um prato de sopa bem quente. E eu cruzava o parque pensando que teria aceito de bom grado um prato de sopa e outro de guisado,

pois estava com frio e sentia fraqueza. A dez metros de distância quase não se distinguia um cristão ou uma cristã. Tão espessa era a neblina. E eu pensava:

“Eis-me aqui, no lugar mais adequado para pegar uma broncopneumonia ou, pelo menos, uma pneumonia dupla. Não falemos de gripe, porque só de por o nariz aqui a gente se torna merecedor dela”.

Ia entregue a esses pensamentos acéticos ou bacilosos, quando cheguei à alameda que corre de Leste a Oeste. Essa, a própria, a dos bancos.

Dá para acreditar?

Desafiando as broncopneumonias, as pneumonias duplas e simples, as gripes, os resfriados, as pleurisias secas e úmidas, e tudo quanto é peste que possa se relacionar com as vias respiratórias, incontáveis casais de meninos e mocinhas, jovens e cavalheiros, arrulhavam de dois em dois sob os galhos das árvores, que gotejavam lagrimões diamantinos.

Juro que seria criminoso não confessar que arrulhavam ternamente. Não é necessário que a força pública obrigue você pessoa a se declarar à força. Não. Arrulhavam ternamente. Na neblina, sob as árvores gotejantes.

“Não acredito mais nem na paz dos sepulcros”. Não acredito nos efeitos da chuva, da neblina, do vento, do frio nem do diabo. Não acredito na paz nem na solidão de nada.

Sempre e sempre que me dirigi a um lugar solitário e escuro, a uma paragem que de fora fazia pensar na solidão do deserto, sempre encontrei ali uma multidão. De maneira que me inclino a acreditar que a única solidão possível é aquela que se produz num buraco de terra em cujo fundo deixaram um caixão... nem nessa se pode acreditar.

De qualquer maneira, aprendi uma coisa: que quem quer solidão que a busque dentro de si mesmo; e que não importune os casais, que por terem a convicção de seu amor, se amam ao ar livre e à luz de uma ou várias luas de arco voltaico.

1/6/1931

## FILOSOFIA DO HOMEM QUE PRECISA DE TIJOLOS

Há um tipo de ladrão que não é ladrão, segundo nosso modo de ver, e que legalmente é mais gatuno que o próprio Saccomano ou mesmo um Meneghetti. Este ladrão, e homem decente, é o proprietário que rouba tijolos, que rouba cal, areia, cimento e que não passa disso. O roubo mais audaz que pode fazer este honrado cidadão consiste em duas chapas de zinco para cobrir a armação do galinheiro.

E a coisa extraordinária que este tipo de indivíduo oferece é o contraste entre sua profissão de proprietário e a de ladrão accidental. Porque, legal e juridicamente, comete um furto previsto e penalizado por nossas sábias leis.

E a prova de que os proprietários não acreditam na honradez dos outros proprietários vizinhos consiste em que não há indivíduo que construa uma casa que, automaticamente, não coloque na obra um guarda-noturno.

Não é exagero dizer que o objetivo do guarda-noturno numa casa em construção não é afugentar os ladrões profissionais. Não há ladrão profissional que vá sujar suas mãos com cinco tijolos ou suas costas com um saco de areia.

Isso estabelece com claridade meridiana que fora, afastado, independentemente do grêmio de ladrões de ofício existe e professa outro grêmio de pequenos ladrões accidentais, ladrões que não são ladrões, e que, no entanto... são proprietários.

É, proprietários. Que outro, a não ser um proprietário, que um modesto e pequeno proprietário, vai carregar um pacote de seis tijolos que pesam trinta quilos, ou um saco de areia que pesa quase cem quilos, ou meio saco de cimento romano?

Quase se estabelece aqui a verdade desse postulado de Proudhon de que a propriedade é um roubo. Pelo menos em determinados casos. Ou no caso de todos os proprietários.

Se o roubo do pequeno proprietário não existisse, os guardas-noturnos não teriam razão de ser.

Porque o guarda-noturno existe para isso nas obras. Para evitar que os pequenos proprietários, como as formigas no verão, despojem, lenta e pouco a

pouco, a construção de seus tijolos, de sua cal, de sua areia, dessas mil pequenas coisas que não têm valor algum independentemente como unidades, mas que no conjunto fazem um conjunto respeitável.

“De grão em grão a galinha enche o papo”, diz um antigo provérbio espanhol, e isso é verdade. O roubo do pequeno proprietário entra na categoria de grão. Porque não de outra forma furta o honrado homem dos tijolos. Sempre começa assim:

Estão construindo uma obra ao lado da sua casa. Ele precisa de uns tijolos para terminar de levantar um pilar ou construir um muro. Porque há de comprar os tijolos, se ali, junto ao seu terreno, descarregaram quinze mil nessa mesma manhã? Em que pode prejudicar o novo dono aquele que tirar das pilhas cem ou cinqüenta? Em nada, absolutamente. Ou que leve uns cestos de areia. Ficará mais pobre ou mais rico por isso? De modo algum.

E com este raciocínio sutil, o homem desculpa seu furto. Mais ainda, justifica-o, porque se ele embeleza sua casa, beneficia o vizinho, já que duas propriedades lindas são como “uma mão lava a outra e as duas lavam a cara”. Se valorizam mutuamente.

Naturalmente este raciocínio é humano. É cordial. É quase aceitável. Por que não fazer um benefício ao vizinho? O outro “não vai morrer por causa de cem tijolos”.

Agora, o ruim, o inaceitável deste raciocínio, é que todos os proprietários que confinam com a casa do novo dono pensam a mesma coisa que o primeiro filósofo do tijolo. Eles também querem beneficiar o vizinho, eles também não “precisam de nada mais que cem tijolos”.

O que são cem tijolos? O que é uma gota d’água tirada do Oceano? O que é um cesto de areia?

Por essa razão, todo homem que se estima como proprietário prudente e cuidadoso de seus interesses, a primeira precaução que toma, ao iniciar a construção de uma obra que lhe pertence, é colocar um guarda-noturno. E dar ao guarda-noturno um revólver carregado com umas boas balas.

O roubo de tijolos, de cal ou de areia, não se efetua, geralmente, a não ser passadas às dez da noite, nos bairros humildes. E o ladrão, chamemos o dito de ladrão, embora se trate de um honesto proprietário, vai na companhia de toda a sua prole para efetuar o “rapa” tijolal.

Acompanha-o sua honesta esposa, seus três filhos maiores, os cinco menores, e um primo que “chegou da Itália faz pouco tempo”. Todos em coletividade, como fantasmas, fazendo fila indiana, se dirigem para as construções como os primeiros cristãos e catecúmenos se dirigiam para as catacumbas.

Se se trata de levar areia, cada um vai armado com seu correspondente saquinho e, se tijolos, aí sim que é um espetáculo!

Os pequenos pegam três tijolos, os adultos sete ou oito e, agilmente, silenciosamente, os apanham das pilhas se retirando exaustos, mas com pressa.

Assim, três, quatro, cinco vezes. As pilhas mingam que é uma beleza. O pai de família de repente sente escrúpulos de decência, e diz:

— Bom, chega, porque senão vão suspeitar.

E do que vai suspeitar o dono? Que em cinco minutos levaram dele duzentos tijolos, e que às onze ou à meia-noite chegará outro vizinho, temente a Deus e honrado como o anterior, que também “precisa de cem tijolos, mais nada?”

Que o sistema dá resultado, nem é preciso dizer. Tanto, que há proprietários que não uma casa, mas sim quase um cômodo construíram com a base desses pequenos furtos. Porque hoje numa obra, amanhã noutra... O caso é como a história da galinha; e nisso o provérbio tem razão: “de grão em grão a galinha enche o papo”.

4/9/1928

### **GRUAS ABANDONADAS NA ILHA MACIEL**

A Ilha Maciel é rica em espetáculos brutais. Nela não se pode delimitar, às vezes, onde termina o canavial e começa a cidade.

Tem ruas terríveis, dignas da cinematografia ou do romance.

Ruas de lama negra, com pontezinhas que cruzam de casa à casa. Os cães, em fila indiana, cruzam estas pontes para se divertir, e é regozijante vê-los avançar um metro e recuar cinquenta centímetros.

Há ruas ao longo de salgueiros, mais misteriosas que refúgios de pistoleiros, e um bonde amarelo-ocre põe, sobre o fundo ondulado de chapa de zinco das casas de dois andares, sua movediça sombra de progresso.

Em certos locais, às onze da manhã, na ilha, parece três da tarde. A gente não sabe se se encontra numa margem da África ou nos arredores de uma nova cidade da península do Alasca. Mas é ostensivo que os fermentos de uma crescente civilização estão se forjando entre os estalidos de idiomas raros e os “macacões” dos homens, que cruzam lentamente caminhos paralelos a vias que não se sabe aonde irão parar.

Mas o espetáculo que mais chama a atenção ao entrar na ilha, a poucos metros da ponte do Riachuelo, é uma patrulha de vinte gigantes de aço, mortos, ameaçando o céu com os braços enrolados em correntes, abandonados talvez até a oxidação. São vinte gruas que há alguns anos trabalhavam diante da costa da capital.

Um dia, aconteceu que o frigorífico fez novas instalações, que as transformaram em supérfluas e, desde então, não voltaram a mover seus poderosos braços de aço, cosidos por longas fileiras de rebites.

E é extraordinário ver estes mecanismos abandonados, enfileirados nos trilhos da margem e cercando o céu de azul cobalto com seus braços em V, oblíquos, e todos detidos na mesma direção. Esta parece uma paisagem de algum conto fantástico de Lord Dunsany.

De roldanas negras, carregadas de coágulos de óleo e fuligem, caem as cadeias de elos partidos, e nessa alta solidão de ferro frio e perpendicular, um pardal salta de uma polia para um contrapeso.

E nada mais sombrio que este passarinho revoando entre ferros inúteis, tirantes de ferro corroídos pela oxidação. Ele dá a sensação definitiva de que essas toneladas de aço e de força estão mortas para sempre.

Nem as cabines dos maquinistas se livraram da destruição.

Os vidros desapareceram totalmente, os batentes de madeira, acinzentados, se fendem e se partem e, como uma brancura de osso de esqueleto é a brancura do betume que se desprende lentamente nos contramarcos para seguir o caminho dos vidros. E inclusive o cabo de madeira das alavancas dos guindastes rachou, na incúria do tempo e suas inclemências.

Tudo ao redor revela a destruição aceita.

O molhe, onde cruzam os trilhos que sustentam estes guindastes, também está desmoronando. Numerosas tábuas do piso desapareceram e, as que restam, embranquecem como ossadas de dromedários no deserto e, por estes buracos que deixam escapar um vento áspero, se escuta como estala a água escura.

Retorcidos e avermelhados ficam, do que foi, os pregos de cabeça quadrada e matas de pasto verde.

E por onde se olha, em torno destas vinte guias enfileiradas como condenados à morte, ou patíbulos, não se comprova outra realidade que a paralisação da vida. Nos trilhos, as rodas parecem petrificadas sobre seus eixos; sob as abóbadas de seus corpos piramidais os desocupados e os vagabundos construíram refúgios e, se secando ao sol, penduradas por cordas, se mexem as roupas recentemente lavadas.

Enquanto faço anotações, por ali sai, debaixo de uma grua, um *criollo* cego, com bigodes brancos. Um cozinheiro de uma balsa, aos gritos, acorda um vagabundo para lhe oferecer uma travessa de sobras de uma macarronada e, unicamente olhando em direção da ponte, ou da água, ou dos bares da vida, a gente se esquece deste espetáculo sinistro, que encarnam os vinte braços, engrinaldados de correntes cheias de fuligem, cercando o céu de um azul cobalto, entre a desgarrada forma de seus duplos V.

5/6/1933

## O VESGO APAIXONADO

Há pessoas que têm certa prevenção contra os coxos. Acreditam que são maus, incapazes de uma boa ação. No entanto, hoje eu descobri que um coxo é fichinha perto de um vesgo, sobretudo se se trata de um vesgo que está apaixonado.

Ia sentado hoje no bonde quando, ao virar o olhar, tropecei com um casal constituído por um robusto vesgo, com óculos de armação de tartaruga e uma moça loirona, cara de pseudo-estrela cinematográfica (é preciso ver a de pseudo-estrelas que saíram nestes tempos de perdição). A moça tinha um desses olhões que dizem “gosto de todos, todos, menos desse que está aí do meu lado”. O vesgo robusto cantava a moça. Era o namorado, se via de longe, a moça loirona escutava semi-entediada e meu vesgo, vamo que vamo. Eu pensava, ao mesmo tempo: “Te adornará a testa, querido vesgo” e não podia nem mesmo me acusar de fazer mal juízo, porque... ainda que vocês me digam... deve haver milhares de cristãos com os dois olhos em ordem para ir escolher um cujo olho está como que cravado num vértice da órbita.

O vesgo fazia seu trabalho amoroso com o olho defeituoso. Com o outro, vigiava os passageiros que se seguravam para não sorrir e ninguém podia subtrair a emoção curiosa que lhe produzia esse fulano, bem penteado, bem banhado e que esgrimia sua “vesguice” como uma tremenda arma de combate destinada a enternecer o coração da loirona.

Porque não tem jeito. O vesgo cantava ela com seu olho torto. Eu não sei de que músculos ou nervos se valia para mover o mencionado olho, mas por momentos se tinha a sensação de que o vesgo enfiava o olho no nariz da moça, em seguida passeava seu olhar sobre a assistência masculina, aspirava profundamente o vento e, infatigavelmente, sorvido o ar, voltava à carga com tal denodo, que a moça, cravando impaciente suas pupilas no olho torto, permanecia como que hipnotizada durante um minuto; em seguida, passeava seu olhar sobre a assistência masculina, com mais deleite do que deve se permitir uma donzela que vai casar.

O vesgo nem por isso se dava por vencido, mas ao contrário, nos desaires da loirona encontrava incentivo para fazer girar a ortofônica do seu papo furado (me



saiu uma frase tipo nova sensibilidade) e essa conversa fiada eterna, com o sujeito que às vezes parecia investir com o nariz e rasgar a cara da moça com o olho torto, não podia ser mais grotesca e patética. E não tinha um só passageiro no bonde que não pensasse:

“Te adornará a testa, querido vesgo”.

O amor não é compatível com a vesguice. Não pode ser. Não será jamais. Um vesgo começa a ver torcidas todas as coisas, menos as que efetivamente estão. Um vesgo não pode falar da lua, das estrelas e das flores, porque sua tendência ao falar destas belezas é arregalar os olhos, e quando um vesgo arregala os olhos revolve-os furiosamente, como um touro que levam ao matadouro, transformando o romântico da situação em algo assim como um melodrama por etapas.

Um caolho pode ser alegre ou não, um vesgo não. Um vesgo é sempre suspicaz. Um vesgo não pode ser amado, porque por mais insensível que uma mulher seja, resiste diante desse espetáculo de um olho atravessado que a espia como um foco infernal.

Um vesgo tem tendência ao drama, à tragédia de primeira página, à matança pública ou privada com metralhadora, sabre ou faca. Um vesgo é mais ciumento que um turco e se não é ciumento não é vesgo, é então um vesgo apócrifo, um vesgo impossível, um vesgo absurdo.

De vez em quando, o vesgo punha uma cara ameaçadora, examinava os bons moços do bonde e parecia querer lhes dizer com os olhos:

“Quando me casar com esta moça, vou trancá-la a sete chaves”. Em seguida, levantava o nariz, aspirava ar como um elefante e voltava à carga, e vamo que vamo, como se estivesse diante do Verdún do feminismo, a quem tinha que demolir com canhões conversa fiada.

Indubitavelmente, um vesgo apaixonado é um espetáculo melodramático e tragicômico, sobretudo se dá uma de sentimental e usa óculos e se penteia com brilhantina. Por isso todos nós, tripulantes desse bonde eterno nos olhávamos como

se de repente nos tivessem trasladado para um centro recreativo, enquanto a moça loirona olhava em volta, como que dizendo:

“Deixem a gente ir ao Cartório e verão em seguida como o meto na calçada”.

15/2/1930

### O “FURBO”

Do dicionário italiano-espanhol e espanhol-italiano:

Furbo: enganador, pícaro.

Furbetto, Furbicello: picarozinho.

Furberia: trapaça, engano.

O autor destas crônicas, quando iniciou seus estudos de filologia “lunfarda”, foi vítima de várias acusações, entre as quais as mais graves, lhe delatavam como um solene “contador de lorotas”. Sobretudo no que se referia à origem da palavra “berretín”, capricho desmedido que o infra-escrito fazia derivar da palavra italiana “berreto”, e a do “squenum”, que era um desdobramento de “squena” ou seja, das costas, em dialeto lombardo.

Agora, o autor triunfante e magnificado pelo sacrifício e o martírio a que o submeteram seus detratores, aparece na liça como dizem os vates de Jogos Florais (os concursos literários), em defesa de seus foros de filólogo e, apadrinhando a formidável e danada palavra “furbo”, que não há malandro que não a tenha vinte vezes por dia na sua bocarra blasfemadora.

Eu insistia em estudos anteriores que a nossa gíria era o produto do italiano aclimatado, e agora venho demonstrá-lo com esta outra palavra.

Como se vê, a palavra “furbo”, em italiano, expressa a índole psicológica de um sujeito e se refere categoricamente à virtude que imortalizou Ulisses, e que fez com que fosse chamado de o Astuto ou Sutil. Hoje Ulisses não seria o astuto nem o sutil, e sim o chamaríamos sinteticamente de “um furbo”. Vemos simbolizadas nele as virtudes dessa raça de desocupados e vagabundos, que passavam o dia pleiteando na ágora, e que eram uns solenes charlatães. Porque os gregos foram isso. Uns

charlatães. Se caracterizavam pela vadiagem disciplinada e pela pilantragem em todos seus atos. Delinqüentes da antiguidade, infiltraram a estética nos países sãos e, como a maçã podre, decompueram o robusto e burguês império romano. E sabem vocês por quê? Porque os gregos eram uns “furbos”.

Originária das belas colinas do Lácio, como diriam os Galvez e os Max Rhode, veio à nossa linda terra a palavra furbo. Fresca e sonora nos lábios negros de “pitar” charutos toscanos, dos robustos imigrantes que se estabeleceriam na Boca e em Barracas.

Escutaram-na de seus hercúleos progenitores todos os pirralhos que passavam o dia fazendo diabruras pelos terrenos baldios, e bem sabiam que quando o pai tinha conhecimento de uma barbaridade que não o chatearia, lhes diria meio grave e satisfeito:

— Ah, furbo!...

Insistimos no matiz. O pai dizia sem se chatear: “Ah, furbo”, e a palavra emitida desta maneira adquiria nos lábios paternos uma espécie de justificação humorística da pilantragem, e se fortaleceu no sentido dito. O furbo era, na imaginação do moleque, um gênero de astúcia consentida pelas leis paternas e, por conseguinte, louvável, sempre que se saísse bem. E assim ficou fixada na mente de todas as gerações que viriam.

E a prova da existência desse matiz, magistralmente descoberto por nós, está no seguinte fenômeno de dicção:

Nunca se diz de um homem com cujas pilantragens não se simpatiza, que é um “furbo” e sim, em troca, acrescenta-se a palavrinha, mesmo quando se refere a um jovial espertalhão:

— Esse aí?... ah, esse aí é um “furbo”!

E a palavra furbo vem mitigar a dureza do qualificativo pilantra, ameniza o grave da acusação de enganador ou de astuto, e disfarça, melifica a condição, com o som melífluo que prolonga a virtude negativa.

Um pilantra, estabelecendo com exatidão matemática o valor da frase, é um homem perseguido pelas leis. Um “furbo” não. O “furbo” vive dentro da lei. Acata-a, reverencia-a, adora-a, violando-a setenta vezes ao dia. E as testemunhas deste rompimento das leis sentem regozijo, um regozijo maligno e cheio de espanto, que se traduz nesta admirativa expressão:

— É um “furbo”.

Em resumo, o “furbo” é um homem que viola todas as leis, sem perigo de que estas se voltem contra ele, o furbo é o jovial espertalhão que depois de vos haver metido numa confusão, saqueado as escarcelas, vos dá umas palmadinhas amistosas nas costas e vos convida para comer um “risotto”, tudo entre gargalhadas bonachonas e falsas promessas de amizade.

Em nossa cidade reconhece-se como típico exemplar do “furbo” o arrematador de ocasião, o corretor de vendas de casas à prestação, o comerciante que sempre falha e resolve o “assunto” na “concordata”. Tipicamente, está enquadrado dentro da ordem comercial, suas astúcias enganadoras se magnificam e se exercitam dentro do terreno dos negócios. Assim, o “furbo” venderá uma casa feita de barro e construída com péssimos materiais, como “boa”; se é leiloeiro, só intervirá em negócios equívocos; se é comerciante, desaparecerá um dia, deixando uma quantidade enorme de pequenas dívidas que somam uma grande, mas que em resumo não atingem individualmente a importância necessária para ser processado e, por onde for, entre amigos e desconhecidos, fará algumas das “suas”, sem que as pessoas cheguem a se irritar ao ponto de tratar de lhe partir a alma, porque em meio a tudo reconhecerá sorrindo que “é um furbo”. E o que se vai fazer...

17/8/1928

## **ORIGEM DE ALGUMAS PALAVRAS DO NOSSO LÉXICO POPULAR**

Exaltarei com esmero o benemérito “fiacún”.

Eu, cronista meditaundo e entediado, dedicarei todas as minhas energias para fazer o elogio do “fiacún”, para estabelecer a origem da “fiaca”, e para deixar determinados de modo matemático e preciso os alcances do termo. Os futuros acadêmicos argentinos me agradecerão, e eu terei tido o prazer de ter morrido sabendo que trezentos e sessenta e um anos depois me erguerão uma estátua.

Não há portenho, da Boca a Núñez e de Núñez a Corrales, que não tenha dito alguma vez:

— Hoje estou com “fiaca”!

Ou que tenha sentado na escrivaninha do seu escritório e olhando o chefe, não dissesse:

— Tenho uma “fiaca”!

Disso deduzirão seguramente meus assíduos e entusiastas leitores que a “fiaca” expressa a intenção de “se fazer de morto”, mas isso é um grave erro.

Confundir a “fiaca” com o ato de se fazer de morto é o mesmo que confundir um asno com uma cabra ou um burro com um cavalo. Exatamente o mesmo.

E, no entanto, à primeira vista parece que não. Mas é assim. Sim, senhores, é assim. E o provarei ampla e rotundamente, de tal modo que não restará dúvida alguma a respeito dos meus profundos conhecimentos de filologia lunfarda.

E não restarão, porque esta palavra é autenticamente genovesa, isto é, uma expressão corrente no dialeto da cidade que o senhor Dante Alighieri tanto detestou.

A “fiaca” no dialeto genovês expressa isto: “Desânimo físico originado pela falta de alimentação momentânea”. Desejo de não fazer nada. Languidez. Torpor. Vontade de deitar numa rede durante um século. Desejos de dormir como os dormentes de Éfeso durante uns cento e tantos anos.

É, todas estas tentações são as que expressa a palavra mencionada. E algumas mais.

Me comunicava um distinto erudito nestas matérias, que os genoveses de Boca quando observavam que uma criança bocejava, diziam: “Tem a “fiaca” em cima, tem”.

E imediatamente lhe recomendavam que comesse, que se alimentasse.

Atualmente o grêmio de donos de armazéns, está formado, em sua maioria, por comerciantes ibéricos, mas há quinze ou vinte anos, a profissão de dono de armazém em Corrales, Boca, Barracas, era desempenhada por italianos e quase todos eles oriundos de Gênova. Nos mercados se observava o mesmo fenômeno. Todos os donos de bancas, açougueiros, verdureiros e outros comerciantes provinham da “bella Itália” e seus empregados eram rapazes argentinos, mas filhos de italianos. E o termo transcendeu. Cruzou a terra nativa, ou seja, Boca, e foi se esparramando com a distribuição por todos os bairros. O mesmo aconteceu com a palavra “manjar” que é a derivação da perfeitamente italiana “mangiar la follia”, ou seja, “perceber”.

O fenômeno é curioso, mas autêntico. Tão autêntico que mais tarde prosperou este outro termo que vale ouro, e é o seguinte: “fazer o rosto”.

Então vocês não imaginam o que quer dizer “fazer o rosto”? Pois fazer o rosto, em genovês, expressa preparar o molho com que se condimentarão os talharines. Nossos ladrões a adotaram, e a aplicam quando depois de cometer um roubo falam de alguma coisa que ficou fora da venda por suas condições insuperáveis. Isso, o que não podem vender ou utilizar momentaneamente, chama-se “rosto”, quer dizer, o molho, que equivale a manifestar: o melhor para depois, para quando tiver passado o perigo.

Voltemos com esmero ao benemérito “fiacún”.

Estabelecido o valor do termo, passaremos a estudar o sujeito a quem se aplica. Vocês devem se lembrar de ter visto, e sobretudo quando eram rapazes, esses robustos ajudantes de quinze anos, dois metros de altura, cara vermelha feito um pimentão, calças que deixavam descoberta uma meia tricolor, e meio sonsos e brutos.

Esses rapazes eram os que intervinham em todo jogo para amargar a festa, até que um “menino”, algum garoto bravo, pregava um belo sopapo neles, os eliminando da função. Bom, esses grandalhões que não faziam nada, que sempre

atravessavam a rua mordendo um pão e com gesto fugidio, estes “pirulões” que passavam a manhã sentados numa esquina ou no umbral do bar de um armazém, foram os primitivos “fiacunes”. A eles se aplicou o termo com singular acerto.

Mas a força do costume o fez correr e, em poucos anos, o “fiacún” deixou de ser o rapaz parrudo que acaba trabalhando como puxador, para entrar como qualificativo da situação de todo indivíduo que se sente com preguiça.

E, hoje, o “fiacún” é o homem que, momentaneamente, não tem vontade de trabalhar. A palavra não engloba uma atitude definitiva como a de “squenun”, e sim tem uma projeção transitória e relacionada com este outro ato. Em todo escritório público ou privado, onde há pessoas respeitadas do nosso idioma, e um empregado vê que seu companheiro boceja, imediatamente pergunta:

— Você está com “fiaca”?

Esclarecimento. Não se deve confundir este termo com o de “se fazer de morto, pois se fazer de morto supõe premeditação de não fazer algo, enquanto a “fiaca” exclui toda premeditação, elemento constituinte da aleivosia segundo os juristas. De modo que o “fiacún” ao se negar a trabalhar não age com premeditação, mas instintivamente, o que o faz digno de todo respeito.

24/8/1928

### **ORIGEM DIVERTIDA DA PALAVRA “SQUENUN”**

Em nosso amplo e pitoresco idioma portenho está na moda a palavra “squenun”.

Que virtude misteriosa revela tal palavra? Sinônimo de que qualidades psicológicas é o mencionado adjetivo? Hei-lo aqui:

No puro idioma de Dante, quando se diz “squena dritta” se expressa o seguinte: Costas endireitadas ou retas, isto é, diz-se da pessoa a quem se faz a homenagem desta poética frase que tem as costas retas; mais amplamente, que suas costas não estão cansadas por nenhum trabalho e sim que se mantêm eretas devido a uma louvável e persistente vontade de não fazer nada; mais sinteticamente, a

expressão “squena dritta” se aplica a todos os indivíduos folgados, tranqüilamente folgados.

Nós, ou seja o povo, assimilou a classificação, mas achando-a excessivamente longa, reduziu-a à clara, ressonante e breve palavra “squenun”.

O “un” final é onomatopaico, arredonda a palavra de modo sonoro, lhe dá categoria de adjetivo definitivo, e o grave “squena dritta” se converte por esta antítese, num jovial “squenun”, que expressando a mesma ociosidade a suaviza com particular jovialidade.

Na bela península itálica, a frase “squena dritta” é utilizada pelos pais de família quando se dirigem a seus párvulos, nos quais descobrem uma incipiente tendência à vagabundagem. Isto é, a palavra se aplica a menores de idade que oscilam entre os quatorze e os dezessete anos.

Em nosso país, em nossa cidade, melhor dizendo, a palavra “squenun” se aplica aos poltrões maiores de idade, mas sem tendência a ser *compadritos*, isto é, tem sua exata aplicação quando se refere a um filósofo de botequim, a um desses perdulários grandalhões, estóicos, que arrastam as alpargatas para ir ao armazém comprar um maço de cigarros, e em seguida voltam para casa para subir ao terraço onde ficarão tomando banho de sol até a hora de almoçar, indiferentes aos resmungos do “velho”, um velho que sempre está podando a vinha caseira e que usa chapéu preto, graxento como o eixo de um carro.

Em toda família dona de uma casinha, aparece o caso do “squenun”, do poltrão filosófico, que reduziu a existência a um mínimo de necessidades, e que lê os tratados sociológicos da *Biblioteca Vermelha* e da *Casa Sempere*.

E as mães, as boas velhas que protestam quando o grandalhão lhes pede algum para um maço de cigarros, têm uma estranha queda por este filho “squenun”.

Defendem-no do ataque do pai que às vezes se azeda feio, defendem-no dos cochichos dos irmãos que trabalham como Deus manda, e as pobres anciãs, enquanto cerzem o calcanhar de uma meia, pensam consternadas por quê esse “garoto tão inteligente” não quer trabalhar, a exemplo dos outros?



O “squenun” não se aflige por nada. Leva a vida com uma serenidade tão extraordinária que não há mãe no bairro que não lhe tenha ódio... esse ódio que as mães alheias têm por esses poltrões que podem, algum dia, fazer a filha cair de amores. Ódio instintivo e que se justifica, porque por sua vez as moças sentem curiosidade por esses “squenunes” que lhes dirigem olhares tranqüilos, cheios de uma sabedoria inquietante.

Com estes dados tão sabiamente acumulados, acreditamos colocar em evidência que o “squenun” não é um produto da modesta família portenha, nem tampouco da espanhola, e sim da autenticamente italiana, ou melhor, genovesa ou lombarda. Os “squenunes” lombardos são mais refratários ao trabalho que os “squenunes” genoveses.

E a importância social do “squenun” é extraordinária em nossas freguesias. Pode-se encontrá-lo na esquina de Donato Álvarez e Rivadavia, em Boedo, em Triunvirato e Cánning, em todos os bairros ricos em casinhas de proprietários itálicos.

O “squenun” com tendências filosóficas é aquele que organizará a Biblioteca “Florencio Sánchez” ou “Almafuerte”; o “squenun” é quem na mesa do café, entre os outros que trabalham, proferirá cátedras de comunismo e “de que aquele que não trabalha não come”; ele, que não faz absolutamente nada o dia todo, a não ser tomar banho de sol, assombrará os outros com seus conhecimentos do livre arbítrio e do determinismo; em resumo, o “squenun” é o mestre da sociologia do café do bairro, onde recitará versos anarquistas e as *Evangélicas* do chato de galocha do Almafuerte.

O “squenun” é um fenômeno social. Queremos dizer, um fenômeno de cansaço social.

Filho de pais que a vida toda trabalharam infatigavelmente para amontoar os tijolos de uma “casinha”, parece que traz em sua constituição a ansiedade de descanso e de festas que os “velhos” jamais puderam gozar.

Entre todos da família que são ativos e que se viram de mil maneiras, ele é o único indiferente à riqueza, à poupança, ao porvir. Nada lhe interessa nem tem importância. A única coisa que pede é que não o incomodem, e a única coisa que deseja são os quarenta centavos diários, vinte para o cigarro e outros vinte para tomar café no bar, onde uma orquestra típica o faz sonhar horas e horas pregado à mesa.

Com esse orçamento se acomoda. E que trabalhem os outros, como se ele trouxesse nas costas um cansaço enorme antes mesmo de nascer, como se todo o desejo que o pai e a mãe tiveram de um domingo perene estivesse arraigado em seus ossos eretos de “squena dritta”, isto é, de homem que jamais será estafado, pelo peso de nenhum fardo.

7/7/1928

### **A TRISTEZA DO SÁBADO INGLÊS**

Será, por acaso, porque passo vagabundeando a semana toda, que o sábado e o domingo me parecem os dias mais chatos da vida? Acho que o domingo é tremendamente chato e que o sábado inglês é um dia triste, com a tristeza que caracteriza a raça que lhe pôs seu nome.

O sábado inglês é um dia sem cor e sem sabor; um dia que “não fede nem cheira” na rotina das pessoas. Um dia híbrido, sem caráter, sem gestos.

É dia em que prosperam as rixas conjugais e no qual as bebedeiras são mais lúgubres que um “de profundis” no crepúsculo de um dia nublado. Um silêncio de tumba pesa sobre a cidade. Na Inglaterra ou em países puritanos, se entende. Ali é preciso sol que é, sem dúvida alguma, a fonte natural de toda alegria. E como chove ou neva, não há aonde ir; nem às corridas, sequer. Então as pessoas ficam em suas casas, ao lado do fogo, e já cansadas de ler *Punch*, folheiam a Bíblia.

Mas para nós o sábado inglês é um presente moderníssimo que não nos convence. Já tínhamos de sobra com os domingos. Sem dinheiro, sem ter aonde ir e

sem vontade de ir a parte alguma, para que queríamos o domingo? O domingo é uma instituição sem a qual a humanidade vivia muito comodamente.

Deus Pai descansou no domingo, porque estava cansado de ter feito esta coisa tão complicada que se chama mundo. Mas o que fizeram durante os seis dias, todos esses folgados que andam por aí, para descansar no domingo? Além disso, ninguém tinha direito de nos impor mais um dia de folga. Quem pediu? Para que serve?

A humanidade tinha que agüentar um dia por semana sem fazer nada. E a humanidade se chateava. Um dia de “moleza” era suficiente. Aí vem os senhores ingleses e, que bonita idéia! Nos impingem mais outro, o sábado.

Por mais que se trabalhe, um dia de descanso por semana é mais do que suficiente. Dois são insuportáveis, em qualquer cidade do mundo. Sou, como vocês verão, um inimigo declarado e irreconciliável do sábado inglês.

Gravata que a semana toda permanece engavetada. Terno que ostensivamente tem a rigidez das roupas bem guardadas. Botas que rangiam. Óculos com armação de ouro, para o sábado e o domingo. E tal aspecto de satisfação de si mesmo, que dava vontade de matá-lo. Parecia um noivo, um desses noivos que compram uma casa à prestação. Um desses noivos que dão um beijo à prazo fixo.

Tão cuidadosamente lustradas tinha as botas que quando saí do carro não me esqueci de lhe pisar um pé. Se não há gente por perto o homem me assassina.

Depois deste palerma, há outro homem do sábado, o homem triste, o homem que cada vez que vejo me penaliza profundamente.

Eu o vi inúmeras vezes, e sempre me causou a mesma e dolorosa impressão.

Caminhava eu um sábado pelo passeio, na sombra, pela rua Alsina —a rua mais lúgubre de Buenos Aires— quando pela calçada oposta, pela calçada do sol, vi um empregado, de costas encurvadas, que caminhava devagar, levando pela mão uma criança de três anos.

A criança exibia, inocentemente, um desses chapeuzinhos com fitas que, sem serem velhos, são deploráveis. Um vestidinho rosa recém-passado. Uns sapatinhos

para os dias de festa. Caminhava devagar a garotinha e, mais devagar ainda, o pai. E de repente tive a visão da sala de uma casa de aluguel, e a mãe da criança, uma mulher jovem e enrugada pela penúria, passando as fitas do chapéu da garotinha.

O homem caminhava devagar. Triste. Entediado. Eu vi nele o produto de vinte anos de guarita e catorze horas de trabalho e um salário de fome, vinte anos de privações, de sacrifícios estúpidos e do sagrado terror de que o joguem na rua. Vi nele Santana, personagem de Roberto Mariani.

E no centro, a tarde de sábado é horrível. É quando o comércio se mostra em sua nudez espantosa. As portas de aço têm rigidezes agressivas.

Os porões das casas importadoras vomitam fedores de breu, de benzeno e de artigos de ultramar. As lojas fedem a borracha. As serralherias à pintura. O céu parece, de tão azul, que está iluminando um estabelecimento comercial na África. As tavernas para apontadores de apostas permanecem solitárias e lúgubres. Algum porteiro joga mus com um faxineiro na beirada de uma mesa. Meninos que parecem ter nascido por geração espontânea por entre os musgos das casas-bancas, aparecem na porta de “entrada para empregados” dos depósitos do dinheiro. E experimenta-se o terror, o espantoso terror de pensar que a esta mesma hora em vários países as pessoas se vêem obrigadas a não fazer nada, mesmo que tenham vontade de trabalhar ou de morrer.

Não, não tem jeito; não há dia mais triste que o sábado inglês nem que o empregado que, num sábado destes está procurando ainda, à meia-noite, numa empresa que tem sete milhões de capital, um erro de dois centavos no balanço do fim do mês!

9/9/1928

### **A MOÇA DA TROUPA**

Todos os dias, às cinco da tarde, tropeço com moças que foram buscar costura.

Magras, angustiadas, sofridas. O pó-de-arroz não chega a cobrir as gargantas onde sobressaem os tendões; e todas caminham com o corpo inclinado para um lado: o costume de levar a trouxa sempre no braço oposto.

E os pacotes são maciços, pesados: dão a sensação de conter chumbo, de tal maneira tensionam a mão.

Não se trata de fazer sentimentalismo barato. Não. Mas mais de uma vez fiquei pensando nestas vidas, quase absolutamente dedicadas ao trabalho. Senão, vejamos.

Quando estas moças fizeram oito ou nove anos, tiveram que carregar um irmãozinho nos braços. O leitor, como eu, deve ter visto no arrabalde estas remelentas que carregam um molequinho no braço e que passeiam pela calçada esbravejando contra o remelento, e vigiadas pela mãe, que salpicava água na batéia.

Assim até os quatorze anos. Depois, o trabalho de ir buscar costuras; manhãs e tardes inclinadas sobre a Neumann ou a Singer, fazendo passar todos os dias metros e mais metros de tecido, e terminando às quatro da tarde, para se trocar, colocar o vestido de percal, preparar o embrulho e sair; sair carregadas e voltar do mesmo jeito, com outro pacote que é preciso “passar na máquina”. A mãe sempre lava a roupa; a roupa dos filhos, a roupa do pai. E estas são as moças que aos sábados à tarde escutam a voz do irmão, que grita:

—Ei, Angelita. Passa logo a camisa, que eu tenho que sair.

E Angelita, Maria ou Juana, na tarde de sábado trabalham para os irmãos. E passam a roupa cantando um tango que aprenderam de memória em *A Alma que Canta*; por que isso, os romances em fascículos e uma sessão de cinema, é o único divertimento das moças de que estou falando.

Digo que estas moças me dão pena. Um belo dia ficam noivas e nem por isso deixam de trabalhar, pois também o noivo (também um rapaz que a faz dar duro o dia todo) à noite cai em casa para fazer amor.

E como o amor não serve para pagar a caderneta do armazém, trabalham até três dias antes de se casar, e o casamento não é uma mudança de vida para a mulher

do nosso meio pobre, não; pelo contrário, é um aumento de trabalho e, na semana em que se casaram, é possível ver estas mulherzinhas sobre a máquina. Voltaram para a costura, e no mesmo ano há um garoto no berço, e essa moça já está enrugada e cética, agora tem que trabalhar para o filho, para o marido, para a casa... Cada ano um novo filho e sempre mais preocupações e sempre a mesma pobreza; a mesma escassez, o mesmo dinheiro contado, o mesmo problema que existia na casa dos seus pais, se repete na sua, só que maior e mais árduo.

E agora você vê estas mulheres cansadas, magras, feias, nervosas, estridentes.

E tudo isso foi originado pela miséria, pelo trabalho; e de repente você associa os anos de vida até a maturidade e, com assombro, quase misturado de espanto, a gente se pergunta:

— Em tantos anos de vida, quantos minutos de felicidade estas mulheres tiveram?

E você, com terror, sente que lá de dentro uma voz responde que estas mulheres não foram nunca felizes! Nunca! Nasceram sob o signo do trabalho e desde os sete ou nove anos até o dia em que morrem, não fizeram nada mais que produzir, produzir costuras e filhos, uma coisa e outra, e mais nada.

Cansadas ou doentes, trabalharam sempre. Que o marido estava sem trabalho? Que um filho ficou doente e tinha que pagar dívidas? Que os velhos morreram e teve que empenhar para o enterro? Veja você; nada mais que um problema: o dinheiro, a escassez de dinheiro. E junto a isso, umas costas encurvadas, uns olhos que vão ficando cada vez menos brilhantes, um rosto que ano após ano vai se enrugando um pouquinho mais, uma voz que perde, à medida que passa o tempo, todas as inflexões de sua primitiva doçura, uma boca que só se abre para pronunciar estas palavras:

— É preciso fazer economia. Não se pode gastar.

Se você não leu *O sonho de Makar*, de Vladimiro Korolenko, trate de ler.

O assunto é este. Um camponês que vai ser julgado por Deus. Mas Deus, que anota todas as barbaridades que nós mortais fazemos, diz para o camponês:

— Você foi um pilantra. Mentiu. Se embebedou. Bateu na tua mulher. Roubou-a e levantou falso testemunho contra teu vizinho. —E a balança carregada das culpas de Makar se inclina cada vez mais para o inferno, e Makar trata de trapacear Deus pisando no prato oposto; mas aquele descobre, e então insiste—: Vê como eu tenho razão? Você é um trapaceiro, além de tudo. Tenta enganar a mim, que sou Deus.

Mas, de repente, acontece uma coisa estranha. Makar, o brutamontes, sente que uma indignação desperta em seu peito, e então, se esquecendo que está na presença de Deus, se enche, e começa a falar; conta seus sacrifícios, suas aflições, suas privações. É verdade que batia na sua mulher, mas batia nela porque estava triste; é verdade que mentia, mas outros que tinham muito mais que ele também mentiam e roubavam. E Deus vai sentindo pena de Makar, compreende que Makar foi, sobre a terra, como a organização social o moldara e, subitamente, as portas do Paraíso se abrem para ele, para Makar.

Me lembrei do sonho de Makar, pensando que alguém *in mente* diria que não conhecia eu os defeitos das pessoas que vivem sempre na penúria e aflitas. Agora você sabe o porquê da citação, e o que quer dizer o “sonho de Makar”.

19/11/1929

### **NEM OS CACHORROS SÃO IGUAIS**

Caí numa maravilhosa pensão. O edifício ameaça vir abaixo de um dia para o outro, mas o quintal está tão cheio de plantas, trepadeiras e parreiras, pombas, galinhas e pássaros, que não trocaria meu quartinho com grade de ferro por toda a Pasaje Güemes. A patroa é gorda, citrina e caolha. Um dos seus garotos deve ter algum problema nas glândulas de secreção interna, outro é estrábico; em resumo: é um casarão estupendo que me lembra a Arca de Noé. É uma antiga casa de Flores, e quando se fala de Flores, é preciso tirar o chapéu porque é a freguesia mais linda da capital. Pena que estragaram a igreja, pintando-a e colocando um pára-raios dourado

na cabeça de um santo. Isso é um escândalo, que se eu fosse arcebispo corrigiria imediatamente.

Não desviemos do assunto e vamos direto ao ponto. Na maravilhosa casa que está caindo aos pedaços, além das pombas, galinhas, pássaros e outros bicharocos com penas, cujo nome zoológico ignoro, vivem dois cachorros que são exclusiva propriedade da patroa.

Um cachorro se chama Chaplin e o outro se chama Guitarrita.

Chaplin e Guitarrita não se dão bem, pelo que eu observo.

Chaplin é cachorro mocinho, com barbas no focinho; barbas ralas ainda. Isso não o impede de ser bem educado. Assim que me viu pela primeira vez, pulou ao meu encontro latindo para mim. A patroa lhe disse um autoritário “Passa Chaplin!”, e Chaplin, tratando de se congratular comigo, baixou a cabeça, cheirou a ponta dos meus sapatos e balançou a cauda.

Em seu entendimento de cachorro respeitador das leis que regem a vida da sociedade, fez-se nítido o conceito de que eu era um favorecedor de sua dona, e como tal me olhou e me acolheu, se solidarizando completamente com sua patroa, que me enumerava todas as belezas de uma cama com pulgas e de um sofá coberto de tecido dourado que é uma maravilhosa encubadora de pulgas. À medida que a dona da pensão se enternecia me descrevendo seu populoso sofá, Chaplin abanava mais e mais a cauda, como se quisesse me dar a entender que ele, em sua qualidade de cachorro delicado, também tinha apreciado as condições de melifluidade e maciez do sofá.

À noite, quando fui jantar, Chaplin compareceu. Me olhou, mexeu sua cauda com jeito de “bom proveito” e em seguida escapuliu para não ser inoportuno.

No dia seguinte, quando eu acabava de almoçar, passou Guitarrita. Guitarrita é baixinho, castanho, focinho ratoneiro. Me olhou de esguelha e passou rapidamente. “Vem Guitarrita”, eu lhe disse, mas foi como se não o tivesse chamado. Virou a cabeça como que para lascar uma dentada, e se enfiou no refeitório.



“Mal sujeito este cachorro”, pensei, e me sentando numa rede, fiquei contemplando beatificamente as pombas metidas por entre o verdor das trepadeiras.

Pouco depois, grave e escorregadiço, tornou a passar Guitarrita. Queria me olhar, mas não me demonstrar seu desejo de que me observava e, como quem não quer nada, deu uma volta diante da minha rede, enquanto com o rabo do olho me espreitava cheio de gana. Novamente, cordial, lhe disse:

— Vem, Guitarrita, vem.

Mas como se o tivesse insultado, ou quisesse lhe tirar um osso, virou bruscamente a cabeça e apressou o movimento de suas curtas patas.

Não tinha transcorrido dez minutos, e volta a passar Guitarrita! Desta vez, digno, sem olhar. “Maldito cachorro! —pensei—. Está se fazendo de difícil”. E já não voltei a lhe dizer nada.

Acho que meu silêncio deve tê-lo ofendido, porque retornou poucos minutos depois; deu uma volta mais extensa que nunca ao chegar ao lugar onde eu tomava meu banho de sol e, para que não restasse dúvida alguma de que ele, Guitarrita, me desprezava cordialmente, descobriu o beijo mostrando a brilhante curvatura dos dentes. E eu fiquei pensando:

— Tenho cá para mim que Chaplin e Guitarrita são dois temperamentos diferentes. Chaplin é respeitoso, cordial, amável. Chaplin, se fosse homem, pertenceria a Sociedade dos Amigos da Arte ou da Cidade; em compensação, Guitarrita é pessimista. Deve ter recebido mais de um pontapé dos pensionistas, e seu entendimento de cão com experiência o ensinou a desconfiar dos homens e a se manter numa solidão azeda, num isolamento que não cede nem com a doçura das pombas, porque assim que uma destas se aproxima dele, Guitarrita, subitamente zangado, lhe dá uma mordida, não sem se certificar previamente com um rápido olhar, se o patrão pode vê-lo.

Guitarrita vive orgulhosamente só. Prescinde de afetos. Está no casarão como se se encontrasse na selva ou no desterro. Vai e vem com independência absoluta

enquanto Chaplin, prestando atenção em como seu dono transforma em lebre um gato, levanta a cabeça com os olhos lustrosos de cordialidade.

E enquanto as pombas arrulhavam entre as glicínias, e as galinhas ciscavam, fiquei pensando que nem os cachorros são iguais, que cada animal tem um caráter diferente, tão diferente que, de repente, ao ver que um frango bota para correr outro tão grande como ele, à bicadas, pergunto:

— Por que esse frango, aparentemente forte como o outro, fugiu deste que fica desfrutando sozinho um canteirinho de grama? Se os frangos pudessem dividir a terra, este frango autoritário e cabreiro seria o patrão e o outro... vai se saber o que seria!

19/1/1930

### **O SINISTRO OLHEIRO**

O Sinistro Olheiro é um espertalhão que existe em todos os bairros da nossa cidade.

O Sinistro Olheiro é o homem que não chegou a ser absolutamente nada na vida. Persiste como um fenômeno que se mantém de maneira absurda e diversa. Às vezes, e é o mais freqüente, o Sinistro Olheiro desfruta de uma rendinha. Parece mentira; noventa e nove por cento dos casos de olheiros que estudei apresentava a particularidade psicológica de uma moleza somada à economia de uma rendinha mixuruca.

Em geral o olheiro é amigo de um comerciante. Ou de vários. Levanta-se às nove ou às dez da manhã. Sai. E vai se instalar na beira do caixa de seu amigo, o traficante. Está ali há horas, vamo que vamo, de papo com o outro. O outro lhe confia seus pesares. Suas angústias econômicas. Os problemas que tem com sua mulher ou com seu sócio. O Sinistro Olheiro escuta. Escuta tudo. Em seguida:

— Não se queixe do que está acontecendo com o senhor. Com fulano foi pior...

O traficante levanta a cabeça do livro-caixa, morde a ponta da caneta e faz esta reflexão:

— Mas o caso é que não posso levantar a promissória.

— É que nunca se deve assinar promissórias...

O comerciante contempla o Sinistro Olheiro. Este diz a verdade, mas o que fazemos com as verdades quando não podemos utilizá-las para nada? Por sua vez, o olheiro pensa: “Que contente que X vai ficar quando souber que este daqui não pode levantar a promissória”. O chão arde sob os pés do olheiro. Gostaria de escapular para levar a notícia ao outro. Aquele que se confia ao olheiro também sabe que o olheiro está se coçando para vomitar a notícia que lhe foi comunicada. Porque esta é a única missão do olheiro. Ir e levar e trazer casos entre os comerciantes. Quer dizer, a missão do olheiro ou, sua especialidade, são os comerciantes. O olheiro não se interessa pelos dramas conjugais dos que se confiam a ele. Não. A única coisa que sacode o espírito do olheiro são os próximos desastres econômicos dos que se dedicam ao comércio.

Muitas vezes, o olheiro é um indivíduo que teve um negócio. Passou o diabo, quebrou, teve que rematar, o caso é que do negócio lhe restou um resíduo em metálico, que vai consumindo lentamente. Como seu meio é o comercial e não outro, e ali tem suas amizades, o olheiro vai passar as horas mortas no estabelecimento de seus confrades que, aparentemente, têm mais sorte que ele. E a hora das visitas do olheiro é pela manhã. Pela manhã, a maioria dos estabelecimentos carece de movimento. O olheiro chega e se instala. Os empregados da casa odeiam cordialmente o olheiro. Odeiam-no porque suspeitam, com fundada razão, que é ele quem transmite ao patrão as fofocas sobre seus comportamentos.

Observe e verá se não é verdade. O patrão, de braços cruzados na porta do seu estabelecimento ou atrás do caixa, escuta as notícias que o olheiro lhe dá. O olheiro está informado de uma porção de coisas. Por exemplo: que X pediu convocatória de credores, que N teve negado um crédito no Banco, que a F a casa atacadista B se negou a renovar um vencimento, que H teve um bate-boca com o

corretor de XXXX e quase saem aos pontapés... e assim... uma atrás da outra vai vomitando suas notícias, e todas elas são negativas. Hei-las aqui:

— Lembra de V, aquele que lhe passou um cheque sem fundos? Vi ele com um magnífico automóvel... o que é ser um pilantra... sempre têm sorte...

Ou então...

— Lembra de Z, que lhe passou esse stock de mercadoria fajuta? Instalou um negócio assim (o correspondente movimento de punho)... O senhor não poderia iniciar uma demanda judicial agora? (Faz a pergunta porque sabe que é impossível).

Outras vezes:

— Sabe?... Me disseram que N quer se instalar por aqui. (N é um ex-empregado do patrão e o difamou em todos os sentidos...).

Assim passa a manhã o Sinistro Olheiro. Repartindo notícias. Sai da casa de Fulano e entra na de Beltrano.

Todos detestam o Sinistro Olheiro. Mas todos desejam sua companhia. Dentre os muitos maus momentos que ele lhes proporciona, algumas vezes traz uma dessas notícias que eletrizam de alegria a alma do comerciante. Todos o detestam, mas falte um dia o Sinistro Olheiro e, no dia seguinte, ao entrar no estabelecimento, o traficante respira. Respira porque sente falta dele. Respira, porque o Sinistro Olheiro é seu duplo, o duplo carregado de ruindades e invejas que a terrível luta pela vida suscita cotidianamente.

E o Sinistro Olheiro sabe disso. Não desconhece que ele, como os outros, faz parte dessa engrenagem, onde o competidor, a ave negra, o corretor, o fraudulento, são rodinhas indispensáveis para o satisfatório funcionamento da máquina econômica do bairro.

25/2/1930

### **A TRAGÉDIA DE UM HOMEM HONRADO**

Todos os dias assisto a tragédia de um homem honrado. Este homem honrado tem um café que bem pode estar avaliado em trinta mil pesos ou algo mais. Bom:

este homem honrado tem uma esposa honrada. Colocou esta esposa honrada para cuidar da vitrola. Tal procedimento lhe poupa os oitenta pesos mensais que teria que pagar a um vitrolista. Mediante este sistema, meu homem honrado economiza, no fim do ano, a respeitável soma de novecentos e sessenta pesos, sem contar os juros capitalizados. Ao fim de dez anos terá poupado...

Mas meu homem honrado é ciumento. E como compreendi que é ciumento! Montando guarda atrás do caixa, vigia, não só o consumo de seus fregueses, mas também os olhares destes para sua mulher. E sofre. Sofre honradamente. Às vezes fica pálido, às vezes seus olhos fulguram. Por quê? Porque algum engraçadinho se embota mais que o devido com as rechonchudas panturrilhas de sua cômjuge. Nestas circunstâncias, o homem honrado olha para cima, para se assegurar se sua mulher corresponde às inflamadas olhadelas do cliente, ou se se entretém em ler uma revista. Sofre. Eu vejo que sofre, que sofre honradamente; que sofre esquecendo nesse instante que sua mulher lhe proporciona uma economia diária de dois pesos e sessenta e cinco centavos; que sua legítima esposa proporciona à poupança novecentos e sessenta pesos anuais. Sim, sofre. Seu honrado coração de homem prudente, no que concerne ao dinheiro, conturba-se e esquece dos juros quando algum açougueiro ou fiscal de ônibus estuda a anatomia topográfica de sua também honrada cômjuge. Mas sofre mais ainda quando aquele que se deleita contemplando os encantos de sua esposa é algum rapazola robusto, com bigodinhos insolentes e costas suficientemente poderosas como para poder suportar qualquer trabalho extraordinário. Então meu homem honrado olha desesperadamente para cima. Os ciúmes que os divinos gregos imortalizaram, lhe desarranjam a economia, põe abaixo a quietude, lhe minam a alegria de poupar dois pesos e sessenta e cinco centavos por dia; e, desesperado, range os dentes e olha para o seu cliente como se quisesse dar nele tremendos beliscões nos rins.

Eu compreendo, sem ter falado uma só palavra com este homem, o problema que sua alma honrada está encarando. Eu o compreendo, o interpreto, o “manjo”. Este homem se encontra diante de um dilema hamletiano, diante do problema da

burra de Balaão, diante...diante do horrível problema de poupar oitenta mangos mensais! São oitenta pesos. Vocês sabem os pacotes, as cestas, as jornadas de dezoito horas que este aí trabalhou para ganhar oitenta pesos mensais? Não; ninguém imagina.

Daí que o compreendo. Ao mesmo tempo, ama sua mulher. Como não vai amá-la! Mas não pode fazer outra coisa que colocá-la para trabalhar, como o famoso mão-de-vaca de Anatole France não pode fazer menos que cortar umas rebarbas das moedas de ouro que oferecia à Virgem: seguia fiel ao seu costume.

E oitenta pesos são oito notas de dez pesos, dezesseis de cinco e ... dezesseis notas de cinco pesos, é dinheiro... é dinheiro...

E a prova de que nosso homem é honrado, é que sofre assim que começam a olhar a cômuge. Sofre visivelmente. Que fazer? Renunciar aos oitenta pesos, ou se resignar a uma possível desilusão conjugal?

Se este homem não fosse honrado, não lhe importaria que cortejassem sua própria esposa. Mais ainda, se dedicaria como o célebre senhor Bergeret, a suportar estoicamente sua desgraça.

Não; meu confeitoiro não tem jeito de marido extremamente complacente. Nele ainda pulsa o Cid, don Juan, Calderón de la Barca e toda a honra da raça, mesclada à terribilíssima avareza das pessoas da terrinha.

São oitenta pesos mensais. Oitenta! Ninguém renuncia a oitenta pesos mensais à toa. Ele ama sua mulher; mas seu amor não é incompatível com os oitenta pesos.

Também ama sua testa limpa de todo adorno, e também ama seu negócio, a economia bem organizada, a ficha de depósito no banco, o talão de cheques. Como ama o dinheiro este homem honradíssimo, malditamente honrado!

Às vezes vou ao seu café e fico uma hora, duas, três. Ele acha que quando olho para sua mulher estou pensando nela, e está enganado. Penso é em Lênin... em Stalin... em Trotsky... Penso com uma alegria profunda e endemoniada na cara que este homem faria se amanhã um regime revolucionário lhe dissesse:

— Todo teu dinheiro é papel pintado...

1/2/1930

### OS TOMADORES DE SOL NO BOTÂNICO

A tarde de ontem, segunda-feira, foi esplêndida. Sobretudo para as pessoas que nada tinham para fazer. E mais ainda para os tomadores de sol consuetudinários. Gente de princípios higiênicos e naturistas, já que se resignam a ter as botinas rotas a perder seu banhozinho de sol. E depois há cidadãos que se lamentam de que não haja homens de princípios. E estudiosos. Indivíduos que sacrificam seu bem-estar pessoal para estudar botânica e seus derivados, aceitando ir com o terno esfarrapado a perder tão preciosos conhecimentos.

Examinando as pessoas que pululam pelo Jardim Botânico, a gente acaba por se propor este problema:

Por que as ciências naturais possuem tanta aceitação entre sujeitos que têm catadura de vadios? Por que as pessoas bem vestidas não se dedicam, com tanto frenesi, a um estudo semelhante, saudável para o corpo e para o espírito? Porque isso é indiscutível: o estudo da botânica engorda. Não vi um bebedor de sol que não tenha a pele lustrosa, e um corpaço bem nutrido e melhor descansado.

Que aspecto, que bonomia! Que edificação exemplar para um senhor que tenha tendências ao misticismo! Porque, vocês não podem deixar de reconhecer que uma ciência tão infusa como a botânica deve ter virtudes essenciais para engordar sujeitos que calçam botinas rotas.

Não há outra explicação. É verdade que o repouso deve contribuir em algo, mas neste assunto age ou influi algum fator estranho e fundamental. Até os jardineiros tendem à obesidade. O porteiro —os porteiros estão bem saciados—, os subjardineiros já adquiriram esse aspecto de satisfação íntima que produzem as conezias municipais; e até os gatos que vivem no alto dos pinheiros impressionam favoravelmente pela sua inesperada grossura e lustrosa pelagem.

Eu acredito ter aclarado o mistério. As pessoas que freqüentam o Jardim Botânico estão gordas pela influência do latim.

Efetivamente, todas as tabuletas das árvores estão redigidas no idioma melífluo de Virgílio. Aquele que não está acostumado, se embanana. Mas os assíduos visitantes deste jardim, já devem estar acostumados e sofrer os benefícios deste idioma, porque observei o seguinte:

Como eu ia dizendo, fui até lá ontem à tarde. Me sentei num banco e, de repente, observei dois jardineiros. Com um rastelo na mão olhavam a tabuleta de uma árvore. Em seguida, olhavam-se entre si e voltavam a olhar a tabuleta. Para não interromper suas meditações mantinham o rastelo completamente imóvel, de modo que não restava dúvida alguma de que essa gente ilustrava seus magníficos espíritos com a tabuleta escrita no idioma do maçante Virgílio. E o êxtase que tal leitura parecia lhes produzir, devia ser infinito, já que os dois indivíduos, completamente quietos como outros tantos Budas à sombra da árvore da sabedoria, não moviam o rastelo nem de brincadeira. Tal fato me chamou extremamente a atenção, e decidi continuar minha observação. Mas passou uma hora e eu me enchi. O delíquio desses folgados diante da tabuleta era imenso. O rastelo permanecia junto deles como se não existisse.

Vocês percebem agora a influência do latim botânico sobre os espíritos superiores? Estes homens, em vez de arar a terra, como era seu dever, permaneciam de braços cruzados em honra da ciência, da natureza e do latim. Quando fui embora, virei a cabeça. Continuavam meditando. Os rastelos esquecidos. Não me pareceu estranho que engordassem.

E vi inúmeras pessoas entregues à santa paz do verde. Todos meditando nos letreiros latinos que se oferecem em profusão à vista do público. Todos tranqüilinhos, imperturbáveis, adormecidos, tomando sol como lagartos ou crocodilos e encantados da vida, apesar de seus aspectos não denunciarem milhões, de jeito nenhum. Mas o Senhor, bondoso com os homens de boa vontade, lhes dispensa o que nos negou: a felicidade. Em compensação, esses indivíduos que



poderiam ser tidos como solenes vagabundos, e até pode ser que o sejam, à sombra das árvores chocavam sua folga e florescia em meditações de maneira invejável.

Em muitos bancos, estes poltrões, formam um círculo. E lembram os sapos do campo quando, ao se acender a luz e ao deixá-la abandonada, se reúnem em torno dela em círculo, e permanecem como que conferenciando horas e horas.

Pois no Botânico acontece a mesma coisa. Pode-se ver círculos de vagabundos cosmopolitas e silenciosos, encarando-se, nas posições mais variadas, e sem dizer um ai.

Naturalmente, as pessoas se inquietam com esta vadiação semi-organizada; mas para os que conhecem o mistério das atitudes humanas, isso não assusta. Essa gente aprende idiomas, se interessa pelas chamadas línguas mortas e se regozija contemplando as tabuletinhas das árvores.

Onde os apaixonados se reúnem agora? Perderam o romantismo? O caso é que no Botânico o que mais escasseia são os casais amorosos. Só se vê algum casal provecto que espairose seus olhos sem prejudicar suas rendas, já que para se distrair percorre os caminhos solitários, separados meio metro um do outro.

Definitivamente, não sei se porque era segunda-feira, ou porque as pessoas encontraram outros lugares de distração, o caso é que o Jardim Botânico oferece um aspecto de desolação que assusta. E a única coisa nobre, são as árvores... as árvores que envelhecem se afastando dos homens para acolher o céu entre seus braços.

11/9/1928

### **APONTAMENTOS FILOSÓFICOS ACERCA DO HOMEM QUE “SE FAZ DE MORTO”**

Antes de iniciar nosso grandioso e belo estudo acerca do “homem que se faz de morto”, é necessário que nós, humildes mortais, exaltemos Marcelo de Couteline, o magnífico e nunca bem elogiado autor de *Os senhores barnabés*, e o que mais ampla e jovialmente tratou de perto o nefasto grêmio dos “que se fazem de morto”, grêmio parasita e imperturbável, que tem pontos em comum com o “squenun”,

grêmio de sujeitos que têm cara de otário e que são mais vivos que lince. E já cumprido nosso dever para com o senhor de Courteline, entramos em cheio em nossa simpática apologia.

Há uma roda de amigos num café. Faz uma hora que estão tomando uns aperitivos e, de repente, chega o ineludível e fatal momento de pagar. Olham uns para os outros, todos esperam que o companheiro puxe a carteira e, de repente, o mais descarado ou o mais filósofo põe fim à questão com estas palavras:

— Me faço de morto.

O sujeito que anunciou tal determinação, ao fim de pronunciar as palavras de referência, fica tão tranqüilo como se nada tivesse acontecido; os outros o olham, mas não dizem nem A nem B; o homem acaba de antecipar a última determinação admitida na linguagem portenha: Se faz de morto.

Isso quer dizer que vai se suicidar? Não, isso significa que nosso personagem não contribuirá com um só centavo à soma que se necessita para pagar os tais aperitivos.

E como esta intenção está apoiada pelo rotundo e fatídico anúncio de “me faço de morto”, ninguém protesta.

Com mediana clareza que causaria inveja num acadêmico ou num confeccionador de dicionários, acabamos de estabelecer a diferença fundamental que estabelece o ato de “se fazer de morto”, com aquele outro adjetivo de “squenun”.

Fazemos este esclarecimento para colaborar no porvir do léxico argentino, para evitar confusões de idioma tão caras à academia dos fósseis e para que nossos devotos leitores compreendam definitivamente a distância que há entre o “squenun” e o “homem que se faz de morto”.

O “squenun” não trabalha. O “homem que se faz de morto” faz que trabalha. O primeiro é o cínico da vadiagem; o segundo, o hipócrita do *dolce far niente*. O primeiro não esconde sua tendência à vadiagem, pelo contrário, a fomenta com senhores banhos de sol; o segundo comparece ao seu trabalho, não trabalha, mas faz

que trabalha, quando o chefe pode vê-lo, e em seguida “se faz de morto” deixando que seus companheiros se descadeirem trabalhando.

O que “se faz de morto” é um homem que depois de tantas cavilações chegou à conclusão de que não vale a pena trabalhar? Não. Não “se faz de morto” aquele que quer, e sim aquele que pode, o que é muito diferente.

Aquele que “se faz de morto” já nasceu com tal tendência.

Na escola era o último a levantar a mão para poder passar a lição ou, se conhecia as manhas do professor, levantava o braço sempre que este não ia chamá-lo, achando que sabia a lição.

Quando mais infante, fazia-se levar nos braços pela mãe, e se queriam fazê-lo caminhar, chorava como se estivesse muito cansado, porque em seu rudimentário entendimento era mais cômodo ser levado do que levar a si próprio.

Depois ingressou num escritório, descobriu com seu instinto de parasita qual era o homem mais ativo, e se apegou a ele, de modo que tendo os dois que fazer um mesmo trabalho, na realidade só um fazia, ou o outro tinha que fazê-lo ainda que este o fizesse, de tão cheio de erros que estava o trabalho do que “se faz de morto”.

E os chefes acabaram por se acostumar com o homem que “se faz de morto”. Primeiro protestaram contra “esse inútil”, depois, fartos, lhe deixaram fazer, e o homem que “se faz de morto” floresce em todos os escritórios, em todas nossas repartições públicas, inclusive nas empresas onde é sagrada a lei de sugar o sangue daquele que ainda o tem.

A natureza, com sua sábia previsão dos acontecimentos sociais e naturais, e para que jamais faltasse assunto aos cavalheiros que se dedicam a fazer notas, dispôs que haja inúmeras variedades do exemplar do homem que “se faz de morto”.

Assim, existe o homem que não pode se “fazer espontaneamente de morto”. É atraído pelo *dolce far niente*, mas este prazer deve ir acompanhado de outro deleite: a simulação de que trabalha.

Lhe vereis diante da máquina de escrever, o gesto grave, a expressão taciturna, a testa carrancuda. Parece um gênio, aquele que o olha e diz:

— Que coisas formidáveis esse homem deve pensar! Que trabalho importantíssimo deve estar realizando!

Inclinemo-nos diante da sabedoria do Todo-Poderoso. Ele, que provê de alimentos o micróbio e o elefante ao mesmo tempo; ele, que reparte tudo, a chuva e o sol, fez com que para cada dez homens que “se fazem de mortos”, haja vinte que queiram obter méritos, de modo que por sábia e transcendental compensação, se num escritório há dois sujeitos que abandonam tudo nas mãos do destino, nesse mesmo escritório sempre há quatro que trabalham por oito, de modo que nada se perde nem nada se ganha. E vinte restantes ensebam de modo razoável.

11/7/1928

### **CASAS SEM TERMINAR**

Que sensação de mistério e de catástrofe inesperada dão essas construções não terminadas, onde, sobre as paredes desniveladas, levantam-se os batentes enegrecidos pela intempérie e as aberturas exteriores tapadas por chapas de zinco, onde o vento crepita sinistramente nas noites de inverno.

Essas são as “casas” onde a imaginação infantil localiza os conciliábulo de ladrões, as reuniões de assassinos; essas são as “casas” onde, ao escurecer, vê-se entrar ou sair sombras sub-reptícias que se fossem descobertas, em seguida cobririam o bairro de escândalo.

E dão, mais ainda que o cartaz de leilão judicial, a idéia da catástrofe econômica. Sugerem, de chofre, a idéia de um pleito monstruoso; as inúmeras pastas cobrindo a mesa de um juiz; os pedreiros rangendo os dentes na ante-sala da secretaria, e o mistério..., o mistério do vazio que é o que preenche suas aberturas tapadas por chapas de zinco.

Tudo é singular na casa inacabada. As paredes se levantam desoladas, a terra faz montinhos no interior das habitações destelhadas; uma porção de argamassa se solidificou lentamente, o poço de cal deixou aparecer entre as escoriações da superfície uma mata de grama, as aranhas improvisam seu albergue nos cantos, e um

trapo podre, seco, negro, pendurado em algum prego; e tudo está como se a tarefa de edificação tivesse sido interrompida inesperadamente por um fenômeno cósmico, por algo superior às forças do homem.

É, é exatamente essa a impressão que suscita.

E as pessoas que passam não podem fazer nada a não ser virar a cabeça e olhar, intrigada, as paredes inacabadas, vermelhas; o fundo escuro de uma parede-meia fechando um triângulo e os ângulos nus, ásperos, como se tivessem sido lambidos pelo calor de um terremoto, enquanto as centopéias correm pelas chapas de zinco perfuradas.

E se o coração do homem ia carregando uma alegria, de repente, na presença da casa maldita, essa alegria é rejeitada, desaparece. E uma angústia súbita, um mal-estar invencível azeda o semblante do olheiro.

É que essa casa, sem teto, sem portas, sem reboque, é o expoente de um fracasso de ilusões, a demonstração mais evidente de que seu dono foi surpreendido por algo terrível quando menos esperava.

Sem querer, a gente começa a imaginar o que é que pode ter acontecido. Ora pensa-se que o homem empreendeu uma construção com falsos cálculos sobre os gastos que podia efetuar; outras vezes, em compensação, formula-se uma alteração com os pedreiros; uma dessas broncas surdas por causa da cláusula do contrato mal interpretada; outras, que é um embargo, um desses embargos traidores e que parecem caídos do céu ou brotados do inferno, pois não se sonhava com tal dívida; mas sempre, sempre é o imprevisto, o diabo do imprevisto, porque na obra, como depois de uma fuga diante duma inundação, resta um boné, tachos de argamassa endurecida pois nem se deram ao trabalho de limpá-los, um tirante atravessado de qualquer jeito diante da porta para impedir que os vagabundos penetrem, tirante que de nada serve e que logo desaparece na fofalha de alguma casa vizinha.

E o tempo que essas misteriosas casas permanecem abandonadas é incrível.

Na rua Laguna (Floresta), na altura do 700, mais ou menos, há uma edificação de dois andares neste estado. O trabalho foi interrompido ao chegar no

último andar, e pouco depois dos batentes serem colocados. Faz três anos, no mínimo, que permanece em tal abandono.

A quem pertence? O que é que aconteceu ali? Vai saber! Mas não há criança do bairro que não corra a chapa de zinco para se meter ali para brincar ou fazer travessuras.

Em Chivilcoy e Gaona, Floresta também, há outra casinha no mesmo estado. Só que ali não colocaram nem batentes nem chapas. As sete paredes estão de pé sabe-se lá até quando.

Na Avenida San Martín, perto de Villa del Parque, também tinha outra em blocos de cimento. Ou terminou a terra romana do cuidadoso construtor ou a Prefeitura não transigiu com a inovação.

Na mesma Avenida San Martín e Añasco, muito mais acima, ou seja, quase em Villa Crespo, tinha durante a guerra, outra casa de três andares, em idêntico abandono. As escadas eram de tábuas, os tetos em parte de abóbadas de gesso e em outras cobertos de chapa. Eu conheci muito essa casa.

Era durante a guerra, na qual a abominável “lista negra” deixou na rua muitas famílias alemãs. E nessa ruína, encurralados pela pobreza, se refugiou uma família que nós conhecíamos. Mas como eles não eram os donos da catastrófica casa, uns russos se refugiaram nos outros quartos e depois, como ameaçaram vir mais, as duas famílias tiveram que se coligar para impedir que toda a vadiagem de Villa Crespo buscasse guarida na casa infernal.

Quando chovia, ali era quase pior que a rua. A água rolava pelas paredes, se soltava das abóbadas de gesso, e uma noite, um ancião russo quebrou uma perna ao descer por uma tábua com varetas atravessadas, que era tudo o que constituía a escada. No entanto, esta família e a outra família moraram no barraco algo em torno de três anos. Ninguém jamais foi perguntar para eles com que direito tinham se instalado ali. A única coisa que sabiam é que uma tarde os pedreiros se retiraram e não voltaram mais. E isso é tudo.

E é assim então que as casas inacabadas, as casas que fazem os vigilantes olharem obliquamente, que sabem que ali se refugiam sujeitos sombrios e se produzem histórias inconfessáveis, sejam as mais interessantes, e também as mais misteriosas, misteriosas porque contrariam o espírito de todos os tratados de construção que estabelecem que quando se começa uma casa, deve-se terminá-la...

22/9/1928

### CADEIRA NA CALÇADA

Chegaram as noites das cadeiras na calçada; das famílias plantadas na porta de suas casas; chegaram as noites do amor sentimental do “boa noite, vizinha”, o político e insinuante “como vai, don Pascual?” E don Pascual sorri e alisa os bigodes, que bem sabe por que o “ragazzino” lhe pergunta como vai. Chegaram as noites...

Eu não sei o que estes bairros portenhos têm de tão tristes de dia sob o sol, e tão lindos quando a lua os percorre obliquamente. Eu não sei o que têm, humildes ou inteligentes, desocupados ou ativos, todos nós gostamos deste bairro com seu jardim (lugar para a futura sala) e suas garotinhas sempre iguais e sempre distintas, e seus velhos, sempre iguais e sempre distintos, também.

Encanto mafioso, doçura rastaquëira, ilusão baratieri, sei lá eu o que todos estes bairros tem! Estes bairros portenhos, compridos, cortados com a mesma tesoura, todos parecidos com suas casinhas vagabundas, seus jardins com a palmeira ao centro e um mato semiflorido que perfuma como se a noite arrebetasse por eles a paixão que encerram as almas da cidade; almas que só sabem o ritmo do tango e do “te amo”. Embuste poético; isso e algo mais.

Alguns pirralhos que jogam bola no meio da rua; meia dúzia de desocupados na esquina; uma velha cabreira numa porta; uma menor que espreita a esquina, onde está a meia dúzia de desocupados; três proprietários que driblam cifras em diálogo estatístico diante do botequim da esquina; um piano que solta uma valsa antiga; um

cachorro que, atacado repentinamente de epilepsia, gira em círculos, extermina a dentadas uma colônia de pulgas que tem junto das vértebras da cauda; um casal na janela escura de uma sala; as irmãs na porta e o irmão complementando a meia dúzia de desocupados que vagabundeiam na esquina. Isto é tudo e nada mais. Embuste poético, encanto mixo, o estudo de Bach ou Beethoven junto a um tango de Filiberto ou de Mattos Rodrígues.

Isso é o bairro portenho, bairro profundamente nosso; bairro que todos, chinfrins ou inteligentes, levamos metido no tutano como uma bruxaria de encanto que não morre, que não morrerá jamais.

E junto de uma porta, uma cadeira. Cadeira onde repousa a velha, cadeira onde repousa o “velho”. Cadeira simbólica, cadeira que se empurra trinta centímetros mais para um lado quando chega uma visita que merece consideração, enquanto a mãe ou o pai diz:

— Menina; traga outra cadeira.

Cadeira cordial da porta da rua, da calçada; cadeira de amizade, cadeira onde se consolida um prestígio de urbanidade cidadã; cadeira que é oferecida ao “proprietário do lado”; cadeira que se oferece ao “jovem” que é candidato para namorar; cadeira que a “menina” sorrindo e com modos de dona de casa oferece, para demonstrar que é de família; cadeira onde a noite do verão estanca numa voluptuosa “pachorra”, em bate-papo agradável, enquanto “estrela a da frente” ou murmura “a da esquina”.

Cadeira onde se eterniza o cansaço do verão; cadeira que forma uma roda com outras; cadeira que obriga o transeunte a descer para a rua, enquanto a senhora exclama: “Mas, minha filha! Você ocupa toda a calçada”.

Sob um teto de estrelas, dez da noite, a cadeira do bairro portenho afirma uma modalidade cidadina.

No respiro das fadigas suportadas durante o dia, é a armadilha onde muitos querem cair; cadeira engrupidora, encantadora, sereia de nossos bairros.



Porque se você passava, passava para vê-la, nada mais; mas se deteve. Onde já se viu não cumprimentar? Como ser tão descortês? E fica um tempo conversando. Que mal há em falar? E, de repente, lhe oferecem uma cadeira. Você: “não, não se incomodem”. Mas qual, a “menina” já foi voando buscar a cadeira. E uma vez que a cadeira está ali, você continua conversando.

Cadeira engrupidora, cadeira encantadora.

**Você se sentou e continuou conversando. E sabe amigo, onde às vezes essas conversas vão acabar? No Cartório.**

Tome cuidado com essa cadeira. É encantadora, fina. Você se senta e, se está bem sentado, sobretudo se ao lado se encontra uma moça. E você que passava para cumprimentar! Tenha cuidado. A coisa começa por aí.

Depois, tem a outra cadeira, cadeira de cortiço, cadeira de “velhos”, carcamanos e galaicos; cadeira de palhinha, cadeira onde ex-varredores e peões municipais fazem filosofia barata, todos em mangas de camisa, todos cachimbo na boca. A lua lá em cima sobre as frentes rapadas. Um bandôion ressoa broncas carcerárias em algum quintal.

Em um quício de porta, porta caiada como a de um convento, ele e ela. Ele do Esquadrão de Segurança; ela, passadeira ou costureira.

Os “velhos”, funcionários públicos da carroça, da pá e do escovão, ficam de conversa fiada sobre “erogoyenismo”, um ego presidencial. Algum moço foragido reflexiona num umbral. Alguma *criollaza* gorda, pensa amarguras. E este é outro pedaço do nosso bairro. Esteja tocando *Cuando llora la milonga* ou a *Patética*, pouco importa. Os corações são os mesmos, as paixões as mesmas, os ódios os mesmos, as esperanças as mesmas.

Mas tenha cuidado com a cadeira, sócio! Pouco importa que seja de Viena ou que seja de palha brava do Delta: os corações são os mesmos...

11/12/1929

**MOTIVOS DA GINÁSTICA SUECA**

Não sei se vocês notaram o calor brutal que fazia ontem. Não? Era uma temperatura para se refugiar num “bungalow” e buscar meia dúzia de dançarinas indianas para que, com penachos, refrescassem a gente. E no entanto, vi um homem que se envolvia numa flanela. Vocês vão achar absurdo, mas vejam como foi.

Eu acabava, às seis da tarde, de fazer ginástica na ACM (Associação Cristã de Moços) e estava no vestiário, quando um sujeito enormemente grande começa a se despir do meu lado.

Isso não foi nada, e sim o que fez, uma vez despido. De um pacote que trazia tirou uma peça de flanela —sei lá quantas varas seriam— e com elas começou a enrolar o estômago e o ventre como um contrabandista de seda.

O caro leitor teria aberto os olhos como dois ovos fritos, embora fosse indiscreto, não? Pois eu fiz o mesmo. Olhava para o gigante com os olhos e a boca bem abertos. Olhava-o, e o “golias” em questão, sem me dar bola, continuava empacotando o estômago com a flanela.

Afinal não pude me conter e lhe disse, sorrindo:

— Será que o senhor não sente calor ao fazer exercícios com essa flanela?

— É pra emagrecer —respondeu o outro, com vozeirão de bronze. E ato contínuo, sobre esse colchão de flanela que lhe envolvia o estômago e o ventre, meu gigante enfiou um camiseta de lã, exclusivamente útil para ir ao pólo; pois em outra região faria suar um esquimó. E ato contínuo, se explicou—: Só não emagrece quem não quer.

Em seguida, olímpicamente, me deu as costas e se dirigiu à quadra para fazer sua boa meia hora de desconjuntamento rápido.

E um senhor que tinha escutado tudo o que conversamos e que sabia quem eu era, me disse:

— Olha, aqui na Associação não há uma pessoa que não faça ginástica sueca por algum motivo. O homem é de per si preguiçoso, e quando resolve fazer um esforço a que não está acostumado, é porque lhe passa algo grave no seu íntimo. O senhor, por exemplo, por que faz ginástica?

— Um médico me recomendou. Andava excessivamente nervoso.

— Sei. Eu, em compensação, vou lhe contar uma estória. O senhor será discreto, ou seja, não dirá que fui eu que contei.

— Com muito prazer, conte o que quiser. Posso fazer uma matéria com sua história.

— É. Aí vai.

Eis aqui o relato do companheiro de ginástica:

— Eu tinha uma namorada com a qual cortei relações bruscamente. Enviamos um ao outro, cartas atrozes. O grave é que eu a amava tanto que uma vez que cortei, compreendi que ia me acontecer algo terrível. Enlouqueceria ou cometeria um disparate. Isso não teria sido nada se uma noite, me olhando num espelho, não observasse que envelhecia a cada hora que passava. E, de repente, tive esta idéia:

“Dentro de um ano o sofrimento terá me convertido numa casca de homem. Estarei magro, angustiado e arrebatado. E de repente me vi assim, mas no futuro e na rua. O destino tinha me colocado diante de minha ex-namorada, mas minha ex-namorada ia agora acompanhada por um magnífico bom moço, e me olhava ironicamente, como que dizendo: “Você não é de nada. É possível que tenha sido tão estúpida em te amar?”

“Bom, quando eu pensei, aliás, quando visualizei meu futuro, acredite em mim, saí pra rua, enlouquecido. Precisava me salvar, me salvar da catástrofe que tinha pela frente com o esgotamento que me sobrevinha devido a meu excesso de sensibilidade. Caminhei a noite toda pensando no que poderia fazer, de repente me lembrei da ginástica sueca, da salvação física por meio do exercício e, acredite em mim, passei uns minutos de deslumbramento maravilhoso, de uma alegria como a que os místicos deviam experimentar quando compreendiam que tinham encontrado a entrada do Paraíso.

“É escusado dizer que eu era um preguiçoso como os que o senhor pinta em suas notas. E algo ainda pior. Indolente até dizer chega. Pois essa noite não dormi;

veja, não tinha dinheiro, empenhei tudo o que tinha pra pagar os direitos de entrada na A .C. M. e dois dias depois estava fazendo ginástica.

“O senhor, que está começando agora a fazer ginástica, vai se dar conta dos efeitos da ginástica num indivíduo fisicamente esgotado, espiritualmente desmoralizado. Mais de uma vez estive tentado a abandonar tudo, mas no momento em que ia largar tudo o fantasma dessa moça aparecia, em companhia do outro, do outro que algum dia a acompanharia pela rua. Desses dois fantasmas eu só via dois olhos gozadores, os dela, dizendo: “que pouca coisa você é”, e então, acredite, embora estivesse dolorido, com os músculos tensos, quase queimando, fazia um esforço, apertava os dentes e, raivoso, persistia no exercício, na execução perfeita dos movimentos. E que alegria amigo, quando vencemos a vontade. E, como você pode ver, de um homem fisicamente insignificante que era me transformei numa máquina quase perfeita”.

Enquanto meu companheiro falava, eu sorria. Pensava nos melindres que o orgulho humano tem. Realmente, o homem é um animal extraordinário. Tem possibilidades fantásticas. E meu camarada termina:

— Percebe? O sofrimento que teria afundado outra pessoa me salvou. Se fizer a matéria, recomende aos que queiram se suicidar por angústia do amor, que façam ginástica sueca.

Não puder conter a pergunta:

— E nunca mais a viu?

— Não, mas algum dia nos encontraremos. E percebe a surpresa que experimentará? Ao invés de se encontrar com um indivíduo estragado pela vida como aquele que ela conheceu, se encontrará com um homem maravilhosamente reconstituído, forte e mais interessante do que era.

Indubitavelmente, o homem é um animal extraordinário, que quando tem condições, encontra tangentes inesperadas para se transformar sempre em melhor e melhor. E talvez a verdadeira vida seja isso: constante superação de si mesmo.

17/12/1929

## UMA ESCUSA: O HOMEM DO TROMBONE

É inútil. Em todas as coisas é preciso ter experiência. Eu acreditava que ter como vizinho um senhor que se dedica ao estudo da música no brônzeo corpo de um trombone era um sacrifício superior à mais carinhosa resignação humana; mas agora compreendi que não; que o estudo do trombone não irrita os nervos nem ensurdece como pode parecer à primeira vista e, colocando-se a partir de um lugar absolutamente teórico, poderia-se acreditar.

Acredito que todo aquele que se dedica ao estudo da música trombonífera é um animal imensamente triste. Digo isso me baseando em conjecturas acústicas. Imaginem vocês um homem que todos os dias, do meio-dia e meia à uma e das vinte e trinta às vinte e uma, se dedica a arrancar melancólicos bufidos do seu instrumento, e toda esta filarmonia brônzea tem por caixa harmônica um sótão.

Tal é o senhor que me coube ter como vizinho; não em minha pensão e sim, numa casa geminada à tal e onde, para regozijo de todos nós, o homem inunda o bairro de selváticos lamentos nas horas consagradas à sesta e à digestão.

O que me permitiu chegar à conclusão de que o homem do trombone é um animal imensamente triste.

O que é que o impulsionou a se refugiar na doce melancolia do instrumento que, sem querer, lembra a tromba de um elefante?

Como um primeiro princípio, pode-se dar por sentado que aquelas pessoas que se dedicam à indústria do calçado tem uma especial predileção pelo trombone. Em seguida seguem-se os solteirões que trabalham em inúteis afazeres de alvenaria e construção, porque o aparelho, por suas razoáveis dimensões, presta-se para ser suportado pelo cangote de um ajudante de pedreiro ou carregador de tijolos.

Em terceiro grau, viriam os alfaiates, embora os alfaiates melancólicos são mais aficionados em tocar a ocarina; no Exército da Salvação contam-se inúmeros conversos, que em sua juventude foram alfaiates e nas festas dominicais manejam o trombone com tanta habilidade como antanho a tesoura.

O que me faz pensar que tudo que possa ser escrito a respeito do tocador de trombone é pura bobagem, bobagem que chega às excelsitudes. A que excelsitudes chegará?

Vejo que estou dizendo bobagens, e das grandes... E tudo porque tenho que escrever esta matéria em vinte e cinco minutos, pois tenho que pegar o metrô e ir à A.C.M. Não é trágico isto de ter que escrever uma matéria em vinte e cinco minutos? Por mais que eu faça as teclas ressoarem, não preencho o tempo necessário para terminar o artigo; ir até a rua Rivadavia, pegar o metrô, chegar à Associação. Faz dois dias que me faço fervorosamente de morto.

A verdade é que vinha pensando a todo vapor. Dará o sujeito do trombone tema de matéria para oitocentas palavras? Maldito seja o trombone! Podia ter pegado o argumento de outro assunto; por exemplo, que exemplo?... Agora entendo por que meu Diretor sempre me diz:

— Deixe uma matéria adiantada, Arlt.

Eu não posso negar que meu Diretor tem razão. Como vou negar se faz essa observação em tom paternalíssimo! Mas o caso é que a gente tem preguiça, e está certo de que no dia seguinte terá argumento. E a verdade é que o argumento do homem do trombone não é mau; mas me falta tempo para desenvolvê-lo.

É verdade que hoje o homem do trombone não me importa a mínima. Escrevo sobre isso como poderia escrever sobre qualquer outra coisa; mas o tempo urge; o desenhista reclama a matéria para ilustrá-la. Eu penso que já faz uns três dias que não ponho o focinho pela ACM e que minhas articulações se oxidam e que meus músculos se relaxam, e estou espantado de ter chegado a tal grau de indolência e abandono de mim mesmo. O que é a natureza humana! (Rapazes, o negócio é encher linguíça) O que é a natureza humana! Durante trinta anos me fiz de morto e ri da ginástica, e agora estou com um “delirium tremens” de frenesi atlético. (Como, do exercício das virtudes do trombone, viemos parar na ginástica. Daqui a pouco e neste tom chegaremos a dissertar sobre a temperatura das estrelas ou qualquer outra coisa improvável e matematicamente demonstrada por isso mesmo.)

Mas; me digam vocês. Não é uma piada isto de ter que soltar uma matéria em vinte e cinco minutos contados no relógio? Nem mais nem menos.

Vejo que o ponteiro dos minutos marca sete; são então sete e trinta e cinco. Toca um telefone. Graças a Deus que entrei na terceira lauda! Se alguém perguntar por mim, direi que não estou... Diga-se o que se quiser, o trabalho de escrever é brutal. Não, imagine se vai ser brutal! Estou conformado porque faltam sete parágrafos para terminar. Tenho sobre a escrivaninha a correspondência sem abrir. Agora que estou chegando ao final, me pergunto, meio temeroso: o Diretor não vai me dar uma bronca por estes meus apertos? Faz uma semana que me pede, paternalmente, a matéria adiantada. Eu lhe digo que sim, e deslizo enquanto se descuida, porque senão me agarra, faz com que eu me sente e termine a famosa matéria adiantada. E o grave é que não posso negar que ele tem razão. Vou fazê-la esta noite.

Mas não. Faz duas noites que durmo sete minutos e meio e, ah jornalismo!... No entanto, diga-se o que se diga, é lindo. Sobretudo se se tem um Diretor indulgente, que o apresenta às visitas com estas eloqüentes palavras:

—O vagabundo do Arlt. Grande escritor.

29/1/1930

### **JANELAS ILUMINADAS**

Outra noite me dizia o amigo Feilberg, que é o colecionador das histórias mais estranhas que conheço:

— Já prestou atenção nas janelas iluminadas às três da manhã? Veja, ali há argumento para uma nota curiosa.

E imediatamente se enfiou nos meandros de uma história que não teria sido depreciada por Villiers de Lísle Adam ou Barbey de Aurevilly ou pelo barbudo do Horacio Quiroga. Uma história magnífica relacionada com uma janela iluminada às três da manhã.

Naturalmente, pensando depois nas palavras deste amigo, cheguei à conclusão de que tinha razão, e não estranharia que don Ramón Gómez de la Serna tivesse utilizado este argumento para uma de suas geniais *greguerías*.

Certamente, não há nada mais chamativo no cubo negro da noite que esse retângulo de luz amarela, situado numa certa altura, entre o prodígio das chaminés tortas e as nuvens que vão passando por cima da cidade, como que varridas por um vento de malefício.

O que é que acontece ali? Quantos crimes teriam sido evitados se nesse momento em que a janela se ilumina, um homem tivesse subido para espiar?

Que pessoas estão ali dentro? Jogadores, ladrões, suicidas, doentes? Nasce ou morre alguém nesse lugar?

No cubo negro da noite, a janela iluminada, como um olho, vigia os terraços e faz levantar a cabeça dos tresnoitadores que, de repente, ficam olhando aquilo com uma curiosidade mais poderosa que o cansaço.

Porque ora é a janela de uma água-furtada, uma dessas janelas de madeira desfeitas pelo sol, ora uma janela de ferro, coberta de cortinados e que, entre as cortinas brancas e as persianas, deixa entrever umas faixas de luz. E depois a sombra, o vigilante que passeia embaixo, os homens que passam mal-humorados pensando na pilha de coisas que terão que resolver com suas respeitáveis esposas, enquanto a janela iluminada, falsa como uma mula, oferece um refúgio temporário, insinua um esconderijo contra o aguaceiro de estupidez que se descarrega sobre a cidade nos bondes atrasados e cheios de rangidos.

Freqüentemente, esses quartos são parte integrante de uma pensão, e nelas não se reúnem nem assassinos nem suicidas e sim, rapazes de bem que passam o tempo conversando enquanto esquentam a água para tomar mate.

Porque é curioso. Todo homem que transpôs a uma da madrugada já considera a noite perdida, que é preferível passá-la de pé, conversando com um bom amigo. É depois do café, das rondas pelos botequins turvos. E juntos se encaminham para o quarto, onde, fatalmente, o que não o ocupa se recostará sobre a cama do



amigo, enquanto o outro, com toda pachorra, acende o fogareiro preparar água para o mate.

E enquanto sorvem, conversam. São as conversas intermináveis das três da madrugada, as conversas dos homens que, sentindo o corpo cansado, analisam os fatos do dia com essa espécie de febre lúcida e sem temperatura, que na vigília deixa nas idéias uma lucidez de delírio.

E o silêncio que sobe da rua torna as palavras mais lentas, mais profundas, mais desejadas.

Essa é a janela cordial, que da rua olha o agente da esquina, sabendo que os que a ocupam são dois eternos estudantes resolvendo um problema de metafísica do amor ou recordando em confiança fatos que não se pode engolir a noite toda.

Há outra janela que é tão cordial como esta, e é a janela da paisagem do bar tirolês.

Em todos os bares “imitação de Munich” um pintor humorista e genial pintou umas cenas de burgos tirolezes ou suíços. Em todas estas cenas aparecem cidades com telhados e torres e vigas, com ruas tortas, com lampiões cujos pedestais se retorcem como uma cobra e, abraçados a eles, fantásticos alemães com meias verdes de turistas e chapeuzinho jovial, com a indispensável pena. Estes simpáticos bêbados, de cujos bolsos escapam gargalos de garrafas, olham com olhar lacrimoso para uma senhora obesa, apoiada na janela, coberta com um extraordinário camisolão, com touca branca, e que hasteia um tremendo garrote lá das alturas.

A obesa senhora da janela das três da madrugada tem um semblante de um açougueiro, enquanto seu cônjuge, com as pernas de arame retorcido em torno do lampião, trata de adocicar a pouco amável “frau”.

Mas a “frau” é inexorável como um beduíno. Dará uma surra no seu marido.

A janela triste das três da madrugada é a janela do pobre, a janela desses cortiços de três andares e que, de repente, ao se iluminar bruscamente, lança seu resplendor na noite como um queixume de angústia, um pedido de socorro. Sem saber por quê vislumbra-se, por trás do súbito acender, um homem que salta da cama

espavorido, uma mãe que se inclina atormentada de sono sobre um berço; adivinha-se essa inesperada dor de molar que estalou no meio do sono e que transtornará um pobre diabo até o amanhecer detrás das cortinas puídas de tão usadas.

Janela iluminada das três da madrugada. Se a gente pudesse escrever tudo o que se oculta detrás de teus vidros bisotês ou quebrados, se escreveria o mais angustioso poema que a humanidade conhece. Inventores, gatunos, poetas, jogadores, moribundos, triunfadores que não podem dormir de alegria. Cada janela iluminada na noite alta, é uma história que ainda não foi escrita.

19/9/1928

### DIÁLOGO DE LEITERIA

Dias atrás, tabique como divisória, numa leiteria com pretensões de “reservado para famílias”, escutei um diálogo que ficou grudado no meu ouvido, de tão estapafúrdio que acabou sendo. Indubitavelmente, o indivíduo era um brincalhão, porque as coisas que dizia eram de dar risada. Eis aqui o que mais ou menos eu retive:

*O Sujeito.* — Me diz, eu não te jurei amor eterno. Você pode afirmar sob testemunho de um escrivão público que te jurei amor eterno? Você me jurou amor eterno? Não. E então...

*Ela.* — Nem precisava que te jurasse, porque você bem sabe que eu te amo...

*O Sujeito.* — Hum... Isso são outros quinhentos. Agora estamos falando do amor eterno. Se eu não te jurei amor eterno, por que você me questiona e me acusa?...

*Ela.* — Monstro! Te arranco os olhos...

*O Sujeito.* — E agora me ameaça em minha segurança pessoal. Percebe? Você quer me privar do meu livre arbítrio?...

*Ela.* — Que bobagens você está dizendo!...

*O Sujeito.* — É claro. Você não quer me deixar tranqüilo. Espera que eu, como um cabrito manso, passe a vida te adorando...

*Ela.* — Cabrito manso, você?... Que figura... sem-vergonha até dizer chega...

*O Sujeito.* — Não satisfeita em me ameaçar em minha segurança pessoal, você me injuria com palavras.

*Ela.* — Se você não me jurou amor eterno, em compensação disse que me amava...

*O Sujeito.* — Isso são outros quinhentos. Uma coisa é amar... e, outra coisa, amar sempre. Quando eu disse que te amava, te amava. Agora...

*Ela (ameaçadora).* — Agora o quê?...

*O Sujeito (tranqüilamente).* — Agora não te amo como antes.

*Ela.* — E de que jeito me ama, então?

*O Sujeito (com muita doçura).* — Quero ... te ver longe ...

*Ela.* — Nunca conheci um descarado feito você.

*O Sujeito.* — Por isso sempre te recomendei que viajasse. Viajando, a gente se instrui muito. Mas não vá viajar de ônibus nem de bonde. Pegue um vapor grande, grandinho, e vá... vá pra longe.

*Ela (furiosa).* — E por que então você me beijava?

*O Sujeito.* — Hã, Hã... Isso são outros quinhentos...

*Ela.* — Você parece um contador.

*O Sujeito.* — Eu te beijava porque se não te beijasse você ia comentar com tuas amigas: “Vocês estão vendo, que homem mais bobo? Nem beijar-me”...

*Ela (suspirando).* — Eu não sei como não te mato! Então você me beijava só pelo prazer de beijar?

*O Sujeito.* — Não vamos exagerar. Eu gostava um pouco também... Mas não tanto como você imagina...

*Ela.* — Me diz, pode-se saber onde você foi criado? Porque você não tem vergonha. Nunca teve. Ignora o que seja a vergonha.

*O Sujeito.* — No entanto, eu sou muito tímido... Você pode ver o quanto cavilo antes de te mandar pro inferno... Não, pro inferno não, querida; não fique chateada... é uma maneira de dizer.

*Ela* (aferrando-se ao assunto). — Quer dizer então você me beijava...

*O Sujeito.* — Meus Deus! Se a gente tivesse que prestar contas dos beijos que deu, teria que estar no presídio por quinhentos anos. Você parece norte-americana.

*Ela.* — Norte-americana! Por quê?

*O Sujeito.* — Porque lá você lasca um beijo num cabo de vassoura e zás! A única indenização tolerada é o casamento... de modo que não dê importância aos beijos. Agora, se eu tivesse posto a perder a tua inocência, seria outra coisa...

*Ela.* — Eu não sou inocente. Inocentes são os loucos e os bobos...

*O Sujeito.* — Convenhamos que você está dizendo uma verdade do tamanho de um bonde. E em seguida me recrimina de ser injusto. Te dou razão, querida. Sim, amplamente. De que pecado me recrimina então? O de ter te dado uns beijos?...

*Ela.* — Uns beijos? Pois se foram bem uns quarenta.

*O Sujeito.* — Não... Você está mal ou tenho que supor que você não entende nada de matemática. Digamos que são dez beijos... e estaremos na conta. E tampouco chegam a dez. Além do mais, não valem porque são ósculos paternais... E agora, depois de ficar chateada de que tenha te beijado, fica chateada porque não quero continuar te beijando. Quem entende as mulheres?

*Ela.* — Eu fico chateada porque você quer me abandonar infamemente.

*O Sujeito.* — Eu não te dei nada mais do que uns beijos só pra que você não dissesse a tuas amigas que eu era um sujeito bobo. Não tenho outro pecado sobre minha consciência. Me recriminar do quê? Pode-se saber? Eu não gosto de fazer encenação. Você se entedia na tua casa, se encontra comigo e gruda em mim como se eu fosse teu pai. E eu não quero ser teu pai. Eu não quero ter responsabilidades. Sou um homem virtuoso, tímido e tranqüilo. Gosto de abrir a boca feito um palerma diante de um malandro que vende banha de serpente ou panelas inoxidáveis. Você,

em compensação, se empenha pra que eu te jure amor eterno. E eu não quero te jurar amor eterno nem transitório. Quero andar vagabundeando tranqüilamente sozinho, sem uma tipa no pé que me conte histórias pueris e chochas... e só por me dar um beijo mixuruco pleiteia mais do que se tivesse me emprestado a juros compostos os tesouros de Rotschild.

*Ela.* — Mas você é impossível...

*O Sujeito.* — Sou um autêntico homem honrado.

9/7/1931

### VISITA AO “TATTERSAL” DE QUINTA

Misturado a uma platéia de padeiros, leiteiros, verdureiros, donos de carros de mudanças, assisti a venda de um cavalo proletário, do tungo que dia-a-dia ganha a alfafa entre as varas sob a dura fubecada do chicote, e admirei, sob um telhadinho de zinco, sentado numa grade de madeira, entre compradores silenciosos e obstinados em subir o lance de um animal, enquanto o leiloeiro se esganiçava gritando:

— Mas parece mentira... Dez pesos por este cavalo... Um cavalo que vale cinqüenta.

O tungo, melancólico, insensível ao elogio que o leiloeiro lhe fazia, dava voltas numa pista de terra, cercada de tábuas de madeira cinzenta.

Na arena, um malandro com camisa rosa e boné achatado trata de comunicar aos potros dinamismos de pur-sang, lhes impingindo árduas chicotadas e, como é lógico, os dois animaizinhos postos à venda se apinham, traçando continuamente um círculo feito carrossel, enquanto o leiloeiro berra:

— Mas é uma picardia oferecer dez pesos por esta nobre besta.

A nobre besta, como é natural, não diz nadica de nada, e os compradores menos ainda.

Reuniu-se uma cáfila de mercadores de primeiro nível que é de arrepiar; gente que manuseia o peso com conta-gotas e os tostões com balança de precisão.

Vascos corados e gorduchos, blusa branca, lenço azul e boina preta; checoslovacos com “fungi” preto e paletó recém-tirado do guarda-roupa; napolitanos com fogo na pupila e os bigodes arrevesados de cobiça.

Estas pessoas lotam a tribuna bárbara, fazem um círculo sobre as cercas da arena, sentadas na beirada da tábua, enquanto o peão passa de uma cancela a outra para empurrar a mercadoria preguiçosa em direção ao prédio da oferta.

Entram na arena dois cavalinhos semicoxos, semicegos, semituberculosos. Dois animaizinhos lanosos, melancólicos; o nariz adunco, os olhos lacrimosos. Dois pilungos de autêntica caricatura, com o olhar úmido e triste. O malandro do relho o faz estalar no ar, e os animalecos de Deus ensaiam um número de indomáveis ridículos, trotando seu desalento de quatro patas, com um coxear de anemia.

Inútil que os fustiguem... Jamais poderão representar a farsa da nobre besta.

Um malicioso diz, nas minhas costas:

— Com esses pode-se fazer meias.

Um compassivo fabricante de puros embutidos de alguma parte da Itália, adquire os dois pangarés por sete pesos e meio cada um. Involuntariamente pensa em quantos quilômetros de salame podem ser extraídos de um cavalo e, embora não sejam quilômetros, de qualquer modo um cavalo em picadinhos rende mortadela várias vezes seu preço de sete pesos e meio.

Fico horrorizado. Sete pesos e meio em cavalo! No “tattersal” do Hipódromo, vi rematarem pilungos, por sete mil pesos. Acreditam que há alguma diferença entre ambos tungos, hein?

Uma turma de moleques, às minhas costas, nas escadarias, tece crítica objetiva sobre os pangarés. Ouço frases como estas:

— Olha só, o castanho-escuro aí está estropiado.

Outro:

— Que lindo esse tordilho pra andar!

Aparece na pista um cavalo *compadrón*. De rédeas, como reza o confrade do martelo, que em vez de utilizar um martelo, hasteia um pedaço de garrote como qual faz um estrépito infernal.

— Um animal de cem pesos!... Que não chega a quarenta.

Isto é simplesmente lamentável. Dá vontade de comprar um matungo, de tão barato que os tiram.

Agora entendo os grandes progressos da indústria de embutidos no país. O leiloeiro se olha e se deseja, para poder convencer este público de pés-rapados a adquirir a mercadoria. Obter a oferta de um peso a mais sobre uma proposta lhe custa dez minutos de gritaria incessante. Isso não parece “uma queima” e sim um incêndio, que às vezes a turma de meninos apaga com uma imprudência. Por exemplo: Um sujeito comprou um cavalo; vai pagar a comissão, quando, de repente, os moleques gritam:

— Olha só o que esse tungo aí tem na pata!

O leiloeiro diz que é uma verruga. O comprador resmunga e se nega a adquirir o pangaré estropiado, com um câncer ou algo do gênero no casco.

Um que outro *criollo*, de rosto de cobre e alpargatas azuis, dá voltas pela arena com um rebenque de punho amarelo. O ambiente não é alegre e sim tristonho; tristonho como o próprio olhar destes cavalinhos trazidos do campo, de Rauch, de Luján, de Casares, para padecer e morrer um belo dia no paralelepípedo da cidade, sob o golpe de um funesto raio de sol.

18/10/1932

### **O PRÓXIMO CALÇAMENTO**

Os que não são proprietários nem têm a maldita esperança de sê-lo, desconhecem uma das felicidades do gênero humano dos proprietários; gênero que é diferente de outros gêneros, como o gênero trouxa, o gênero jogador, o gênero safado, etc. etc.

Os proprietários ou unhas-de-fome podem ser divididos em duas categorias: progressistas e mixos.

Os progressistas não querem saber de grupos, levantam casarões de vários andares, e não fazem outra coisa que “evoluir o capital” comprando casas hoje e vendendo-as amanhã. Têm alguma coisa a ver com o gênero dos furbantes, dos safados, que consiste em passar gato por lebre aos infelizes compradores. Este tipo de proprietário limita de preferência com o rematador aficionado, enquanto o outro, que não é progressista e sim mixo, constitui um espécime digno de um estudo de Last Reason ou Félix Lima.

O proprietário mixo ou “choramiséria”, o proprietário sem grupo, com hipoteca e prestações, é uma “realidade tangível” nesta cidade de loterias e radicalismo.

O proprietário mixo comprou, há dez anos atrás, um terreno em qualquer uma dessas ruas que são o inferno dos matungos e os terror dos puxadores, pois, quando um carro encalha, ali, o mínimo que acontece é quebrar o eixo (“quebrar o eixo” é uma frase de exatidão matemática e deriva dos carros que entraram desgraçadamente num lugar ermo do nosso arrabalde). Não falemos dos pobres matungos.

Assim ergueram-se bairros e mais bairros. Se não, ande por Villa Ortúzar, por Villa del Parque (todo barrento e nada de parque), por Villa Luro. Ruas e mais ruas sem paralelepípedos. Você caminha longos períodos sem divisar o salvador paralelepípedo. Há casas que envelheceram. Meninos que se tornaram adultos ali. Não importa. A Prefeitura ou o governo ou o diabo se esqueceram de que nessas casas viviam cristãos e quando chove, é uma beleza. É preciso entrar com pernas-de-pau ou com um hidroavião, pois de outra maneira não há jeito de se comunicar com os moradores.

É verdade que, ano após ano, qualquer dos proprietários das bibocas diz na sua cara, esperançoso: “Progredimos. Hoje a Prefeitura determinou que se colocasse paralelepípedos na rua O Assalto”. (A rua O Assalto fica a cinco quadras daquela



onde mora nosso herói do barro.) Mas ele se alegra. Alegra-se porque pensa que dali a cem anos a rua onde habita também será de paralelepípedos, e então...

É preciso ver a grande alegria que dá no dono de uma propriedade barrenta, no dia em que se inteira de que a “estrada” será de paralelepípedos. É preciso vê-lo! Ou melhor, é preciso vê-los!

Quase todos eles lêem diariamente a seção “Municipais” dos periódicos, de maneira que simultaneamente se inteiram do milagre a ocorrer, ou seja, do decreto de pavimentação. Este decreto —sempre tem um que é amigo do inspetor municipal da zona— é conhecido por alguns uma semana ou quinze dias antes, mas carece da legalidade necessária que, para estes semi-analfabetos, adquire um decreto publicado em periódico. De maneira que a publicação de “Municipais” vem pôr fim à angústia originada pelo serviço do informado sobre a pavimentação, e todos os desejos explodem agora como os bigodes dos proprietários, que no bar da esquina ou nas portas de suas casas comentam o decreto com este sacramental:

— Já era tempo de se lembrarem de nós...

— Verdade... e o bom é que valoriza o bairro...

— Sabe de uma coisa?... O dono do terreno aí da frente tinha uma oferta de vinte a vara e não quer entregar por menos de trinta agora... (Só vendo como reluzem os olhos quando apontam estes dados)

— Trinta!... Eu por menos de trinta e sete não entrego...

É de dar risada e não acreditar nos diálogos que se travam nas portas, não só entre os donos, como também entre as cônjuges dos fulanos. Veja:

— Então temos calçamento, hein, senhora...

— O que me diz?... Finalmente... também... já era hora!...

— Agora, se quisermos, poderemos vender comodamente.

— Também, nos sacrificamos.

E é verdade. Se sacrificaram. Anos e anos, invernos e mais invernos, não há um só habitante da vila X que não conheça de cabeça os caminhos margeados pelas

cercas que se percorrem esquivando a água que sobe na calçada, não há um só deles que não tenha maldizido o fato de “vir a se enterrar” ali, a sete quarteirões do bonde, casas onde nem os verdureiros vendendo mercadorias querem entrar.

O calçamento é uma espécie de salvação para esta gente. É a civilização, o progresso, aproximando a cidade ao pampa disfarçado de cidade, que é nossa urbe. O calçamento é a esperança de linha de bonde ou de ônibus, é a valorização do terreno e da casinha, o calçamento é a obrigação próxima da calçada de lajotas, da cerca com sessenta centímetros de muro em alvenaria, o calçamento implica a frente rebocada, o surgimento de estabelecimentos comerciais... o calçamento para a crosta suburbana é o mar de carros... nem mais nem menos... como parece... o mar de carros.

7/8/1930

### **NÃO ERA ESSE O LUGAR, NÃO...**

Hoje, passando por Garay e Chiclana, vi a estátua de Florencio Sánchez... Uns cachorros se cheiravam mutuamente ao pé do pedestal, e a desolação do céu acremente azul sobre a cabeluda cabeça do escritor, somava-se à tragédia descolorida de um cartaz amarelo do Exército da Salvação. E olhando em volta, as humildes casinhas térreas, com pequena cozinha na frente, me impregnava de tristeza proletária. Disse para mim mesmo:

— Não; não era esse o lugar, não.

Se a alma vive e conserva suas faculdades de discernimento depois da morte, me ocorre que a alma de Florencio Sánchez gostaria que colocassem sua estátua na Corrientes. Em qualquer esquina, na frente de algum café.

É, ele teria gostado dali.

Para que o contemplem todas as aprendizes de coristas, para que seu metal e seu espírito se impregnem do perfume das cortesãs que passam, e para que o observassem com a amabilidade de velhos amigos as atrizes que, à uma da

madrugada, vão tomar um chocolate em qualquer um dos mil bares de quinta que decoram a rua.

E me ocorre que o trágico Florencio Sánchez de Riganelli terminaria por sorrir.

É... teria sorrido ao amanhecer, quando o sol ilumina as cornijas dos arranha-nuvens e a rua, repleta de sombras azuis e latas de lixo, ostenta garçons que com avental de carpinteiro varrem os saguões e esfregam os mármore das “adegas”. Teria sorrido quando, às onze da manhã, saem as moças das “maisons”, e as tresnoitadas, com olhos ainda inchados de sono, aparecem nas sacadas de seus apartamentos para “ver como o dia se apresenta”.

E Florencio Sánches não teria ficado sozinho.

O tráfego fenomenal da rua típica lhe faria companhia. Os rapazes cabeludos, do interior de algum café, olhariam para ele, pensando: “Algum dia seremos como você”, e as velhas atrizes, as que estão acabadas e definhadas de cenário e desbotadas pelos refletores, recordando-se dele, passariam dizendo: “Como gostava das mulheres. E mais do que das mulheres, da arte”.

E Florencio Sánchez não teria ficado sozinho.

Teria a companhia de seus irmãos, os meninos que vendem jornais, os meninos da Corrientes, que quando oferecem uma revista a uma corista o fazem com o mesmo gesto como se lhe dessem um ramo de flores. Teria a companhia dos vigilantes da Corrientes, que quando vêm passar suas habituais vizinhas, as moças “das cinco da tarde às cinco da manhã”, cumprimentam-nas amavelmente, como se eles fossem seus amigos. Teria a companhia dos solenes desocupados e “squenunes” da urbe, que das três da tarde às quatro da manhã, se enroscam nas mesas a papear de nada, de tudo, de muito e de nada.

E Florencio estaria contente. Aposto a minha mãe como estaria contente. Em seu corpo de bronze penetraria o calor de tanto olhar de mulher emperiquitada e perfumada, tanto sorriso amável de milongueiras e malandros despertaria seu sorriso. E estaria sempre acompanhado. De sol a sol e de lua a lua escutaria o

estrépito dos automóveis bacanas, o ruído da multidão que entra e sai dos vinte cinemas e teatros da rua; receberia o cumprimento dos autores novatos, que recém estréiam e que ao passar, lhe diriam:

— Tchau, irmão. Algum dia te faremos companhia.

E Florencio estaria contente.

Contente de escutar as discussões dos atores que vão tomar o vermute à uma da tarde, para almoçar às duas; regozijado de ouvir às três da tarde, na calçada, o sapateado das donas que vão comprar erva para cevar o mate para o seu amo e senhor; e seu espírito toleraria festivamente o discurso que um poeta bêbado, arrotando vinho, soltaria num amanhecer. É, sorriria. Não tenham dúvida alguma. Porque ele amava a substância vagabunda desta cidade tão bacana.

Não era um homem sério que merecesse ter uma estátua na avenida Alvear ou na praça Constitución. Muito menos ali, em Chiclana, junto ao desolado cartaz amarelo do Exército da Salvação. Não, por Deus! Se Florencio pudesse ressuscitar, protestaria. Diria que não quer se salvar. Que, se querem colocar uma estátua, que... bem, que o instalem: mas na Corrientes, na rua mais linda do mundo... à sombra dos teatros, à vista das moças que pintam os olhos, os lábios e o coração e que, noite após noite, florescem à luz de alumínio da lua e à luz verde, vermelha e azul das centenas de letreiros luminosos convidando a pensar que a vida é linda, que as mulheres são boas e os homens fraternos.

É. Florencio teria gostado dali... (e se guardarem segredo), a dez metros do Politeama de tijolo cor de chocolate e teto complicado, como o convés de um navio.

6/7/1931

### **O QUE SEMPRE DÁ RAZÃO**

Existe um tipo de homem que não tem cor definida, sempre dá razão a você, sempre sorri, sempre está disposto a condoer-se com sua dor e a sorrir com sua alegria, e não contradiz ninguém nem por brincadeira, nem tampouco fala mal de

seus semelhantes, e todos são bons para ele e, embora digam na cara dele: “O senhor é um hipócrita!”, é impossível fazê-lo abandonar sua estudada posição de equanimidade.

Inclusive quando fala, parece se encher de satisfação, e dá tapinhas nas costas dos que escutam como se quisesse se fazer perdoar a alegria com que os acolhe.

Esta efígie de homem me dá uma sensação de monstro gelatinoso, enorme, com mais profundidades que o próprio mar.

Não pelo que diz, mas pelo que oculta.

Observe-o.

Sempre procura algo com que afagar a vaidade de seus semelhantes. É especialista em descobrir fraquezas, não para vituperá-las ou corrigi-las, e sim para elogiá-las e temperá-las como a uma salada.

Você é um boa-vida. Pois o sujeito te dirá:

— Que formidável “molengão” o senhor é! Eu o invejo, chefe...

Por outro lado, você tem a pretensão de ser um bom moço. O fulano encontra você e te pára, põe as duas mãos nos seus braços, o olha docemente e exclama:

— Que elegante o senhor está hoje! Como está bem! Onde comprou essa magnífica gravata? Homem de sorte.

Você caminha preocupado, achando que está doente. Meu monstro localiza sua obsessão e exclama, quase indignado:

— Doente, o senhor? Não caçoe. Imagina se está doente! Doente estou eu.

E ipso facto desembucha tamanha coleção de doenças, que você quase o olha com terror... e contente de achar-se doente com uma só doença.

Você me dirá: “São características de um indivíduo doente, fraco”.

Mais que homem, meu indivíduo é uma trepadeira, lenta, inexorável, que avança. Você pode lhe cortar todos os brotos que quiser, pode ofender esta trepadeira, do jeito que você tiver vontade. É inútil. O monstro não reagirá.

Cresce com lentidão aterradora. Crava as raízes e cresce. Inútil que o meio lhe seja adverso, que ninguém queira ajudá-lo, que o desprezem, que dêem a entender que dele se pode esperar o pior. Perda de tempo. A trepadeira, em troca de injúrias lhe devolverá flores, perfume, carícias. Você o desprezou e ele se deterá um dia espantado diante de você, exclamando:

— Quem é seu alfaiate? Que magnífico terno lhe cortou! Seu sem-vergonha, não tem o direito de ser tão elegante.

Você faz uma piada de mau-gosto; o homem dá risada, “dá um tapinha nas costas” e depois de quase ser vítima de uma congestão por excesso de riso, diz:

— Como o senhor é engraçado!... Que incrível!...

E novamente volta a ser vítima de um ataque de riso, que sobe do ventre até a nuca.

Se dá bem com todos. Alguns o desprezam, outros se compadecem dele, raríssimos o estimam, e a maioria lhe é indiferente. Ele, mais do que ninguém, tem perfeito conhecimento da repulsão interna que suscita, e avança com mais precauções que uma aranha sobre a rede que extrai de seu estômago.

Se dá bem com todos. Você pode lhe comunicar um segredo na segurança de que ele o engolirá mais zelosamente que uma caixa de ferro.

Você pode aprontar uma para ele. Antes que tenha tempo de se desculpar, ele lhe dirá:

— Compreendo. Vamos esquecer. Somos homens. Todos falhamos. Rá, rá! Que sujeito delicioso!

Imperceptivelmente, seus galhos vão prendendo. Enroscando-se nas defesas fixas. Não é necessário vê-lo para compreender onde se encontra. Mais oleoso que uma biela, corre de um ponto a outro com tal elasticidade que, ali onde houver alguém a quem festejar ou adular, ali tropeçareis em seu amplo sorriso, olhos deslumbrados e sorridentes, e mãos beatificamente cruzadas sobre o peito.

Não o surpreenderão em nenhuma contradição; salvo as contradições inteligentes em que ele mesmo incorre para dar razão a seu adversário e deixá-lo mais satisfeito de seu poder intelectual.

Outros se queixam. Falam mal da sorte, do destino, dos chefes, dos amigos. A única pessoa de quem ele fala mal é de si mesmo. Os demais, para os demais, expele não sei de que zona de seu corpo tal extensão de óleo que, assim que alguém encrespa uma palavra, ele afoga a tempestade do copo d'água com um barril de graxa.

Disse que este homem era um monstro, e que me infundia terror, terror físico, igual a um pesadelo, porque adivinhava nele mais profundidades do que tem o mar.

Efetivamente: vocês imaginam este bicharoco chateado? Ou tramando uma vingança?

“O sofrimento vai por dentro”. Exteriormente, sorri como um ídolo chinês, eternamente.

O que é que se desenvolve dentro dele? Que tormentas? Não posso imaginar... mas você pode ter certeza de que na solidão, nesse semblante que sempre sorri, deve desenhar-se uma tal fealdade taciturna, que deixará até o próprio diabo com a pele fria e olhará com prevenção para seu monstrengo sobre a terra: o hipócrita.

18/7/1931

### **A SENHORA DO MÉDICO**

Telefone. — Trimm... trimm... trim...

Articulista. — Pro diabo com o telefone!

Telefone. — Trimm... trimm... trim...

Articulista. — Alô?...É, com Arlt... Fale...

Desconhecido. — Senhor Arlt, perdão se o incomodo. Entre quebrar a cabeça da minha mulher a pauladas ou lhe contar o que está acontecendo comigo, optei por este último... Desejo que faça uma matéria pra minha mulher...

Articulista. — Pra sua senhora?...

Desconhecido. —É, pra minha legítima esposa. Permita que me apresente.  
Sou médico.

Articulista. — Muito prazer.

Médico. — Sou médico... e não ria, senhor Arlt; acaba de ocorrer, com minha mulher, o acontecimento mais estapafúrdio que pode se apresentar a um profissional. Tão estapafúrdio que já lhe disse: entre quebrar a cabeça da minha mulher a pauladas ou me confiar ao senhor, opto pelo último. Se agarre ao aparelho, não vá cair de costas.

Articulista. — Já estou habituado a notícias-bombas, de maneira que não me surpreenderá. Fale.

Médico. — Bom; neste momento, minha senhora está terminando de se vestir pra ir consultar um curandeiro.

Articulista. — Que formidável! O senhor é médico e ela...

Médico. — E ela está terminando sua “toilette” na companhia de uma amiga, para ir à casa de um sem-vergonha, que dá uma de naturalista, com o objetivo de adivinhar de que doença padece, a qual, diga-se de passagem, consiste em uns eczemas, naturalmente duros de curar, devido ao fato de ser diabética.

O maravilhoso do caso é que esse sujeito aí diz diagnosticar as doenças pela forma da letra e o nome dos pacientes, e minha mulher é tão ingênua que acredita nele e não só acredita nele como, além disso, arma um drama para que lhe permita visitar esse tremendo pilantra, que mora em Villa Domínico e não cobra a consulta, mas receita ervinhas que um cúmplice seu, no ervanário da esquina, vende a peso de ouro.

Articulista. — Realmente seu problema é divertido.

Médico. — O senhor compreende que a gente não cursa os seis anos de escola primária e outros seis do secundário, mais outros sete da Universidade, para terminar fraturando o crânio de sua legítima esposa. É incompatível com a profissão;



de maneira que lhe agradeceria profundamente se não se incomodasse em escrever uma matéria sobre este caso, demonstrativo de que até as mulheres dos médicos têm cérebro de minhoca.

Articulista. — Com prazer, senhor. Estava precisamente ruminando um pouco de bÍlis, de maneira que o senhor ficará agradecido, porque acho que vai sair uma matéria soltando faÍscas.

As néscias morrem pelos charlatães. Como as néscias abundam, o problema do homem inteligente é muito mais grave do que se pode supor. Os charlatães são os únicos indivíduos que açambarcam a atenção das frÍvolas e mentecaptas. O autor destas linhas não sabe a que anomalia atribuir semelhante fenômeno. Deve-se à mentalidade quase infantil das coitadas? Ou à sua pouca facilidade para se concentrar em temas sérios?

Uma mulher duvida do marido, do namorado, do irmão e do pai, mas tropeça no seu caminho com um sem-vergonha loquaz, pirotecnia pura, gestos melodramáticos, postura estudada, teatralidade estilo romance dessa boboca chamada Delly e pai, irmão, namorado ou marido ficam anulados pelo charlatão.

Não há nada que se possa fazer. O charlatão ataca diretamente a imaginação da mulher, lhe subleva as glândulas de secreção interna, lhe altera o equilíbrio e, “ponto final”, como dizem as velhas.

Inútil argumentar. Inútil lhes demonstrar que o sujeito dos fogos de artifício é um sem-vergonha que vai explodir o pouco cérebro e a mínima discríção que têm e o insignificante discernimento que entesouram. Inútil. Só uma estaca poderia realizar o milagre... que... nem uma plantação de estacas surtiria o efeito que se deseja que o raciocínio provoque.

Marido, irmão, namorado, pai na obtusa fracassam todos. Mal um charlatão consegue se infiltrar naquela microscópica zona de entendimento com que a mulher se enfeita, o trabalho mais lógico, mais rotundo, vai por água abaixo na fulana, como a água num penhasco. Não escuta nem quer saber de nada que possa minar o domínio de seu fetiche. O alvo é o farsante que uma vez se denomina curandeiro;

outra, professor de cinema ou professor de declamação ou de qualquer outra bobagem.

“Ele vai me curar”. “Ele vai me mandar para ‘Jolibud’”. “Ele vai fazer com que eu supere uma Berta Singerman ou até mesmo Sarah Bernhardt”.

Você pode, com a tábua pitagórica na mão, lhe demonstrar, como dois e dois são quatro, que o charlatão é um embusteiro, um vivaldino e a fulana dirá que “sim”, e no fim irá ao apartamento do vivaldino, porque o vivaldino lhe demonstrará que dois mais dois são cinco.

Diz um refrão:

“Nada mais difícil que fazer um burro beber água quando não tem sede”. Parodiando o provérbio pode-se dizer: “Nada mais difícil do que fazer uma mulher entender razões que não quer entender. É mais fácil fazer um burro que não tem sede beber todo um rio”.

Em tais circunstâncias, a conduta que devem adotar marido, namorado, irmão ou pai é deixar que a futura enganada rache a cabeça contra a parede... Isso é sempre um remédio... e de indiscutível eficácia.

29/7/1931

### **O TURCO QUE JOGA E SONHA**

Nas batidas em casas baratas de carteado, a polícia costuma deter freqüentemente jogadores com cara de turco que perdem a mercadoria num problemático jogo de azar, e digo problemático porque, em geral, o jogo já está preparado com dois metros de fita e um corte fustão. O resto a banca engole.

A atração do acaso sobre a fantasia oriental é extraordinária. A sorte, a sorte inesperada é o que põe nesse homem, aparentemente tão fatalista, um frenesi de fogo, que o impulsiona todas as semanas a jogar num caça-níqueis, ou numa quina, as míseras economias.

Nos bairros pobres, por exemplo Canning e Rivera, Junín e Sarmiento, Cuenca e Ganoa, os turcos são os principais clientes dos donos de lotéricas.

Endividam-se até o pescoço com este homem que lhes fia, porque sabe que pagarão para poder ter crédito com o qual voltar a jogar, de modo que trabalham exclusivamente para o capitalista que, como uma aranha, escondido sob a figura do corretor, aguarda tranqüilamente todo o dinheirinho do “bobre durgo”.

E o “bobre durgo” relaxa os pezinhos que é um contentamento.

Jogada a jogada, loteria a loteria, caminhou três dias para reunir uns pesos que, durante uma hora, darão à sua vida uma emoção extraordinária, já que dentro de uma hora cabe todo o máximo de esperança e agitação que se pode desejar.

Quantas vezes, no verão, na hora da sesta, em que me encontrava blasfemando contra o calor e os mosquitos e com uma sede que obriga a gente a se transformar numa espécie de búfalo, à força de tanto beber água, de repente, na rua, ressoava o doloroso pregão do turco:

— Artigos, senhora: artigos baratinhos...

O sol rachava a terra, os cavalos adormeciam à sombra das árvores, e estes homens espantosos, carregados com um caixote, uma cesta e um pacote de mantas e cortes sobre as costas, avançavam gritando:

— Guer artigos baratinhos, senhora?...

Quantas vezes durante o verão!...

E eu ficava pensando de onde é que estes homens tiravam vontade de viver, de viver assim tão terrivelmente, e de onde extraíam coragem e resistência para passar a manhã e a tarde caminhando, caminhando sempre, sob o sol, gritando docemente entre a poeira do arrabalde:

— Guer artigos baratinhos, senhora...

E mais tarde, muitas vezes me lembrei de um turco ancião e de um turco jovem que era filho do velho, e que quando eu tinha sete anos passavam uma vez por semana pela minha casa oferecendo artigos. Minha mãe tinha comprado do turco um corte de felpa, e o turco se achegava a cada sete dias em companhia do filho, e contavam à minha mãe que faziam economia para poder voltar para a Turquia, e eu

imaginava, escutando o turco linguarudo, que a Turquia era uma cidade redonda rodeada de água azul e com igrejas douradas.

Faziam economia. Que economia espantosa! Comiam um pão e um pouco de salame ao meio-dia, onde estivessem e, em seguida, marchavam, marchavam infatigavelmente até o escurecer, quando se recolhiam.

Depois, passaram-se muitos meses. Não voltei a vê-los, até que, um ano depois, apareceu o velho, mas tão envelhecido que parecia uma múmia. O filho não o acompanhava. Tinha morrido de uma longa doença. Todas as economias foram para o inferno. Estava tão enormemente triste que, de repente, disse para a minha mãe:

— Eu já não bor esberança no trabalho. Jogar loteria agora. Mim não boltar Turquia.

O turco é sonhador por natureza. Daí ser jogador. E a isso une-se sua vida; uma vida de trabalho que é desmoralizadora em seu mais alto grau, e para a qual se requer uma série de forças que de repente se acabam.

E para deixar de trabalhar de uma vez, trabalha e joga. Trabalha para poder jogar. Joga semana a semana, jogada a jogada, até o último centavo de lucro que lhe restou.

E, em seguida, começa outra vez. Não foi agora? Será amanhã! Quem sabe? O acaso dos números só Deus conhece...

Por isso joga. Não é só a emoção, como no jogador histórico, para quem o jogo é um prazer puramente nervoso, porém para o turco é uma possibilidade de enriquecimento súbito. Quando ganhar, não jogará mais, e isto é o que o diferencia do jogador *criollo* que, ganhe ou perca, apostaria até a alma se o lotérico ou banqueiro aceitasse.

Daí que, nas tardes de verão, quando o sol racha a terra, e os cavalos adormecem à sombra das árvores, insensíveis ao sol e às nuvens de pó, avança o turco com sua carga e sua fadiga que cobre seu semblante de água. Não lhe importa. Agüenta e avança, pensando num número, num número que lhe permita voltar rico

para essa Turquia que em minha imaginação infantil era uma cidade redonda, rodeada de água azul, e com muitas igrejas douradas...

17/9/1928

### **O PRAZER DE VAGABUNDEAR**

Começo por declarar que acredito que para vagabundear necessita-se de excepcionais condições de sonhador. Já o disse o ilustre Macedonio Fernández: “Nem toda vigília se faz de olhos abertos”.

Digo isto porque há desocupados e desocupados. Vamos nos entender. Entre o “pé-rapado” de botinas mal-ajambradas, cabeleira ensebada e adiposidade com mais gordura que um carro de magarefe e o vagabundo bem vestido, sonhador e cético, há mais distância que entre a Lua e a Terra. Salvo se esse vagabundo se chamar Máximo Gorki ou Jack London ou Richepin.

Antes de mais nada, para ser um desocupado é preciso estar despido por completo de preconceitos e em seguida ser um tiquinho cético, cético como esses cães que têm olhar de fome que quando são chamados balançam a cauda, mas em vez de se aproximar, se afastam, colocando entre seu corpo e a humanidade, uma respeitável distância.

Claro está que nossa cidade não é das mais apropriadas para o vagabundeio sentimental, mas o que se vai fazer!

Para um cego, desses cegos que têm as orelhas e os olhos bem abertos inutilmente, nada há para ver em Buenos Aires, mas em compensação, que grandes, que cheias de novidades estão as ruas da cidade para um sonhador irônico e um pouco alerta! Quantos dramas escondidos nos sinistros apartamentos! Quantas histórias cruéis nos semblantes de certas mulheres que passam! Quanta canalhice em outras caras! Porque há semblantes que são como o mapa do inferno humano. Olhos que parecem poços. Olhares que fazem pensar nas chuvas de fogo bíblico. Tontos que são um poema de imbecilidade. Malandros que mereceriam uma estátua por

cavador. Assaltantes que meditam suas trapaças detrás da vidraça turva, sempre turva, de uma leiteria.

O profeta, diante deste espetáculo, se indigna. O sociólogo constrói indigestas teorias. O palerma não vê nada e o vagabundo se regozija. Entendamo-nos. Regozija-se diante da diversidade de tipos humanos. Sobre cada um pode-se construir um mundo. Os que tem escrito na testa o que pensam, como aqueles que são mais fechados que uma ostra, mostram seu pequeno segredo... o segredo que os move pela vida como fantoches.

Às vezes, o inesperado é um homem que pensa em se matar e que o mais gentilmente possível oferece seu suicídio como um espetáculo admirável e no qual o preço da entrada é o terror e o compromisso na delegacia do bairro. Outras vezes o inesperado é uma senhora se esbofeteando com a vizinha, enquanto um coro de remelentos se agarra às saias das fúrias e o sapateiro da metade da quadra coloca a cabeça na porta da sua biboca para não perder o prato do dia.

Os extraordinários encontros da rua. As coisas que se vê. As palavras que se escuta. As tragédias que se chega a conhecer. E de repente, a rua, a rua plana e que parecia destinada a ser uma artéria de tráfico com calçadas para os homens e pavimentada para as bestas e os carros, se transforma numa vitrine, aliás, num palco grotesco e espantoso onde, como nas gravuras de Goya, os endemoniados, os enforcados, os enfeitizados, os enlouquecidos, dançam sua sarabanda infernal.

Porque, na realidade, o que foi Goya, senão um pintor das ruas da Espanha? Goya, como pintor de três aristocratas glutões, não interessa. Mas Goya, como animador da canalha de Moncloa, das bruxas de Sierra Divieso, dos vadios monstruosos, é um gênio. E um gênio que dá medo.

E viu tudo isso vagabundeando pelas ruas.

A cidade desaparece. Parece mentira, mas a cidade desaparece para se transformar num empório infernal. As lojas, os letreiros luminosos, as chácaras, todas essas aparências bonitas e regaladoras dos sentidos, desvanecem para deixar flutuando no ar azedo as nervuras da dor universal. E o afã de viajar se afugenta do

espectador. Mais ainda: cheguei à conclusão de que aquele que não encontra todo o universo encerrado nas ruas de sua cidade, não encontrará uma rua original em nenhuma das cidades do mundo. E não a encontrará, porque o cego em Buenos Aires é cego em Madri ou Calcutá...

Lembro perfeitamente que os manuais escolares pintam os senhores ou cavalheirinhos que perambulam como futuros perdulários, mas eu aprendi que a escola mais útil para o conhecimento é a escola da rua, escola azeda, que deixa no paladar um prazer agridoce e que ensina tudo aquilo que os livros não dizem jamais. Porque, desgraçadamente, os livros são escritos pelos poetas ou pelos tontos.

No entanto, passará ainda muito tempo antes que as pessoas percebam a utilidade de tomar uns banhos de multidão e de perambulação. Mas no dia em que aprenderem serão mais sábios e mais perfeitos e mais indulgentes, sobretudo. É, indulgentes. Porque por mais de uma vez pensei que a magnífica indulgência que tornou Jesus eterno, derivava de sua contínua vida na rua. E de sua comunhão com os homens bons e maus, e com as mulheres honestas e também com as que não o eram.

20/9/1928

### **ATENTI, MEU BEM, QUE O TEMPO PASSA!**

Hoje, enquanto vinha no bonde, espiava uma jovenzinha que, acompanhada do namorado, punha uma cara de estar fazendo um favor a este, permitindo que estivesse ao seu lado. Em toda a viagem não disse outra palavra que não fosse sim ou não. E para economizar saliva movia a cabeça como uma besta de carga. O pato que a acompanhava ensaiava toda arte de conversa, mas à toa; porque a moça se fazia de difícil e olhava para o espaço como se procurasse alguma coisa que fosse menos banana que o acompanhante.

Eu meditava broncas filosóficas ao mesmo tempo que pensava. Enquanto isso, os quarteirões passavam e o tal Romeu vinha vamo que vamo, conversando

com a moça que me deixava nervoso ao vê-la tão consentida. E esnobando-a, eu lhe dizia “in mente”:

— Meu bem, não vou te falar do tempo, do conceito matemático do esquifoso tempo que tinham Spencer, Poincaré, Einstein e Proust. Não vou te falar do tempo espaço, porque você é muito burra para me entender; mas preste atenção nestas razões que são de homem que viveu e que preferiria vender verdura a escrever:

“Não despreze o tipo que vai do seu lado. Não, meu bem; não o despreze.

O tempo, essa abstração matemática que revolve os miolos de todos os otários com patentes de sábios, existe, meu bem. Existe para escárnio da tua trombinha que, dentro de alguns anos, terá mais rugas que luva de velha ou terno de desempregado.

Atenti, garota, que os séculos correm!

É verdade que teu namorado tem cara de banana, com esse naso fora do normal e os bigodinhos como os de uma foca. É verdade que em cada fossa nasal pode levar contrabando, e que tem o olhar remelento como empregado sem salário ou bestalhão sem destino, verdade que existem rapazes mais lindos, mais simpáticos, mais escolados, mais práticos para dedilhar a viola do teu coração e qualquer coisa que possa ocorrer àquele que me lê. É verdade. Mas o tempo passa, apesar de Spencer dizer que não existia, e de Einstein afirmar que é uma realidade da geometria euclidiana que não tem nada a ver com as outras geometrias... Atenti, meu bem, que o tempo passa! Passa. E a cada dia minguia o stock de bobos. A cada dia desaparece um sonso de circulação. Parece mentira, mas é assim mesmo.

Te adivinho o pensamento, costureirinha. É este: “Pode aparecer outro melhor”...

Certo... mas pense que todos querem sentir a mercadoria, tocar o material, saber o que estão comprando para depois jogar na cara que não gostam e, que diabo! Lembre-se que nem nas feiras é permitido tocar a manteiga, que o estatuto municipal nas barracas dos turcos diz bem claro: “Proibido tocar a carne”, mas que estes



estatutos na caça do noivo, no clássico do civil, não rezam, e muitas vezes é preciso infringir o digesto municipal para chegar ao cartório.

Que o homem é feio feito um gorila? É verdade; mas você se acostumar a olhá-lo vai te parecer mais lindo que Valentino. Depois, um namorado não vale pela cara, mas por outras coisas. Pelo salário, por pão-duro que seja, por cioso do seu trabalho... pelas promoções que pode ter, em resumo... por muitas coisas. E o tempo passa, meu bem. Passa a galope; passa com gana. E a cada dia mingua o stock de bananas; a cada dia desaparece de circulação um sonso. Alguns que morrem, outros que acordam...”

Assim ia eu pensando no bonde onde a moça dava uma de difícil... com o senhor que a acompanhava. Juro que a convencida não pronunciou meia dúzia de palavras durante toda a viagem, e não era só eu que vinha espiando-a, mas também outros passageiros se fixaram no silêncio da fulana, e até sentíamos bronca e vergonha, porque um homem passava por maus bocados e, que diabos! No fim das contas, entre os leões há alguma solidariedade, ainda que involuntária.

Em Caballito, a menina subiu numa conexão, enquanto o bobo ficou na calçada esperando que o bonde arrancasse. E ela lá de cima e ele da rua, se olhavam numa cena cômica de despedida sem consolo. E quando o motoneiro galego arrancou, ele, como quem cumprimenta uma princesa, tirou o capelo enquanto ela dedilhava no espaço como se se afastasse num “piccolo navio”.

E me fixando na pinta da dama, novamente refleti:

— Atenti, meu bem, que o tempo voa! Ainda está em tempo de você pegar o sonso que está tratando com prepotência, mas não te iluda.

“Vem aí os anos de miséria, de gana, de revolução, de ditadura, de quebras e concordatas. Vem os tempos de encarecimento. Mais dia, menos dia, galgará na rua em busca do sustento cotidiano. Não seja, então, arisca com o homem, e atenda-o como é devido. Medite. Hoje, ainda o tem ao lado; amanhã poderá não tê-lo. Converse, que não custa nada. Pense que os homens não gostam das namoradas

silenciosas, porque desconfiam que sob o silêncio se esconde uma boa bisca e uma tipa matreira, astuta e raivosa. Atenti, meu bem, que o tempo não volta!...”

3/9/1930

### **O HOMEM ROLHA**

O homem-rolha, o homem que nunca se prejudica, sejam quais forem os acontecimentos escusos em que está metido, é o tipo mais interessante da fauna dos pilantras.

E talvez também o mais inteligente e o mais perigoso. Porque eu não conheço sujeito mais perigoso que esse indivíduo que quando vem vos falar de seu assunto, vos diz:

— Eu saí absolvido de culpa e responsabilidade desse processo com o atestado de que nem meu bom nome nem minha honra ficaram afetados.

Bom, quando um malandro desta ou de qualquer outra categoria vos disser que “seu bom nome e honra não ficam afetados pelo processo”, ponham as mãos nos bolsos e abram bem os olhos, porque, senão, vai lhes pesar mais tarde.

Já na escola, foi um desses alunos dissimulados, de sorriso falso e excelente aplicação, que quando se tratava de jogar uma pedra a entregava para o colega.

Sempre foi assim, velhaco e trapaceiro e simulador como ele só.

Este é o mal indivíduo, que se freqüentava nossas casas convencia nossas mães de que ele era um santo e, nossas mães, inexperientes e boas, enlouqueciam-nos em seguida com a cantilena:

— Siga o exemplo de Fulano. Veja que bom rapaz que ele é.

E o bom rapaz era o que colocava alfinetes na cadeira do professor, mas sem que ninguém o visse; o bom rapaz era o que convencia o professor de que ele era um exemplo vivo de aplicação, e nos castigos coletivos, nas aventuras nas quais toda a classe pagava o pato, ele se livrava em obséquio de sua conduta exemplar; e este pilantra em semente, este malandro em flor, por “a” por “b” ou por “c”, mais

profundamente imoral que todos os brutamontes da classe juntos, era ele o único que convencia o bedel ou o diretor de sua inocência e de sua bondade.

Rolha desde a sala de aula, continuará sempre flutuando; e nos exames, embora soubesse menos que os outros, ia bem; nas aulas, a mesma coisa e sempre, sempre sem se afundar, como se sua natureza física participasse da fofa condição da rolha.

Já homem, toda sua malícia natural se arredondou, aperfeiçoando-se até o inacreditável.

No bem ou no mal, nunca foi bom; bom no que a palavra significaria platonicamente. A bondade deste homem fica para sempre sintetizada nestas palavras:

“O processo não afetou nem meu bom nome nem minha honra”.

Aí está sua bondade, sua honra e sua honradez. O processo não “afetou-os”. Quase, quase poderíamos dizer que se é bom, sua bondade é de caráter jurídico. Isso mesmo. Um excelente indivíduo, juridicamente falando. E o que mais se pode pedir a um sem-vergonha desta laia?

O que ocorreu é que flutuou, flutuou como a maldita rolha. Ali onde outro pobre-diabo teria afundado para sempre na cadeia, na desonra e ignomínia, o cidadão Rolha encontrou a brecha na lei, a escapatória do código, a falta de um procedimento que anulava todo o desempenho, a prescrição por negligência dos curiais, dos aves negras, dos oficiais de justiça e de toda a corte de corvos lustrosos e temíveis. O caso é que se salvou. Salvou-se “sem que o processo afetasse seu bom nome nem sua honra”. Agora seria interessante estabelecer se um processo pode afetar o que um homem não tem.

Onde as virtudes do cidadão Rolha são mais ostensivas é nas “litis” comerciais, na barulheira das reuniões de credores, nos conatos de quebras, nas concordatas, verificações de crédito, conferência do livro-caixa, e todas essas tramóias onde os prejudicados acreditam perder a razão, e se não a perdem, perdem o dinheiro, que para eles é quase o mesmo ou pior.

Nestas confusões, espantosas de turvas e incompreensíveis, é onde o cidadão Rolha flutua nas águas da tempestade com a serenidade de um tubarão. Que os credores confabulavam para assassiná-lo? Pedirá garantias ao ministro e ao juiz. Que os credores querem lhe cobrar? Levantará mais falsos testemunhos que Tartufo e seu progenitor. Que os falsos credores querem lhe chupar o sangue? Pois é melhor parar por aí, porque se há um sujeito com direito a sanguessuga é ele e ninguém mais. Que o síndico não quer “vida mansa”? Pois, vai criar complicações para o síndico que será acusado de ser um mau síndico.

E tanto vai e tanto vem e dá voltas, e trama combinações, que no fim das contas o homem Rolha embrulhou todo mundo, e não há Cristo que se entenda. E o ganancioso, o único ganancioso é ele. Todos os demais se dão mal!

Fenômeno singular, cairá, como o gato, sempre de pé. Se é num assunto criminal, se livra com a condicional; se num assunto civil, não paga nem o selo; se num assunto particular então, que Deus os livre!...

Terrível, astuto e cauteloso, o homem Rolha não dá passo nem ponto em falso.

E se dá bem em tudo. Assim como na escola passava nos exames ainda que não soubesse a lição, e no exame sempre acertou com um ponto favorável, este sujeito, na escola da vida, acerta igualmente. Se se dedicou ao comércio, e o negócio vai mal, sempre encontra um sonso a quem endossá-lo. Se acontece uma quebra, é ele que, apesar da ferocidade dos credores, ajeita tudo com uns quinze por cento para serem pagos na eternidade, quando puder ou quando quiser. E sempre assim, falso, amável e terrível, prospera nos baixios onde teria ido a pique ou encalhado mais de uma preclara inteligência.

Talento ou instinto? Quem vai saber!

21/9/1928

### **BERÇO DE OURO” E “FRALDAS DE SEDA”**

Ia outro dia num bonde, quando ouço um fulano dizer para outro:

— Eu nasci em berço de ouro...

O resto das palavras se perdeu no burburinho do tráfico; mas conseguindo olhar o sujeito de soslaio, pensei:

— Grandessíssimo imbecil! Você deve ter nascido num curral e num berço de alfafa, não de ouro. Quando com tua estatura, tua fuça adulatora, teus olhos gordurentos e o bigodinho de quinta que deixou crescer, se tem a audácia de dizer que nasceu em berço de ouro, é indiscutível que o tal berço foi algo como um cesto de lixo.

É irritante, na verdade. Não conheci sem-vergonha, malandro, vigarista, pilantra, medíocre, imbecil de carteirinha, ladrão, espertalhão, lambe-botas dos chefes, folgado nem trapaceiro; não conheci miserável pretensioso, arruinado com sobrenomes de aristocrata, ordenança com panca de patrão e patrão com substância de ordenança, que não proclamasse em quinze minutos de conversa, com soberba de solteira quando alguém duvida de sua donzelice:

— Eu me criei em berço de ouro.

Raios o partam! Quando, como e onde? Que berço de ouro?

— Eu me criei em berço de ouro.

Que coisa bárbara! Passe a averiguar onde e em quê consistia o berço de ouro, e vai descobrir de cara que o tal berço de ouro era apenas de madeira tosca — e não de primeira mão mas de quarta — com franjas de aranha e cascavéis de pulgas.

Outro tipo de desgraçado ligeiro é aquele que exclama:

— É de pequeno que se aprende certas coisas.

O formidável do caso é que sempre e sempre que você se encontra na presença de um sujeito que recorre a tais expressões pudibundas, é um bandido de marca maior, um hipócrita monumental, em síntese: qualquer tipo de obra-prima dentro do gênero dos desgraçados.

Estes tipos falam apressadamente das fraldas e do berço de ouro em que não foram criados. Preste atenção: se o leitor tem algum conhecido que destile esta frase,

estude-o. A primeira coisa que comprovará é que o beltrano do berço de ouro é dissimulado, falso, malandrinho... Se rotundamente não é malandro, então pode afirmar que está na presença de um imbecil de primeira, de um bobalhão de dezoito quilates.

Quase todos os que empregam tais expressões foram indivíduos atrozmente humilhados. Eu dizia que eram pilantras, quase sempre acontece o contrário: são mentirosos que, além de mentirosos, padecem de falta de espírito e caráter que a única coisa que lhes ocorre sobre a terra é passar por “bem nascidos”. Ah! Isto de “bem nascido” é outro termo da cáfila, do berço ao montepio. Eu, muitas vezes me perguntei por que estes cretinos não têm a idéia de se passar por sábios, em fazer acreditar que são gênios ignorados, poetas não descobertos, psicólogos sem sorte, físicos sem gabinete... nada... A única coisa que ocorre a quase todos estes safados é dar uma de bem nascidos. Como quem não quer nada, falam de fraldas e berço de ouro.

O notável é que nasceram tão bravamente mixos como a maioria de nós, que ganhamos o pão nosso de cada dia. Eles não. Trabalham? Sim, mas por amor à arte. Guardam o dinheiro porque não é elegante desperdiçá-lo.

E quanto mais de quinta é o refúgio em que estes sonsos viram a luz do dia ou de uma lâmpada de querosene, quanto mais pobrezinho e espúrio o canto onde para a desgraça das pessoas sensatas nasceram, mais se pavoneam do berço, mais se entusiasmam com as fraldas... mais...

É realmente horrível. E digo que é realmente horrível porque certo grau de imbecilidade humana acaba sendo regozijante. Nem sempre um cretinho nos amarga o dia. O sonso mais recalcitrante tem instantes de lucidez preciosa e de engenho peregrino. Mas este tipo de besta, é francamente aniquilador. Você sente que a brutalidade do tipo repercute nos seus miolos como o martelo de um titã. Fala, fala do berço, das fraldas, das tias que deram banho nele, das fronhas de seda e de... E você escuta, sorri, diz debilmente que sim; bufa, assente. O homem descreve um círculo com a mão e reitera a metáfora de chamar de berço de ouro uma jazida

indecente; e de repente você sente que os agônicos suores de Cristo lhe umedecem a testa. O maldito, como um Niágara de estupidez, despeja enxurradas e enxurradas de asneiras. Você não sabe se lhe diz quatro palavrões ou se se enternece e chora, e o sujeito nem por isso pára a máquina e sim, persiste em convencê-lo da limpeza de suas fraldas e, à medida que a incomensurável needade do sujeito entorna em suas orelhas, você sente que perde o discernimento, encontra-se enjoado, transitoriamente cretinizado. São os efeitos da novela que lhe contam todos os “bem nascidos”, os de “é preciso aprender de pequeno” e os do “berço de ouro”.

Podendo classificar estes tipos como imbecis ou pilantras, cabe perguntar-se: o que se deve fazer quando se aproximam de nós? Simples. Deve-se lhes perguntar, baixando a voz, como se lhes solicitasse uma importantíssima confidência:

— Por que o senhor é tão inconsciente, meu chapa?

Esta pergunta, ingênua demais, tem a virtude de breçar a língua do sujeito durante cinco minutos. Ao fim de cinco minutos, o império da estupidez se faz sentir novamente. Então já não se pergunta e sim, afirma-se com a mesma doçura e o mesmo tom de voz, baixo e insinuante:

— Sabe que o senhor é realmente um inconsciente?

Eu os previno que é um sistema maravilhoso. Praticamente, dá resultados magníficos. O tipo a quem se faz duas vezes esta observação engole em seco, não sabe se responde bem ou mal à sua amável reflexão e, de repente, enfia a mão no colete, olha apressado o relógio e sai em disparada. Faça este teste com alguma pessoa que te torra, botando uma panca idiota. Asseguro que a receita é boa.

9/7/1930

### **EU NÃO TE DISSE?**

Sempre que numa casa, por intercessão ou culpa de um terceiro, ocorre um tumulto, não há membro da família que não exclame, recozijado:

— Eu não te disse? Eu sempre achei que isso ia acabar assim.

Como é natural, sobre se o referido membro disse ou não disse, arma-se outro bafafá; bafafá que de modo algum esclarece a confusão, mas a conturba ainda mais, pois por causa dos ânimos explosivos vem suscitar novas fofocas, novas histórias, novos cascudos.

É que a frase traz sempre à baila uma primeira impressão: primeira impressão que se descartou por inútil, já que o semblante novo é como uma terra desconhecida que, por seus acidentes, permite julgar sua topografia, suas possibilidades transitáveis e outras tantas condições que se relacionam com a vida.

Daí que muitos, quando se encontram na presença de um rosto novo, é como se de repente tivessem um mapa diante dos olhos; mapa que lhes permite, no aturdimento das palavras que se trocam pela primeira vez, intuir as virtudes ou os vícios desse novo conhecido que se move nas vozes e nos gestos e nos traços faciais.

São pessoas que chegam até a adivinhar coisas alheias. Não se trata de magos nem de bruxos, de quiromantes nem de astrólogos, mas sim de intuitivos, como explicaremos mais adiante.

Para eles a cara de um indivíduo é como um livro aberto, com letras grandes e com figurinhas explicativas. Por isso, dificilmente se enganam. E essa habilidade extraordinária foi desenvolvida que é uma maravilha, por seu ilimitado amor ao fuxico. Porque não é possível falar muito bem nem mal das pessoas se você não conhece a vítima. E o afã de fazer fuxico fica tão intenso que os fuxiqueiros aprendem a reconhecer as pessoas com uma segurança e uma rapidez inconcebível. Assim soltam sua baba de maledicência e, assim também, demonstram seus dotes proféticos quando dizem: “Eu não te disse?”

É que quando um indivíduo, um pouco sensível, começa a manifestar suas primeiras impressões, acaba sendo freqüentemente tachado de venenoso ou de fuxiqueiro; e quando suas profecias se confirmam, a gente olha para ele com uma raivinha mal dissimulada; - essa raivinha com que julgaríamos um homem que pôde salvar a gente de um perigo e não salvou, embora saibamos perfeitamente que o “intuitivo” não teve culpa, já que bem que nos advertiu.



O que, diga-se de passagem, não é nenhum mérito, já que as pessoas, em geral, são mais más do que boas, e então menos perigo de se equivocar se corre pensando desfavoravelmente sobre humanidade do que de um modo otimista.

Segundo os manuais de ciências ocultas e de psicologia transcendental, os intuitivos são pessoas de grande sensibilidade e cultura, pessoas cujo refinamento interior e exterior lhes permite julgar, só de olhar, a mentalidade de seus semelhantes. Isso, segundo a psicologia; porque, segundo os livros de ciências ocultas, essas intuições são o produto de uma vida pura, física e mentalmente falando.

Mas eu descobri que isso deve ser pura gozação, ou gozação licenciosa de pessoas que precisam escrever um livro e, mais do que escrevê-lo, vendê-lo.

E faço esta brusca proposição porque observei que nos bairros da nossa cidade as que desempenham tal tarefa profética não são pessoas de extraordinária cultura nem vida interior semelhante à do Buda ou de Cristo, e sim velhas de nariz adunco, anciãs temíveis de fofoqueiras que são, de sorriso melífluo, que a cada mudança que se efetua no bairro, surgem envoltas num xale, na porta da rua, e com um sorriso gozador, aguçando como desparafuzadores seus olhinhos cinzas, controlam todas as trastes que os carregadores tiram dos carros.

Outras vizinhas, igualmente curiosas, rondam o descarregamento e a velha intuitiva reserva a opinião até de tarde.

No dia seguinte, a do nariz adunco e da língua afiada, observa seus novos vizinhos com sorriso afetuoso. Passa, de propósito, três vezes na frente da casa, para notar de que modo as mulheres vestem, para ver suas caras e, em seguida, prudente, matreira, se recolhe. Botou opinião.

E no outro dia, no açougue, quando todas as amigas se juntam em volta dos bofes ou de um repolho, enquanto a mulher do açougueiro vigia a banca de verdura, a velha, ao ser interrogada, responde:

— Acho que são uns trapaceiros.

E o curioso é que a maldita velhota acerta.

Outras vezes, o estudo psicológico se refere ao namorado da menina.

A anciã enxerida observa por dois ou três dias a cara do galã e, em seguida, quando se fala de casamento e de noivado, e na conversa se mistura o futuro matrimônio da mocinha que desperta a inveja de todas suas amigas, a de nariz adunco diz:

— O coração me diz que esse moço aí vai deixar ela plantada no altar.

E assim acontece. Um belo dia, o patife desaparece, e todas as comadres, recordando a premonição da condenada velha, exclamam:

— Já viu isso? Que faro a dona Maria tem!

O caso é que dona Maria, ou dona X, passa a vida estudando a vida do próximo. E a estuda com paixão inconsciente em todos os detalhes externos que permitem fazer deduções profundas, e chega um momento em que vê com mais clareza a vida dos outros do que a própria.

25/9/1928

## PAIS NEGREIROS

Fui testemunha de uma cena que me parece digna de ser relatada.

Um amigo e eu costumamos freqüentar um café atendido pelo próprio dono, sua mulher e dois filhos. Dos filhos, o maior deve ter nove anos e o menor, sete. Mas os moleques se saem como verdadeiros garçons, e não há nada a se falar do serviço, a não ser que nos intervalos, as crianças aproveitam para fazer besteiras que, graças ao diabo, ao pai e à mãe, nem tempo de fazer bobagens dignas de sua idade têm.

Que bobagens? Trabalhar. Só vendo o pai. Tem cara melíflua e é desses homens que castigam os filhos com uma correia, enquanto dizem devagarzinho, no ouvido: “Cuidado para não gritar, senão te mato, viu? Senão te mato”. E o mais grave é que não os matam, mas os deixam moribundos a lapadas.

A mãe é uma mulher gorda, cenho acentuado, bigodes, braços feito pernil e olhos que vigiam o centavo com mais prolixidade que se o centavo fosse um milhão.

Homem e mulher se dão admiravelmente bem. Lembram o casal Thenardier, o estalajadeiro que dizia: “Deve-se cobrar do viajante até as moscas que seu cachorro come”. Não pensam em nada mais que no maldito dinheiro. Seria preciso trancá-los num quarto cheio de discos de ouro e deixá-los morrer de fome ali dentro.

Meu amigo costuma deixar várias moedas de gorjeta. Não é pobre. Bom: eu acho que o garoto que nos servia cometeu a imprudência de dizer isso ao pai, porque ontem, quando nós nos sentamos, o moleque nos serviu, mas no momento de nos levantarmos e deixar paga a consumação, preciso instante em que o garoto vinha para recolher as moedas, o pai, que vigiava um gato ou uma pomba distraída, o pai se precipitou, deu uma ordem ao garoto e, veja bem, sem contar o dinheiro, para ver se o pagamento da consumação estava ou não certo, colocou-o no bolso. O garoto olhou lastimosamente em nossa direção.

Meu amigo vacilou. Queria deixar uma gorjeta para o garçonzinho; e então eu lhe disse:

— Não. Não deve fazer isso. Deixe que o garoto julgue o pai. Se você lhe deixar uma gorjeta, a impressão penosa que teve se apagará imediatamente. Em compensação, se não lhe deixar a gorjeta, não se esquecerá nunca que o pai lhe “roubou” por prepotência, duas moedinhas que ele sabia perfeitamente que estavam ali para ele. É necessário que os filhos julguem os pais. Você pensa que as injustiças são esquecidas? Algum dia, esse garoto que não teve infância, que não teve brinquedos apropriados para sua idade, que foi posto para trabalhar enquanto pode para servir ao próximo, algum dia esse garoto aí odiará o pai por toda a exploração iníqua de que o fez vítima.

Em seguida nos separamos; mas fiquei pensando no assunto.

Lembro que outra manhã, encontrei numa rua de Palermo um açougueiro gigantesco que entregava uma cesta bastante carregada de carne a um garoto, seu filho, que não teria mais que sete anos de idade. O garoto caminhava completamente torto, e as pessoas (são tão estúpidas!) sorriam; e o pai também. Afinal, o homem

estava orgulhoso de ter em sua família, tão cedo, um burro de carga, e seus próximos, tão bestas como ele, sorriam, como que dizendo:

— Vejam, tão criança e já ganha o pão que come!

Pensei em fazer uma nota com o assunto; depois outros temas me fizeram esquecê-lo, até que o outro caso me fez lembrar dele.

Cabe perguntar-se agora, se estes são pais e filhos, ou o que é que eles são. Eu observei que neste país, e sobretudo entre as famílias estrangeiras, o filho é considerado como um animal de carga. Assim que tem uso de razão ou forças, “o colocam”. O garoto trabalha e os pais recebem. Se a gente diz algo a respeito, a única desculpa que estes canalhas têm é:

— É... É preciso aproveitar enquanto são pequenos! Porque quando são grandes se casam e já não se lembram mais do pai que lhes deu a vida (como se eles tivessem pedido, antes de existir, que lhes dessem a vida).

E quando são pequenos os fazem trabalhar porque algum dia serão grandes; e quando são grandes, têm que trabalhar porque senão morrem de fome!...

Em geral, o garoto trabalha. Acostuma-se a abaixar o lombo. Entrega a quinzena íntegra, com raiva, com ódio. Assim que faz o serviço militar, casa-se e não quer saber de nada com “os velhos”. Detesta-os. Eles lhe amargaram a infância. Ele não sabe, mas os detesta, inconscientemente. Vá e converse com essas centenas de rapazes trabalhadores. Todos lhe dirão a mesma coisa: “Desde que eu era um pirralho, me enfiaram no batente”. Há pais que exploraram os filhos barbaramente. E os que fizeram fortuna, não lhes importa um pingo o ódio dos filhos. Dizem: “Temos dinheiro e nos respeitarão”.

Há casos curiosos. Conheço um colchoeiro que possui dez ou quinze casas. É rico até dizer chega. O filho se largou. Agora é um beberrão. Às vezes, quando está de cara cheia, coloca a cabeça entre os colchões e grita para o pai, que está cardando lã:

$\frac{3}{4}$  Quando você se acabar, vou vestir, com teu dinheiro, de roupas coloridas todos os bêbados de Flores! E as casinhas, vamos transformá-las em vinho!

Estas monstruosidades são explicáveis. Claro! A relação entre estes pais e filhos foi muito mais azeda do que entre um patrão exigente e um operário necessitado. E estes filhos estão desejando que o pai “se acabe” para esbanjar em um ano de ociosidade a fortuna que ele acumulou em cinquenta de trabalho odioso, implacável, tacanho.

25/1/1930

### O PARASITA JOVIAL

Confundir o parasita jovial com o “squennum” ou o homem que se faz de morto, é um erro crasso.

O parasita jovial, ou o “garronero”, como o chamamos em nosso “fabulare” gentil e harmonioso como o canto de uma sereia (a poesia é influxo da primavera), o fila-bóia é um ente não abstrato e metafísico, como poderia interpretar um professor de filosofia. Não; o fila-bóia não é uma enteléquia, o fila-bóia é um ser de carne e osso que anima e contribui para o engrandecimento da economia do nosso país fazendo com que os outros gastem por eles e por ele, de modo que este personagem é um artefato de utilidade pública que bem merece nossa atenção.

Já no pícaro Guzmán de Alfarache aparece em Toledo a irmandade dos Cavaleiros da Garra. Os Cavaleiros da Garra se dedicam a toda atividade de vigarice, e não há personagem com escudo ou dispensa bem posta, que escape a voracidade de sua garra. O cavador portenho e o meliante bonairense, de repente descobriram que esse gesto, unhada ou golpe, merecia um qualificativo extraordinário, e talvez algum andaluz pedante e perdulário, ou algum ladrão erudito, encontrou o termo exato e, de repente, para definir o movimento de apresar a coisa chamou-o de “garrón”.

“Garrón”, na sua origem, quis definir o assalto, logo, sabe lá por que misteriosas operações de transformação da linguagem (veja-se Otofried Muller: *Estudos de filologia*), o termo continuou se ampliando e o indivíduo que era viciado, que dava com suma freqüência esse manotaço de fera faminta, foi chamado de “fila-

bóia”, e já aí o fila-bóia implicou a categoria de assaltante de comida ou de mesa posta.

Naturalmente, todas as hipóteses propostas necessitariam de uma longuidão de estudos para chegar a dar uma visão exata dos matizes; mas o assunto é este:

Chama-se de fila-bóia em nossa cidade todo sujeito que, sem distinção de credo político, religioso ou filosófico, procede de assalto nos negócios que se relacionam com seu estômago ou com sua comodidade.

Logo o termo transcendeu por sua musicalidade. A frasezinha afagava os ouvidos formados pelo tosco amargor do acordeão; e um vendedor de *pucheros* podres e de *chinchulines* passados, colocou-o como título do seu armazém: “El Garrón”.

O fila-bóia costuma ser um “duro” na maioria dos casos; e na minoria, um desses mau-caráteres que se fazem de morto quando soa a hora de encarar o garçom.

Mas na pura acepção da frase, o fila-bóia é um pobre-diabo, um sujeito jovem, de botinas esgarçadas, barba de três dias, semblante acavalado e morto de fome, que sempre que encontra com um amigo lhe diz, se suspeita que o amigo tem moedas:

— Vamos tomar um café.

O interessante é o fila-bóia no café.

Sentado na mesa, faz como se não tivesse vontade de tomar; medita. O garçom, que conhece a idiossincrasia do cidadão, espera com o guardanapo apoiado na mesa; o amigo olha assustado para o fila-bóia, pensando em que gastos o colocará; e o fila-bóia pensa, olha o ar, a vitrine e como se lhe custasse um grande esforço pedir, coça a barba.

O amigo sente que os bolsos lhe ardem. O que irá pedir esse mau-caráter? Mas o mau-caráter, que sacoleja admiravelmente o turvo oceano da manga, resolve e diz, finalmente:

— Bom... me traz um café.

O amigo o olha, quase emocionado.

— Por que não toma outra coisa? —lhe diz, mansamente.

— Não; me traz um café.

O amigo respira, agradecido.

É que o fila-bóia de café esteve, consciente ou inconscientemente, fazendo-se perdoar o fato de tomar café, de haver convidado e de não pagar. E o fez perdoar com o susto que deu no outro pobre-coitado, que meditava no alcance das suas moedas, enquanto o astuto fila-bóia pensava que, se se precipitasse para pedir um café, o outro não lhe agradecería absolutamente nada, enquanto agora ele tem o direito de estar tranqüilo na mesa e quem, na verdade, sente-se superior, é o fila-bóia, o fila-bóia que nem por um instante perdeu a linha, enquanto o outro mordia os lábios impacientemente, sentindo-se pego num laço do qual não podia saber como sairia.

Garrón, clássico garrón. Já explicava Guzmanillo as artimanhas do fila-bóia. Sempre se apresentava nas casas quando estavam almoçando, e se lhe perguntavam se tinha almoçado, respondia que sim, mas aos poucos, acrescentava:

— Vossa excelência come com tanta graça, que faz apetecer ao farto.

Ou senão:

— Na verdade, cheira tão bem este guisado que não prová-lo seria um pecado.

E a fim de um tempo o fila-bóia se torna especialista. Sua memória se transforma numa interminável lista de pessoas que podem servi-lo, e assim que vê um amigo num café, precipita-se ali, a cumprimentá-lo efusivamente, embora o tenha visto uma só vez, e se o convidam, diz que não; se insistem, aceita, e se não insistem, agrega, aos poucos:

— Vamos fazê-lo gastar... —e pede, mas pede com tal sutileza, faz ao garçom um gesto tão fino, tão fugidio, que o amigo não sabe se o garçom se apresenta espontaneamente ou se o fila-bóia o chamou.

E como nunca paga, seu sistema acaba sendo aceito por todos os que pagam, e as pessoas até acham graça nesse eterno parasita jovial, que quando o outro deixa uma abundante gorjeta para o garçom, diz ao amigo:

—Não acostume mal os garçons, meu chapa. Não tem que dar gorjeta. Que trabalhem em outra coisa em vez de ser parasitas do consumidor.

E esse conselho do fila-bóia não é outra coisa, no fundo, que a cólera provocada pela concorrência...

27/9/1928

### ENGANANDO O TÉDIO

Entre o pomposo teatro de variedades com letreiros de ozônio e o barracão fuleiro, onde exhibe-se a penúria transcontinental da variedade bufonesca e ambiente, media toda uma gama de antros mais ou menos qualificáveis e interessantes.

Mas, sem disputa alguma, o mais sugestivo dos teatrinhos fuleiros é aquele salão equívoco, mistura de circo e de taberna milagreira, onde se acomodam nas mesas insignes malandros e desocupados que, por umas moedas, tomam um banho de arte adequado à sua imaginação.

O teatrinho de quinta se caracteriza em nossa cidade por estar situado no centro da mesma ou numa de suas artérias principais.

Um sonso vestido de hindu toca um bumbo com mais alavancas que uma locomotiva, enquanto às suas costas, em espelhos convexos e côncavos, os palermas se contemplam gordos como laranjas ou pênaltas e flexíveis como palmeiras.

Do outro lado da barraca, um passador de chapéus estraga conscienciosamente os “fungis” de econômicos cidadãos, enquanto os ajudantes de um engraxate vociferam seu sacramental e ensurdecedor:

— Entre, cavalheiro... que não vai lhe acontecer nada! Enntreee...!

A penúria de todas as classes comerciais está ali irmanada do modo mais absurdo e pitoresco.



Um ex-ladrão se dedica a fabricar chaves yale em três minutos, e no balcão costumam encostar insignes escrunchantes em busca de chaves para seus ofícios e negócios; um gravador romano e famélico talha em alumínio o nome de qualquer palerma que não sabe em que jogar dez centavos, enquanto um prodigioso velhaco, de nariz vermelhão e barba de peixe antártico, distribui o programa do teatrinho de variedades, assoando o nariz com os dedos da mão direita.

O programa é uma baba de internacionalismo fraternizado com a urgência da fome e da lorota.

Canta “La Cielito”, cantora de toadas espanhola, que cantou diante de Suas Majestades e Altezas Reais da Espanha. Faz um número cômico o patife do Franfrucheli, cavaleiro italiano “que é um esbanjamento de graça”; dançará La Dolores, “Rainha da Algazarra”; em seguida, “La Maleva”, acompanhada por violões pelo professor XX. O professor XX é um insigne malandro, com guizos de assassino e pontas de ladrão, no dizer do Quixote. Tem a cara cruzada por um talho formidável e a melena lhe cortando a testa como um revés de betume.

Em seguida, prosseguem “Os Irlandeses”, com canções típicas; as duas “Irmãs Búlgaras”, que cantarão música nacional (da Bulgária, entenda-se) e, por último, “La Palazzini”, exímia soprano “napolitana”.

Lá dentro, meia dúzia de agentes de investigações monta guarda. Têm cara de assassinos, de ladrões e de trapaceiros. Fazem um círculo em torno das mesas e esperam a chegada de duvidosos clientes que são autênticos ladrões e assassinos de verdade. Um sino, um bumbo, a Marcha Real Espanhola, o Hino Nacional e um *pasodoble*, dão o tom no salão quase vazio. Um salão escuro, onde a curriola de meganhas sugere um quadro de romance de Ponson du Terrail.

Um que outro entediado vai entrando no pátio de Convenções.

Ora é um chofer com o carro na garage; uma empregada de férias; dois porteiros que querem cultivar seus conhecimentos estéticos escutando “La Cielito” e a “Rainha da Algazarra”; em seguida, um napolitano com patente de carrinho de verduras e uns bigodes com jeito de cimitarras. Seguem-se dois desocupados que

podem ser qualquer coisa menos pessoas decentes. Sentados em suas respectivas mesas, três colegas com pinta de cabuladores de aula; um filósofo que procura mulheres a quem regenerar e que se enganou de caminho, pois devia entrar no Exército da Salvação; mais tarde um homem com perna de pau, que deve esconder cocaína na extremidade apócrifa; um jornaleiro; um pai de família com sua respeitável e gorda cômputo. O público aumenta, enquanto os patifes da orquestra insinuam o prelúdio de um *pasodoble*, e o do violino adota posturas sentimentais de gênio em desgraça. O garçom faz arabescos e cabriolas para atender as mesas que vão se enchendo. A curiola de “tiras” rastrea como os cães atrelados quando farejam a caça.

Aos acordes da Marcha Real Espanhola, corre-se o imundo pano e, em seguida, já caída, se abanando com o leque, fazendo caretas com a fuça, aparece a soprano “napolitana”: uma tipa, ex-cozinheira, a quem lhe deu essa loucura, e que canta arrebatando os tímpanos desse público afeito aos uivos mais extraordinários.

O público ri e se diverte. A pobre-diaba compreende que está fazendo um papelão, mas o que fazer? A laringe não dá para mais que isso e tem que comer.

Desaparecida esta furia, aparece “La Maleva” e o professor de violão XX. Quando o professor vê a curiola de meganhas, fica verde; em seguida, ajusta o violão; e turbulenta, “trapaceira” e feia como o diabo, aparece “La Maleva”, se esganiçando num tango feroz. A tribo dos jornaleiros vocifera de entusiasmo. O professor de violão solta as cordas e a moça, de vestido colorido e fita verde no cabelo, enrouquece de entusiasmo.

Finalmente, aparecem “Os Irlandeses”, que não são irlandeses nem nada, mas dois pilantras que rosnam com sotaque catalão, sabe lá que gíria infernal, e que se valem de um terno e meio fraque para atuar nos palcos como artistas. O público joga amendoins neles e os perdulários vão embora, com toda a tralha, para outro lugar.

E tudo ali é triste e infame. Refúgio da penúria e do fracasso, o teatrinho de variedades do centro, é como uma ilhota de quinta, da bebida e do mau-gosto. E no

entanto, as pessoas vão para lá. Vão porque ali se entediam pensando que se divertem. E todos nós gostamos de nos enganar, ora essa!

26/9/1928

### **PERSIANAS METÁLICAS E PLACAS DE DOUTOR**

O título... a placa na porta... Este, o sonho da casa própria e do automóvel particular constituem uma das preocupações mais sérias dos lares bem constituídos. Agora, se alguém me perguntar em que consiste um lar bem constituído, de acordo com o critério estritamente burguês (estou me comportando bem, não uso termos em lunfardo nem cometo uma rata), direi que o lar bem constituído seria aquele onde a seleção de trouxas (já me bandeiei!) se faz com perfeito critério científico. Este critério científico impede, por exemplo, que uma menina tenha família antes de se casar, nem que escape com um magnífico pé-rapado. Ou que se case com um maltrapilho.

Há casas que, involuntariamente, lembram a gente que pode ser um harém, porque entra-se nelas e não acaba nunca de aparecer mulheres por todos os lados. São casas com desgraça. Fatalmente, o que entra ali tem que maridar, se não o levam para o cartório na marra. Casas onde meninas e adultas somam mais de meia dúzia de saias. Vocês percebem a tragédia de uma mãe que deve vigiar meia dúzia de meninas, sublevadas e ariscas? Em muitas casas prudentes, para evitar que as meninas se entretendam elaborando pensamentos inconvenientes, conchavam com as mais velhas, enquanto as mais jovens e palatáveis ficam em casa para agarrar o otário (já me escapou outro termo reles!).

No entanto, em quase todas as casas com superabundância de damas, nunca falta um par de calças. As calças é freqüentemente um irmão a quem a coletividade feminina faz estudar para “doutor”.

E sabem para quê o fazem estudar para doutor?

Ora, para que traga amigos para casa.

Quando a família tem ares semi-aristocráticos, o homem, em vez de ser doutor, segue a carreira militar. Então (só vendo o que são as vizinhanças), isso de que “fulana é irmã do primeiro-tenente X” soa como se dissessem é uma Álzaga Unzué ou qualquer outra família tradicional.

Um fenômeno concomitante com o fato de que o primogênito da família se forme doutor ou subtenente é que a família muda de casa. Na maioria dos casos, salvo ser gente sensata, mas este exemplar não é muito abundante.

É; se a família alugava uma casinha módica, com jardimzinho ordinário dando para a rua, agora acha que é indigna de sua posição social a casa com jardimzinho dando para rua, e aluga uma fechada, com sala e escritório dando para a via pública, com persianas nos postigos.

E apesar de se morar mais apertadamente, se respira. Não é a mesma coisa pretender um namorado numa casa com jardim mixo do que numa moradia com persianas metálicas e fechadura Yale. Não; não. Há diferenças. Há categorias. Há algo, é como estar nos prolegômenos da carreira aristocrática.

A placa dá ares de suntuosidade. Há placas (já vi) que são quase tão grandes como cartazes de leilão judicial. Nelas se anuncia a que horas o “doutor” atende e deixa de atender; a que horas consuma seus homicídios; em quantos lugares recebeu autorização e se mostrou didático para trucidar seus próximos; e embora nunca seja visto, que a gente até se inclina a achar que ele ganha a vida em corretagens, as irmãs, à sombra da placa benfeitora, espreitam o otário remoto, indagam o horizonte com periscópio e cobram interrogatório e declaração de bens a quanto Cristo passe por ali e a família, involuntariamente, inconscientemente, enche o peito com o título, engorda com o doutor da placa... que...

Que, de vez em quando, convida seus amigos para irem a sua casa. Já não é a casa de jardim fuleiro e com baratas atravessando o corredor, mas é casa com persianas, casa que parece denunciar folga de prata; casa sobre a qual costumam dizer certas moças, ao namorado, num ataque de sinceridade:

— Ah! Se eu me casar, fico com a minha mãe; que aqui tem quarto de sobra —como se com isso quisessem ajudar o infeliz a esquecer o cortiço, as exigências do fim do mês e a fuça amarfanhada do cobrador que passa a conta com donaire de uma bela punhalada.

Ou senão, diz a mãe, entre as filhas:

— Bom; agora, pelo menos se pode receber as pessoas, que antes...

Placa de doutor, placa engrupidora. Enquanto as mocinhas ganham a vida no ateliê de costura; enquanto as senhoritas mais velhas dão duro se esfalfando no metrô e no ônibus, e sem tempo para a digestão, para pegar o bonde e chegar na hora no trabalho, a placa, na porta, delata prepotência de desafogo econômico, alcagüeta vida tranqüila, enquanto os autênticos doentes passam rapidamente e olham com desconfiança perfeitamente visível o conto de “atende-se de tal a tal hora”. As pessoas do bairro, menos ainda, recorrem ao médico. Todos nós queremos ser assassinados, mas com dissimulação, de maneira que a placa só serve para que se extasie a mãe, olhando-a de viés; a mãe do dono, e a menina que espera o namorado. Porque, afinal de contas, uma casa com persianas metálicas fica melhor com placa de doutor do que sem placa.

15/10/1930

### **“BATENTE” NOTURNO**

Tenho um amigo, Silvio Spaventa, que, fora de brincadeira, é um caso digno de observação frenopática.

Trabalha depois de ter se dedicado vinte e cinco anos a flautear. Como e quando eu não sei, mas sim tenho informações de que a família, no dia em que soube que o garoto pegava no batente, achou que tinha tido um ataque de alienação mental e avisaram ao médico da família. Numerosas pessoas foram fazer uma visitinha para se informar se se tratava de um caso que entrava nos domínios do doutor Cabred, ou de que se a notícia era um simples e fortuito boato que por mero acaso tinha começado a correr pelo calçamento da cidade.

Mas não; o boato não era brincadeira, o batente tampouco era ataque de alienação, e os habitantes, depois de especular sobre o caso durante uma semana, sossegaram e, atualmente, o fenômeno continua intrigando unicamente os parentes que, quando se encontram com o estroina lhe cutucam assim, sem mais nem menos, como eu mesmo já tive a oportunidade de escutar, a seguinte pergunta:

— Então você trabalha? Ficou louco?

Os parentes, como é natural, sempre deram duro. Mas se acostumaram a ver que o outro não trabalhava, e agora se assombram com o mesmo assombro com que ficaria estupefata uma galinha ao ver que o frango, nascido de um ovo de pato, anda na água sem se afogar.

E tanto e tanto especularam sobre o assunto, que a pedido do amigo me vejo obrigado a explicar por quê e como pega no batente... e devido a que razões seu caso foge à frenopatia, à alienação e penetra no mundo dos casos racionais e perfeitamente “manjados” pela quase totalidade dos cidadãos deste país.

“A vantagem em fazer uma nota sobre por quê trabalho —me disse— consiste em que me livro da peleja de explicar a todos os consangüíneos as razões pelas quais trabalho. Tão pronto eu os encontre e me perguntem, como penso em comprar duzentos exemplares de *El Mundo*, lhes entrego a folha recortada e dou o pira”.

$\frac{3}{4}$  Pego no batente  $\frac{3}{4}$ me disse o amigo— das nove às duas da madrugada. Quer dizer, na hora em que todo mundo vai pro café ou ferra no sono. Quer dizer: trabalho num horário em que quase ninguém trabalha, que é como não trabalhar. Porque —você percebe?—tenho o dia disponível. Posso dormir enquanto “Febo a crista doura”. E durmo. Às três da tarde me levanto e saio para arejar; depois, às nove, entro no escritório e saio às duas. Muito bem; o que acaba comigo é o trabalho com horário, a caterva, isso de levantar às sete da manhã como todo mundo, jogar uma água na cara, me enfiar no metrô repleto de fulanos com olheiras e, meu chapa! Esperar que chegue o meio-dia para outra vez começar a cantilena do “vai mais para frente”, etc.? Não, meu chapa! Eu não trabalho assim nem como ministro. Que

me dêem um trabalho que não seja trabalho. Que não tenha as aparências de tal. Percebe? Tenho psicologia... A única coisa que peço é que me disfarcem o batente.

— Está bem... Continue...

— De outro modo é pra tomar cianureto. Eu não me neguei nunca a pegar no batente, mas, isso sim, que me dessem um trabalho do meu agrado. Demorei vinte e cinco anos para encontrá-lo. Mas encontrei! O que demonstra que quando você procede de boa fé e com a melhor das intenções, aquele que procura não pode deixar de encontrá-lo algum dia. Se eu fosse um safado de primeira, não trabalharia. Andaria como portuário pelos cafés. Mas não; trabalho. Isso sim, trabalho porque dá gosto... é como se você farreasse. O que acontece é que eu sou um inovador. Um reformador da humanidade. Penso: Por que Vicente há de ir aonde vão todas as pessoas? Você vê as conseqüências deste regime carcerário? Que a uma mesma hora um milhão de habitantes ranga; meia hora depois, esse milhão, a galope e às cotoveladas, se espreme nos bondes e ônibus para chegar no horário no escritório... E não é possível, meu chapa...não!... Eu sou contra a uniformidade. Me dê variação. Me dê a poesia da noite e a melancolia do crepúsculo e uma jogatina às três da matina e uma autêntica churrascada às quatro horas. Ser ou não ser, meu chapa. Fora de brincadeira. Ponha-se no meu lugar...

$\frac{3}{4}$  Você é um herói...

$\frac{3}{4}$  Faz a nota que eu mostro pro chefe, e você vai ver... é gente boa!... Assim que ler vai rachar o bico... Bom... Diga que advogo pela abolição do regime do batente diurno, que te impede de dar uns bons fomentos de sol e umas saborosas pancadas de oxigênio. Veja: o que você tem que fazer é explicar a psicologia de um biltre na solidão noturna, gozando o silêncio, pegando no batente sozinho, juntando seus mangos pro fim da semana... Isso é o que você tem que fazer...

Parodiando Nietzsche, que morreu sozinho num manicômio, eu também posso dizer: “Assim falava Spaventa”. Com melíflua e cachorra expressão de homem do mundo, que sabe o que é especular sobre o destino numa mesa de café

enquanto o garçom ladra uma ladainha raivosa e um “de profundis” assassino pelo débito de um capuchino miserável e dois cafés com gosto de chicória.

Assim falava Spaventa!... aquele que agora trabalha... Depois de ter se dedicado durante vinte e cinco anos a flautear. Mas sua boa fé ficou evidenciada. Que sirva de exemplo e gozoso testemunho de vida espiritual para todos os safados que neste mundo existimos.

26/8/1930

### **FAUNA TRIBUNALESCA**

Bem disse Quevedo:

“Advogados e escrivães são aprendizes de envenenadores e peçonha graduada”, querendo dar a entender com isso que era preferível sofrer a acometida de um touro furioso a entrar em relações com semelhantes bicharocos, despojadores de viúvas e inimigos natos do órfão.

E hoje eu escrevo isso porque uma magnífica sociedade, composta pelo advogado Galina e o escrivão Virginillo, foi acusada por uma respeitável viúva de lhe ter despojado de todos seus bens de forma dolosa, o que é extremamente grave.

Tão grave, que o juiz decretou prisão preventiva contra um dos acusados e o outro passará raspando pela prisão, se não deixar bem assentada sua inocência.

Quem já não viu o gato e o bofe?

A dona de casa chega do açougue com um pedaço de bofe envolto num jornal, e ninguém ainda a viu entrar, a não ser o gato, a cauda tesa, o lombo arqueado, o miado pranteador, implora sua parte de uma maneira comovente.

O mesmo acontece com certos advogados e escrivães na presença de uma herança. O cheiro do dinheiro os põe tão nervosos, que antes do defunto esfriar já estão rodeando pela casa mortuária. Só vendo para acreditar!

Aproximam-se da viúva e do órfão, compungidos com tanta desgraça, e eles, cujo coração é duro como pedra e feito de resistentíssimo aço, vertem lágrimas de



crocodilo, e vigiam os parentes com olhar espreitador, temerosos de que a sucessão lhes escape.

Os parentes do morto, por sua vez, se consultam às escondidas com os corvos legistas, que se comportam dignamente e insinuem respostas catonianas, pois dizem que não se ganhará nada com a pressa. E eles que estão sempre apressados para encher as algibeiras com o dinheiro alheio, exclamam, sisudos e carrancudos:

— Dê tempo ao tempo, amigo. Respeite a dor da viúva e o sofrimento do órfão.

Por sua vez, o escrivão, que sempre foi aprendiz de peçonha, calcula seus honorários e, no círculo de enlutados, insinua um caso relacionado com a severidade de seu registro, e o quanto estuda toda operação antes de registrá-lo, tudo isso acompanhado de ditos como este:

“Bendito seja Deus” ou “tenhamos paciência que, ao menos Deus nos fez”, e outras frases de compungimento que fazem com que as pessoas se admirem de que um escrivão seja tão homem de bem, tão temente a Deus e possua um coração tão terno.

As viúvas são os seres mais imprudentes da terra. E são imprudentes porque acreditam “em sua experiência da vida” e em outras bobagens mais ou menos sentimentais e injustificadas.

Agora: como o marido jamais se preocupa em inteirar sua esposa (quando ele vive) de seus negócios, nem tampouco seria prudente, porque as mulheres em seu afã de colocar o nariz em tudo costumam fazer grandes besteiras acaba acontecendo que, assim que ficam livres do marido, do eterno marido que, finalmente, resolveu morrer, dizem:

$\frac{3}{4}$  Bom, agora me governarei por conta própria.

E então é quando aparece o desgoverno e as bobagens, do tamanho de um bonde.

Não é exagero dizer que o primeiro ato de toda viúva é se consultar com um advogado. Porque estas “peçonhas graduadas” exercem grande influência sobre a mente das futuras prejudicadas.

Poderia explicar-se dizendo que o advogado as sugestiona pelo seu aspecto de homem de negócios, que não faz negócios, e que com isso intervém a teatralidade da banca, a coleção em encadernação de couro de *Pareceres da Suprema Corte*, e esse ambiente de mistério que estes temibilíssimos inimigos do órfão e baleias da fortuna, dão às consultas que concedem à viúva.

E não há maçã do demônio mais cobiçada pela viúva que este ato simples de se sentar numa banca, enquanto o corvo, a testa lustrosa de gordura e negra enxúndia de tanta jurisprudência, cruza as mãos sobre o colete e entrefecha as pálpebras com a atitude do homem que dispõe todas suas faculdades mentais para interpretar as profundas e sábias perguntas que lhe dirigirá a viúva.

A viúva, que estava acostumada a ser mandada para o inferno cada vez que perguntava sobre negócios a seu marido, se comove diante de tanta solicitude e atenção. Ela não imaginava jamais que suas curiosidades pudessem interessar um homem que tem toda coleção de *Pareceres da Suprema Corte* em encadernação de couro, e então, afagada em seu amor próprio, conversa com o “aprendiz de envenenador e peçonha graduada”, que a deixa devanear até o cansaço, interpondo, de vez em quando com melífluas palavras e graves gestos, conselhos e máximas como estas:

$\frac{3}{4}$  O mundo está cheio de perdidos, desgraçadamente; mas a senhora teve sorte em se dirigir a mim. Não é para me vangloriar nem exhibir falsa modéstia, “mas é assim, senhora, embora não esteja bem que eu o diga”.

Com estas frasezinhas feitas e a coleção em encadernação de couro de *Pareceres da Suprema Corte*, a viúva fica tão convencida, que dali saem os dois para a casa de um cúmplice e espertalhão, escrevão também “muito homem de bem”, que estenderá um poder ao advogado “para que realize o juízo sucessório como melhor convier”.

Um belo dia, ou mau dia, aliás —bom, para todos os sequazes de Temis e para todos os aprendizes de corvos—, a viúva acorda na “rua”, na matemática “rua”, possuidora apenas da roupa que está vestindo.

E então começa a tragédia, os choros diante do juiz, as tribulações da mulher que sofreu a sedução da coleção encadernada de *Pareceres da Suprema Corte*, peregrinação que pode ser vista todos os dias no Palácio da Justiça na figura de senhoras anciãs seguidas por um órfão que leva uma incomensurável confusão de papéis e um procurador faminto que quer devorar os últimos restos do festim dado por escritvães e advogados.

28/9/1928

### ENTRE COMERCIANTES...

Ser comerciante não é fácil. Mas se extravasando essa dificuldade você chega a ter um bar, nada mais custoso que ser comerciante e não sentir os esporões da inveja quando aparece um concorrente.

Concorrente que vai antecedido de um bando de olheiros sinistros que gozam formidavelmente do vulcão de gana que foi despertado no velho comerciante a quem lhe aparece, da noite para o dia, no bairro, um novo rival.

### O DIÁLOGO

*O sinistro olheiro.* — E então, excelência: parece que vão abrir uma loja nesse novo estabelecimento... vai aparecer um concorrente...

*O lojista* (com um sorriso falso de segurança) — Se esse aí vier para comprar meu bar dou de presente. Os tempos estão bicudos.

*O sinistro olheiro:* — Não tenho certeza de que seja uma loja. Ouvi dizer... mas que importância isso pode ter para o senhor. É velho no bairro e as pessoas não deixam o conhecido pelo desconhecido...

*O lojista* — Quem disse que é uma loja?...

*O sinistro olheiro* — Estão falando... até me falaram que já tinham assinado o contrato. Parece que é uma firma de peso...

*O lojista* (com sorriso falso) — Hoje dou de presente as firmas de peso...

*O sinistro olheiro* — Verdade... o comércio vai mal... mas que importância tem para o senhor um concorrente a mais ou a menos, não é verdade?

*O lojista* (que se importa muito com o concorrente) — Realmente pouco me importa...

*O sinistro olheiro* — Eu vi o tal que vai abrir o negócio. Parece um homem vivo, tome cuidado.

#### UMA SEMANA DEPOIS

*O sinistro olheiro* — Então. Parece que vamos ter outra loja...

*O lojista* — Faça-me o favor. Vi a cara dele. Juro pela minha mãe como nunca vi cara tão desgraçada como essa. Amigo, é preciso viver para ver e acreditar. Sério. Será que esse infeliz não tem outro lugar para jogar o dinheiro? Veja só, abrir uma loja neste bairro Mas se a vida mal dá para um. Apenas...

*O sinistro olheiro* (gozando do lojista) — Eu também tenho o palpite que esse aí vai falir.

*O lojista* — Quer que lhe mostre os livros de contabilidade? O balanço? Cristo! Se hoje a gente não tira nem para o bonde.

*O sinistro olheiro* — E vem dizer isso para mim. E veja só se não é um louco, o fulano, que até instalações de luxo trouxe.

*O lojista* (sobressaltado) — Não diga...

*O sinistro olheiro* — Só vendo... Um prateleira que parece móveis de sala de jantar. Puro vidro, só vendo. O senhor não passou por ali?... Deve ter gastado uma dinheirama, o desgraçado.

*O lojista* — Mas Cristo... onde estamos?... Esse homem não faz contas... E o pessoal? E o aluguel? E a licença? E a luz?

*O sinistro olheiro* — Não sou eu que está abrindo o negócio. É ele. O que você quer. Eu não tenho culpa...

*O lojista* — Esse homem tem que quebrar. (tratando o olheiro por você) Você percebe? Só sendo vigarista pode-se fazer uma instalação como você está dizendo. (Confidencialmente.) Mas, e a instalação, meu chapa, é linda?

*O sinistro olheiro* (se banhando em água de rosas) — É brincadeira, excelência. Sabe, é dessas instalações de madeira lustrada. Os vidros. Os vidros bisotês. Pura cristaleira com varinhas de níquel. O piso... como se chama?...

*O lojista* — Continue, Cristo... se chama parkê...

*O sinistro olheiro* — As paredes, sabe, pintadas imitando mármore, o forro...

*O lojista* (suando) — E você acha que esse aí pode viver. Diga. Você acha...

*O sinistro olheiro* — Eu não sei... às vezes acho que não... às vezes acho que sim... O senhor sabe... não se pode descuidar. De onde menos se espera vem o pulo do gato.

*O lojista* — Mas que gato que nada! Você pensa que os negócios são feitos com forro de painel e parkê? Te dou de presente o parkê... o parkê... o parkê... Vamos ver se ele paga as promissórias e as contas com o parkê... com o parkê...

#### QUINZE DIAS DEPOIS

*O sinistro olheiro* — Já tem gente... só vendo... tem gente...

*O lojista* (perdeu dez quilos) — Tem... mas me diz... todos os que vão compram?

*O sinistro olheiro* — Tem bons preços, excelência... Sério... E a mercadoria é nova, sabe... e depois o tipo é engrupidor... Só vendo... amável com todo mundo.

*O lojista* — Mas Cristo, se tem uma cara de “disgraçado”...

*O sinistro olheiro* — O que vamos fazer com o retrato...

*O lojista* — Mas, quer que te mostre o balanço? Quer ver? Se não se está ganhando nada. Esse homem, ao preço que vende, tem que roubar mercadoria. Acredite em mim. Não se ganha nada. E os gastos? E a licença?

*O sinistro olheiro* — O caso é que as pessoas estão indo. Estão indo, excelência.

*O lojista* — Espere. Juro pela minha saúde. Espere dois meses. Você vai ver. Não o juiz e sim toda Investigação colocando tabuletinhas na porta. Incêndio e quebra fraudulenta. Você vai ver! Espere dois meses...

Passaram-se dois anos. Todos os dias os lojistas rivais aparecem na porta, olham-se e cospem em direção contrária. Nenhum dos dois faliu apesar do negócio não dar nem “para o bonde”. Odeiam-se. Odeiam-se cordialmente, se odeiam e se controlam os clientes...

25/2/1930

### **O RELOJOEIRO**

Se há um ofício raro é indubitavelmente o de relojoeiro, já que os relojoeiros não parecem ter estudado para relojoeiro e, sim, apareceram sobre o mundo conhecendo a profissão.

E não deixo de ter razão.

Conversando hoje com um desconhecido, num ônibus —senhor que acabou sendo relojoeiro, relojoeiro autêntico e não ladrão de relógios—, me dizia este senhor:

— O ofício de relojoeiro não se aprende. Traz-se no sangue. E depois de trazê-lo no sangue, é preciso praticar um infinito número de anos para dominar perfeitamente os mecanismos, já que de outro modo pode-se colocá-los a perder em vez de consertá-los.

De acordo com seu critério, respondi:

— Um relojoeiro deve ser uma espécie de bicho raro, uma “avis rara”, como dizia Asnorio Salinas.

— Não senhor, nada disso. Pelo contrário; o ofício abunda tanto que pra notar isso basta ler as páginas de anúncios dos jornais. Não pedem nunca relojoeiros. E não pedem porque há de sobra. A profissão está decaindo. Sem lhe dizer que eu estive nove meses sem trabalho, procurando emprego de relojoeiro, e olha que sou oficial. Até que enfim agora me acomodei e me dedico a especialidade dos despertadores.

— Como? No ofício há especialidades?

— Sim, senhor. Imagine, por exemplo, um homem que antes de ser relojoeiro tenha trabalhado como ferrador de cavalos. Por mais prática que tenha é inútil, não servirá para o trabalho fino e delicado, para consertar e remontar relógios de pulso de senhoras, que têm peças microscópicas. Comigo aconteceu a mesma coisa. Antes de ser relojoeiro fui rebitador de caldeiras e, naturalmente, a mão estava um pouco viciada.

— É, explica-se.

— Agora, eu sou um homem prudente e não me meto em camisa de onze varas; daí minha especialidade serem os relógios despertadores.

— E dá pra ganhar?

— Pouco.

Depois que me afastei do chato do relojoeiro, fiquei pensando neste grêmio misterioso e dono do tempo.

E fiquei pensando, porque mais de uma vez, percorrendo as ruas, me detive, perplexo, diante de um portal, olhando para um sujeito quase sempre de condição israelita, e com um tubo preto num olho, remendava relógios como quem faz meias-solas numa botina. E não sei de onde me surgiu a idéia de que os relojoeiros, no fundo, deviam ser todos meio anarquistas e fabricantes de bombas relógio.

Porque nos romances de Pío Baroja, os relojoeiros se não são anarquistas, são filósofos. E um relojoeiro filósofo ou anarquista não cai nada mal. Na Rússia, pelo menos na época do czarismo, todos os relojoeiros eram acusados de semi-revolucionários.

E, no fundo, o trabalho de consertar relógios é um trabalho filosófico.

Antes de mais nada, necessita-se a paciência de um beato ou de um angélico, para se conformar com tanta minúcia e se preocupar de que ande bem por um certo tempo, nada mais.

Depois, certa tristeza de viver.

Porque vocês devem se lembrar que esse trabalho de corcovado e de ciclope, já que o sujeito trabalha com um só olho, é angustiante.

Quase todos os relojoeiros são pálidos, de modos lentos, silenciosos. As estatísticas policiais não dão nunca um relojoeiro criminoso. Prestei atenção detidamente neste fenômeno.

No máximo, quando se irritam em seus lares, dão dois pontapés na mulher. Mas nesse caso a mulher tem que ser muito perversa. Se não, não se descontrolam jamais.

Não lhes atrai nem o mau nem o bom vinho. Cruzam pela vida como entes monacais, misteriosos, cautos, cheios de um silêncio de ouro.

É que em outros tempos o ofício de relojoeiro era um trabalho cheio de condições misteriosas, e quase sagradas. Se não me engano, Carlos V, quando se desiludiu do mundo e suas pompas, foi estropiar relógios num convento.

E os astrólogos do passado conheciam esta arte mecânica e quase mágica. Lembrem-se de que sob o reinado de Ivan, o Terrível, foi um relojoeiro que confeccionou um aparelho para voar; e que o papa Silvestre III também era um relojoeiro aficionado e tinha nos seus jardins um pássaro mecânico, que cantava desde uma árvore de esmeralda. É verdade que Silvestre III gozava da fama de ser um pouco mago e cultivador das ciências ocultas, mas nessa época toda arte um pouco mais delicada recebia o nome de bruxaria.



Daí que os relojoeiros atuais sintam em suas almas essa espécie de nostalgia do prestígio que os rodeou nos tempos da clavícula do Rei Salomão.

Hoje, os relojoeiros sobrevivem nesta cidade a duras penas. Salvo os aristocratas da relojoaria, o resto se vê relegado a ignóbeis cortiços onde têm que lidar com relógios baratos e de “série”, cheio de defeitos, e que requerem um trabalho espantoso para evitar que dêem meio-dia antes da hora.

Baixaram de categoria, e pode-se quase equipará-los aos remendões ambulantes, eles que “necessitaram de nove anos de estudo teórico e prático”.

13/9/1928

### O HOMEM DO APURO

O homem que “necessita um milhão de pesos para amanhã de manhã sem falta” não é um mito nem uma criação dos infelizes que têm que servir todos os dias um prato humorístico aos leitores de um jornal; não.

O homem que “necessita um milhão de pesos para amanhã de manhã sem falta”, é um fantasma de carne e osso que pulula ao redor dos Tribunais...

No momento em que terminava de escrever a palavra “os tribunais” uma rajada morna veio da rua e o tema do homem que necessita um milhão de pesos para amanhã de manhã sem falta, foi para o diabo. E pensei no homem do umbral; pensei na doçura de estar sentado de camiseta no mármore de uma porta. Na felicidade de estar casado com uma passadeira e lhe dizer:

— Princesa, me dá quinze pratas para um maço de cigarros.

Chegaram os dias mornos. Não sei se prestaram atenção no fenômeno; mas todos aqueles que têm uma calça calafetada, remendada ou cingida, que segundo as avarias do terno pode-se definir o gênero de conserto, remendo, emenda ou cerzido; todos aqueles que têm um terno avariado sobre as nádegas, meditam com semblante compungido na brevidade do império do sobretudo. Porque não se pode negar: o sobretudo por mais batido que seja presta seu serviço. É cúmplice e encobridor.

Encobre a craca que há embaixo, as rupturas do linho. Se sempre fizesse frio, as pessoas poderiam prescindir dos alfaiates e fazer um terno a cada cinco anos.

Em compensação, com este “ventinho” morno, prognóstico de próximos calores, os sobretudos caem fora, e não só os sobretudos ficam pendurados num canto do guarda-roupa ou da garçonnière, mas também a moleza que levamos infiltrada nos músculos se espreguiça e nos faz pensar que se não conseguirmos... quem dera conseguir um milhão de pesos para amanhã de manhã sem falta! Quem dera! Ou estar casado com um passadeira.

Porque todos os consortes das passadeiras são uns molengas declarados. O que mais pega no batente é aquele que há dez anos foi carteiro. Depois o exoneraram e não voltou a pegar no batente. Deixa que a mulher faça fortuna com a cera e o ferro. Ele, é um desempregado. Quem me dera que fosse desempregado! Faz dez anos que o deixaram na “rua”. A todos os que queiram escutar, conta a história. Em seguida, senta-se no umbral da porta da rua e olha o belo par de pernas das moças que passam. Mas com seriedade. Ele não se mete com ninguém. Pode não trabalhar, como diz a mulher, “mas não se mete com ninguém. Mais de uma ricaça gostaria de ter um marido tão fiel”.

Sabe como acontecem os crimes. Uma palavra puxa a outra, a outra traz a reboque uma terceira e quando se lembraram, um dos atores do acontecimento está a caminho do cemitério Chacarita e outro dos Tribunais. A mesma coisa acontece assim que a gente escreve. De uma coisa salta-se imediatamente à outra e, assim, quando menos se pensa, encontra-se diante do tema da fidelidade dos preguiçosos. Porque é mais do que certo: os homens do umbral, os que não querem saber nada de nada com o trabalho, aqueles que são desempregados profissionais ou que esperam a próxima presidência de Alvear, como anteriormente esperava-se a presidência de Irigoyen; a chamada cáfila de “squenunes” helioterápicos, é fiel à “donna”. Por quê? Eis aqui um problema. Mas é agradável insistir. Todo preguiçoso que vive no umbral, é fiel a seu cônjuge. Ele pode não trabalhar, se fará de morto, ele pedirá uns mangos para sua Sesebuta para os cigarros e a genebra na esquina; ele

dará uma pedrada nos cachorros, quando enchem muito no bairro; ele irá ao boteco jogar sua partida de truco ou de sete e meio; ele irá noturnamente cumprir seus velórios e dizer o sacramental “acompanho-o no sentimento”. Não serei eu quem vai negar estas virtudes cívicas do preguiçoso, não, não serei eu; mas quanto à fidelidade... Ali sim a senhora passadeira pode estar segura de que seu homem não lhe falta nem um tiquinho assim... É que o rábulazinho não acredita no amor?

Quando muito, este menino, lse imita a olhar e a sorrir quando passa uma boa moça recém-casada, como quem diz, pensando no marido: “Que senhora boa fulano tem!” Quando muito a cumprimenta com picardia, no máximo aventura uma piada um pouco suja, uma piada de homem vivo que se retirou dos campos de combate antes que o declarem inútil para toda e qualquer batalha; mas dali não passa. Não, senhor. Dali não passa. Ele é capaz de caminhar dez quadras no pé dois para visitar um compadre ou sua comadre; ele é capaz de ir, para votar no caudilho do bairro, a qualquer lugar; ele, se lhe é oferecido um churrasco com couro, não negará sua participação no rega-bofe, mas quanto a confusões com saias, isso sim que não!

E ela vive feliz. Ele lhe é fiel. Verdade que não trabalha, verdade que passa o dia sentado no umbral, verdade que poderia ter se casado com Beltrano, que agora é capataz na Aduana; mas o destino da vida não pode ser modificado. E a passadeira pensa que se bem que seja verdade não se pode pretender todas estas coisas de um homem constituído normalmente e de acordo com todas as leis da psiquiatria, em compensação ele lhe é fiel, rotundamente fiel... e até conta, para quem quiser escutar, que não há uma amiga... Fulana... “que quis lhe tirar o marido”.

14/8/1930

### **AQUELE QUE NÃO SE CASA**

Eu teria me casado. Antes sim, mas agora não. Quem é o audaz que se casa do jeito que as coisas estão hoje?

Eu, faz oito anos que estou noivo. Não me parece mal, porque a gente antes de se casar “deve se conhecer” ou conhecer o outro, aliás, a gente se conhecer não tem importância e, conhecer o outro, para embromá-lo, isso sim.

Minha sogra ou, minha futura sogra, olha e grunhe cada vez que me vê. E se eu lhe sorrio me mostra os dentes como um mastim. Quando está de bom humor, o que faz é me negar o cumprimento ou fazer que não percebe a mão que lhe estendo ao cumprimentá-la, e olha que, para ver o que não lhe importa, tem um olhar agudíssimo.

Com dois anos de noivado, tanto “ela” como eu concordamos que para se casar se necessita de um emprego e, se não um emprego, pelo menos trabalhar com capital próprio ou alheio.

Comecei a procurar emprego. Pode calcular-se uma média de dois anos de procura de emprego. Se tiver sorte, você se coloca em um ano e meio, e se anda numa maré de azar, nunca. Por tudo isso, minha noiva e a mãe andavam às turras. É curioso: uma, contra você, e a outra, a seu favor, sempre disparam a mesma coisa. Minha noiva me dizia:

— Você tem razão, mas quando vamos casar, querido?

Minha sogra, em compensação:

— O senhor não tem razão de protestar; de maneira que faça o favor de me dizer quando pode se casar.

Eu olhava. É extraordinariamente curioso o olhar do homem que está entre uma furia amável e outra raivosa. Ocorre-me que Carlitos Chaplin nasceu da junção de dois olhares assim. Ele estaria sentado num banquinho, a sogra de um lado o olhava com fobia, do outro a noiva com paixão, e nasceu Charles, o do doloroso sorriso torcido.

Disse para a minha sogra (para mim uma futura sogra está na sua pior fase durante o noivado) sorrindo com melancolia e resignação, que quando conseguisse emprego me casaria e um belo dia consigo um lugar, que lugar!... Cento e cinquenta pesos!

Casar-se com cento e cinquenta pesos significa nada menos que colocar uma corda no pescoço. Vocês reconhecerão, com justíssima razão, adiei o matrimônio até que me promoveram. Minha noiva moveu a cabeça aceitando meus argumentos (quando são noivas, as mulheres passam por um fenômeno curioso, aceitam todos os argumentos; quando se casam o fenômeno se inverte, somos nós, os homens, que temos que aceitar seus argumentos). Ela aceitou e eu tive o orgulho de afirmar que minha noiva era inteligente.

Me promoveram a duzentos pesos. É verdade que duzentos pesos são mais que cento e cinquenta, mas no dia que me aumentaram descobri que com um pouco de paciência podia-se esperar outro aumento, e se passaram dois anos. Dois, mais dois, mais dois, seis anos. Minha noiva fez cara de pouco caso e então, com gesto digno de um herói, fiz contas. Contas claras e mais compridas que as contas gregas que, segundo me disseram, eram intermináveis. Demonstrei-lhe com o lápis numa mão, o catálogo de móveis na outra e um orçamento de Longobardi sobre a mesa, que era impossível qualquer casório sem um salário mínimo de trezentos pesos, quando muito, duzentos e cinquenta. Casando-se com duzentos e cinquenta teria que convidar os amigos para uma massa sem graça.

Minha futura sogra cuspiam veneno. Seus ímpetos tinham um ritmo mental extremamente curioso, pois oscilavam entre o homicídio composto e o tríplice assassinato. Ao mesmo tempo que sorria para mim com as mandíbulas, me dava punhaladas com os olhos. Eu a olhava com o terno olhar de um bêbado consuetudinário que espera “morrer por seu ideal”. Minha noiva, pobrezinha, inclinava a cabeça meditando nas ganas intestinas, essas verdadeiras batalhas de conceitos foragidos que se solta quando o coitado está ausente.

Finalmente, impôs-se o critério do aumento. Minha sogra passou uma semana em que ia morrer e não morria; depois resolveu martirizar seus próximos durante mais um tempo e não morreu. Pelo contrário, parecia vinte anos mais jovem do que quando a conheci. Manifestou desejos de fazer um contrato trintenário pela casa que ocupava, propósito que me arrepiou. Disse algo entredentes que me soou a isto: “Eu

te levarei flores”. Imagino que seu desejo de me levar flores não chegaria até o cemitério. Finalmente, com toda clareza, minha futura sogra revelou a intenção de viver até o dia que me aumentassem o salário para mil pesos.

Chegou o outro aumento. Isto é, o aumento de setenta e cinco pesos.

Minha sogra me disse num tom que se poderia conceituar de irônico se não fosse agressivo e ameaçador:

— Suponho que não terá intenção de esperar outro aumento.

E quando eu ia lhe responder, estourou a revolução.

Casar-se sob um regime revolucionário seria demonstrar até a evidência que se está louco. Ou, no mínimo, que está com as faculdades mentais alteradas.

Eu não me caso. Hoje lhe disse:

— Não, senhora, não me caso. Vamos esperar que o governo convoque as eleições e que resolva se vai se reformar a Constituição ou não. Uma vez que o Congresso esteja constituído e que todas as instituições andem como devem eu não porei nenhum inconveniente ao cumprimento dos meus compromissos. Mas enquanto o governo provisório não entregar o poder ao Povo Soberano, eu tampouco entregarei minha liberdade. Além disso, podem me despedir.

2/10/1930

### **A DECADÊNCIA DA RECEITA MÉDICA**

Parodiando Rudyard Kipling, direi:

— Há algo mais notável que escutar um médico falar mal de um farmacêutico? Sim; e é escutar as opiniões de um farmacêutico sobre um médico.

Gente notável, cavilosa e embrulhona esta dos boticários.

Sobretudo agora, que triunfa o específico; sobretudo agora, que chegou a hora da decadência da receita.

Eu lembro de ter me extasiado inúmeras vezes com esses folhetos de trapaças farmacêuticas que começam com o sacramental “antes e depois”.

No “antes”, aparece um sujeito esquelético, mostrando os duzentos ossos que tem o corpo humano e botando a alma pela boca, enquanto dirige uma graciosa careta de moribundo para um frasco que, numa vitrine, promete a ressurreição.

No “depois”, aparece o indivíduo a que se refere o prospecto, que é o mesmo personagem, mas roliço, rodeado por um enxame de crianças, e sorrindo afavelmente para o dito frasco do anúncio, enquanto, através de uma janela do desenho, vê-se correr uma multidão de doentes até o armazém onde vendem a mencionada panacéia.

Ontem, quero dizer faz vinte anos, chegava da Espanha um galego, trabalhava como lavador de chão cinco anos numa farmácia; ao cabo dos cinco anos e depois de ter dado fartas mostras de fidelidade e honradez a seu patrão, este o promovia a lavador de garrafas e ajudante de laboratório, e o sujeito passava a manipular os ácidos e a preparar receitas aplicando, na ausência de seu patrão, injeções escassas, e ora opinando sobre as doenças, que em ritmo de consulta vinham exteriorizar as lavadeiras da vizinhança.

Depois de vários anos atrás do balcão e quando já conhecia bem o ofício, isto é, “quando tinha acertado a mão”, instalava uma botiquinha num bairro distante, punha dois frascos, um com água verde outro com água vermelha, no escritório. Na vitrine que dava para a rua, um pote com álcool e, boiando no álcool, uma cobra venenosa, e na entrada do laboratório uma frase em latim que pegava do *Manual do Perfeito Idôneo*.

Realizados todos estes trâmites, destinados a oferecer uma idéia suficiente de seus conhecimentos médico-farmacêuticos, o ex-lavador de chão se entregava à difícil tarefa de vender ácido bórico, sabão, barras de enxofre para os “ares”, purgante “para as crianças”, licor de As Irmãs “para as senhoras”, sais, unguento branco, tintura de iodo, leite de magnésia, algodão, pó de arroz e Água Florida, aquela que depois foi substituída pela Água de Colônia. E vamos parar por aí.

O farmacêutico não só tinha a ocupação de vender a água do seu poço —que, desde que fosse profundo, o enriqueceria— mas além disso, como era o personagem

mais respeitável do bairro, “o mais sábio”, era também o que recebia as confidências de todas as pessoas. Por exemplo: aparecia na farmácia uma senhora doente já em estado grave. O farmacêutico compreendia que, receitando por sua conta, se metia numa camisa de onze varas e, então, dizia para a senhora:

— Veja, eu poderia passar uma receita para a senhora; poderia, mas não quero fazê-la gastar. Vá ver um médico. Eu não sou desses farmacêuticos que, para vender algo, são capazes de acabar com a saúde da cliente.

Vinte a quatro horas depois a coitada caía com uma penca de receitas e, então, o alquimista de verdade (pois transforma a água do poço em ouro) lhe dizia:

— Viu senhora, como eu tinha razão em lhe dizer que fosse consultar o médico?

Quantas vezes fiquei pensando nessas visitas misteriosas que fazem os maridos à farmácia na hora em que não “há ninguém que espie pelas portas”! Essas consultas em que o coitado olha torvamente ao redor; o farmacêutico o faz passar para os fundos, corre a cortina de veludo esfiapado e fica conferenciando um pouco com o homem que não ata nem desata.

Era linda, antanho, a vida de farmacêutico! Era linda e produtiva. Bastava ter um poço de água, ser amável, curandeiro e matreiro, para encher a sacola de autênticos patacões.

Tenho simpatia pelos farmacêuticos. São pessoas que possuem conhecimentos para poder fabricar bombas de dinamite, que às vezes se ocultam sob uma pastilha de menta; e isso merece de mim um profundo respeito.

Pois bem, hoje em dia, toda essa gente anda abatida. A menos que venda cocaína, morre-se de fome.

A profissão foi morta pelo específico.

Hoje, nenhum médico receita preparados que, com razoável lucro, se poderia fabricar na farmácia. Todos administram específicos, remédios que já vem preparados. Basta pegar um catálogo de uma indústria química, para perceber que se prepara remédios para a tosse, o reumatismo, a apendicite, o câncer, a loucura e o



diabo a quatro. E o farmacêutico está reduzido à simples condição de despachante de frascos com um montão de selos fiscais e aduaneiros, que não lhe deixam senão “uma margem de quinze por cento”, isto é, quinze centavos por cada peso; quando antes, por uma receita que custava quinze centavos, recebiam um peso e trinta e cinco.

Hoje, os farmacêuticos languidecem. Na província, levam uma vida de batalha com os médicos, pois ambos os dois se arrebatam os escassos doentes; e aqui, na cidade, se entediam nas portas de suas bibocas, contemplando a balança de precisão e um alambique que passou pelas mãos de quatro gerações de farmacêuticos, sem que nenhum o usasse.

9/1/1929

### **O IRMÃOZINHO PROPINEIRO**

O irmãozinho propineiro é um fenômeno produto do namoro burguês. Ou melhor; de todos os namoros onde as mães andam com a barba sobre o ombro, porque, como diz o ditado, quando você vir teu vizinho fazer a barba, ponha a tua de molho...

Estes molhos se recrudescem naqueles bairros onde “aconteceu alguma coisa”. Namoro que se interrompe bruscamente, põe de sobreaviso todas as mães; e a vigilância de que os namorados eram objeto volta a recrudescer nestas advertências que a mãe faz ao irmãozinho propineiro:

— Você fique na sala e não se mova dali. Se não, vou dar um jeito em você...

A recomendação que a mãe acaba de fazer ao pequeno sempre está em evidente contradição com as palavras que seguem, e que o namorado diz ao encarregado de vigiá-lo:

— Por que não vai brincar um pouco com os garotos, Josezito?

— É, anda, Josezito. Por que não vai brincar com os garotos? —pergunta a irmã.

— A minha mãe me disse pra eu não me mexer daqui...

— Como você é, Josezito! —reitera a irmã—. Como você é mau, Josezito! Por que não vai brincar?...

<sup>3</sup>/<sub>4</sub>Pega, Josezito... anda... vai se divertir... pega pra você... —e o namorado bate palmas...

“Em média —me contava uma vez um fulano— cada minuto que eu ficava a sós com minha namorada me custava treze centavos. É verdade que eu tirava proveito disso, mas o maldito irmão era impossível. Ia e vinha. Isso sem contar a mãe, que com os braços cruzados e o nariz desviado, chegava sem fazer barulho para xeretar o que estava acontecendo...”

Freqüentemente, o irmãozinho propineiro é um safado. Sabe que o mandam vigiar a irmã e encontra um prazer secreto em acabar com a festa dos apaixonados. Agora, o que parece inexplicável são estas palavras da mocinha:

— Como você é, Josezito!... Por que não vai brincar com os garotos? —E parecem inexplicáveis porque, para que diabos a moça vai querer que Josezito vá brincar com os garotos?

Josezito, ou X, quase sempre se senta no hall. O hall pode estar congelado que Josezito nem liga. Aguarda estoicamente sempre que o assunto seja vigiar. A irmã reitera; mas agora, olhando para o namorado:

— Você não conhece Josezito? Josezito é muito bom.

Josezito não diz nem a nem b. É incorruptível; sente-se à prova de adulações, sempre, é claro, que não o comprem com vinte centavos.

— Não é verdade, Josezito, que você é bom?

O namorado aventura esta frase, de resultados matemáticos:

— Pega, Josezito, não quer ir comprar umas balas pra você?

O semblante de Josezito se adoça. Perdeu esse ar de dignidade ofendida que luzia há um instante. Deixou de ser Catão para se transformar num Elpidio González. Apesar de querer manter as aparências, estica o braço rapidamente e agarra a moedinha. Em seguida, dá o pira...

Estes intervalos são os que as mães prudentes temem e por isso é que as mães argumentam com seus filhos:

— Se você sair do saguão, acabo com a tua raça!

Assim que Josezito se deixa comprar uma vez, a mãe já pode considerar que perdeu noventa e nove por cento da eficácia que sua vigilância podia lhe prestar. É verdade que José, por um resto de prudência e temor a acontecimentos misteriosos, que não consegue explicar, mas que intui o reino dos chutes e pancadas que sua mãe pode lhe dar, não se descuida; é verdade que Josezito apesar das perturbadoras moedas e das melosas adulações de “Josezito é um bom garoto” e outras coisas do gênero, faz uma vigilância medíocre; mas quem pode ter confiança numa vigilância assim capenga?

Um rapaz me dizia, certa feita...

— Quando eu era garoto, nunca me faltava dinheiro. Tinha várias irmãs, todas namoradas e, como além disso, trocavam freqüentemente de namorado, era uma baba. O que eu sofria quando uma das minhas irmãs se casava!... Era o fim de uma renda. Eu até adivinhava a proximidade do casamento, porque então o namorado, em vez de me dizer: “não quer ir brincar com os moleques aí do lado, Josezito?”, num primeiro momento me lascava o grito de que eu chispasse dali, e num segundo, me mandava com um pontapé. E era inútil que me queixasse para minha mãe, porque já nem ela me dava razão e, em troca, respondia:

— Isso acontece por você não ser um garoto ajuizado.

De modo que as únicas pessoas com quem a gente pode propinar admiravelmente quando garoto é com os novos namorados das irmãs. Os outros passam a ser da família e não há jeito de lhes arrancar nem cinco, salvo que de boa vontade dêem algo.

15/7/1930

## CONVERSAS DE LADRÕES

Às vezes, quando estou entediado e me lembro de que num café que conheço se reúnem alguns senhores que trabalham como ladrões, me encaminho para ali para escutar histórias interessantes.

Porque não há gente mais aficcionada em histórias do que os ladrões.

Será que este hábito provém da prisão? Como é lógico, eu nunca pedi determinadas informações a esta gente que sabe que escrevo e que não tenho nada a ver com a polícia. Além do mais, o ladrão não gosta de ser perguntado. Basta você lhe perguntar alguma coisa, fecha a cara como se estivesse diante de um auxiliar e no escritório de uma delegacia.

Eu não sei se muitos de vocês leram *Contos de um sonhador*, de Lord Dunsany. Lord Dunsany tem entre seus relatos maravilhosos, um que me parece que vem a calhar. É a história de um grupo de vagabundos. Cada um deles conta uma aventura. Todos choram, menos o narrador. Terminado o relato, o narrador se incorpora ao círculo de ouvintes; outro, por sua vez, retoma um novo romance que faz chorar também o recente narrador.

Bom, o caso é que entre os ladrões ocorre a mesma coisa. É sempre à uma ou às duas da madrugada. Quando, por A ou B, não têm que trabalhar, é quase sempre num período da vida em que anunciam um firme propósito de viver decentemente. Daí acontece uma coisa estranha. Quando um ladrão anuncia seu propósito de viver decentemente, a primeira coisa que faz é solicitar que lhe “levantem a vigilância”. Neste intervalo de férias, prepara o plano de um “golpe” surpreendente. A polícia sabe disso, mas a polícia precisa da existência do ladrão; precisa que, a cada ano, se lance uma nova fornada de ladrões sobre a cidade porque, senão, sua existência não se justificaria.

Em tal intervalo, o ladrão frequenta o café. Reúne-se com outros amigos. É depois do jantar. Joga cartas, dados ou dominó. Alguns também jogam xadrez.

O delegado Romayo uma vez me mostrou o caderno de um ladrão em cuja casa acabava de dar uma batida. Este ladrão, que trabalhava como puxador, era um enxadrista excelente. Tinha anotados nomes de mestres e soluções de problemas

enxadristicos resolvidos por ele. Este assaltante falava de Bogoljuboff e Alekhine com a mesma familiaridade com que um “turfista” falava de pedigrees, aprontos e performances.

À uma ou às duas da madrugada, quando já se encheram de jogar, quando alguns foram embora e outros acabam de chegar, faz-se em volta de qualquer mesa um círculo austero, tedioso, canalha. Círculo silencioso, do qual, de repente, escapam estas palavras:

— Sabem? Em Olavarría agarraram o Japonês.

Todos os malandros levantaram a cabeça. Um disse:

— O Japonês! Lembra quando eu andei por Bahía Blanca? Barbarizamos junto com o Japonês.

Agora o tédio se dissolveu nos olhos, e os cangotes se enrijecem à espera de uma história. Poderia dizer-se que o que falou estava esperando que qualquer frase dita por outro servisse de trampolim, para lançar histórias que armazena.

— O Japonês. Não era ele que esteve em...? Dizem que esteve no assalto com a Velha...

Um olha para mim.

— É a “maior enganação”. Imagina se vai estar no assalto!

— Verdade que se o senhor encontra de noite o Japonês...

— Olha, meu chapa. O Japonês é feito uma menina, de tão educado.

Explode uma gargalhada, e outro:

— Deve ser feito uma menina, mas te dou de presente. De onde você tirou isso de que é feito uma menina?

— Quando eu tinha dezesseis anos estive preso com ele, em Mercedes... Era feito uma menina, estou te dizendo. Vinham as senhoras de caridade, olhavam para nós e diziam: “Mas como é possível que esses garotos sejam ladrões!” E me lembro que eu respondia: “Não senhorita, é um erro da polícia. Nós somos de boa família”.

E o Japonês dizia: “Eu quero ir com minha mamãezinha”... Estou te dizendo: é feito uma menina.

Explodem as risadas, e um ladrão me pega pelo braço e me diz:

— Mas não acredite nele. O senhor está vendo a fuça que eu tenho, não? Bom. Eu sou um anjinho perto do Japonês. Mas veja: um “bocó” encontra o Japonês e, só de vê-lo, se manda como se visse a morte. E este aí diz que era uma menina... Eu me lembro de uma loja de queijos que assaltamos com o Japonês... Levamos uns duzentos queijos num carrinho. O trabalho pra vender eles!... E o cheiro! Seguia-se a pista só pelo nosso cheiro...

Outro:

— Do jeito que está agora o ofício, está arruinado. Encheu de remelentos que dão com a língua nos dentes. Qualquer tonto quer ser ladrão.

Eu olho, reflito e digo:

— Efetivamente, vocês têm razão; não é qualquer um que pode ser ladrão...

— Mas claro! É o que eu digo... Se eu quisesse me meter a escrever suas notas, não poderia, não é?... E com o “ofício” é a mesma coisa. Vamos ver; me diz, como o senhor faria pra roubar agora o patrão que está no caixa?... Olha que a gaveta está aberta...

— Não sei...

— Mas meu amigo, não diga isso! Veja; se aproxima do balcão e diz ao patrão: “Me passa essa garrafa de vermute”. O patrão vira o corpo pra esse lado da prateleira. Assim que o homem está pra retirar a garrafa, o senhor diz: “Não, essa não; a que está mais pra cima”. Como o patrão está de costas, o senhor pode limpar o caixa... Percebe?... — Eu me admiro convencionalmente, e o outro continua—: Ah! Isso não é nada. Há “trabalhos” lindos... limpos... Esse do roubo da agência Nassi... Essa rapaziada promete...

— E o Japonês? Eu me lembro: vínhamos uma vez no trem... Íamos pra Santa Rosa...

Três da madrugada. Quatro. Um círculo de cabeças... um narrador. Digam o que disserem, as histórias de ladrões são magníficas; as histórias da prisão... Cinco da madrugada. Todos olham o relógio, sobressaltados. O garçom se aproxima sonolento e, de repente, em diversas direções, quase grudados nas paredes, elásticos como panteras e rápidos no sumiço, os malandros se escafedem. E de cinco deles, quatro pediram levantamento da vigilância. Para melhor roubar!...

21/1/1930

### **A TERRÍVEL SINCERIDADE**

Me escreve um leitor:

“Rogo-lhe que me responda, muito seriamente, de que forma a gente deve viver para ser feliz”.

Prezado senhor: Se eu pudesse lhe responder, seria ou humoristicamente, de que modo se deve viver para ser feliz, em vez de estar engendrando notas, seria, talvez, o homem mais rico da terra, vendendo, por apenas dez centavos, a fórmula para viver feliz. Já vê que disparate está me perguntando.

Acredito que há uma forma de viver em relação com os semelhantes e consigo mesmo que, se não concede a felicidade, proporciona ao indivíduo que a pratica uma espécie de poder mágico de domínio sobre seus semelhantes: é a sinceridade.

Ser sincero com todos, e mais ainda consigo mesmo, ainda que se prejudique. Ainda que quebre a alma contra o obstáculo. Ainda que fique sozinho, isolado e sangrando. Esta não é uma fórmula para viver feliz; acredito que não, mas é sim, para ter forças e examinar o conteúdo da vida, cujas aparências nos deixam tontos e enganam continuamente.

Não olhe o que fazem os demais. Não dê pelota para o que opina o próximo. Seja você, você mesmo acima de todas as coisas, acima do bem e acima do mal, acima do prazer e acima da dor, acima da vida e da morte. Você e você. Nada mais. E então será forte como um demônio. Forte apesar de todos e contra todos. Não se

importe que a pena o faça dar de cara contra uma parede. Interrogue-se sempre, no pior minuto de sua vida, o seguinte:

— Sou sincero comigo mesmo?

E se o coração lhe diz que sim e tem que se jogar num poço, jogue-se com confiança. Sendo sincero, não vai se matar. Esteja bem seguro disso. Não vai se matar, porque não pode se matar. A vida, a misteriosa vida que rege nossa existência, impedirá que o senhor se mate se jogando no poço. A vida, providencialmente, colocará, um metro antes de que o senhor chegue ao fundo, um prego onde suas roupas se engancharão, e ... o senhor se salvará.

O senhor me dirá: “E se os outros não compreenderem que sou sincero?” O que importam os outros para o senhor! A terra e a vida têm tantos caminhos com alturas diferentes, que ninguém pode ver mais distante daquela que dão seus olhos. Embora suba uma montanha, não verá um centímetro a mais do que lhe permita sua vista. Mas, escute bem: o dia em que os que o cercam perceberem que o senhor vai por um caminho não trilhado, mas que marcha guiado pela sinceridade, esse dia o olharão com espanto, depois com curiosidade. E o dia em que o senhor, com a força de sua sinceridade, demonstrar-lhes quantos poderes tem entre suas mãos, nesse dia serão seus escravos espirituais, pode acreditar.

O senhor me dirá: “E se me enganar?” Não tem importância. A gente se engana quando tem que se enganar. Nem um minuto antes nem um minuto depois. Por quê? Porque assim dispôs a vida, que é essa força misteriosa. Se o senhor se enganou sinceramente, o perdoarão. Ou não o perdoarão. Pouco importa. O senhor segue seu caminho. Contra vento e maré. Contra todos, se é preciso ir contra todos. E acredite em mim: chegará um momento em que o senhor se sentirá tão forte, que a vida e a morte se transformarão em dois brinquedos nas suas mãos. Assim, literalmente. Vida. Morte. O senhor vai olhar esse jogo do osso que tem tal reverso, e num chute vai jogá-lo longe do senhor. O que lhe importam os nomes, se o senhor, com sua força, está além dos nomes?



A sinceridade tem um fundo duplo curioso. Não modifica a natureza intrínseca de quem a pratica, antes, lhe concede uma espécie de dupla visão, sensibilidade curiosa, e que lhe permite perceber a mentira e não só a mentira, mas também os sentimentos daquele que está ao seu lado.

Há uma frase de Goethe, a respeito deste estado, que vale ouro. Diz:

“Você que me meteu neste dédalo, você me tirará dele”.

É o que eu lhe dizia anteriormente.

A sinceridade provoca naquele que a pratica lealmente, uma série de forças violentas. Estas forças só se mostram quando tem que acontecer isso de: “Você que me meteu neste dédalo, você me tirará”. E se o senhor é sincero, vai perceber a voz destas forças. Elas o arrastarão, talvez, a executar atos absurdos. Não importa. O senhor os realiza. Que ficará sangrando? Mas é claro! Tudo tem seu preço nesta terra. A vida não dá nada, absolutamente. É preciso comprar tudo com libras de carne e sangue.

E de repente descobrirá algo que não é a felicidade, e sim um equivalente dela. A emoção. A terrível emoção de arriscar a pele e a felicidade. Não nas cartas e sim, transformando-se o senhor numa espécie de emocionada carta humana que busca a felicidade, desesperadamente, mediante as combinações mais extraordinárias, mais inesperadas. Ou o que é que o senhor acha? Que é um desses multimilionários americanos, ontem vendedores de jornais, mais tarde carvoeiros, depois donos de circo, e sucessivamente jornalistas, vendedores de automóveis, até que um golpe de sorte os coloca no lugar em que inevitavelmente devia estar?

Esses homens se transformaram em multimilionários porque queriam ser isso. Com isso sabiam que realizavam a felicidade da sua vida. Mas pense o senhor em tudo que apostaram para ser felizes. E enquanto o dinheiro não aparecia, a emoção, que derivava de cada jogada, tornava-os mais fortes. Percebe?

Olha, amigo: construa uma base de sinceridade, e sobre essa corda frouxa ou tensa, cruze o abismo da vida, com sua verdade na mão, e vai triunfar. Não há ninguém, absolutamente ninguém, que possa fazê-lo cair. E até os que hoje lhe

atiram pedras, amanhã se aproximarão do senhor para sorrir-lhe timidamente. Acredite, amigo: um homem sincero é tão forte que só pode rir e ter pena de tudo.

20/12/1929

### O IDIOMA DOS ARGENTINOS

O senhor Monner Sans, numa entrevista concedida a um repórter de *El Mercurio*, do Chile, nos alacraneia da seguinte forma:

“Na minha pátria nota-se uma curiosa evolução. Ali, hoje ninguém defende a Academia nem sua gramática. O idioma, na Argentina, atravessa momentos críticos... A moda do “gauchesco” passou; mas agora principia-se outra ameaça, está em formação o “lunfardo”, léxico de origem espúria, que se introduziu em muitas camadas sociais mas que só encontrou cultivadores nos bairros excêntricos da capital argentina. Felizmente, realiza-se uma eficaz obra depuradora, na qual acham-se empenhados altos valores intelectuais argentinos”.

Chega de lorota! Como vocês gramáticos são! Quando eu cheguei ao final da sua reportagem, isto é, a essa frasezinha: “Felizmente realiza-se uma obra depuradora na qual acham-se empenhados altos valores intelectuais argentinos”, comecei a rir a valer, porque me lembrei de que esses “valores” não são lidos nem pelas famílias, de tão chatos que são.

Quer que lhe diga outra coisa? Temos um escritor aqui —não lembro o nome— que escreve em puríssimo castelhano e para dizer que um senhor comeu um sandwich, operação simples, agradável e nutritiva, teve que empregar todas estas palavras: “e levou à boca um pão fatiado com presunto”. Não me faça rir, está bem? Esses valores, aos quais o senhor se refere, insisto: não são lidos nem pela família. São senhores de camisas com colarinho duro, voz grossa, que esgrimem a gramática como um bastão, e sua erudição como um escudo contra as belezas que adornam a terra. Senhores que escrevem livros de texto que os alunos se apressam em esquecer assim que deixarem as aulas, nas quais são obrigados a espremer os miolos estudando a diferença que há entre um tempo perfeito e outro mais-que-perfeito.

Estes cavalheiros formam uma coleção pavorosa de “pancudos” —me permite a palavreca?—que quando se deixam retratar, para aparecer num jornal, têm o cuidado de se colocar ao lado de uma pilha de livros, para que se comprove de cara que os livros que escreveram somam uma altura maior do que a que medem seus corpos.

Querido senhor Monner Sans: A gramática se parece muito com o boxe. Eu vou explicar:

Quando um senhor, sem condições, estuda boxe, a única coisa que faz é repetir os golpes que o professor lhe ensina. Quando outro senhor estuda boxe, e tem condições e faz uma luta magnífica, os críticos do pugilismo exclamam: “Esse homem tira golpes de “todos os ângulos!” Quer dizer, que, como é inteligente, escapa-lhe por uma tangente a escolástica gramatical do boxe. Não é exagero dizer que este que escapa da gramática do boxe, com seus golpes de “todos os ângulos”, acaba com a alma do outro, e dali que já faça escola essa nossa frase de “boxe europeu ou de salão”, isto é, um boxe que serve perfeitamente para exhibições, mas para lutar não serve de jeito nenhum, ao menos diante dos nossos garotos antigramaticalmente boxeadores.

Com os povos e o idioma, senhor Monner Sans, acontece a mesma coisa. Os povos bestas se perpetuam em seu idioma, como se, não tendo idéias novas que expressar, não necessitem de palavras novas ou variantes estranhas; mas, em compensação, os povos que, como o nosso, estão em contínua evolução, tiram palavras de todos os lados, palavras que indignam os professores, como indigna a um professor de boxe europeu o fato inconcebível de que um garoto que boxeia mal acabe com a alma de um aluno seu que, tecnicamente, é um perfeito pugilista. Isso sim; me parece lógico que vocês protestem. Têm direito a isso, já que ninguém lhes dá bola, já que vocês tem tão pouco discernimento pedagógico de não perceber que, no país onde vivem, não podem obrigar a gente a dizer ou escrever: “levou à boca um pão fatiado com presunto”, em vez de dizer: “comeu um sandwich”. Eu aposto a minha mãe como o senhor, na sua vida cotidiana, não diz: “levou à boca um pão fatiado com presunto”, mas que, como todos, diria: “comeu um sandwich”. Não é

preciso dizer que todos sabemos que um sandwich se come com a boca, a menos que o autor da frase haja descoberto que também se come com as orelhas.

Um povo impõe sua arte, sua indústria, seu comércio e seu idioma por prepotência. Nada mais. O senhor veja o que acontece com os Estados Unidos. Mandan-nos seus artigos com rótulos em inglês, e muitos termos ingleses nos são familiares. No Brasil, muitos termos argentinos (lunfardos) são populares. Por quê? Por prepotência. Por superioridade.

Last Reason, Félix Lima, Fray Mocho e outros influíram muito mais sobre nosso idioma do que todas as bobagens filológicas e gramaticais de um senhor Cejador e Frauca, Benot e todo o bando empoeirado e mal-humorado de ratos de biblioteca, que a única coisa que fazem é remexer arquivos e escrever memórias que nem vocês mesmos, gramáticos insígnies, se incomodam em ler, de tão chatas que são.

Este fenômeno nos demonstra até a saciedade o absurdo que é pretender engessar numa gramática canônica, as idéias sempre mutantes e novas dos povos. Quando um malandro que vai dar uma punhalada no peito de um comparsa, diz a ele: “vou te vou te enfiar a faca nas costelas, é muito mais eloquente do que se dissesse: “vou colocar minha adaga no seu esterno”. Quando um meliante exclama, ao ver entrar um bando de meganhas: “espionei eles de esguelha, é muito mais gráfico do que se dissesse: “às escondidas examinei os agentes policiais”.

Senhor Monner Sans: Se levássemos em conta a gramática, teriam que tê-la respeitado nossos tataravós e, em progressão regressiva, chegaríamos à conclusão de que, se aqueles antepassados tivessem respeitado o idioma, nós, homens do rádio e da metralhadora, falaríamos ainda o idioma das cavernas. Seu modesto servidor.

Q.B.S.M.

17/1/1930

## PSICOLOGIA SIMPLES DO CHATO DE GALOCHA

Você estava sentado gozando a vida mansa. Toda sua alma se dissolvia numa espécie de equanimidade que alcançava até os últimos espertalhões da terra e, à medida que desfrutava da vida mansa refestelado na mesa do café, ia dizendo para si mesmo:

— Não tem jeito: a vida tem suas partes lindas.

E outro meio litro se ia, suavemente, no boteco.

Mas exatamente ao pensar pela segunda vez: “Não tem jeito, a vida é linda”, aproximou-se um senhor, um desses malditos senhores que a gente conhece por um acaso ainda mais maldito, e o sujeito, depois de cumprimentá-lo cordialmente, sentou-se diante de você, “por um momentinho, nada mais, porque tinha muito o que fazer”.

Você se resignou, se resignou pensando que a vida já não era tão linda, porque albergava em seu seio esse monstro inexplicável que se chama chato de galocha.

Eu não sou nenhum ranzinza; pelo contrário, o espetáculo da vida me deleita, porque construí para mim uma filosofia barata que me resolve todos os problemas. Pois bem, a única vantagem que sobre a terra reconheço no chato de galocha é ter me dado assunto para escrever estas linhas, linhas sobre a personalidade do chato de galocha e seu produto: a chatice.

Porque isso de agüentar um falastrão é a coisa mais horrível que há. Precisamente, eu me encontrava na mesa de um café; tinha meio litro diante do meu nariz e contemplava as mulheres que passavam, com essa bondosa equanimidade que albergam os sujeitos que sabem que as mulheres não lhes dão bola. Mas, como ia dizendo, eu me divertia olhando-as passar e louvava a arte que o Todo-Poderoso pôs nessa costela que arrancou de nosso peito quando vivíamos no paraíso. E meu espírito estava tomado de indulgência como o do Buda sob a figueira, com a única diferença de que eu levava duas vantagens em relação ao Buda: era que estava

tomando cerveja, e em vez de me encontrar sob uma figueira que dá uma sombra ruim, via-me sob um toldo flamante e multicolorido.

De repente, um sujeito, gordo e enorme, levantou os braços diante de mim. Eu ergui a cabeça, surpreso e, agora sim que lamento não me encontrar sob a figueira! O sujeito que me cumprimentava era um solene falastrão.

Esteve duas horas me torrando a paciência. Quando foi embora, fiquei estonteado, exatamente como certo dia de verão, em que um poeta cordobês, Brandán Caraffa, leu para mim os quatro atos de um drama e três metros e meio de um poema dedicado às vacas de Siva.

Não sei porque tenho a impressão de que o chato de galocha é um sujeito meio sonso; um sonso que “produz vapor”, como diria Dickens. Porque parece absurdo que um sujeito desta classe sempre tenha um stock de besteiras para despejar assim que vê um semelhante. Parece absurdo e fastidioso.

Porque o chato de galocha não se conforma em fazer uma porção de perguntas indiscretas. Assim que solta a língua, o sujeito se esquece de que existe o tempo e o tédio e, então, para divertir seus próprios ouvidos, começa a contar histórias, e que histórias!

Por exemplo: De como sua irmã se casou contra a vontade da família com um vendedor de máquinas de costura.

Para você não interessa absolutamente nada a história da irmã do chato de galocha. Ao contrário; parece muito natural que essa tipa tenha se casado com um vendedor de máquinas, se assim desejou. Mas o maldito chato de galocha trata de fazê-lo se interessar pelo assunto. Diz que uma irmã (e vamo que vamo com a irmã). Em seguida vira o disco, e então tira do bolso um pacote de cartas, e diz que essas são as cartas da namorada, e que a namorada o ama muito, e que a namorada é uma moça de família, como demonstrarão amplamente as sessenta e duas dezenas de cartas que leva no bolso de seu paletó.

É inútil que você diga ao fulano chato de galocha que não põe em dúvida as virtudes de sua namorada; que, ao contrário, acha que ela é uma santa e digna

mocinha; o cabeçudo faz como se escutasse chover, e começa por “um paragrafozinho, nada mais” e, em seguida, como se isso não fosse suficiente, quer fazer uma confidência de caráter reservadíssimo, e diz, apesar dos gestos que você faz para evitar a confidência, que sua namorada é uma menina boníssima e virtuosa, tão virtuosa, que a primeira vez que ele a beijou na testa, ela se pôs a chorar.

Você sua sangue. E o chato de galocha continua. Em seguida fala de um cachorro que teve, e da mãe do cachorro, e da casta da cadela mãe, e dos cachorrinhos que teve, e de como ele se divertia com os cachorrinhos, e de como os cachorrinhos foram dados, e do que as pessoas diziam dos cachorrinhos no bairro, e de como uma vendedora de frutas, que queria um cachorrinho...

Finalmente, o tentador de Satanás, o Tirteafuera moderno, o chato de galocha que em tempos de Don Quixote, foi gozar do Sancho na hora de almoçar; finalmente, o falastrão inimigo de Deus, dos homens e do repouso, resolve ir embora depois de duas horas, de duas espantosas horas de conversa fiada com gestos, piscar de olhos, posturas de opereta italiana e expressões de conspirador.

Você fica extenuado. Esvasiaram seu crânio com um trépano? Vai saber o que acontece! É que o inimigo de Deus, o chato de galocha truculento dos cachorrinhos, da namorada e o diabo, deixou-o doente. E adeus paz que pensou gozar sob o toldo que fazia o papel de figueira! Adeus equanimidade universal e o regozijo na beleza das mulheres que passavam sem olhá-lo! Acabou-se tudo, pois a cabeça ficou como se a tivessem passado pela abertura de um forno de pudelagem.

12/10/1928

### **A MÃE NA VIDA E NO ROMANCE**

Lembro que quando entrou em cartaz o filme *A mãe*, de Máximo Gorki, foi num cinematógrafo aristocrático desta cidade. Os palcos transbordavam de gente elegante e supérflua. A fita interessava, sobretudo, por ser do maior contista russo, embora a tese... a tese não devia ser vista com agrado por essa gente.

Mas quando no filme se viu, de repente, um esquadrão de cossacos se precipitar sobre a mãe que, no meio de uma rua de Moscou, avançava com a bandeira vermelha, subitamente as pessoas prorromperam num grito:

— Seus vândalos! É a mãe!

Era a mãe do revolucionário russo.

Há algo de patético e de extraordinariamente encantador na figura da mãe que adora um filho. Nos contos de Máximo Gorki, por exemplo, as figuras das mães são sempre luminosas e tristes. E as avós? Lembro que Gorki, em *A história da minha vida*, descreve a avó ensangüentada pelos socos do avô, como uma figura mística e santa. O coração mais duro estremece diante dessa figura doente, mansa, que se inclina sobre a pobre criança e torna a vida menos áspera com seus contos absurdos e suas carícias angélicas.

Em Marcel Proust, romancista também, a figura da mãe ocupa muitas páginas dos romances *O caminho de Swan* e *À sombra das meninas em flor*.

Aqui, na Argentina, quem deu uma importância extraordinária à mãe foi Discépolo em seus sainetes. Por exemplo, em *Mateo* há uma cena em que a mãe, submissa à desgraça, de repente se rebela contra o marido, vociferando este grito:

— São meus filhos, sabe? Meus filhos! Meus!

Em *Estéfano* também a figura da mãe, das duas mães, é maravilhosa. Quando assistia a cena, eu pensava que Discépolo tinha vivido no arrabalde, que o tinha conhecido de perto, pois de outro modo não era possível aprofundar a psicologia apaixonada dessas mulheres que, não tendo nada na vida, depositam tudo nos filhos, adorando-os raivosamente.

Sem discussão alguma, os escritores que exaltaram a figura da mãe são os russos. Em *O príncipe idiota*, de Dostoievski, assim como nos romances *Crime e castigo* e *As etapas da loucura*, as figuras das mães traçadas ali ainda tocam o coração do cínico mais empedernido. Outro gigante que cinzelou estátuas de mães terrivelmente encantadoras é Andreiev. Em *Sacha Yegulev*, essa mulher que espera sempre a chegada do filho que foi enviado para a Sibéria, é patética. E a mãe de um



de *Os sete enforcados*? Essa velhinha que sem poder chorar se despede do filho que será pendurado dentro de umas horas? Quando se lê estas páginas de repente chega-se a compreender a dor de viver que tiveram que suportar esses homens imensos. Porque todos eles conheceram mães. Por exemplo, o irmão de Andreiev foi o que colocou a bomba no palácio do czar. A bomba explodiu fora do tempo e, esse homem, com as pernas destroçadas, foi levado à forca, procurando com os olhos encharcados de angústia à mãe e o pequeno Andreiev, que mais tarde contaria essa despedida brutal em *Os sete enforcados*.

E que história da revolução russa não tem uma mãe? Acorrentadas, foram levadas para a Sibéria; deviam depor contra seus filhos debaixo do chicote, e os que restaram não as esqueceram mais. Daí esses retratos comoventes, saturados de doçura sobrenatural e que só sabiam chorar, silenciosamente; de tanto que lhes tinham torturado os filhos!

Por que que beleza poderia haver numa mulher anciã se não fosse essa dos olhos que, quando estão fixos no filho, se animam num fulgor de juventude reflexiva e terrivelmente amorosa? Olhar que vai se abandonando na pequena consciência e adivinhando tudo o que ocorre ali. Porque existe essa experiência da juventude que se foi e deixou lembranças que agora se tornam vivas na continuidade do filho.

O filho é tudo. Lembro agora que no naufrágio do “Princesa Mafalda” uma mulher se manteve com sua criança oito horas na água. Oito horas! Na água gelada, com uma criança entre os braços. Oito horas! Quando, finalmente, lhe jogaram um cabo e a içavam, um vândalo, de um só golpe, fez o filho cair na água, e essa mulher enlouqueceu. Digo que diante dessa mãe a gente devia se colocar de joelhos e adorá-la como o mais magnífico símbolo da criação. O mais perfeito e dolente.

E esta terrível beleza da mãe tem que se esparramar pelo mundo.

Salvo exceções, o homem ainda não se acostumou a ver na mãe a não ser como uma mulher velha e acabada pelo tempo. É preciso que esta visão desapareça, que a mãe ocupe no lugar do mundo um posto mais encantador, mais fraternal e doce.

Eu não sei. Há momentos em que me digo que isso fatalmente deve ocorrer, que até agora temos vivido todos como engeguecidos, que temos passado junto às coisas mais belas da terra com uma espécie de indiferença de proto-homens e que ainda faltam muitos altares no templo da vida.

E como muitas outras coisas, esta exaltação da mãe, esta adoração da mãe, chegando quase ao religioso, devemos aos escritores russos. Cada um deles, na prisão ou na terrível solidão da estepe, caindo de cansaço e de tristeza, de repente teve, diante dos olhos, essa visão da mulher, “carne cansada e dolorosa”, que mais tarde, invisivelmente inclinada sobre suas costas, dita-lhes as mais encantadoras páginas que foram dadas aos nossos olhos.

18/6/1929

### **O ESPÍRITO DA CORRIENTES NÃO MUDARÁ COM O ALARGAMENTO**

É inútil, não é com um alargamento que se muda ou se pode mudar o espírito de uma rua. A menos que as pessoas acreditem que as ruas não tenham espírito, personalidade, idiosincrasia. E para demonstrá-lo, vamos percorrer a Corrientes.

A Corrientes tem uma série de aspectos dos mais opostos e que não se justifica numa rua.

Assim, de Rio de Janeiro a Medrano, oferece seu primeiro aspecto. É a rua das queijarias, dos depósitos de cafeína e as fábricas de moinhos. É curiosíssimo. Num trecho de dez quadras contam-se numerosas fábricas de instrumentos de sopro. O que é que levou os industriais a se instalarem aí? Vai saber! Depois vem as fundições de bronze, também em abundância alarmante.

De Medrano a Pueyrredón a rua já perde personalidade. Dissolve-se esta nos incontáveis comércios que a ornamentam com seus toldos. Se converte numa rua vulgar, sem características. É o triunfo da penúria, do comércio a varejo, cuidado pela esposa, pela avó ou pela sogra, enquanto o homem trota ruas procurando se virar.

De Pueyrredón a Callao acontece o milagre. A rua se transfigura. Se manifesta com toda sua personalidade. Coloca-a em destaque.

Neste trecho triunfa o comércio de roupas e tecidos. São turcos ou israelitas. Parece um pedaço do gueto. É a apoteose de Israel, de Israel com toda sua atividade exótica. Ali encontra-se o teatro judeu. O café judeu. O restaurante judeu. A sinagoga. A associação de Joikin. O Banco Israelita. Ali, no espaço de doze ou quinze quadras o judeu construiu sua vida autêntica. Não é a vida da rua Tacahuano ou Libertad, com seu brechó e alfaiate como único comerciante. Não. Israel oferece à vida todo seu comércio variado e fantasioso. Comerciantes de tecidos, perfumistas, eletricitistas, engraxates, cooperativas, um mundo russo-hebraico se move nesta veia das quais as artérias subjacentes são desafogos e moradias.

O turco domina pouco ali. Sua sede são certas ruas laterais e mais na proximidade de Córdoba e Viamonte que na de Corrientes.

A verdadeira Corrientes começa para nós em Callao e termina em Esmeralda. É o miolo portenho, o coração da urbe. A verdadeira rua. A rua com a qual sonham os portenhos que estão nas províncias. A rua que arranca um suspiro dos desterrados da cidade. A rua que se ama, que se ama de verdade. A rua que é linda de percorrer de ponta a ponta porque é rua de vadiagem, de malandragem, de esquecimento, de alegria, de prazer. A rua que com seu nome torna lindo o começo desse tango:

*Corrientes... tres, cuatro, ocho.*

E é inútil que tratem de reformá-la. Que tratem de torná-la decente. Rua portenha de todo o coração, está impregnada tão profundamente desse “nosso” espírito, que embora podem as casas até os alicerces e joguem criolina em toda a superfície, a rua continuará sendo a mesma... a reta onde a vadiagem é bonita e onde até o mais inofensivo infeliz se dá ares de valentão e de farrista aposentado.

E este pedaço é lindo, porque parece dizer ao resto da cidade, séria e grave:

— Estou me lixando para a seriedade. Aqui a vida é outra.

E verdade que ali a vida é outra. É outra especificamente. As pessoas mudam de pelagem mental assim que passa de uma rua morta para esta onde tudo grita sua insolência, desde o engraxate que vos oferece um “trago” até a manicure que na porta de uma barbearia conversa com um comediante, com um desses comediantes cujas faces flácidas têm um reflexo azulado e que se acreditam gênios em desgraça, sem ser desgraçados por isso.

Linda e brava rua.

Entre os edifícios velhos que a estreitam, se exibem as fachadas dos edifícios de apartamentos novos. Edifícios que deixaram de ser novos assim que foram colocados para alugar, porque foram invadidos por coristas e ex-atrizes e autores, e gente que não tem nada a ver com os autores e que no entanto são amigos dos autores, e comediantes, comediantes de todas as feições, e cômicas, e damas que nada têm que fazer com Talma nem com a comédia, nem com a tragédia, a não ser a tragédia que passam na hora do prato de lentilhas.

E o que dizer de suas “orquestras típicas”, orquestras vagabundas que fazem ruídos endiabrados nos “foles”, e de seus restaurantes, com congros ao gelo e polvos vivos nas vitrines e lebrachos para enlouquecer os famintos, e seus cafés, cafés onde os meganhas sempre detêm alguém, “alguém” que segundo o garçom, é “pessoa de boa família”.

Rua da galanteio organizado, dos desocupados com dinheiro, dos sonhadores, dos que têm uma “condicional” e se cuidam como a mãe cuida da criança, este pedaço da Corrientes é o miolo da cidade, a alma dela.

É inútil que seja decorada por fábrica de móveis e lojas. É inútil que a seriedade trate de se impor à sua alegria profunda e multicolor. É inútil. Por cada edifício que botam abaixo, por cada flamante arranha-céu que levantam, há uma garganta feminina que canta em voz baixa:

*Corrientes... tres, cuatro, ocho...  
segundo piso ascensor...*

Esta é a alma da Corrientes. E não a mudaram nem os vereadores nem os construtores. Para isso terão que apagar de todas as lembranças, a nostalgia de :

*Corrientes... tres, cuatro, ocho...  
segundo piso ascensor...*

25/7/1928

### **A VIDA CONTEMPLATIVA**

Para se dedicar à vida reles-contemplativa, é preciso ter vocação, vale dizer, é preciso esgunfiarse, estar pelas tampas.. Não conheço no léxico castelhano um vocábulo que encerre tão profundo significado filosófico como o verbo reflexivo que acabo de citar, e que pertence ao nosso reles falar.

O esgunfiado —não confundir— não é aquele que se faz de morto. Não. Tem pinta diferente; ganas subjetivas; diferentes. Fraquezas dessemelhantes. O que se esgunfia é um “biltre” filosófico que tem esta razão obscura para toda e qualquer pergunta que se fizer a ele:

— Me esgunfiei.

E ao responder assim, estica a fuça numa expressão super-azedada de tédio.

Um dia deixou de fazer ato de presença na oficina. Acordou e sua primeira bronca foi dar uma mordida na bombilha de mate e dizer, recusando o mate:

— Estou pelas tampas. Este mate acaba comigo.

Em seguida virou a cabeça para a parede; cobriu a juba com o lençol e ferrou no sono até as três da tarde. Às três, se levantou, vestiu a fatiota de ver Deus e, com passo vagaroso, entrou no café da esquina. E os amigos, ao vê-lo, lhe perguntaram:

— Não foi pegar no batente?

— Não, me esgunfiei.

E silenciosamente mandou ver no café, entre o olhar de pouco caso do garçom, que pensou:

— Outro vadio liso. Que bairro de lambaris, este aqui! (Explicação técnica de lambarizada: peixes que abundam nas margens de água suja.)

No dia seguinte repetiu o programa “farnientesco”. A velha olhou-o de soslaio e disse timidamente:

— Não vai trabalhar?

E o outro, carrancudo, respondeu:

— Não; estou esgunfio de tanta oficina.

E a irmã virou para o lado da cozinha, pensando:

— Este também se encheu. Feito o Juancito. (Juancito é seu namorado)

Durante a semana, enquanto jantavam, o velho, que com a concha enchia o prato de sopa, disse:

— Então não vai mais na oficina, hein?

— Não, me enchi.

O “velho” deteve um instante a concha no ar; moveu a cabeça raspada à la Humberto “primo”, coçou os bigodes e, em seguida, arrancando meio pão, encheu a boca de miolo.

E todos rangaram em silêncio.

E o vadio não trabalhou mais.

Desde então, não pega no batente. Seu trabalho se limita a esgunfiarse. Se levanta às dez da manhã, põe o “fungi” (como se diz) e sai até a esquina para se apoiar no balcão do armazém. Das dez às onze, toma sol. Quietos como um lagarto, fica encostado na parede, com os pés cruzados, os cotovelos apoiados no peitoril da vitrine, a aba do chapéu lhe defendendo os olhos; uma careta amarga jogando seus dois catetos da ponta do nariz aos dois vértices dos lábios; triângulo de expressão mafiosa que se descompõe para cumprimentar insignificamente alguma vizinha.

O dono do armazém o esnoba, lá do outro lado do vidro e atrás da grade do caixa, e pensa, maldizendo-o:

— Estes filhos do país...

Ele odeia os filhos do país. Odeia-os porque se fazem de mortos, porque se enchem, porque não trabalham. Gostaria de ver metade da terra transformada num armazém e a outra metade em empregados dela. Em seguida inclina a “cachola” sobre o Haver e assina um cheque, regozijado de sua prosperidade e de não ter se esgunfiado nunca desse negócio de batente, que começa às cinco da manhã e termina à meia-noite.

Aquele que se entedia, de pé junto do balcão, agora bate-papo com outro vadio. Esse não se esgunfiou nunca. Mas, em compensação, se fez de morto. Assim, à toa. Por prepotência. “Os outros que trabalhem!” Os dois vadios intercambiam palavras preguiçosas. Lentas. Palavras que são assim: “Te disse que estive na casa do Pedro?” E pouco depois, novamente: “Te disse? Vi o Pedro”. E depois de quinze minutos: “O Pedro está bem, sabe?” E depois de outros cinco minutos: “E o que é que o Pedro te disse.” Diálogo preguiçoso, com as faccias amarfanhadas, o nariz como que farejando a proximidade da fera: trabalho; os olhos rebotados sob as pálpebras na distância das árvores verdes que decoram a viela do bairro-lambari.

À tarde, de cada biboca sai um destes biltres. As mulheres fazem a Singer ranger eles, com lento balançar, saem para o café. Sempre há no café um que tem vinte pratas. Esse é o que toma café. Outros sete amigos vadios formam uma roda em torno da mesa e só pedem água. O garçom espreita, resignado. Que destino o seu! Em vez de ser empregado do Hotel Plaza, ter caído nesse antro de ladrões! Bom, os triunfos magníficos não estão concedidos a todos. E o garçom avinagra o gesto num pronunciamento mental de um palavrão. E na mesa corre a pachorra deste diálogo:

— Te disse que vi o Pedro? —Silêncio de cinco minutos. — E o que o Pedro te disse? —Outros cinco minutos de silêncio. —Então você viu o Pedro? —Outros dez minutos de silêncio. —Vi o Pedro ontem. —Outros cinco minutos de silêncio. —E o Pedro, o que te contou?

São os esgunfiados. A preguiça lhes roeu o tutano. Estão tão entediados que, para falar, tiram férias de minutos e licenças de quinze minutos. São os esgunfiados.

Os que não fazem nem o bem nem o mal. Os que não roubam nem fraudam. Os que não jogam nem apostam. Os que não passeiam nem se divertem. Estão tão esgunfiados que, apesar de ser uns molengas, poderiam ter uma namorada no bairro, e não tem; é que é muita peleja isso de ir papear na porta e jogar conversa fora com o velho; estão tão esgunfiados que a única coisa a que aspiram é uma tarde eterna, com um remoto pôr-do-sol, uma mesinha sob uma árvore e uma jarra d'água para a sede.

Na Índia, estes vadios teriam sido discípulos perfeitos de Nosso Senhor, o Buda, porque são os únicos que entre nós conhecem os mistérios e as delícias da vida contemplativa.

7/1/1930

### **CANDIDATOS A MILIONÁRIOS**

Não há hoje um só imbecil que haja aplicado dez centavos numa assinatura coletiva para comprar um vigésimo do bilhete de dois milhões, que não se considere com direito a olhá-lo por cima do ombro, diante da ridícula perspectiva de uma impossível riqueza. Senão, caminhe pelo centro e preste atenção. Diante das vitrines das agências de automóveis, há, parados, a toda hora, maltrapilhos inverossímeis, que ficam espiando uma máquina de dez mil para cima e pensam se essa é a marca que lhes convém comprar, enquanto espremem no bolso a única moedinha que lhes servirá para almoçar e jantar num bar automático.

Uma febre surda se apoderou de todos os que dão duro nesta população. A esperança de se enriquecer mediante um desses golpes de sorte com que o acaso cai na cabeça de um infeliz, transformando-o, da noite para o dia, de carvoeiro no habitante perpétuo de um Rolls-Royce ou de um Lincoln.

Febre que se transforma em adesão em todos os escritórios; febre que contagia os homens sossegados e os raciocínios fossilizados; febre que começa no moleque de recados mais insignificante e termina, ou culmina, no presidente de qualquer XX Company.



É a coisa mais curiosa, esta sugestão coletiva. Durante o ano todo joga-se na loteria, mas ninguém se preocupa. Os aficionados à jogatina legal, vão e compram seu bilhete sem dizer nem A nem B; além do mais, no escritório, na hora do chá, soltam isto, como quem não quer nada:

— Hoje joguei na quina, pra ver se consigo pagar o alfaiate, ou fazer um terno.

E você pode observar que o aficionado não espera tirar uma fortuna, e sim que limita suas mais extraordinárias ambições a ganhar uns duzentos pesos, convencido de que nunca sairá desse trilho de mixaria em que seu destino arruinado o colocou.

Pois bem; este senhor, que durante o ano todo limitou as ambições que tinha de ganhar para comprar um terno ou um jogo de gravatas, agora, da noite para o dia se transforma numa fera insaciável, e a única coisa com que se conforma é... com um milhão. Um milhão!

O fenômeno se estende pelas mais diferentes classes sociais. Temos ali, por exemplo, o candidato a proprietário; o “duro” que comprou um lotezinho de terra na Villa Soldati ou em La Mosca, vilarejos que são o inferno na Terra ou o Saara enxertado nos arredores de Buenos Aires. Pois bem, esse tipo, que na luta pela vida sempre se sentiu forçado: esse tipo que limitou suas aspirações a um terreno que tenha a superfície de um lenço ou um lençol de solteiro; esse bom senhor de olhos chorosos, ponta do nariz avermelhada, mãos sempre úmidas de um suor frio, encurvado a la Rigoletto; esse senhor, hoje, bruscamente, se endireitou e, em vez de andar perambulando por La Mosca ou por Villa Soldati, abandona os extramuros e transforma em seu raio de ação o bairro Norte ou a Avenida Alvear.

E não pensem que passeia. Não. Ele tem um palpite (esta é a época em que todos têm palpites), tem o palpite de que o bilhete que compraram no escritório vai sair com os dois milhões. E, de repente, a modéstia que impregnava seus sonhos, a dourada mixaria que decorava suas ambições de eterno pobretão, se derreteram como um sorvete ao sol, e agora o tipo não quer saber nem em sonho de La Mosca

ou Villa Soldati. Repudia de cara os bairros chinfrins, as quinze quadras que há da casa de chapas de zinco até a estação e se sente chamado a um futuro mais encomiável e, com o único e firme propósito de comprar um terreno ou um sobrado na Avenida Alvear, passeia por ela. E até encontra defeitos nos palácios que ostentam a placa de leilão judicial; e até já adquire um sentido arquitetônico, porque diz, para seus botões, que esta casa está mal situada porque não bate sol nela e aquele outro terreno é estreito para fazer nele uma garage onde possa entrar seu automóvel vagão.

E estes são os tempos em que não há ordenança que não se ache com direito a pilotar um Hudson. É a época em que nos lares mais pobrezinhos chega o “velho” e, secando com um lençol o suor da cachola, exclama:

— Ah! Se tiramos a sorte grande!

E o eco responde, esperançoso:

— Ah! Se ganhássemos!

Realmente, é triste que por este dinheiro porco todos estejamos penando. Uns mais, outros menos. Uns para realizar grandes projetos, outros para precisamente todo o contrário: não realizar nunca nada, nunca.

Depois, há outra coisa muito séria. Para muita gente, para que serviria ganhar um milhão? Para nada. Que fariam com o dinheiro? Não trabalhar, se entediar, adquirir vícios estúpidos, olhar as fachadas das casas, pegar uma sessão, e isso é tudo. A maioria dos indivíduos que sonha em ter um milhão, acredite, não estão capacitados nem para ter mil pesos no bolso. Perderiam a cabeça em seguida.

E tanto é assim, que há sujeitos que ficam loucos quando ganham, não um milhão, mas cinqüenta mil pesos. Há dois anos atrás, vários ricos feitos pela loteria, se espatifaram contra as colunas que servem para iluminar os tipos que passam ruminando maldições na escuridão da noite.

De modo que você não tenha muitas ilusões com o milhão. Com ou sem milhão, você, se é um entediado, vai se encher da mesma maneira. Os únicos que mereceriam ganhar o tal milhão, se há um destino inteligente, são os apaixonados.

Isso sim, porque, pelo menos, durante uns dias, seriam na vida perfeitamente felizes. E meu desejo é que lhes caia uma parte bem na cabeça, num desses casais que nos trezentos e sessenta e cinco dias do ano comentam com palavra modesta:

— Se tivéssemos mil pesos poderíamos casar. Trezentos pro jogo de sala de jantar, trezentos pro dormitório.

Pobre gente! Essa sim que mereceria um tiquinho de fortuna, de sorte, de golpe de sorte.

21/12/1929

### GANGUE

Não me refiro ao magnífico tango de De Caro, que é o que há de mais carcerário e mafioso que conheço em questão de milongas. Tango lindo demais para ser tango; tango onde ainda persiste o cheiro de fera e o tumulto raivoso do “xadrez”. O que lamento é não conhecer a letra. Não importa. Vamos ao que interessa.

Começa com estas únicas palavras de que me lembro: “Por tuas gangues, você se perdeu”. Facinerosa realidade das “gangues”. Perdição autêntica. “Por tuas gangues”, quantos na prisão!

Começaram de pirralhos a se dar com adultos. Com adultos assassinos, ladrões, escrunchantes e lanceiros. Com descuidistas e furqueiros, com moços “atrevidos” e “mãos leves”! Só vendo o que significa isso de “atrevido” e “mão leve”! Em idioma caseiro, atrevido e mão leve é um qualificativo ingênuo, na gíria, quando um homem do meio diz de um fulano que é “atrevido” ou “mão leve”, é como se dissesse... Bom, continuemos.

Começaram de pirralhos. O velho, pedreiro; a mãe, lavadeira. Começaram de pirralhos. Sempre estacionados no boteco da esquina, onde tomavam sol. Aqueles mais velhos que tinham um prestígio tremendo, tanto prestígio que os remelentos se aproximavam sozinhos da mesa onde se carteava um monte com lance ou um truco com refrão. Aqueles, molengas e silenciosos, a guimba pendurada no vértice do

lábio, o facão assentando-se nos rins, algumas vezes contando histórias, agindo sempre mais que falando; eles, os pirralhos, criando admiração, odiando a “cana”, sonhando com esse xadrez onde se ensinava a roubar, onde os vivaldinos agarravam um “bocó” para lhe ensinar a “lancear” colocando talas nos dedos durante vinte e cinco horas, aprendendo assim os procedimentos para esconder a gaita, para simular a doença, aprendendo o “vademecum” do perfeito ladrão e safado, se extasiando como diante de histórias dignas da imortalidade, frente aos delitos do vesgo Arévalo, do Inglesito, de todos os que foram e já não são.

Desde pirralhos começaram na “ganguê”. Depois foram se desgarrando. Primeiro foi um roubinho insignificante: duas gravatas num turco que vendia meias e rendas; depois venderam jornais por três dias e se deram conta que vender jornais não era sopa. Largaram o jornalismo para se meter decididamente no “descuido” e começaram a bater carteiras nas feiras, a levar as burras dos botecos, e depois a vender frascos de água de colônia que não era nem colônia nem muito menos água suja. Foram em cana uma vez; depois se juntaram com malandros maiorzinhos e, numa batida, caíram na delegacia. Com trinta dias, saíram. Ou para o Reformatório; e no Reformatório, em vez de se reformar, ficaram amigos de safados pur-sang, de assassinos embrionários e assaltantes em flor, e sobre Reformatório e leis e juiz de menores, aprenderam de memória que o juiz pode ser um otário, que o único que merece respeito é o fiscal e o defensor, e nem de brincadeira pensaram em trabalhar, que o trabalho não tinha sido feito para eles que tinham sangue e instintos de feras, através de três gerações de pais degenerados. E um ano de academia criminal no Reformatório, lhes serviu para se orientar definitivamente, e quando saíram ou fugiram e chegaram no bairro, já os maiorzinhos, aqueles que não tinham ido ainda para o presídio de Ushuaia, os empregaram como campanas e saíram para correr a “lança” em bondes e trens. Se tornaram célebres. Ouviram frases como esta, de um lanceiro, que dizia a um cidadão que tinha encontrado a mão de um gatuno no seu bolso:

— Deixa ele, senhor, que é aprendiz.

Ou também aquela outra de um batedor de carteira que jogou na cara de um assaltado:

— Do que está reclamando, infeliz? Se você é mais duro que um uma pedra.

A mãe chorava de pena. Sempre dizia:

— Não é que eu não lhe tenha ensinado o bem, não. São a má companhia. A “ganguê”.

Pobre velha: as más companhias. Ou senão:

— Não é ele, que é bom. São os amigos... “esi furbanti”. Sempre, sempre eles... arrastam ele... que é bom... tem um bom coração...

Pobre velha, engrupida pelo filho malandrão achando que o filho é bom! Lembro que uma noite, numa ladra tertúlia, me contava um facínora que noticiado um velho de que o filho tinha sido detido numa indagação de assalto, aquele se apresentou na delegacia, perguntando pelo menor, nestes termos:

— Onde está meu Anquelito?...

— Outro Anquelito!... Anquelote, ficou sendo seu filho!...

Os velhos são os únicos que não acreditam na malandragem do filho. São os únicos que respondem, a qualquer má lembrança:

— Não é ele, são as companhias que o arrastam.

Vocês se lembram de Cantizano, o que matou o alfaiate Fábregas a marteladas, na companhia de outro “menininho” estupendo? Pois a pobre mãe ainda acredita que o filho é bom. Acredita que são os amigos que o levaram para a ruína...

Bom, para isso são mães. Para isso sofreram para criá-los. Para isso passaram noites sem dormir, beijando esses pirralhinhos que mais tarde seriam grandes, facínoras, turbulentos, azedos, malvados. Para isso são mães; para isso pariram, com dor e miséria.

Explica-se que digam: “Não são eles... são os amigos, a “ganguê”.

2/2/1930

## **SOBRE A SIMPATIA HUMANA**

Você caminha pela rua, e todas as pessoas são aparentemente iguais. Mas essa gente se põe em contato com você e, de repente, sente que se desconcerta, que a vida dos próximos é tão complicada como pode ser a sua e que, continuamente, em todas as direções, há espíritos que lançam a toda hora seu S.O.S. Escrevo isso porque hoje fiquei caviloso frente a uma porção de cartas que recebi.

Quando um autor começa a receber cartas, não encontra diferença entre uma e outra. Todas são cartas. Depois, quando se acostuma, esta correspondência vai adquirindo uma face completamente pessoal. O autor perde sua vaidade e, em cada carta, encontra um tipo interessante de homem, de mulher, de alma...

Há leitores, por exemplo, que escrevem para a gente cartas de quatro, cinco, sete, nove laudas. Você se desconcerta. Diz para si: Como este homem se incomodou em perder tanto tempo em falar com alguém por escrito? Não se trata de um homem que escreve por escrever; não. É um indivíduo que tem coisas para lhe dizer, um espírito que vai através da vida pensando coisas.

Eu recebi cartas curiosas. Em algumas me formulam casos terríveis de consciência, atitudes para assumir diante da vida, destinos a cortar ou reatar. Em outras cartas só recebi uma mostra desinteressada e belíssima de simpatia. São as que mais me comoveram. Gente que não tinha nada de especial para me dizer, a não ser a cordialidade com que seguiam meu esforço cotidiano. Alguém poderá me dizer por quê isso me preocupa. Mas assim como não posso deixar de escrever sobre um livro encantador, tampouco posso deixar de falar de gente distante que não conheço e que, com caneta ágil às vezes, ou mão torpe outras, se senta para escrever para me mandar sua ajuda espiritual.

Abri uma carta de nove laudas. O autor demorou uma hora para escrevê-la, no mínimo. Deti-me numa carta de uma moça, que a cada quinze dias me manda umas linhas. Não deve ter nada que fazer ou, de que modo deve se entediar, para me escrever sincronicamente seus pensamentos deste modo tão matemático. Rasgo o envelope de outra, é um bilhete que parece escrito com pincel, letra de homem que

manejaria com mais habilidade um martelo ou pincel do que uma caneta. Me envia suas palavras simples com uma amizade tão forte que gostaria de apertar sua mão. Em seguida, um fino envelope marrom; um cabeçalho: “Mar del Plata”. Fala do meu romance; depois, duas cartas escritas à máquina; uma datilógrafa e um rapaz, ambos devem ter aproveitado um intervalo no escritório para se comunicar comigo. Em seguida, outra à lápis, em seguida, outra com um timbre de escritório comercial, um senhor que me propõe fazer uma distinção entre dois estados civis igualmente interessantes...

E assim todos os dias, todos os dias...

Quem são estes que falam com a gente, que escrevem para a gente, que durante um momento abandonam, de qualquer canto da cidade e à distância “sua não existência” e, com algumas folhas de papel, com algumas linhas, lhe fazem sentir o mistério da vida, o ignoto da distância?...

Com quem a gente fala? Eis aqui o problema. Se nunca escrevessem para a gente, talvez existisse esta preocupação: “Não interesse às pessoas”. Mas, estes homens e mulheres sempre inovadores; estas cartas, que sempre se aproximam, em sua quase totalidade, para bradar sua simpatia, inquietam a gente. Experimenta-se o desconcerto de que numerosos olhos o estão olhando, porque sempre que a gente escreveu uma carta, e sabe que deve ter chegado, pensa o seguinte:

“O que terá dito do que lhe escrevi?”

Efetivamente, a gente não sabe o que dizer. Um leitor me diz: “Envio-lhe a presente por simpatizar com a sua maneira de ser para com o próximo”. Outro, pede que eu me dirija ao elemento obreiro com minhas notas. Outra, faz uma paródia da carta que me foi escrita pelo “adolescente que estudava lógica”, acrescentando: “diga ao desenhista que reproduza o desenho que ilustrava essa nota, acrescentando às víboras e aos sapos, um punhado de rosas”.

De repente, tenho uma sensação agradável. Penso que todos estes leitores se parecem pela identidade do impulso; penso que o trabalho literário não é inútil,

penso que a gente se equivoca quando só vê maldade em seus semelhantes, e que a terra está cheia de lindas almas que só desejam se mostrar.

Cada homem e cada mulher encerra um problema, uma realidade espiritual que está circunscrita ao círculo de seus conhecimentos e, às vezes, nem a isso.

Até me ocorre que poderia existir um jornal escrito unicamente por leitores; um jornal onde cada homem e cada mulher pudesse expor suas alegrias, suas tristezas, suas esperanças.

Outras vezes, me pergunto:

“Quando aparecerá neste país, o escritor que seja para os que lêem uma espécie de centro de relação comum?”

Na Europa existem estes homens. Um Barbusse, um Frank, provocam este maravilhoso e terrível fenômeno de simpatia humana. Fazem com que seres, homens e mulheres, que vivem sob diferentes climas, se compreendam à distância, porque no escritor se reconhecem iguais; iguais em seus impulsos, em suas esperanças, em seus ideais. E até se chega a esta conclusão: um escritor que seja assim, não tem nada a ver com a literatura. Está fora da literatura. Mas, em compensação, está com os homens, e isso é o necessário; estar em alma, com todos, junto a todos. E então se terá a grande alegria: saber que não se está só.

Na verdade, restam muitas coisas encantadoras, ainda, sobre a terra.

31/1/1930

### **O TÍMIDO CHAMADO**

“Enquanto banho meus olhos doentes com um negro colírio”, escreve Horácio, na quinta epístola do livro primeiro de *As Sátiras*.

Indubitavelmente, estou obcecado pela Oftalmologia. A única coisa que me consola é que, faz um montão de séculos, um poeta romano tenha passado por maus bocados como eu; mas como não vou passar a vida falando de coisas pestilentas, entremos, pois, a tratar do homem do tímido chamado... e verão que vale a pena.



Apesar de estar transitoriamente vesgo (não sei se me deixarão definitivamente, meus três amigos, os oftalmologistas), com o único olho em disponibilidade ando pela rua vendo tudo o que me importa, e o que não me importa também.

Pois bem; hoje ao meio dia e meia fui testemunha deste insignificantiíssimo fato, que revela todo um mundo.

Um rapaz de vinte e três ou vinte e cinco anos, mal vestido, de expressão inteligente, se aproximou de um suntuoso portal na rua Charcas e tocou a campainha duas vezes. Agora, se vocês tivessem observado com que timidez o homem apertou o botão; com que prudência, depois de tocá-lo se retirou do portal e tirou uma carta do bolso; se vocês tivessem visto isto, compreenderiam de sobra que esse rapaz ia à tal casa para pedir alguma coisa, e pedir com timidez; porque os que não vão pedir costumam tocar a campainha até descarregar a bateria.

Tão tímido chamado me emocionou. Compreendi toda a tragédia que se encerrava nele; porque só aquele que tiver passado amargos momentos na vida sabe de que modo o dedo se apoia na campainha onde mora um peixe graúdo influente ou um tubarão voraz. Um senhor amigo me acompanha e, ao lhe fazer a observação sobre de que modo o tal rapaz tinha tocado, respondeu:

— A mesma suposição que o senhor está fazendo, acabo de fazê-la eu.

E nos detivemos para esperar no meio-fio, para ver o que iria acontecer.

Saiu, depois de um minuto, o porteiro, e o rapaz cumprimentou-o cortesmente. O outro olhou-o, pegou a carta e voltou a fechar a porta na cara do pretenso postulante. Sempre é assim. Aquele que está mais abaixo é o mais duro com aquele que precisa de alguma coisa.

Os tubarões, os abutres e os peixes graúdos têm sempre um verniz de cultura que faz atender com uma deferência que, embora fria, é sempre deferência, o postulante.

Em compensação, o porteiro do abutre ou do tubarão, não. É o mais inexorável com o postulante. É o ponto trágico deste. Enfrentar o porteiro é o

momento mais doloroso na via crucis daquele que tem de pedir algo, se suas botinas estão escalavradas e seu terno sem brilho ou gasto nos cotovelos.

O porteiro nunca responde ao cumprimento que lhe faz um homem mal vestido. E não só não responde, como, além disso, fecha a porta na cara dele, como se estivesse temeroso de que furtasse algo do hall.

Quando o porteiro vislumbra o postulante, a primeira coisa que ele faz é pôr a mão na maçaneta da porta e olhar as botinas do infeliz. E, depois de olhar as botinas, pega a carta, observa-a dos dois lados, fecha a porta e desaparece.

Este olhar gela o coração do postulante. Compreendeu que seu primeiro inimigo, que o primeiro que lhe negará o copo d'água, é este mal-educado que por acaso anda nas duas pernas.

E assim que a insultante catadura do porteiro desaparece, produz-se no postulante uma terrível emoção depressiva. Agora sente que está na rua, na rua da cidade, porque não há coisa mais humilhante que esta: esperar diante de uma porta fechada, sabendo que as pessoas que passam o olham e adivinham que ele foi ali para pedir alguma coisa. É um minuto, dois minutos, mas dois minutos parecidos com os que passaria uma pessoa decente amarrada ao pelourinho, exposta a todos os olhares que a desnudam, que a medem e lhe destinam um canto no inferno da infelicidade.

E enquanto esses minutos passam, o postulante pensa na acolhida que lhe dará o abutre; cavila se o receberá ou não, e de que modo, se o receber; e até prepara as frases com que fará seu pedido. Dolorosíssima situação; neste intervalo, a alma do homem se satura de esperanças e de amargura; sabe que todas suas humilhações são inúteis, que essa carta, que o porteiro recebeu sem nenhum entusiasmo, não pesará nada em seu destino e, no entanto, como um naufrago, se aferra a essa única tábua, porque todo homem, na realidade, não poderia viver se não tivesse agarrado com os dentes a uma mentira ou a uma ilusão.

Lembro que um insigne pilantra me dizia uma vez:

— Se quer que o tratem com respeito, não se esqueça de ter sempre no armário um terno novo e sapatos flamantes. Morra de fome, mas que não lhe faltem luvas nem bengala. Se barbeie, se não tiver navalha, com um vidro, e passe, em vez de talco, qualquer composto de polir metais; mas se for pedir alguma coisa, vá com a excelência de um grande senhor e a insolência de um príncipe. As pessoas, neste país, só respeitam os insolentes e os mal-educados. Se você entra num juizado ou numa delegacia falando duro e sem tirar o chapéu, todos vão atendê-lo cortesmente, temerosos de que você seja algum bandido que atua na política.

A mesma coisa acontece com os porteiros. Só respeitam os sapatos bem engraxados e o terno novo. Já sabe, amigo postulante, peça; mas peça com orgulho, como se fizesse um favor àquele a quem vai pedir algo.

10/7/1929

### **A TRAGÉDIA DO HOMEM QUE PROCURA EMPREGO**

A pessoa que tiver o saudável costume de levantar cedo e sair de bonde para trabalhar ou tomar a fresca, terá às vezes observado o seguinte fenômeno:

Uma entrada de casa comercial com a porta de aço meio corrida. Diante da porta de aço e ocupando a calçada e parte da rua, há um punhado de gente. A multidão é variada no aspecto. Há baixos e altos, saudáveis e aleijados. Todos têm um jornal na mão e conversam animadamente entre si.

A primeira coisa que ocorre ao viajante inexperiente é que ali ocorreu um crime transcendental, e sente a tentação de ir engrossar o número de aparentes curiosos que fazem fila diante da porta de aço, mas depois de refletir um pouco percebe que o grupo está constituído de gente que procura emprego, e que atendeu ao chamado de um anúncio. E se é observador e se detém na esquina, poderá apreciar este comovedor espetáculo.

Do interior da casa semiblindada saem, a cada dez minutos, indivíduos que têm o aspecto de ter sofrido uma decepção, pois ironicamente olham para todos os

que os rodeiam e, respondendo raivosa e sinteticamente às perguntas que lhes fazem, se afastam ruminando desconsolo.

Isto não faz desmaiar os que ficam, pois, como se o ocorrido fosse um estímulo, começam a se empurrar contra a porta de aço e a dar cutucões e pisões para ver quem entra primeiro. De repente, o mais ágil ou o mais forte escorrega para dentro e o resto fica olhando a porta, até que aparece em cena um velho empregado da casa que diz:

— Podem ir embora, já contratamos.

Esta incitação não convence os presentes, que, esticando o cangote sobre o ombro de seu companheiro, começam a soltar desaforos desavergonhados e a ameaçar quebrar os vidros do estabelecimento. Então, para esfriar os ânimos, em geral um robusto porteiro sai com um balde d'água ou armado dum vassoura e começa a dispersar os amotinados. Não é exagero. Já muitas vezes se fizeram denúncias semelhantes nas delegacias sobre esse procedimento expeditivo dos patrões que procuram empregados.

Os patrões argumentam que eles, no anúncio, pediram expressamente “um rapaz de dezesseis anos para fazer trabalhos de escritório”, e que em vez de se apresentarem candidatos dessa idade, o fazem pessoas de trinta anos, e até mancos e corcundas. E isso é em parte verdade. Em Buenos Aires, “o homem que procura emprego” veio a constituir um tipo sui generis. Pode-se dizer que esse homem tem o emprego de “ser homem que procura trabalho”.

O homem que procura trabalho é freqüentemente um indivíduo que oscila entre os dezoito e os vinte e quatro anos. Não serve para nada. Não aprendeu nada. Não conhece nenhum ofício. Sua única e meritória aspiração é ser empregado. É o tipo do empregado abstrato. Ele quer trabalhar, mas trabalhar sem sujar as mãos, trabalhar num lugar onde se use colarinho; em resumo, trabalhar “mas entenda bem... decentemente”.

E um belo dia, dia distante, se é que chega, ele, o profissional da procura de emprego, se “coloca”. Se coloca com o salário mínimo, mas que lhe importa. Agora

poderá ter esperança de se aposentar. E a partir desse dia, calafetado em seu canto administrativo, espera a velhice com a paciência de um beneditino.

O trágico é a procura de emprego em casas comerciais. A oferta chegou a ser tão extraordinária, que um comerciante amigo nosso nos dizia:

— A gente não sabe com que empregado ficar. Eles vêm com certificados. São o máximo. Começa então o interrogatório:

— O senhor sabe escrever à máquina?

— Sim, cento e cinquenta palavras por minuto.

— O senhor sabe taquigrafia?

— Sei, faz dez anos.

— O senhor sabe contabilidade?

— Sou contador público.

— O senhor sabe inglês?

— E francês também.

— O senhor pode oferecer uma garantia?

— Até dez mil pesos das seguintes firmas.

— Quanto quer ganhar?

— O que vocês costumam pagar.

— E o salário que se paga a esta gente — dizia-nos o aludido comerciante — não é nunca superior a cento e cinquenta pesos. Duzentos pesos ganha um empregado com antigüidade... e trezentos... trezentos é o mítico. E isso se deve à oferta. Há farmacêuticos que ganham cento e oitenta pesos e trabalham oito horas diárias, há advogados que são escreventes de procuradores, procuradores que lhes pagam duzentos pesos mensais, engenheiros que não sabem que coisa fazer com o título, doutores em química que engarrafam amostras de importantes drogarias. Parece mentira e é verdade.

A interminável lista de “empregados oferecem-se” que se lê pelas manhãs nos jornais é a melhor prova da trágica situação pela qual passam milhares e milhares de

peessoas em nossa cidade. E passam anos procurando trabalho, gastam uma fortuna em bondes e selos se oferecendo, e nada... a cidade está congestionada de empregados. E, no entanto, nos arredores está a planície, estão os campos, mas as pessoas não querem sair para os arredores. E é claro, acabam por se acostumar tanto à falta de emprego que vêm a constituir um grêmio, o grêmio dos desocupados. Só lhes falta personalidade jurídica para chegar a constituir uma das tantas sociedades originais e exóticas das quais a história falará no futuro.

5/8/1928

### **A AMARGA ALEGRIA DO MENTIROSO**

Fedor Dostoievski retratou em *Stepanchicov e seus habitantes* a figura de um genial invejoso: Foma Fomitch. E Foma é genial, porque nele o excesso de vaidade vai acompanhado de tal rancor para com os outros que, de uma figura vil, que é na realidade, de repente apresenta o divino espetáculo do grotesco. E por isso é imortal.

Foma Fomitch é a personificação do invejoso universal. Foma Fomitch, como todo personagem enfático e cheio de si, é grave e sisudo. Foma Fomitch, como todo perfeito imbecil, sabe tudo. Foma Fomitch, quando já não lhe resta outro recurso a não ser falar... cala. Parece que um tríplice ferrolho lhe fecha a humorística boca, na presença do êxito alheio.

Diria-se que Foma fôra um personagem exclusivamente russo; mas isso não é verdade. Em Buenos Aires também vive e cavila Foma Fomitch. No último recanto de um arrabalde, Foma terá uma forma e uma idiosincrasia. Determinados detalhes podem variar, mas em substância, o Foma portenho é como o Foma russo ou búlgaro. O caso é que é o mesmo.

Quem já não percorreu os cafés literários sem que não conhecesse um Foma? Ali é onde com mais freqüência e abundância encontramos o Foma. Foma ao redor duma mesa, entre um círculo de camaradas, discursará. Inimigo nato de todo êxito, por insignificante, pequeno ou trivial que seja, Foma, como um caracol na presença

do sal, se retirará para o interior de sua carapaça precipitadamente. É sua defesa. O silêncio. Nada de falar. Frente a certas coisas é preferível emudecer.

É verdade que os outros que conhecem Foma, para irritá-lo, lembram o êxito de fulano ou beltrano; mas Foma, digno, incomensurável, grave, não moverá um músculo de seu bilioso semblante. Calará. E calará de modo tão ostensivo que, de repente, todo mundo perceberá que Foma está passando por maus bocados.

E então começa o jogo sinistro, cruel. Sabendo todo mundo que Foma sofre com o êxito dos outros, os outros se encarregam de exagerar o triunfo mais insignificante de qualquer conhecido ou desconhecido, de maneira que um personagem que começou por se fazer odioso, acaba sendo divertido e causando momento joviais.

Naturalmente a inveja, como todo sentimento de sujeito civilizado, tem seus matizes perfeitamente discerníveis, de maneira que a inveja de uma verdureira é diferente daquela de uma atriz e a inveja de um carvoeiro dessemelhante à de um poeta.

Mas no arrabalde é onde mais se evidencia esse rancor cuja ignorância sinaliza as almas nobres.

Existem pessoas que vivem praguejando. Vivem praguejando a sério, não de brincadeira. Por exemplo, os pequenos proprietários. Não se perdoam, uns aos outros, as reformas que introduzem em suas bibocas. Qualquer trabalho extra é comentado e vigiado por cem olhos invisíveis que se encarregam de esparramar por ali a quantidade de cal, de areia e de pó de tijolo que levasse uma argamassa. Qualquer defeito é tão exagerado que, de repente, se o presumível coitado escutasse os charlatães, acabaria por se convencer de que sua casa virá abaixo ao primeiro aguaceiro que cair.

E as mulheres? Estas têm ódios e invejas venenosas que espantam.

Mas nada mais feroz e cruel que a inveja entre comerciantes de bairro. Isso sim que é inveja, mas elevada à sétima potência. Inveja à prazo fixo, inveja espreatadora que passa o dia todo meditando nas promissórias do vizinho, inveja tão

profunda e sutil que chega ao extremo de dizer isto, e que eu escutei, de um comerciante que dizia para outro:

— Na sapataria de X entraram ontem sete pessoas. Das sete, três compraram botinas, e um par era de criança, sendo assim não ganhou nem para a licença.

É que não há nada mais profundo que a rivalidade e a inveja entre comerciantes do mesmo ramo. Se estes entes, pálidos e prudentes, pudessem se exterminar sem perigo de ir para a prisão, não demorariam nem um minuto em se escalavrar. E como são pessoas que para juntar dinheiro para se estabelecer tiveram que ter paciência, é preciso ver a mesma paciência que têm para se enciumar e desejar uma catástrofe.

Lembro que há um ano e dois meses, me dizia um dono de armazém, se referindo a outro, que estava a uma quadra de seu negócio:

— Fulano vai quebrar dentro de um ano.

— Homem! É prognosticar demais.

—É; vai quebrar e dentro de um ano, porque dispõe de tal capital pra perder, pode trapacear tanto, e por isso meus cálculos não falham.

E, efetivamente, não falhou. Ontem me disse:

— Viu amigo, que eu não estava enganado? Tenho um olho clínico.

E seu semblante revelava tanta alegria que não me pareceu estranho quando, hipocritamente, acrescentou:

— E me dá pena, acredite. Me dá pena, porque não era um homem mau...

Eu me retirei do lado deste Foma Fomitch leguminoso, meditando. É que o invejoso é assim, ou pode ser definido assim:

Um homem disposto a se alegrar ao encontrar de quem se compadecer. A verdade é essa. Tome o invejoso mais recalcitrante, mais fechado, mais tosco, e lhe conte a história de uma desgraça alheia, e esse homem explodirá imediatamente em exclamações de piedade. É até capaz de abrir seu bolso, de se sentar à sua mesa, de vos prestar um favor. Mas lhe dê a notícia de que um amigo teve um êxito, e este



mesmo indivíduo empalidece, o sorriso deixa de ser espontâneo para se converter num esgar doloroso e, se puder, desacreditará os motivos do êxito, os apequenará, babará uma alegria... porque, porque afinal de contas, é homem! Homem sempre disposto a se alegrar de poder se compadecer sinceramente de alguém.

15/9/1928

### **O DOENTE PROFISSIONAL**

É, há senhores empregados que poderiam colocar no cartão, sob seu nome, esta inscrição:

“Doente profissional”.

Não há repartição do nosso governo onde não prospere o doente profissional, o homem que trabalha durante dois meses no ano, e o resto passa em casa. E o curioso é isto. Que o doente profissional seja o motivo de que exista o empregado ativo, fatalmente ativo que realiza o próprio trabalho e o do outro, como uma compensação natural devida ao mecanismo burocrático. E dizemos burocrático, porque estes doentes profissionais só existem nas repartições públicas. Os escritórios particulares ignoram em absoluto a vida deste ente metafísico que não morre nunca, apesar de todos os prognósticos dos entendidos da repartição pública.

Naturalmente, o doente profissional jamais tem vinte anos nem passou dos trinta. Se mantém na linha equinocial da vadiagem regulamentar. É um homem jovem, adequado para o papel que representa, sem exagero mas com sabedoria.

Geralmente é casado, porque os doentes com esposa inspiram mais confiança e as doenças com uma cara-metade oferecem mais garantias de autenticidade. Um homem sozinho e doente não é tão respeitável como um homem doente e casado. Intervém aí os fatores psicológicos mais diversos, as idéias cruéis mais divertidas, as paixões mais estranhas. Todos pensam na futura viúva.

Agora, o doente profissional costuma ser, em noventa e cinco por cento dos casos, um simulador habilíssimo, não só para enganar seus chefes como também os médicos, e os médicos dos hospitais.

Naturalmente, para adotar a profissão de doente sendo empregado de uma repartição pública, é preciso contar com a ajuda do físico.

O doente profissional não se fabrica e sim, nasce. Nasce doente (com uma saúde a toda prova), como outro aparece sobre o mundo aparentemente são e robusto, com uma saúde deplorável.

Tem uma sorte, e é o seu físico, um físico de gato molhado e com sete dias de jejum involuntário. Corpo comprido, franzino, cabeça pequena, olhos afundados, uma faccia amarela e a fala fatigosa como do homem que regressa de uma longa viagem. Além disso, sempre está cansado e lança suspiros capazes de partir um atleta.

Aquele que contar com um físico desta natureza, dois metros de altura, pescoçudo e cor de vela de sebo, pode começar a farsa da doença (desde que seja funcionário público) tossindo uma hora pela manhã no escritório. Alternará este exercício de laringe com o de tocar suavemente nas costas fazendo, ao mesmo tempo, um gestinho lastimoso. Em seguida tossirá mais duas ou três vezes e, com toda dissimulação, evitando que o vejam (para que o olhem) levará o lenço à boca e o esconderá prontamente.

Na semana de efetuar esta farsa, o candidato a doente profissional observará que todos seus companheiros se põe a uma respeitável distância, ao mesmo tempo que lhe dizem:

— Mas você tem que descansar um pouco! (já caiu feito um patinho), você tem ir ao médico. O que você tem? Vamos ver se está com febre?

E se o candidato a profissional é hábil, no dia em que visita o médico do escritório, coloca, muitas horas antes, um mata-borrão sob as axilas, de modo que ao colocar o termômetro, o médico comprova que está com febre e, como além disso, o profissional confessa que tosse muito, e etc. etc. (Nós não damos fórmulas para se transformar em doente profissional).

Um mês de farsa basta para preparar um futuro. E que futuro! A “doença” alternada com as licenças, e as licenças com a doença.

Com este procedimento, em pouco tempo o profissional se transforma no doente protocolar do escritório. O médico se afeiçoa a este cliente que o visita assiduamente e lhe fala do temor de deixar sua esposa viúva, o médico acaba por se familiarizar com seu doente crônico que lhe faz pequenos presentes e que segue pontualíssimamente suas prescrições e, ao fim de um tempo, o médico já nem examina seu doente mas, assim que o vê aparecer pelo consultório lhe dá umas amistosas palmadas nas costas e estende a licença com uma serenidade digna da melhor causa.

Mas o profissional não se acalma e sim, alega novas dores, e ora é o estômago que parece um “chumbo”, ora é a garganta que dói e, senão, são os rins ou o fígado e o pâncreas ao mesmo tempo, ou o cérebro e os calos. O médico, para não alegar ignorância diante de tal ecletismo de doenças, deriva tudo da mesma causa e finge, com o doente, fazer análise que não faz, já que está convencido de que o cidadão vai morrer quando menos se esperar.

E o caso é o seguinte: todos ficam contentes. Contentes os empregados da repartição por terem se livrado de um companheiro “perigoso”, contente o chefe de ver que com a ausência do doente o trabalho não foi obstaculizado, contente o ministro de não ter que aposentar o doente porque não alega que adoeceu no desempenho de seu trabalho, contente o médico de ter um paciente tão submisso e resignado, e contente o doente por não estar doente e, sim, de ser simplesmente um dos muitíssimos doentes crônicos que nas repartições públicas fazem o porteiro dizer:

— Pobre rapaz. Esse não passa deste ano.

E o pobre rapaz se aposenta... se aposenta como funcionário público... e como doente crônico embora com um salário só para as duas doenças.

25/8/1928

## A MULHER QUE JOGA NA LOTERIA

Tenho um montão de cartas, aqui na escrivania. São de leitores que têm a gentileza de me escrever dizendo que gostam dos meus artigos, pelo qual me alegro; também me escrevem dizendo que não gostam dos meus artigos, pelo qual me alegro; também me escrevem mandando temas para “águas-fortes”.

Assim, um senhor Jorge Saldiva, me envia uma carta sobre o quebra-molas, que quase é uma nota e que verei se plagio um dia destes; outro, um cavalheiro Juan Arago, e que pelo visto tem muita imaginação, me dá argumento para quatro notas, que são:

O homem que conversa com o vigilante; a mulher que joga na loteria; o chefe-cachorro, que é mansinho com sua Sesebuta e o homem que chega de fora para se radicar na cidade.

Nem é preciso dizer que agradeço a estes senhores que, ao contrário de outros, perceberam que o tipo portenho existe, e com características que talvez variem muito das dos homens de outros países.

Como disse, o tema da mulher que joga na loteria pertence à observação quádruple do senhor Arago que, em vez de se dedicar à astronomia, imagino, se dedica a uma vadiação doce e confiada; essa vadiação que transforma um homem em sereno gozador e contemplador de seus semelhantes.

Realmente, a mulher que joga na loteria existe, quer dizer, é característica de determinados bairros, não de todos; porque há bairros onde a loteria não prospera enquanto em outros, sim.

Por exemplo. Esses bairros improvisados, de pequenos proprietários, onde todos têm um terreno adquirido a prestações, são má freguesia para os apontadores de loteria.

Em compensação, esses outros arrabaldes, Boedo e San Juan, Triunvirato e Concepción Arenal, ou seja, esses centros de população onde cada família ocupa um quarto que não é próprio e sim alugado, são o paraíso dos lotéricos, que têm

implantada sua agência nos mercados, contando com cúmplices entre os balconistas de açougues, que são os mais afeitos às apostas por palpito.

Tem explicação esta mania do jogo nas mulheres pobres, e ali onde o dinheiro dá apenas para socorrer as necessidades da abundante prole? Acredito que sim, e mais ainda: são os únicos casos em que se desculpa a paixão pelo jogo.

Lembro que lendo o romance *O Jogador*, de Fedor Dostoievski, disse este, mais ou menos:

“Os temperamentos sonhadores ou as pessoas que vivem na pobreza e que estão fartas de trabalhar, sentem uma atração enorme pelo jogo, que em seu conceito tem que resolver de golpe uma situação pecuniária”. Mais tarde, eu, numa nota sobre os turcos que jogam na loteria, dizia que não tinha explicação que esta gente jogasse até a alma, tendo que viver de um ofício tão penoso como o de vendedor de rua, e acredito novamente que este vício, que se desculpa nos pobres, porque os pobres são os únicos que têm necessidade de dinheiro, se desculpa e explica, uma vez mais, na costureira que, ao ir às compras, não pode resistir à tentação que lhe apresenta esse diabo descarado e com boné que é o lotérico, e que ao vê-la entrar lhe diz num só golpe e porrada:

—Puxa... agora mesmo eu estava falando da senhora com a tripeira. Dizia que ontem à noite a estive vendo em sonhos...

— O senhor já deve ter outra mais linda com quem sonhar...

— É que, sabe... sonhava que a senhora tinha acertado no 48.

Que costureira resiste em apostar trinta centavos no 48?

E a tripeira, que deve uns centavos ao lotérico, exclama:

— Verdade, dona... este patife agorinha mesmo me falava da senhora...

— Não me ofenda, senhora... que bem que eu fiz a senhora ganhar também...

E a coitada solta a gaita, solta os cobres, pensando:

—Se acertar compro um par de botinas pro garoto. Ou me compro um par de meias.

É sempre a miséria, companheiro leitor.

Nos Estados Unidos há um problema. É o álcool. Aqui, nosso problema é o jogo. Lá, por excesso de dinheiro que as pessoas querem desperdiçar alegremente; aqui, por falta do mesmo, que é preciso conseguir de algum modo.

Nos lares pobres da nossa cidade vive-se pensando no jogo: na loteria, na quina, nas corridas. Para os homens restam os cavalos, para as mulheres o numerozinho em que economicamente anotam vinte, trinta, cinquenta centavos. Agora: como existem várias loterias, não é preciso dizer que todas as semanas estas mulheres, que tomaram gosto pela esperança de ganhar, jogam, em detrimento de outros interesses também pequenos, mas para os quais necessitam dessas reduzidas somas que o bolso do lotérico absorve, sempre de plantão no mercado ou com sucursal no açougue e no armazém.

Sobretudo os mercados. Ali se abrigam corretores dos “capitalistas” que têm sua clientela entre os donos de bancas e a freguesia dos mesmos. A jogadora tem a esperança de ganhar. E como a mulher é muito mais frenética em suas esperanças e necessidades do que o homem, não é preciso dizer que existem mulheres que jogam, não as cenouras do *puchero* como diz o amigo Arago, mas também o *puchero* e o osso e até o caldo.

Mas, o que se vai fazer? É a esperança do pobre que tem um orçamento na base dos centavos. E como diz o provérbio: “De carne somos”... O que se vai fazer!...

9/11/1928

### **VOCÊ QUER SER DEPUTADO?**

Se você quer ser deputado, não fale a favor das beterrabas, do petróleo, do trigo, do imposto de renda; não fale de fidelidade à Constituição, ao país; não fale de defesa do operário, do empregado e da criança. Não; se você quer ser deputado, exclame por todos os lugares:

— Sou um ladrão, roubei... roubei tudo o que pude..

## ENTERNECIMENTO

Assim se expressa um aspirante a deputado num romance de Octavio Mirbeau, *O jardim dos suplícios*.

E se você é aspirante a candidato a deputado, siga o conselho. Exclame por todos os lugares:

— Roubei, roubei.

As pessoas se enternecem diante de tanta sinceridade. E agora te explicarei. Todos os sem-vergonhas que aspiram a chupar o sangue do país e vendê-lo a empresas estrangeiras, todos os sem-vergonhas do passado, presente e futuro tiveram o péssimo costume de falar para as pessoas de sua honestidade. Eles “eram honestos”. “Eles aspiravam a desempenhar uma administração honesta”. Falaram tanto de honestidade, que não tinha polegada quadrada no chão onde se quisesse cuspir, que não se cuspiasse de passagem na honestidade. Pavimentaram e calçaram a cidade de honestidade. A palavra honestidade tem estado e está na boca de qualquer safado que pára na primeira esquina e exclama que “o país precisa de gente honesta”. Não há prontuariado com antecedentes de fiscal de mesa e de sub-secretário de comitê que não fale de “honradez”. Decididamente, desatou sobre o país tal catarata de honestidade, que já não se encontra um só pilantra autêntico. Não há malandro que alardeie sê-lo. Não há ladrão que se orgulhe de sua profissão. E as pessoas, o público, farto de lorotas, não quer saber nada de conferências. Agora, eu que conheço um pouco nosso público e os que aspiram a ser candidatos a deputados, proporei a eles o seguinte discurso. Acho que seria de um êxito definitivo.

## DISCURSO QUE TERIA ÊXITO

Eis aqui o texto do discurso:

“Senhores:

“Aspiro a ser deputado, porque aspiro a roubar a rodo e “me ajeitar” melhor.

“Minha finalidade não é salvar o país da ruína em que o afundaram as administrações anteriores de cupinchas sem-vergonhas; não, senhores; não é esse

meu elementar propósito e sim, íntima e ardorosamente, desejo contribuir com o trabalho de saque com que se esvaziam os cofres do Estado, aspiração nobre que vocês têm que compreender é a mais intensa e efetiva que guarda o coração de todo homem que se apresenta como candidato a deputado.

“Roubar não é fácil, senhores. Para roubar necessita-se de determinadas condições que acredito que meus rivais não têm. Necessita-se, sobretudo, ser um cínico perfeito, e eu o sou, não duvidem, senhores. Em segundo lugar, necessita-se ser um traidor e eu também o sou, senhores. Saber se vender oportunamente, não desavergonhadamente, e sim, “evolutiveamente”. Me permito o luxo de inventar o termo que será um substitutivo de traição, necessário sobretudo nestes tempos em que vender o país ao melhor proponente é um trabalho árduo e ímprobo, porque tenho entendido, cavalheiros, que nossa posição, isto é, a posição do país não encontra proponente nem a preço de banana no atual momento histórico e transcendental. E acreditem, senhores, eu serei um ladrão, mas antes de vender o país a preço de banana, acreditem..., prefiro ser honrado. Abarquem a magnitude de meu sacrifício e perceberão que sou um perfeito candidato a deputado.

“É verdade que quero roubar, mas quem não quer roubar? Diga-me quem é o descarado que nestes momentos de confusão não quer roubar. Se esse homem honrado existe, eu me deixo crucificar. Meus camaradas também querem roubar, é verdade, mas não sabem roubar. Venderão o país por uma ninharia, e isso é injusto. Eu venderei minha pátria, mas bem vendida. Os senhores sabem que os cofres do Estado estão enxutos, isto é, que não têm um mísero cobre para satisfazer a dívida externa; pois bem, eu arrematarei o país em cem prestações, de Ushuaia até o Chaco boliviano, e não só traficarei o Estado, como também me arranjarei com comerciantes, com falsificadores de alimentos, com concessionários; irei adquirir armas inofensivas para o Estado, o qual é um meio mais eficaz de evitar a guerra do que tendo armas de ofensiva efetiva; regatearei a alfafa do cavalo do delegado e o grude da prisão, e cartazes, impostos para as moscas e para os cachorros, tijolos e paralelepípedos... O que eu não roubarei, senhores! O que é que eu não roubarei?



Digam-me vocês. E se vocês são capazes de enumerar uma só matéria na qual não sou capaz de roubar, renuncio “*ipso facto*” à minha candidatura...

“Pensem nisso nem que seja por um minuto, senhores cidadãos. Pensem nisso. Eu roubei. Sou um grande ladrão. E se vocês não acreditam na minha palavra, é só dar um pulo na Delegacia de Polícia e consultar o meu prontuário. Verão que performance tenho. Fui detido para averiguação de antecedentes algo como trinta vezes; por porte de armas —que não carregava— outras tantas, depois me regenerei e desempenhei a tarefa de crupiê, leiloeiro fajuto, corretor, malandro de jogo, extorsionário, acobertador, agente das investigações, ajudante de malandro de jogo porque me exoneraram de investigações; fui em seguida agente judicial, presidente de comitê de bairro, convencional, fui apontador de jogo; fui, às vezes, pai de pobres e mãe de órfãs, tive comércio e quebrei, fui acusado de incêndio intencional de outro botequim que tive... Senhores, se não acreditam em mim, é só dar um pulo na Delegacia... vocês verão que eu sou o único, entre todos esses hipócritas que querem salvar o país, absolutamente o único que pode arrematar a última polegada de terra argentina... Inclusive, proponho-me a vender o Congresso e instalar um cortiço ou edifício de apartamentos no Palácio da Justiça, porque se eu ando em liberdade é que não há justiça, senhores...”

Com este discurso, ou o matam ou o elegem presidente da República.

14/2/1930

### **ARISTOCRACIA DE BAIRRO**

Uma manhã dessas assisti a uma cena altamente edificante para a moral de todos os que a contemplavam.

Um cavalheiro, em mangas de camiseta, e uma carga de sono nos olhos, atrelado a três crianças, discutia aos berros com uma costureira, mulherzinha de cabelo eriçado e ligeira de mãos como Mercúrio era de pés, e digo ligeira de mãos,

porque a costureira não fazia senão agitar seus punhos em torno do nariz do cavalheiro de camiseta.

Para amenizar este espetáculo e lhe dar a importância lírico-sinfônica que precisava, acompanhavam os interlocutores sua discussão com essas palavras que, com mesura, chamamos de grosseiras, e que fazem parte da linguagem dos cocheiros e dos motorneiros irritados.

Finalmente, o cavalheiro de olhos sonolentos, esgotado seu repertório enérgico, recorreu a este último extremo, que não teve como não chamar minha atenção. Disse:

— A senhora não me falte com o respeito, porque eu sou aposentado.

#### O HOMEM QUE SE APOSENTA

É indiscutível que o nosso país é um país de vadios e inúteis, de aspirantes a donos de bibocas e de indivíduos que passariam a existência numa rede, pois este fenômeno se observa claramente nos comentários que todas as pessoas fazem, quando falam de um jovem que está empregado:

— Ah, tem um bom cargo. Se aposentará.

Ninguém se preocupa se o tal parasita fará ou não fortuna. O que lhe preocupa é isto: que se aposente.

Daí o prestígio que têm, nas famílias, os chamados funcionários públicos.

Dias atrás ouvia este comentário da boca de uma senhora:

— Quando uma mocinha tem um namorado que é empregado de banco, é melhor do que se tivesse um cheque de cem mil pesos.

Acontece que todo mundo pensa na aposentadoria, e isso é o que faz com que o empregado de banco, ou todo empregado com aposentadoria segura, seja o artigo mais cobiçado pelas famílias que têm pequenas casadoiras.

E tanto se exagerou isso, que a aposentadoria chegou a constituir quase um título de nobreza chicaneira. Não há barnabé nem carimbador que não se ache um

gênio, porque depois de ter passado vinte e cinco anos fazendo traços num livreco o aposentarão.

E as primeiras em exagerar os méritos do futuro aposentado, são as famílias, as mocinhas que querem se casar e os pais que querem se ver livres delas o quanto antes.

#### A BUROCRACIA É A CULPADA

No meu conceito, a melhor patente de inutilidade que um indivíduo pode apresentar é a de ser burocrata; em seguida vem, fatalmente, a de se aposentar. Falando em dinheiro, é um sujeito que não serve para nada. Se servisse para alguma coisa não passaria vinte e cinco anos esperando um salário de fome, mas teria feito fortuna por sua própria conta e independentemente dos poderes oficiais.

Isso do ponto de vista mais puro e simples. Em seguida, vem o outro... o outro que se apresenta a nós com sua medianidade absoluta é um indivíduo que, como um molusco, se aferrou à primeira pedra que encontrou pelo caminho e ficou prosperando mediocrementemente, sem uma aspiração, sem uma rebeldia, sempre manso, sempre cinza, sempre insignificante.

Vinte e cinco ou trinta anos de espera por um salário sem fazer nada durante os trinta dias do mês.

Sete mil e quinhentos dias que um fulano passou montando guarda numa escrivania, mastigando as mesmas frasezinhas de encomenda; tremendo a cada mudança de política; suportando a bÍlis de um chefe animal; se entediando por escrever sempre as mesmas bobagens no mesmo papel ofÍcio e no mesmo tom vulgar e altissonante. É preciso paciência, fome e inutilidade para chegar a tais extremos.

Mas bem diz o Eclesiastes: “Todo homem faz de seus vÍcios uma virtude”.

A aposentadoria, que devia ser a mostra mais categÓrica da inutilidade de um indivíduo, se transformou, em nossa Época, na patente de uma aristocracia: a aristocracia dos aposentados.

Eu que o diga.

Quantas vezes ao entrar numa sala e ser recebido por uma dessas viúvas grotescas com fita de veludo no cangote, a primeira coisa que ouvi, foi dizer ao me mostrar o retrato de um sujeitobigodudo de suíças espessas e compridas, pendurado numa parede:

— Meu defunto esposo, que morreu aposentado!

E vi que acrescentam essa história do aposentado como se fosse um título nobiliário, e gostariam de dizer:

— Meu defunto esposo que morreu sendo membro da Legião de Honra.

#### A LEGIÃO DE HONRA

Isso mesmo, a aposentadoria para certas pessoas da nossa sociedade vem a ser como a Legião de Honra, o desideratum, a culminação de toda uma vida de perfeita inutilidade, o fecho de ouro, como diria o poeta Visillac, desse vazio soneto de que se compõe a vida do funcionário público, cujo único sonho é isso.

É, esse é o único sonho. Além disso, o timbre de honra das famílias, o orgulho das filhinhas do papai.

E o curioso é que todo aposentado pertence à Liga Patriótica; quase todos os aposentados sentem horror à revolução russa; quase todos os aposentados se irritam quando ouvem dizer a frase de Proudhon: “A propriedade é um roubo”.

Constituem um grêmio de Fulanos cor de pimenta, usam bengalas com punhos de ouro, tem aspecto de suficiência e quando falam do Presidente Irigoyen, dizem:

— Falando no doutor Hipólito... —e tiram o chapéu com uma cerimoniosa genuflexão.

Definitivamente: a aristocracia das freguesias está composta da seguinte forma:

Por empregados aposentados; tenentes coronéis reformados; farmacêuticos e donos de armazéns que sentem veleidades de políticos e de salvadores da ordem social.

Por isso o remelento cavalheiro da camiseta, que era um ex-escrevente do Registro Civil, com trinta anos de serviço, dizia à costureira:

—A senhora não me falte com o respeito porque sou aposentado.

30/9/1928

### **A INUTILIDADE DOS LIVROS**

Um leitor me escreve:

“Me interessaria muitíssimo que V.S.<sup>a</sup> escrevesse algumas notas sobre os livros que os jovens deveriam ler, para que aprendam e formem um conceito claro, amplo, da existência (não excetuando, é claro, a experiência própria da vida)”.

O CORPO NADA LHE PEDE...

O corpo não lhe pede nada, querido leitor. Mas, onde vive? Acredita, por acaso, por um minuto, que os livros te ensinarão a formar “um conceito claro e amplo da existência”? Está enganado, amigo; enganado até dizer chega. O que os livros fazem é desgraçar o homem, acredite. Não conheço um só homem feliz que leia. E tenho amigos de todas as idades. Todos os indivíduos de existência mais ou menos complicada que conheci, tinham lido. Lido, desgraçadamente, muito.

Se houvesse um livro que ensinasse, veja bem, se houvesse um livro que ensinasse a se formar um conceito claro e amplo da existência, esse livro estaria em todas as mãos, em todas as escolas, em todas as universidades; não haveria lar que, na estante de honra, não tivesse esse livro que você pede. Percebe?

Você não percebeu ainda que se as pessoas lêem, é porque esperam encontrar a verdade nos livros. E o máximo que podem encontrar num livro é a verdade do autor, não a verdade de todos os homens. E essa verdade é relativa... essa verdade é tão pequenininha... que é preciso ler muitos livros para aprender a depreciá-los.

#### OS LIVROS E A VERDADE

Calcule você que na Alemanha se publica anualmente mais ou menos 10.000 livros, que abrangem todos os gêneros de especulação literária; em Paris ocorre a mesma coisa; em Londres, idem; em Nova Iorque, igual.

Pense nisto:

Se cada livro contivesse uma verdade, uma só verdade nova na superfície da terra, o grau de civilização moral que os homens teriam alcançado seria incalculável. Não é assim? Agora, pense você que os homens dessas nações cultas, Alemanha, Inglaterra, França, estão atualmente discutindo a redução de armamentos (não confundir com supressão). Agora, o senhor seja sensato por um momento. Para que serve uma cultura de dez mil livros por nação, despejada anualmente sobre a cabeça dos habitantes dessas terras? Para que serve essa cultura, se no ano de 1930, depois de uma guerra catastrófica como a de 1914, se discute um problema que devia causar espanto?

Para que serviram os livros, você pode me dizer? Eu, com toda sinceridade, declaro que ignoro para que servem os livros. Que ignoro para que serve a obra de um senhor Ricardo Rojas, de um senhor Leopoldo Lugones, de um senhor Capdevila, para me circunscrever a este país.

#### O ESCRITOR COMO OPERÁRIO

Se você conhecesse os bastidores da literatura, perceberia que o escritor é um senhor que tem o ofício de escrever, como outro o de fabricar casas. Nada mais. O que o diferencia do fabricante de casas é que os livros não são tão úteis como as casas e, depois... depois que o fabricante de casas não é tão vaidoso como o escritor.

Em nossos tempos, o escritor se acha o centro do mundo. Conta lorotas à vontade. Engana a opinião pública, consciente ou inconscientemente. Não revê suas opiniões. Acredita que o que escreveu é verdade, pelo fato dele ter escrito. Ele é o centro do mundo. As pessoas até experimentam dificuldades para escrever para a família, acredita que a mentalidade do escritor é superior à de seus semelhantes e

está enganada no tocante aos livros e no tocante aos autores. Todos nós, os que escrevemos e assinamos, o fazemos para ganhar o arroz-com-feijão. Nada mais. E, para ganhar o arroz-com-feijão, não vacilamos, às vezes, em afirmar que o branco é preto e vice-versa. E, além disso, às vezes até nos permitimos o cinismo de dar risada e de achar que somos gênios...

#### DESORIENTADORES

A maioria de nós que escrevemos, o que fazemos é desorientar a opinião pública. As pessoas buscam verdades e nós lhes damos verdades enganosas. O branco pelo preto. É doloroso confessá-lo, mas é assim. É preciso escrever. Na Europa, os autores tem seu público; para esse público, dão um livro por ano. Você pode acreditar, de boa fé, que em um ano se escreva um livro que contenha verdades? Não, senhor. Não é possível. Para escrever um livro por ano é preciso enganar. Dourar a pílula. Encher a página de frases.

É o ofício, “o métier”. As pessoas recebem a mercadoria e acredita que é matéria prima, quando se trata apenas de uma falsificação grosseira de outras falsificações, que também se inspiraram em falsificações.

#### CONCEITO CLARO

Se você quer formar “um conceito claro” da existência, viva. Pense. Aja.

Seja sincero. Não engane a si próprio. Analise. Estude-se. O dia em que o senhor conhecer a si próprio perfeitamente, lembre-se do que te digo: em nenhum livro vai encontrar nada que o surpreenda. Tudo será velho para o senhor. Você lerá por curiosidade livros e livros e sempre chegará a esta fatal palavra terminal: “Mas se eu já tinha pensado isso”. E nenhum livro poderá te ensinar nada.

Salvo os que se escreveram sobre esta última guerra. Esses documentos trágicos vale a pena conhecê-los. O resto é papel...

26/2/1930

## BIBLIOGRAFIA

### OBRAS DE ROBERTO ARLT

#### PROSA

- El juguete rabioso* -Buenos Aires, Claridad, 1931.  
 -Buenos Aires, Centro Editor de América Latina, 1968.  
 -La Plata, Altamira, 1995. Prólogo de Horacio González.
- Los siete locos* - Buenos Aires, Fabril, 1968.  
 - La Plata, Altamira, 1995.  
 - Buenos Aires, Losada, 1997.  
 - Madri, Cátedra, 1997. Ed. e prólogo de Flora Guzmán.
- Los lanzallamas* - Buenos Aires, Claridad, 1931.  
 - Buenos Aires, Fabril, 1968. Apresentação de Mirta Arlt.  
 - La Plata, Altamira, 1995.  
 - Buenos Aires, Losada, 1997. Prólogo de Mirta Arlt.
- El jorobadito* - Buenos Aires, Losada, 1994.  
 - La Plata, Altamira, 1995.
- El amor brujo* - Buenos Aires, Fabril, 1972.



- Buenos Aires, Losada, 1997. Prólogo de Mirta Arlt.

*El criador de gorilas* - Buenos Aires, Fabril, 1969. Prólogo de Mirta Arlt.

- Buenos Aires, Losada, 1982.

*Aguafuertes porteñas* - Buenos Aires, Losada, 1973.

- Buenos Aires, Losada, 1976.

- Buenos Aires, Losada, 1996.

*El crimen perfecto* - Seleção e nota de Omar Borré. Buenos Aires, Clarín/Aguilar, 1994.

*Nuevas aguafuertes porteñas* - Prólogo de Pedro G. Orgambide. Buenos Aires, Hachette, 1960.

*Nuevas aguafuertes* - Buenos Aires, Losada, 1992.

*Aguafuertes porteñas - Buenos Aires, vida cotidiana.* Introdução, seleção e notas de Sylvia Saítta. Buenos Aires, Alianza, 1993.

*Aguafuertes porteñas: cultura y política* - Prólogo de Sylvia Saítta. Buenos Aires, Losada, 1994.

*Tratado de delincuencia. Aguafuertes inéditas.* Prólogo de Sylvia Saítta. Buenos Aires, La Página S.A, 1996.

*Aguafuertes españolas* - Buenos Aires, L. J. ROSSO, 1936.

*Aguafuertes gallegas* - Edição, prólogo e notas de Rodolfo Alonso. Rosario, Ameghino, 1997.

*Aguafuertes gallegas y asturianas.* Compilação e prólogo de Sylvia Saítta. Buenos Aires, Losada, 1999.

*Aguafuertes madrileñas. Presagios de una guerra civil.* Prólogo, compilação e notas de Sylvia Saítta. Buenos Aires, Losada, 2000.

*Aguafuertes uruguayas y otras páginas* - Recompilação e prólogo de Omar Borré. Montevideú, Ediciones de la Banda Oriental, 1996.

*En el país del viento -Viaje a la Patagonia (1934)* - Edição e prólogo de Sylvia Saítta. Buenos Aires, Ediciones Simurg, 1997.

*El resorte secreto y otras páginas* - Prólogo de Guillermo García. Recompilação e edição de Gastón Gallo. Buenos Aires, Simurg, 1996.

*Cuentos completos* - Edição a cargo de Ricardo Piglia y Omar Borré. Buenos Aires, Seix Barral, 1997.

*Notas sobre el cinematógrafo* - Prólogo de Jorge B. Rivera. Ed. de Gastón Sebastián M. Gallo. Buenos Aires, Simurg, 1997.

*Roberto Arlt. Obras. Tomos I e II.* Ensaio preliminar de David Viñas. Buenos Aires, Losada, 1998.

## **TEATRO**

*La isla desierta/Saverio el cruel* - Estudio preliminar e notas de Mirta Arlt. Buenos Aires, Kapelusz, 1995.

“300 millones” in *Arlt-Barletta. El teatro independiente* - Prólogo e notas de Luis Ordaz. Buenos Aires, Centro Editor de América Latina, 1993.

*Roberto Arlt-Obra completa.* Tomo 2. Buenos Aires, Carlos Lohlé, 1981.

“Escena de un grotesco” in *PROA*, julho-agosto de 1997, pp.41-49.

## **ENTREVISTA**

*Roberto Arlt* - in *Grandes entrevistas de la historia argentina (1879-1988)*. Entrevista concedida a Rega Molina (segundo os compiladores). Compilado e prologado por Sylvia Saítta e Luis Alberto Romero. Buenos Aires, Aguilar, 1998, pp. 76-83.

## **TRADUÇÕES DAS OBRAS DE ARLT**

*El juguete rabioso*

*Le Jouet Enrangé*. Trad. Isabelle e Antoine Berman. Grenoble, P.U.G., 1985.

*Il giocattolo rabbioso*. Trad. Fiorenzo Toso. Gênova, Le Mani, 1994.

\_\_\_\_\_. Trad. Angiolina Zucconi. Roma, Riuniti, 1997.

### ***Los siete locos***

*The seven madmen*. Trad. Nick Caistor. Londres, Sepent's Tail, 1998.

\_\_\_\_\_. Trad. Naomi Lindstrom. Boston, D.R. Godine, 1984.

*Les sept fous*. Trad. Isabelle et Antoine Berman. Apresentação de Jean-Marie Saint-lu. Prefácio de Julio Cortázar. Paris, Belfond, 1994.

*I sette pazzi*. Prólogo de J. C. Onetti. Milão, Bompiani, 1971. Não há referência ao tradutor.

*Os sete loucos* – Trad. Janer Cristaldo. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1982.

*Os sete loucos & Os lança-chamas*. Tradução, apresentação e cronologia de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo, Iluminuras, 2000.

### ***Los lanzalamas***

*Les Lance-flames*. Paris, Belfond, 1991. Não há referência ao tradutor.

*I lanciafiamme*. Milão, Bompiani, 1974. Não há referência ao tradutor.

*Os sete loucos & Os lança-chamas*. Já citado.

### ***El jorobadito***

*As feras*. Trad. Sérgio Molina. São Paulo, Iluminuras, 1996.

*Le belve*. Roma, Savelli, 1980. Não há referência ao tradutor.

### ***Viaje terrible***

*Viagem terrível*. Tradução, introdução e cronologia de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo, Iluminuras, 1999.

*Un terrible voyage*. Paris, Belfond, 1990. Não há referência ao tradutor.

***El crimen casi perfecto***

*Armadilha mortal*. Trad. Sergio Faraco. Posfácio e notas de Pablo Roca. Porto Alegre, L&PM, 1997.

***El criador de gorilas***

*L'éleveur de gorilles*. Trad. François Carcelen e Georges Tyras. Grenoble, Éditions cent pages, 1999.

***Saverio, o cruel/La isla desierta* [Teatro]**

*Saverio le cruel/L'île déserte*. Trad. Isabelle Garma-Berman. Prefácio de Bruno Bayen. Christian Bourgois Editeur, 1991.

**SOBRE ROBERTO ARLT****Livros e artigos**

AMICOLA, José - *Astrología y facismo en la obra de Arlt*. Rosario, Beatriz Viterbo, 1994.

BORRE, Omar- *Arlt y la crítica (1926-1990)* - Buenos Aires, Ediciones América Libre, 1996.

\_\_\_\_\_. *Roberto Arlt. Su vida y su obra*. Buenos Aires, Planeta, 2000.

\_\_\_\_\_. “Cuentos de Roberto Arlt: una poética de la reescritura” in *Hispanamérica*, ano XXIII, n.68, 1994, pp.79-86.

\_\_\_\_\_. “Arlt y la revista ‘Don Goyo’ (1925-1927)”, in *Espacios*, nº7 (nov-dez de 1987), pp.34-36.

CORREAS, Carlos. *Arlt literato* - Buenos Aires, Atuel, 1995.

DRUCAROFF, Elsa. *Arlt. Profeta del miedo*. Buenos Aires, Catálogos. [s/d].

FLAWIA DE FERNÁNDEZ, Nilda María – “Roberto Arlt y las nuevas formas narrativas” in *Revista Río de La Plata*, nº4-5-6, 1987, pp.353-363.

- GNUTZMANN, Rita - “ ‘La zona de la angustia’ de Roberto Arlt ” in *Hispanamérica*, año XII, n.36, 1983, pp. 21-34.
- \_\_\_\_\_. “Las aguafuertes de Roberto Arlt y los años veinte”, in *Revista Río de la Plata*, nº4-5-6 , 1987, pp.337-363.
- GOLOBOFF, Gerardo M. – *Genio y figura de Roberto Arlt*. Buenos Aires, editorial Universitaria de Buenos Aires, 1988.
- GONZALEZ, Horacio - *Arlt- política y locura*. Buenos Aires, Colihue, 1996.
- \_\_\_\_\_. “Roberto Arlt: físico e literatura”, in revista CULT, ano III, nº33, 2000, pp.46-48. Trad. Maria Paula Gurgel Ribeiro.
- GUERRERO, Diana - *Arlt, el habitante solitario*. Buenos Aires, Catálogos, 1986.
- GUSMÁN, Luis – “O Deus vivo”, in revista CULT, ano III, nº33, 2000, pp.52-55. Trad. Maria Paula Gurgel Ribeiro.
- LARRA, Raul - *Roberto Arlt, el torturado*. Buenos Aires, Ameghino, 1998.
- MARTINEZ, Victoria – *An analysis of the Aguafuertes porteñas by Roberto Arlt*. São Francisco/Londres/ Bethesda, International Scholars Publications, 1998.
- MORIONDO KULIKOWSKI, María Zulma - “Lo grotesco en el teatro de Roberto Arlt”. Dissertação de Mestrado. São Paulo, FFLCH, USP, 1991.
- \_\_\_\_\_. “Seria cômico se não fosse trágico: o discurso grotesco de Roberto Arlt”. Tese de Doutorado. São Paulo, FFLCH, USP, 1997.
- \_\_\_\_\_. “Roberto Arlt: a experiência radical da escritura”, in *Revista USP* nº 47 (set/out/nov), 2000, pp.105-111. Trad. Maria Paula Gurgel Ribeiro.
- MASOTTA, Oscar - *Sexo y traición en Roberto Arlt*. Buenos Aires, Jorge Alvarez Editor, 1965.
- NALE ROXLO, Conrado – *Borrador de Memórias*. Buenos Aires, Plus Ultra, 1978.
- NUÑEZ, Angel - *La obra narrativa de Roberto Arlt*. Buenos Aires, Nova, 1968.

- PASTOR, Beatriz - *Roberto Arlt y la rebelión alienada*. Gaithersburg, Hispamérica, 1980.
- \_\_\_\_\_. “Nuevas Aguafuertes de Roberto Arlt” in *Hispamérica*, año VII, n°21, dezembro de 1978.
- \_\_\_\_\_. “De la rebelión al facismo: Los siete locos y Los lanzallamas.” in *Hispamérica*, ano IX, n°27, dezembro de 1980, pp.19-32.
- PAULS, Alan - “Arlt: la máquina literaria” in MONTALDO, Graciela - *Historia social de la literatura argentina*. Buenos Aires, Contrapunto, 1989, pp. 309-320.
- PELLETTIERI, Osvaldo (Ed.) – *Roberto Arlt: dramaturgia y teatro independiente*. Buenos Aires, Galerna, 2000.
- PIGLIA, Ricardo - *Crítica y ficción*. Buenos Aires, Siglo Veinte, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Respiração artificial*. Trad. Heloisa Jahn. São Paulo, Iluminuras, 1987.
- \_\_\_\_\_. *Nome falso*. Trad. Heloisa Jahn. São Paulo, Iluminuras, 1988.
- \_\_\_\_\_. “Roberto Arlt: la ficción del dinero” in *Hispamérica*, ano III, n°7, julho de 1974, pp.25-28.
- PRIETO, Adolfo – “Silvio Astier, lector de folletines”, in *Hispamérica*, ano XV, n°45, 1986, pp.165-172.
- QUIROGA, Jorge – “Roberto Arlt: vida cotidiana, cultura y política” in *Cuadernos de El Ojo Mocho*, año 1, n°1, verano 1994/95, pp. 28-31.
- \_\_\_\_\_. “Roberto Arlt: literatura, política y locura”, in *El Ojo mocho*, 9/10, 1995, pp.57-64.
- RIBEIRO, Maria Paula Gurgel – “Traduzir Roberto Arlt”, in *Revista USP* n°47 (set/out/nov), 2000, pp.112-115.
- \_\_\_\_\_. “Entrevista possível com Arlt”, in *Revista USP*, n°47 (set/out/nov), 2000, pp.121-124.
- \_\_\_\_\_. “Um cronista de Buenos Aires”, in revista CULT, ano III, n°33, 2000, pp.58-59.
- RIVERA, Jorge - *Roberto Arlt: Los siete locos*. Buenos Aires, Hachette, 1986.

- SAITTA, Silvia – *El escritor en el bosque de ladrillos. Una biografía de Roberto Arlt*. Buenos Aires, Sudamericana, 2000.
- \_\_\_\_\_. “Rumo ao Brasil em primeira classe: Roberto Arlt no Rio de Janeiro” in *Revista USP* n° 47 (set/out/nov), 2000, pp. 116-120. Trad. Maria Paula Gurgel Ribeiro.
- \_\_\_\_\_. “Nuevos viajeros, otras miradas. Roberto Arlt en España” in *Hispanérica*, ano XXVIII, n° 82, 1999, pp.35-43.
- SARLO, Beatriz - *Una modernidad periférica: Buenos Aires 1920 y 1930*. Buenos Aires, Nueva Visión, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Paisagens imaginárias*. Trad. Rubia Prates Goldoni e Sérgio Molina. São Paulo, Edusp, 1997.
- \_\_\_\_\_. “Arlt: cidade real, cidade imaginária, cidade reformada” in CHIAPPINI, Lúcia e AGUIAR, Flávio (orgs.). *Literatura e história na América Latina*. Trad. Joyce Rodrigues Ferraz. São Paulo, Edusp, 1993.
- SCARI, Robert M. – “Tradición y renovación em las *Aguafuertes porteñas* de Roberto Arlt” in *Anales de literatura hispanoamericana* n°5, 1976.
- SCROGGINS C., Daniel – *Las Aguafuertes porteñas de Roberto Arlt*. Buenos Aires, Ediciones Culturales Argentinas, 1981.
- SICARD, Alain (org.) - *Seminario sobre Roberto Arlt*. Poitiers, Centre de Recherches Latino-Américanes de l’Université de Poitiers, 1981.
- ZUBIETA, Ana María - *El discurso narrativo arltiano: intertextualidad, grotesco y utopía*. Buenos Aires, Hachette, 1987.

### **Publicações especiais**

**Conducta** n°21, julho-agosto de 1942:

BARLETTA, Leónidas - “Arlt y nosotros”.

DELFINO, Augusto – “Silencio de Arlt”.

FERNANDEZ, Cesar – “Responso en no”.

GUERIN, B. – “Epílogo de la triste sorpresa”.

MARIANI, Roberto – “Roberto Arlt”.

NALE ROXLO, Conrado – “Arlt, el torturado”.

OLIVARI, Nicolás – “Roberto Arlt en el cielo”.

REGA MOLINA, Horacio – “Arlt”.

**Contorno** nº2, maio de 1954:

ARROW, Jorge – “Arlt –Buenos Aires”, pp.12-13.

CONTE REYES, Gabriel – “La mentira de Arlt”, pp.1-2.

ELORDE, Ramón – “Erdoesain y el plano oblicuo”, pp.5-6.

GIGLI, Adelaida – “El único rostro de Jano”, pp.13-14.

GORINI, Juan José – “Arlt y los comunistas”, p.8.

KIERNAN, Fernando – “Roberto Arlt: periodista”, pp.10-11.

MOLINARI, Marta C. – “Roberto Arlt: una autobiografía”, pp.8-10.

SANCHEZ CORTES, Diego – “Arlt- un escolio”, pp.11-12.

SOLERO, F. J. – “Roberto Arlt y el pecado de todos”, pp.6-7.

VIÑAS, Ismael – “Una expresión, un signo”, pp.2-5.

Revista **El juguete rabioso**, ano 1, nº1 noviembre de 1990. Número dedicado a Roberto Arlt:

CORREAS, Carlos – “Del lenguaje de Arlt” (fragmentos de la obra *Arlt literato*), pp.35-40

QUIROGA, Jorge – “Arlt: todos nosotros”, pp.3-13.

RIVERA, Jorge B. – “Borradores extemporáneos sobre el universo de Roberto Arlt”, pp.14-34.



SERRANI, Marcelo – “Apuntes”, pp.41-48

ZAINA, Alicia – “El proyecto teatral de Roberto Arlt”, pp.49-52.

Entrevistas:

“Roberto Arlt, ¿quién? ¿¡Proust!?” Entrevista con Horacio González, pp.53-60.

“Roberto Arlt, la literatura de la violencia”, entrevista con Carlos Correas,  
pp.61-64.

**Cuadernos Hispanoamericanos**, Los complementarios nº11, julho de 1993.

Número dedicado a Roberto Arlt:

AINSA, Fernando – “La provocación como antiutopía en Roberto Arlt”, pp. 15-  
22.

CAPDEVILLA, Analía – “Sobre la teatralidad en la narrativa de Arlt”, pp.53-  
57.

CRISAFIO, Raúl – “Roberto Arlt: el lenguaje negado”, pp.37-46.

GILMAN, Claudia – “*Los siete locos*, novela sospechosa de Roberto Arlt”,  
pp.77-94.

GOLOBOFF, Gerardo Mario – “Algunos antecedentes de la narrativa arltiana”,  
pp.47-51.

JARKOWISKI, Aníbal – “La colección de Arlt: modelos para cada temporada”,  
pp. 23-36.

MATAMORO, Blas – “El astrólogo y la muerte”, pp.95-102.

ORTEGA, José – “La visión del mundo de Arlt: *Los siete locos/Los  
lanzallamas*”, pp. 71-76.

RODRIGUEZ Persico, Adriana – “Arlt: sacar las palabras de todos los ángulos”,  
pp. 5-14.

SAITTA, Sylvia – “Roberto Arlt y las nuevas formas periodísticas”, pp. 59-69.

## Prólogos

- ALONSO, Rodolfo - “Arlt en Galicia” in *Aguafuertes Gallegas*. Rosario, Ameghino, 1997, pp.5-11.
- ARLT, Mirta - Prólogo a *Los siete locos*. Buenos Aires, Losada, 1997, pp.I-VIII.
- \_\_\_\_\_. Prólogo a *Los lanzallamas*. Buenos Aires, Compañía General Fabril Editora S/A, 1968, pp.7-10.
- \_\_\_\_\_. Prólogo a *El amor brujo*. Buenos Aires, Compañía General Fabril Editora S/A, 1972, pp.7-14.
- \_\_\_\_\_. Prólogo a *El criador de gorilas*. Buenos Aires, Compañía General Fabril Editora S/A, 1969, pp.7-12.
- \_\_\_\_\_. Estudio Preliminar in *La isla desierta/Saverio el cruel*. Buenos Aires, Kapelusz, 1995, pp.9-33.
- BORRE, Omar – Prólogo a *Aguafuertes uruguayas y otras páginas*. Montevideú, ediciones de la Banda Oriental, 1996, pp.5-14.
- CORTAZAR, Julio - “Apuntes de relectura” in *Roberto Arlt -Obra Completa*. Buenos Aires, Carlos Lohlé, 1981, pp.III-XI.
- GARCIA, Guillermo - Prólogo a *El resorte secreto y otras páginas*. Buenos Aires, Simurg, 1996, pp.7-16.
- GNUTZMANN, Rita - Prólogo a *Aguafuertes porteñas*. Buenos Aires, Corregidor, 1995, pp. 7-29.
- \_\_\_\_\_. Prólogo a *El juguete rabioso*. Madri, Cátedra, 1992, pp.11-29.
- GONZALEZ, Horacio - “La iniquidad piadosa” in *El juguete rabioso*. La Plata, Altamira, 1995, pp.7-17.
- GUZMAN, Flora - Prólogo a *Los siete locos*. Madri, Cátedra, 1997, pp.11-73.
- ONETTI, Juan Carlos - “Roberto Arlt” in *El juguete rabioso*. Madri, Brughera Alfaguara, 1979, pp.7-16.

- ORDAZ, Luis - Prólogo a *Arlt-Barletta. El teatro independiente*. Buenos Aires, Centro Editor de América Latina, 1993, pp.I-X.
- ORGAMBIDE, Pedro G. - “Roberto Arlt, cronista de 1930” in *Nuevas Aguafuertes porteñas*. Buenos Aires, Hachette, 1960, pp.7-25.
- PIGLIA, Ricardo - Prólogo a *El juguete rabioso*. Buenos Aires, Compañía Editor Espasa Calpe, Colección Austral, 1993, pp.9-27.
- \_\_\_\_\_. Prólogo a *As feras*. Trad. Sérgio Molina. São Paulo, Iluminuras, 1996, pp.9-10.
- PRIETO, Adolfo – “La fantasía y lo grotesco en Roberto Arlt” in *Viaje terrible*. Buenos Aires, Tiempo Contemporáneo, 1974, pp.8-36.
- RIBEIRO, Maria Paula Gurgel – Apresentação e cronologia in *Viagem terrível*. Trad. Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo, Iluminuras, 2000, pp.9-15 e 123-125, respectivamente.
- \_\_\_\_\_. Apresentação e cronologia in *Os sete loucos & Os lança-chamas*. São Paulo, Iluminuras, 2000, pp.11-14 e pp. 409-411, respectivamente.
- RIVERA, Jorge B. - Prólogo a *Notas sobre el cinematógrafo*. Buenos Aires, Simurg, 1997, pp.7-15.
- SAITTA, Sylvia - Prólogo a *Aguafuertes porteñas: Buenos Aires, vida cotidiana*. Buenos Aires-Madri, Alianza, 1993, pp. I-XVI.
- \_\_\_\_\_. Prólogo a *Aguafuertes porteñas: cultura y política*. Buenos Aires, Losada, 1994, pp.7-21.
- \_\_\_\_\_. Prólogo a *Tratado de la delincuencia. Aguafuertes inéditas*. Buenos Aires, La Página S.A, 1996, pp.7-9.
- \_\_\_\_\_. Prólogo a *En el país del viento. Viaje a la Patagonia (1934)*. Buenos Aires, Simurg, 1997, pp.11-26.
- \_\_\_\_\_. Prólogo a *Aguafuertes gallegas y asturianas*. Buenos Aires, Losada, 1999, pp.7-21.
- \_\_\_\_\_. Prólogo a *Aguafuertes madrileñas. Presagios de una guerra civil*. Buenos Aires, Losada, 2000, pp.7-21.

VIÑAS, David – “Trece recorridos con las novelas de Arlt” in *Roberto Arlt – Obras. Tomo I. Novelas*. Buenos Aires, Losada, 1998, pp.7-32.

\_\_\_\_\_. “ ‘Las Aguafuertes’ como autobiografismo y colección” in *Roberto Arlt – Obras. Tomo II. Aguafuertes*. Buenos Aires, Losada, 1998, pp.7-32.

## SOBRE TRADUÇÃO

ARROJO, Rosemary - *Tradução, desconstrução e psicanálise*. Rio de Janeiro, Imago, 1993.

\_\_\_\_\_. *Oficina de tradução -A teoria na prática*. São Paulo, Ática, 1992.

AUBERT, Francis Henrik - *As (in)fideliades da tradução. Servidões e autonomia do tradutor*. Campinas, Ed. Unicamp, 1994.

BENJAMIN, Walter - “The task of the Translator” in *Illuminations*, ed. Hannah Arendt. Nova Iorque, Schocken, 1969.

\_\_\_\_\_. “La tarea del traductor” in *Textos clásicos de teoría de la traducción*, ed. Miguel Angel Vega. Trad. H. P. Murena. Madri, Cátedra, 1994, pp. 285-296.

BERMAN, Antoine- “Láuberge du loitain” in *Les tours de Babel- essais sur la traduction*, ed. Antoine Berman. Mauvezin, Trans-Europ, 1985, pp.35-91.

\_\_\_\_\_. *Pour une critique des traductions: John Donne*. Paris, Gallimard, 1995.

BORGES, Jorge Luis - “Las dos maneras de traducir”, in *Textos recobrados 1919-1929*. Buenos Aires, Emecé, 1997, pp.256-259.

\_\_\_\_\_. “Las versiones homéricas”, in *Obras completas*, vol. I. Buenos Aires, Emecé, 1989, pp.239-243.

\_\_\_\_\_. “Los traductores de las 1001 noches”, in *Obras completas, vol I*. Buenos Aires, Emecé, 1989, pp.397-413.

- \_\_\_\_\_. “Pierre Menard, autor del Quijote” in *Obras Completas*, vol.I. Buenos Aires, Emecé, pp.444-450.
- CAMPOS, Augusto de - *Verso, reverso e controverso*. São Paulo, Perspectiva, 1978.
- DERRIDA, Jacques - “Des Tours de Babel” in *Difference in translation*, ed. Joseph F. Graham. Ithaca e Londres, Cornell Univ. Press, 1985.
- GENTZLER, Edwin - *Contemporary translation theories*. Londres, Routledge, 1992.
- JAKOBSON, Roman - “Aspectos lingüísticos da tradução” in *Lingüística e comunicação*. Trad. Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. São Paulo, Cultrix, 1988, pp.63-72.
- LARANJEIRA, Mário - *Poética da tradução*. São Paulo, Edusp/FAPESP, 1993.
- \_\_\_\_\_. “O roubo das fagulhas- poesia francesa atual (1945-1995) e tradução” in *Parcours-poetas franceses*. São Paulo, Centro de Estudos Franceses da FFLCH-USP, 1995, pp.97-121.
- LEFEVERE, André (org.) - *Translation , History, Culture: A Sourcebook*. Londres, Nova Iorque, Routledge, 1992.
- \_\_\_\_\_. *Translation, rewriting and the manipulation of literary fame*. Londres/Nova Iorque, Routledge, 1992.
- MESCHONIC, Henri - *Pour la poétique II*. Paris, Gallimard, 1973.
- MILTON, John - *O poder da tradução*. São Paulo, Ars Poética, 1993.
- ORTEGA Y GASSET, José - “Miseria y esplendor de la traducción” in VEGA, Miguel Angel (org.) *Textos clásicos de la teoria de la traducción*. Madri, Cátedra, 1994, pp.299-308.
- PAES, José Paulo - *Tradução. A ponte necessária. Aspectos e problemas da arte de traduzir*. São Paulo, Ática, 1990.
- PAZ, Octavio - “Traducción: literatura y literalidad” in *Traducción: literatura y literalidad*. Barcelona, Tusquets, 1990, pp.9-27.

- RONAI, Paulo - *A tradução vivida*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1981.
- \_\_\_\_\_. *Escola de tradutores*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1987.
- SCHWARTZ, Jorge – “Traduzir Borges” in revista CULT, nº25, agosto de 1999, pp.42-50.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio - “Haroldo de Campos: tradução como formação e ‘abandono’ da identidade” in *Revista USP*, nº 36, dez-fev de 1997/98, pp.159-171.
- STEINER, George – *After Babel: aspects of language and translation*. Oxford, Oxford University Press, 1975.
- VEGA, Miguel Angel (ed.) - *Textos clásicos de la teoría de la traducción*. Madri, Cátedra, 1994.
- VENUTI, Lawrence - “O escândalo da tradução”. Trad. Stella E. O. Tagnin. in *TRADTERM* nº 3. São Paulo, FFLCH-USP, 1996, pp.111-122.
- \_\_\_\_\_. *Rethinking translation*. Londres, Routledge, 1992.
- \_\_\_\_\_. *The translator invisibility*. Londres, Routledge, 1995.

## DICIONÁRIOS E GLOSSÁRIOS

- ALVES, Fernando - *Dicionário de estrangeirismos correntes na língua portuguesa*. São Paulo, Atlas, 1998.
- BUARQUE, Aurélio - *Novo Aurélio- o dicionário da língua portuguesa. Século XXI*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1999.
- CALDAS AULETE, F.J. – *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Delta, 1964.
- CHIAPPARA, Enrique – *Lexicón lunfa*. Montevideú, Edição do autor, 1990.
- COROMINAS, J., PASCUAL, J. A – *Diccionario crítico etmológico castellano e hispánico*. Madri, Gredos, 1991.
- CUNHA, Antonio Geraldo da- *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1998.

- ESCOBAR, Raúl Tomás - *Diccionario del hampa y del delito*. Buenos Aires, Universidad, 1986.
- FERNANDES, Francisco – *Dicionário de sinônimos e antônimos da língua portuguesa*. Revisto e ampliado por Celso Pedro Luft. São Paulo, Globo, 1999.
- GOBELLO, José - *Nuevo Diccionario Lunfardo*. Buenos Aires, Corregidor, 1994.
- GOBELLO, José, AMUCHÁSTEGUI, Irene – *Vocabulario ideológico del lunfardo*. Buenos Aires, Corregidor, 1998.
- GRÜNEWALD, José Lino – “Breve vocabulário do lunfardo” in *Carlos Gardel, lunfardo e tango*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1994, pp.143-159.
- GUARNIERI, Juan Carlos – “Vocabulario de italianismos, sus derivados y voces italianizadas, en el lenguaje rioplatense” in *El lenguaje rioplatense*. Montevideo, Banda Oriental, 1978, pp.83-99.
- GURGEL, J. B.e. SERRA - *Dicionário de gíria. O equipamento lingüístico falado do brasileiro*. Brasília, JB Serra e Gurgel, 1998.
- HOYO, Arturo del - *Diccionario de palabras y frases extranjeras*. Madri, Aguilar, 1995.
- KAPELUSZ - *Diccionario Kapelusz de la lengua española*. Buenos Aires, Kapelusz, 1979.
- LUFT, Celso Pedro – *Dicionário prático de regência nominal*. São Paulo, Ática, 1999.
- \_\_\_\_\_ - *Dicionário prático de regência verbal*. São Paulo, Ática, 1999.
- LUZZATTO, Darcy Loss – *Dissionàrio talian-portoghese, vèneto-brasilian/Dicionário talian-português, vèneto-brasileiro*. Porto Alegre, Sagra Luzatto, 2000.
- MARSA, Francisco – *Diccionario normativo y guía práctica de la lengua española*. Barcelona, Ariel, 1990.

- MARTINEZ ALMOYNA, Julio - *Dicionário de espanhol-português*. Porto, Porto Ed., 1984.
- MOLINER, María - *Diccionario de uso del español*. Madri, Gredos, 1994.
- MORINIGO, Marcos A. - *Diccionario del español de América*. Madri, Anaya, 1996.
- ORTEGA CAVERO, David - *Diccionario portugués- español/español- portugués*. Barcelona, Sopena, 1985.
- REAL ACADEMIA ESPAÑOLA - *Diccionario de la lengua española*. Madri, 1992.
- REINALDO - *Diccionario Argot-lunfardo/lunfa-argot*. Buenos Aires, Corregidor, 1997.
- SPINELLI, Vincenzo, CASASANTA, Mario - *Dizionario Completo Italiano-Portoghese (Brasileiro) e Portoghese (Brasileiro)- Italiano*. Ulrico Hoelpl Milano, 1983.
- TACLA, Ariel - *Dicionário dos termos marginais*. Prefácio de Carlos Lacerda. Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1981.
- VOX - *Diccionario esencial de sinónimos y antónimos*. Barcelona, Biblograf, 1994.

## **BIBLIOGRAFIA GERAL**

- ABOS, Alvaro - “El cuarteto de Buenos Aires” in *El cuarteto de Buenos Aires*. Buenos Aires, Colihue, 1997, pp.9-34.
- ALCANTARA MACHADO, António de - *Novelas paulistanas*. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1979.
- ALTAMIRANO, Carlos, SARLO, Beatriz - *Ensayos argentinos. De Sarmiento a la vanguardia*. Buenos Aires, Ariel, 1997.
- BECHARA, Evanildo - *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro, Lucerna, 2000.



- BERG, Walter Bruno, SCHÄFFAUER, Markus Klaus – *Discursos de oralidad en la literatura rioplatense del siglo XIX al XX*. Tübingen, Gunter Narr, 1999.
- BORGES, Jorge Luis – “O indigno”, trad. Hermildo Borba Filho in *Obras Completas*, vol.II. São Paulo, Globo, 2000, pp.431-436.
- BORGES, Jorge Luis e CLEMENTE, José Edmundo - *El lenguaje de Buenos Aires*. Buenos Aires, Emecé, 1998.
- BRACELI, Rodolfo - *Borges-Bioy. Confesiones, confesiones*. Buenos Aires, Sudamericana, 1997.
- CAMPOS, Vera Mascarenhas de - *Borges & Guimarães*. São Paulo, Perspectiva, 1988.
- CARVALHO, Castelar de, ARAUJO, Antônio Martins de – *Noel Rosa. Língua e estilo*. Rio de Janeiro, Thex editora, 1999.
- CARRICABURO, Norma – *El voseo en la literatura argentina*. Madri, Arco/Libros, 1999.
- CASADEVALL, Domingo F. *Buenos Aires. Arrabal-Sainete-Tango*. Buenos Aires, Compañía General Fabril Editora, 1968.
- CESAROTTO, Oscar Angel – “GIRA GIRA: O Lunfardo como Língua Paterna dos Argentinos”. Tese de Doutorado. São Paulo, PUC-SP, 1998.
- CUNHA, Celso, CINTRA, Lindley – *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.
- FONTANELLA DE WEINBERG, María Beatriz – “ La situación lingüística en el ultimo siglo (1880-1980)” in *El español bonaerense. Cuatro siglos de evolución lingüística (1580-1980)*. Buenos Aires, Hachette, 1987, pp.131-164.
- GUARNIERI, Juan Carlos – *El lenguaje rioplatense*. Montevideo, Ediciones de La Banda Oriental, 1978.
- LOBO, José Antonio Benito – *La puntuación: usos y funciones*. Madri, Edinumen, 1992.

- LLORACH, Emilio Alarcos – *Gramática de la lengua espanhola*. Madri, Espasa, 2000.
- LUFT, Celso Pedro – *Grande Manual de ortografia Globo*. São Paulo, Globo, 1983.
- MACHADO, António Alcantara – *Novelas paulistanas*. Rio de Janeiro, José Olympio Editora, 1979.
- PAOLETTI, Mario – *Arlianias*. La Rioja, Pandemia, 2000.
- PRETI, Dino - “A gíria na língua falada e na escrita: uma longa história de preconceito social” in *Fala e escrita em questão*. São Paulo, Humanitas, 2000, pp.241-255.
- \_\_\_\_\_.(org.) *Análise de textos orais*. São Paulo, Humanitas, 1997.
- \_\_\_\_\_. (org.)- *O discurso oral culto*. São Paulo, Humanitas, 1997.
- REAL ACADEMIA ESPAÑOLA – *Ortografía de la lengua española*. Madri, Espasa, 1999.
- ROTKER, Susana - *La invención de la crónica*. Buenos Aires, Letra Buena, 1992.
- SARDUY, Severo – *Ensayos generales sobre el barroco*. México, Fondo de Cultura Económica, 1987.
- SCALABRINI ORTIZ, Raúl– *El hombre que está solo y espera*. Buenos Aires, Plus Ultra, 1973.
- SCHWARTZ, Jorge - *Vanguardas latino-americanas. Polêmicas, manifestos e textos críticos*. São Paulo, Iluminuras/Edusp/Fapesp, 1995, pp. 505-508.
- \_\_\_\_\_. “Traduzir Borges” in revista CULT, nº25, agosto 1999, pp.42-50.
- SEBRELI, Juan José – *De Buenos Aires y su gente*. Buenos Aires, Centro Editor de América Latina, 1992.
- ULLA, Noemí – *Identidad rioplatense, 1930. La escritura coloquial (Borges, Arlt, Hernández, Onetti)*. Buenos Aires, Torres Agüero Editor, 1990.
- URBANO, Hudinilson – *Oralidade na literatura (O caso Rubem Fonseca)*. São Paulo, Cortez, 2000.

VV.AA - *A crônica. O gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil.*  
Campinas, Unicamp/Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

WARLEY, Jorge A – *Vida cultural e intelectuales en la década de 1930.* Buenos Aires, Centro Editor de América Latina, 1985.

***ÁGUAS-FORTES PORTENHAS: CULTURA E POLÍTICA***

## A CRÔNICA N° 231

Duzentas e trinta e uma crônicas escrevi até agora, último dia do ano, neste jornal cordial e forte, com a cordialidade que brinda a juventude, fonte inesgotável de espírito novo.

Confessarei com toda ingenuidade: estou encantado. Duzentas e trinta e uma águas-fortes!

Se há alguns anos atrás me tivessem dito que eu ia escrever tanto e por tanto tempo, não teria acreditado.

### LEMBRANDO

Com o primeiro número de *El Mundo* apareceu minha primeira crônica. Quantas preocupações cruzaram pela minha mente naquela época! Eu tinha confeccionado uma lista do que achava que seriam os temas que daqui por diante eu desenvolveria diariamente nesta página, e consegui reunir argumentos para vinte e duas águas-fortes. Com que emoção me perguntava então: quando esta lista de temas se esgotar, sobre o que escreverei?

Agora contemplo novamente o jornal e leio: número 230. Amanhã será o número 231. Trabalhei, não tem jeito, mas estou contente; contente como o avaro que depois de ter passado misérias durante o ano, revisa seu haver e descobre que seu sacrifício se transmutou em moedinhas de ouro.

### EU E O MEU DIRETOR

É preciso que antes de falar de mim, fale do diretor deste jornal; e não para o adular, porque eu, por princípio, por costume e até por vício, jamais adulo ninguém e, sim, para que meus leitores possam apreciar o que significa um diretor desta qualidade, da qualidade que vou explicar em seguida.

**Muzio Sáenz Peña, coisa que nenhum diretor de jornal faz, me deu plena liberdade para escrever. Isso é tudo e é muito para quem entende**

**alguma coisa de jornalismo. Liberdade, liberdade de denunciar as bobagens; liberdade de atacar as injustiças; liberdade do dizer, de ser o que se é, sem restrições, sem dissimulação.**

É verdade que o meu diretor pressentia que eu não falharia mas, onde encontrar um diretor assim? E num país como este onde o jornalismo é por excelência açucarado e onde se levantou um altar ao lugar comum, à frase rebuscada, à baboseira da erudição barata.

Sim, é preciso fazer constar claramente isto: se eu pude me desenvolver com a agilidade que desejava, se deve exclusivamente a essa franquia; a liberdade da gente ser como é, como eu sentia a necessidade de me expressar para um público que, mais tarde, me alentou a continuar.

#### CARTAS DE LEITORES

Não passou um dia sem que eu recebesse cartas de meus leitores. Cartas joviais, cartas portadoras de um espírito cordial, cartas que, logicamente, a gente lê com um inevitável sorriso de satisfação e que, de repente, descobrem para escritor a consciência de sua verdadeira força. Convencem-no de que seus esforços não são inúteis nem têm o pobre fim de ocupar espaço e, sim, que a gente desempenha um labor que desperta um interesse no espírito de quem o lê. Isso de saber que não se age no vazio, vale muito. É talvez o mais poderoso estímulo.

#### REPRODUÇÃO DE CRÔNICAS

Jornais uruguaiois, *El Plata* por exemplo, reproduziram minhas notas com farta freqüência. Sei também que jornais chilenos publicam minhas águas-fortes; nos nossos estados, acontece algo parecido. Não sou vaidoso; ao contrário. Jamais a vaidade andou perto de mim. Estas linhas não têm outro propósito que aquele que inspira um balanço do meu labor, com as satisfações às quais não são alheios muitos dos meus leitores que, espontaneamente, colaboraram na minha tarefa diária.

## LÉXICO

Escrevo num “idioma” que não é propriamente o castelhano, e sim, o portenho. Sigo toda uma tradição: Fray Mocho, Félix Luna, Last Reason... E é talvez por exaltar a fala do povo, ágil, pitoresca e variável, que interessa a todas as sensibilidades. Este léxico, que eu chamo de idioma, primará em nossa literatura apesar da indignação dos puristas, a quem ninguém lê nem lerá. Não esqueçamos que as canções em “argot” parisiense por François Villon, um grande poeta que morreu enforcado por dar o clássico golpe da gravata em seus semelhantes, são eternas...

## “EM CONSIDERAÇÃO ÀS COISAS”

“Eu falo em consideração às coisas” escreveria o jovem poeta cubano Saint Leger, e essa é a única forma fazer o público se interessar; a única maneira de se aproximar da alma dos homens. Falando, escrevendo, com uma consideração efetiva às coisas que se nomeiam, que se tratam. Talvez seja o grande segredo para conquistar o estímulo da multidão.

“Viver com ela as coisas e os momentos que interessam a ela e a nós; e não fazer literatura”... Essa falsa literatura que os escritores que chamam a si mesmos de sérios, produzem para desconsolo de quanto aficionado haja para ler.

## MEUS MESTRES

Meus mestres espirituais, meus mestres de humorismo, de sinceridade, de alegria verdadeira, são todos os dias Dickens —um dos maiores romancistas que a humanidade já conheceu e conhecerá— Eça de Queiroz, Quevedo, Mateo Alemán, Dostoievski —o Dostoievski de *Stepamchikovo e seus habitantes*— Cervantes e o próprio Anatole France. Com eles, meus amigos invisíveis, aprendi a sorrir; e isso é muito.

## SATISFAÇÃO

Duzentas e trinta e uma crônicas! Não perdi o ano. Espero, para o fim de 1929, poder escrever, nesta mesma página:

“Continuo encantado da vida. Escrevi trezentas e sessenta e cinco águas-fortes.”

E a verdade é que penso em fazer isso. E esta notícia, espero sinceramente, não amargará o Ano Novo de ninguém.

31/12/1928

### COMO QUEREM QUE ESCREVA A VOCÊS?

**Estou intrigado. De que maneira devo escrever para meus leitores? Porque uns opinam branco e outros preto. Assim, a nota sobre as filósofas provocou uma série de cartas, em que alguns me pichavam e outros, em compensação, me elogiavam até a exaustão. Tenho aqui à mão duas cartas de leitoras. As duas perfeitamente escritas. Uma assina Elva e lamenta que eu seja antifeminista. Outra assina “Assídua Leitora” e com amáveis palavras encarece minhas virtudes antifeministas.**

Muito obrigado! O curioso é que a semana toda tem estado chegando cartas com opiniões divergentes, e novamente me pergunto: de que modo devo me dirigir a meus leitores? Sério, não acreditava que dessem tanta importância a estas notas. Eu as escrevo assim mesmo, isto é, converso assim com vocês, que é a forma mais cômoda de se dirigir às pessoas. E tão cômoda que alguns até me recriminam, embora gentilmente, o emprego de certas palavras. Alguém me escreve: “Por que usa a palavra ‘bufo’ que estaria bem colocada se a tivesse usado um açougueiro?” Mas eu pego o volume dezesseis da Enciclopédia Universal Ilustrada e encontro na página 1042: “Bufo, m. Americanismo Petardo”.

DO FALAR

Este mesmo leitor continua:



“Por favor, senhor Arlt, não rebaixe mais seus artigos até a sarjeta...”

Começemos por estabelecer que a frase “ao bufo” você pode usar, prezado leitor, diante de qualquer dama, sem que se ruborize já que ela —a frase, não a dama— deriva de petardo, isto é, um misto pirotécnico, falando em puro castelhano. E você sabe que a pirotecnia são cores bonitas e nada mais. Depois da pirotecnia vem os explosivos, isto é, o efetivo, aquilo que põe abaixo qualquer obstáculo. E eu tenho esta fraqueza: a de acreditar que o idioma das nossas ruas, o idioma em que você e eu conversamos no café, no escritório, em nosso trato íntimo, é o verdadeiro. Que eu falando de coisas elevadas não deveria empregar estes termos? E por que não, companheiro? Se eu não sou nenhum acadêmico. Eu sou um homem da rua, do bairro, como você e como tantos que andam por aí. Você me escreve: “não rebaixe mais seus artigos até a sarjeta”. Por favor! Eu tenho andado um pouco pela rua, por estas ruas de Buenos Aires, e gosto muito delas, e juro que não acredito que ninguém possa se rebaixar nem rebaixar o idioma usando a linguagem da rua, apenas me dirijo aos que andam por essas mesmas ruas e o faço de bom grado, com satisfação.

Assim me escreve gente que, possivelmente, só escreve uma carta a cada cinco anos e isso me orgulha profundamente. Eu não poderia me fazer entender por eles empregando uma linguagem que não me interessa de jeito nenhum e que tem o horrível defeito de não ser natural.

#### O ENCANTADOR IDIOMA POPULAR

François Villon, grande poeta francês, que teve a honra de falecer enforcado por se dedicar a arrebatando a capa e as sacolas de escudos de seus próximos, deixou maravilhosos poemas escritos em linguagem popular.

Quevedo, assim como Cervantes nas *Novelas exemplares* usam a “germania”, o gitano e o caló até dizer chega, sem falar nos escritores atuais, como por exemplo, Richepin e Charles Louis Phillipe em *Bubu de Montparnase*, empregando o mais interessante do caló francês, e meu diretor, que entende inglês, disse que nos Estados

Unidos há jornais respeitosa e sérios cujos quadrinhos estão redigidos no caló ou “slang” da cidade, que no idioma popular de Nova Iorque é diferente do da Califórnia ou do de Detroit.

Outro dia, no *El Sol* de Madri apareceu um artigo de Castro falando do nosso idioma para condená-lo. Citava Last Reason, o melhor de nossos escritores populares, e propunha o problema de aonde iríamos parar com este castelhano alterado por frases que derivam de todos os dialetos. Aonde iremos parar? Pois na formação de um idioma sonoro, flexível, flamante, compreensível para todos, vivo, nervoso, colorido por matizes estranhos e que substituirá um rígido idioma que não se ajusta à nossa psicologia.

Porque eu acredito que a linguagem é como uma roupa. Há raças às quais fica bem um determinado idioma; outras, em compensação, têm que modificá-lo, rasurá-lo, aumentá-lo, poli-lo, desglosar estruturas, inventar substantivos. Por exemplo, na nossa gíria temos a frase: “a cambada”. Que palavra existe em castelhano para designar um grupo de sujeitos de obscuros “modus vivendi”? Nenhuma. Mas você, em nosso idioma, diz “a cambada” e já sabemos a que classe de pessoas se refere. Com o que se substituiria em espanhol a palavra “patota”? E assim, centenas delas.

#### NENHUM ESCRITOR

Acredite. Nenhum escritor sincero pode se desonrar nem se rebaixa por tratar de temas populares e com o léxico do povo. O que hoje é gíria, amanhã se transforma em idioma oficializado. Além disso, há algo mais importante que o idioma, e são as coisas que se dizem.

Valle Inclán faz referência de como San Bernardo predicava a cruzada a povos que não entendiam absolutamente uma palavra do que ele dizia; mas era tal o seu fervor e tão intenso seu entusiasmo, que conseguia arrastar milhares de homens atrás dele. Se você tem “coisas” para dizer, opiniões para expressar, idéias para dar, é indiferente que as expresse num idioma rebuscado ou simples. Estou enganado? Se você tem alguma coisa para dizer, trate de fazê-lo de modo que todos o entendam:

desde o puxador até o estudioso... Já dizia o velho adágio: “O hábito não faz o monge”. E o idioma não é nada mais que uma roupa. Se embaixo não há corpo, por mais linda que seja a roupinha, você, meu prezado leitor, está morto!

3/9/1929

### **O CORTIÇO DA NOSSA LITERATURA**

Não faz muito tempo, num de seus artigos de estética —que o que menos têm é isso— o senhor Leopoldo Lugones se queixava de que nossos escritores se dedicassem a descrever a miséria influenciados pelo “bolcheviquismo”, segundo ele.

Antes de mais nada, é necessário fazer constar que o senhor Lugones é um literato que mudou muitas vezes de opinião. Isto seria desculpável se as opiniões do senhor Lugones tivessem um valor definitivo para a sociedade em que vive; mas não. Seguiu os ventos de sua época e a isso acrescentou volumes de frases brilhantes. É indiscutível que em pirotecnia leva o primeiro prêmio. É um mestre nisso de encher a bola.

#### **ISSO É O PARAÍSO**

Muitos se dirão: o que tem a ver o cortiço com tudo isso que estou escrevendo? Mas já chegaremos ao ponto.

O senhor Lugones encontra bolcheviques em escritores que, como Mariani, Barletta, Castelnuovo, Tuñón e eu, talvez, se ocuparam da imundície que torna triste a vida desta cidade.

O senhor Lugones acha mal que todos os rapazes de esquerda, isto é, do grupo chamado de Boedo, se ocupem da miséria e da angústia dos homens argentinos. Ele prefere as frases, as rimas de azul de metileno com as durezas do tungstênio e outras combinações do gênero que, com um pouco de dificuldade e outro pouco de engenho, constitui qualquer estudante avantajado.

E as prefere porque mentalmente está constituído para isso e porque tudo de útil que deixou de escrever, tendo podido fazê-lo, resolve-se em seu entendimento, que não pode admitir senão que o caminho que seguiu é o verdadeiro.

Isso não teria importância se não desviasse o critério dos leitores, sobretudo daqueles leitores para quem a letra da imprensa ou uma assinatura que fez ruído em torno de si são artigos de fé.

#### SEJAMOS JUSTOS

Eu tive a bendita sorte de não morar nunca num cortiço; mas em contraposição, morei sempre bem longe da cidade, nos extramuros, se se quiser; nos lugares onde às vezes, se assalta em pleno dia; mas onde há campo, luz, sol, vento e barro. E confesso; cada vez que passo pela rua Venezuela ou Brasil não posso deixar de estremecer ao olhar esses cortiços espantosos, onde a imundície encheu de lepra as paredes e onde, em cubículos horríveis, sobre tocas de ratos, vivem dezenas e dezenas de famílias.

E então pensei:

— Dentro de vinte anos, os que agora são crianças serão homens; escreverão e os Lugones do futuro acharão pouco artístico que esses homens de então, que são os meninos de hoje, falem do cortiço, da miséria e de toda essa cidade que a incúria dos nossos políticos que recebem propinas deixaram para a mancha da urbe.

Os cortiços!

Eu, em meu caráter de cronista, entrei em todos os lugares e, sobretudo, nos cortiços. E enquanto ouvia as explicações de seus habitantes, eu não prestava atenção na conversa mas pensava:

— Como é que estas pessoas podem resistir a vida toda nestas condições? Como estas mulheres jovens, esses proletários que não parecem grosseiros, se resignam a viver anos e anos em dezesseis metros quadrados de chão podre, com tetos onde pululam as pulgas e as aranhas, à sombra de uma muralha coberta de

alcatrão que é cem vezes mais detestável que a de uma fábrica, suportando a convivência forçada com toda classe de indivíduos?

Mas não, estas coisas incomodam o senhor Lugones. Ele prefere os versos lindos, as rimas de tungstênio e metileno.

Realmente, se a vida não é um sainete, que Deus o diga.

ESTÁ CLARO ENTÃO...

Está claro então que a juventude que pensa um pouco, e que sabe expressar o que sente, tenha uma orientação que deriva para a miséria, para o cortiço, para a angústia. Como não falar destas coisas? Caramba! Se são as que saltam aos olhos diante da sensibilidade de todo homem que tenha um pouco de coração. Isso não tem nada a ver com os russos. Se os russos nunca tivessem falado em miséria, a honra de tê-lo feito caberia a nós, os escritores argentinos da atual geração, não à do senhor Lugones. A geração que corresponde à época do senhor Lugones fez frases. Cantou para as ninfas, para as estrelas, ao buxo e ao relógio, e viveram contentes, satisfeitos, encantados da vida e seguros da sua imortalidade.

Tão seguros que constituíram cenáculos literários e nem por brincadeira lhes ocorreu olhar para o lado. E olhe que eles conheceram uma Buenos Aires que devia ser espantosa, com seus bairros característicos, seus compadres e a canalha aristocrática que formava a curriola.

Como os senhores que pensam numa lua de “grupo” e numa ninfa de “lorota” vão falar ou escrever sobre cortiço? Para eles, isso é se rebaixar. Menosprezar a dignidade poética. Escrever sobre o cortiço? Que horror!

Mas estas pessoas que não tiveram coração para se apiedar, somam a esse pecado de insensibilidade este outro mais grave: o da inveja e impotência. Eles, que se esqueceram que no coração da cidade estava esse câncer que se chama cortiço, não querem agora que os novos, os rapazes, falem disso. Escrever sobre o cortiço quando se pode rimar marfim com carmim.

Mas devo lembrar de dois homens que, em sua oportunidade, se lembraram dessas moradias sórdidas onde floresce a flor da miséria: Luis Pascarella foi um, em seu livro intitulado *O Cortiço*; e Francisco Sicardi o outro, num volume chamado *O livro estranho*. Eram dois homens com espírito jovem, onde ainda germinava a rebelião que é e será, por todos os séculos, o melhor privilégio da juventude que não pode se furtar às dores humanas.

21/12/1928.

### **PENHAS DE ARTISTAS EM BOEDO**

No terraço do café Biarritz, não o Biarritz europeu, mas sim o de Boedo, funciona uma penha de artistas. Penha, como se sabe, significa uma pedra que resiste a embates, tanto que, a princípio, muita gente ao ouvir falar de uma penha de artistas, achava que se chamaria penha porque os indivíduos que ali se reuniam tinham um cérebro granítico ou de paralelepípedo.

Estas penhas graníticas se instalam nos porões dos cafés. Por exemplo, “Signo” del Castelar e “A Penha” do Tortoni, ambas situadas nos subsolos dos citados estabelecimentos.

O real é que todas as penhas estavam instaladas na Avenida de Mayo e suas proximidades, até que um dia ocorreu ao autor teatral González Castillo, natural de Boedo, que a rapaziada proletária de Boedo bem podia ter seu local onde se reunir, fazer música, expor quadros, organizar revistas orais, ler conferências e então, animado com tão excelentes propósitos, foi ver o dono do Biarritz, o qual lhe disse que não dispunha de porão, mas sim de um terraço cheio de tranqueiras. González Castillo subiu no terraço, tropeçou com um galpãozinho de zinco repleto de trastes, e o negócio ficou consumado. Era preciso reformar o galpãozinho; chamou um marceneiro... e ei-nos aqui agora com uma maquinária em marcha, perfeitamente lubrificada e melhor montada.

O QUE É A PENHA DE BOEDO

Boedo, queira-se ou não, tem uma importância extraordinária no desenvolvimento intelectual de nossa cidade. Tanta importância que há anos originou um cisma entre os literatos: se é de Boedo ou se é de Florida. Se está com os trabalhadores ou com os meninos de bem. O dilema é simples, claro, e todos o entendem.

Boedo é o foco da literatura clandestina, das edições baratas que não pagam direitos autorais, nem de imprensa, nem de venda, nem de nada. Na jurisdição de Boedo vende-se muito mais livros que em toda a Corrientes e Florida.

Como é lógico, um bairro que absorve tanta literatura, não podia carecer de artistas, pintores, escultores, poetas e vários matizes mais de aficionados às belas artes.

Esta gente andava semi-desperta nos cafés do bairro. Cada um tinha suas torcidas, seus amigos e suas antipatias. O mundo está construído assim, e é preciso aceitá-lo assim.

Mas o caso é que quando os rapazes tinham que expor suas pinturas ou organizar um concerto, se viam obrigados a recorrer às penhas oficiais, quase sempre a do café Tortoni. Inclusive marcavam encontro ali.

#### QUEM SÃO

Na penha “Signo” comparecem as “pessoas de bem” com inquietude artística. Em compensação, a do Tortoni é freqüentada pela pequena burguesia. Semelhante classificação não tem outra finalidade que precisar a qualidade dos elementos humanos animados pela mesma inquietude e intenção.

Na penha de Boedo, chamada “Pacha Camac”, que no idioma incaico quer expressar “gênio animador do mundo” se reúne o proletariado inteligente das redondezas.

São operários que lêem, escrevem, estudam, ensaiam e, muitos deles, como bons filhos de italianos, são aficionados das artes plásticas.

As paredes brancas de “Pacha Camac” estão lotadas de abundantes mostras de arte proletária, de obras de rapazes e homens que nas horas de descanso pegaram um buril ou um pincel. Assim vejo uma cabeça entalhada à mão num couro cru, obra de um moço lavador de pratos cujo nome lamento não poder lembrar, assim como de alguns escultores, pintores e águas-fortistas que são dignos de toda atenção. Me apontam os quadros de uma menina, vizinha do café, “que mora a meia quadra”...

Isso é reconfortante e encantador. Ali fala-se de arte, discute-se, pensa-se... e o que é mais importante ainda, o novato nos escarcéus artísticos encontra possibilidades de se fazer conhecer; e se tem valores, de ser estimulado e ajudado a ocupar o posto que merece.

Os inscritos na “Pacha Camac” aumentam diariamente. Existe um interesse visível, inegável, em muitos dos habitantes das redondezas pela obra de arte, e uma inquietude que afiança ainda mais a necessidade de reunião, intercâmbio de idéias e discussão.

— Nós não sonhávamos com tal êxito —me disse González Castillo—. agora sim podemos pensar em organizar um teatro aqui neste terraço, que esteja livre das terríveis exigências da bilheteria. Além disso, temos que organizar uma biblioteca... mas já está tudo em andamento, e não há de demorar.

Me despeço de González Castillo, pensando que sua iniciativa devia ser imitada em todos os grandes bairros. Flores necessita uma penha semelhante; outra Triunvirato, Mataderos, Liniers.

Em resumo... é preciso ser otimista.

22/9/1932.



